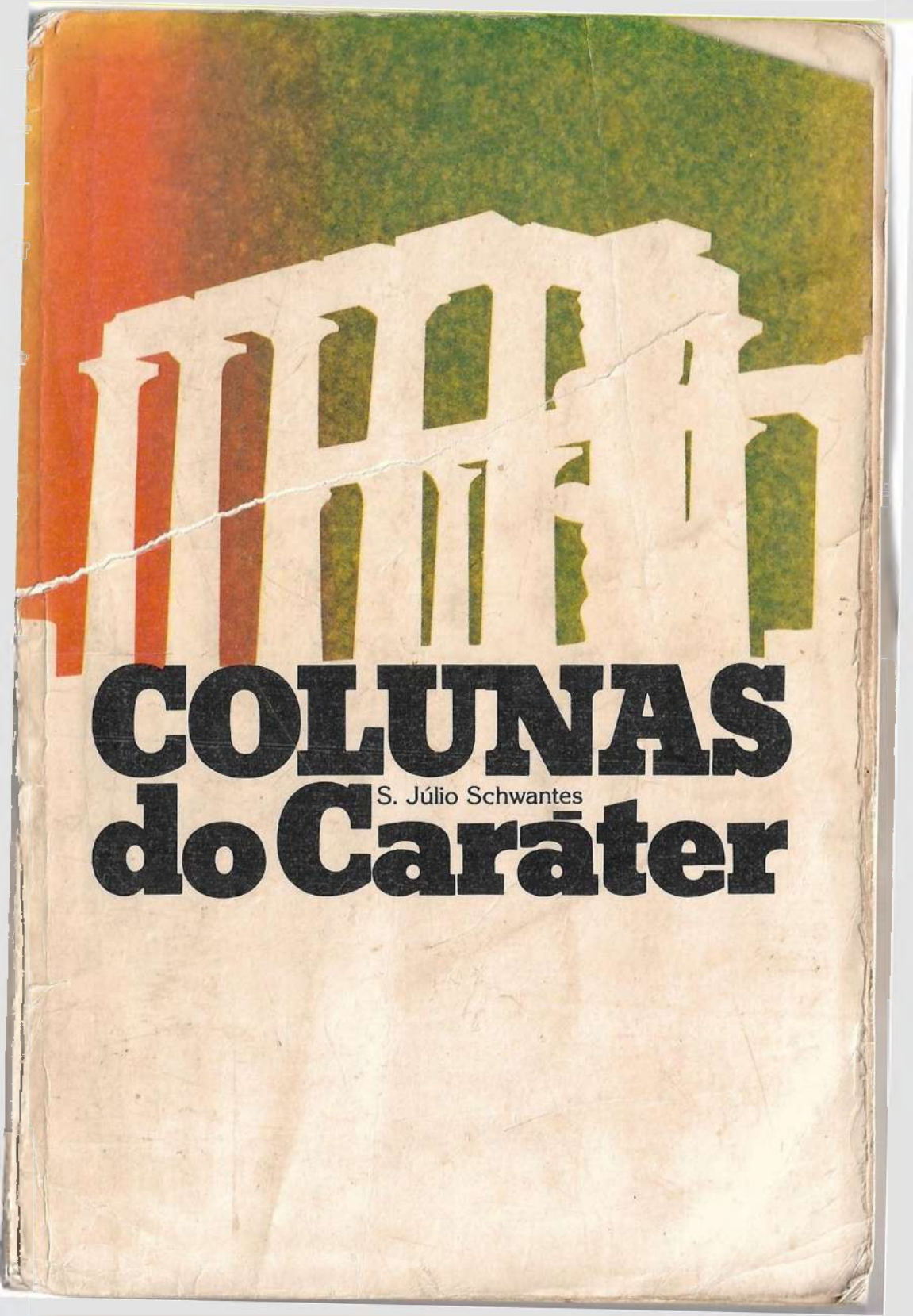


The book cover features a stylized illustration of a classical building with columns. The left side of the image is a solid orange-red color, while the right side is a textured green. The building's facade is a light beige color with dark green rectangular cutouts representing windows or doorways. A horizontal crease runs across the middle of the cover, passing through the building's illustration.

COLUMNAS do Caráter

S. Júlio Schwantes





COLUNAS

S. Júlio Schwantes

do Caráter

O historiador Toynbee vê na crise da civilização ocidental uma crise espiritual. E afirma que se esta civilização fracassar será por razões espirituais, e não por carência de ciência, cultura ou igualdade econômica. Em virtude dessa realidade, este livro visa a fazer uma contribuição a tarefa espinhosa da reconstrução do caráter sobre bases duradouras. Assim, o autor acredita na eficácia e urgência de uma campanha de rearmamento moral. E, procurando atingir este propósito, dedica esta obra à mocidade brasileira na esperança sincera de que sua leitura inspire muitos jovens patricios "a empreenderem a mais empolgante de todas as aventuras: a aventura da reconstrução moral do homem, assentando uma a uma as colunas de seu caráter sobre uma base digna da eternidade." Este também é o desejo dos editores.

Atenção a:
Awa Jandania
r. Vasco Mello

COLUMNAS do Caráter

S. Júlio Schwantes

Casa Publicadora Brasileira

Direitos Reservados, da
Casa Publicadora Brasileira
Av. Pereira Barreto, 42
09000 - Santo André, São Paulo

Sexta Edição
Cinquenta Mil Exemplares
270º Milheiro

1983

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

COLUNAS do Caráter

Índice

Introdução	7
Verdadeira Grandeza	11
Heroísmo	19
Resolução e Resoluções	29
A Conquista de Si Mesmo	37
Audácia e Individualidade	47
O Trabalho	57
Sê Perfeito em Tudo que Fizeres	65
A Importância das Coisas Pequenas	73
Tempo e Juventude	83
Perseverança	91
Liberdade e Responsabilidade	97
Honestidade	107
Homens da Segunda Milha	115
Humildade	121
Cortesia e Gratidão	129
Desvios	137
Atalhos	143
É a Consciência um Guia Seguro?	151
O Problema das Drogas	161
A Terceira Dimensão do Caráter	171
Evidências de Maturidade	177
Deus e a Moral	187
A Nova Moralidade	197
O Dogma da Evolução	205
O Poder Expulsivo de uma Nova Afeição	217
Fé Para um Jovem Moderno	225

Introdução

Historiadores e sociólogos, estadistas e políticos, de correntes diversas, têm procurado diagnosticar o mal de que sofre a sociedade moderna. Uns, com um laivo de ironia, atribuem as mazelas do corpo político e social às dores do crescimento. O país em evolução rápida sofre os desajustes próprios do adolescente, dizem. Outros salientam o fator econômico, com todas as suas ramificações, como causador do mal-estar generalizado. O remédio, em sua opinião, seria uma me-

lhor distribuição da riqueza. Outros crêem, com exagerado otimismo, que com a subida do nível cultural das massas, o homem moderno será capaz de criar uma sociedade ideal. "O que o homem precisa é de mais ciência", dizem Aldous Huxley e seus simpatizantes, esquecendo-se de que a ciência é uma arma de dois gumes — tanto edifica como destrói.

Perfilamos ao lado de Toynbee, que vê na crise da civilização ocidental uma crise espiritual. Se esta civilização soçobrar será por razões espirituais, e não por carência de ciência, cultura ou igualdade econômica, em que pesem os demais fatores na balança. A civilização ocidental hauriu sua vitalida-

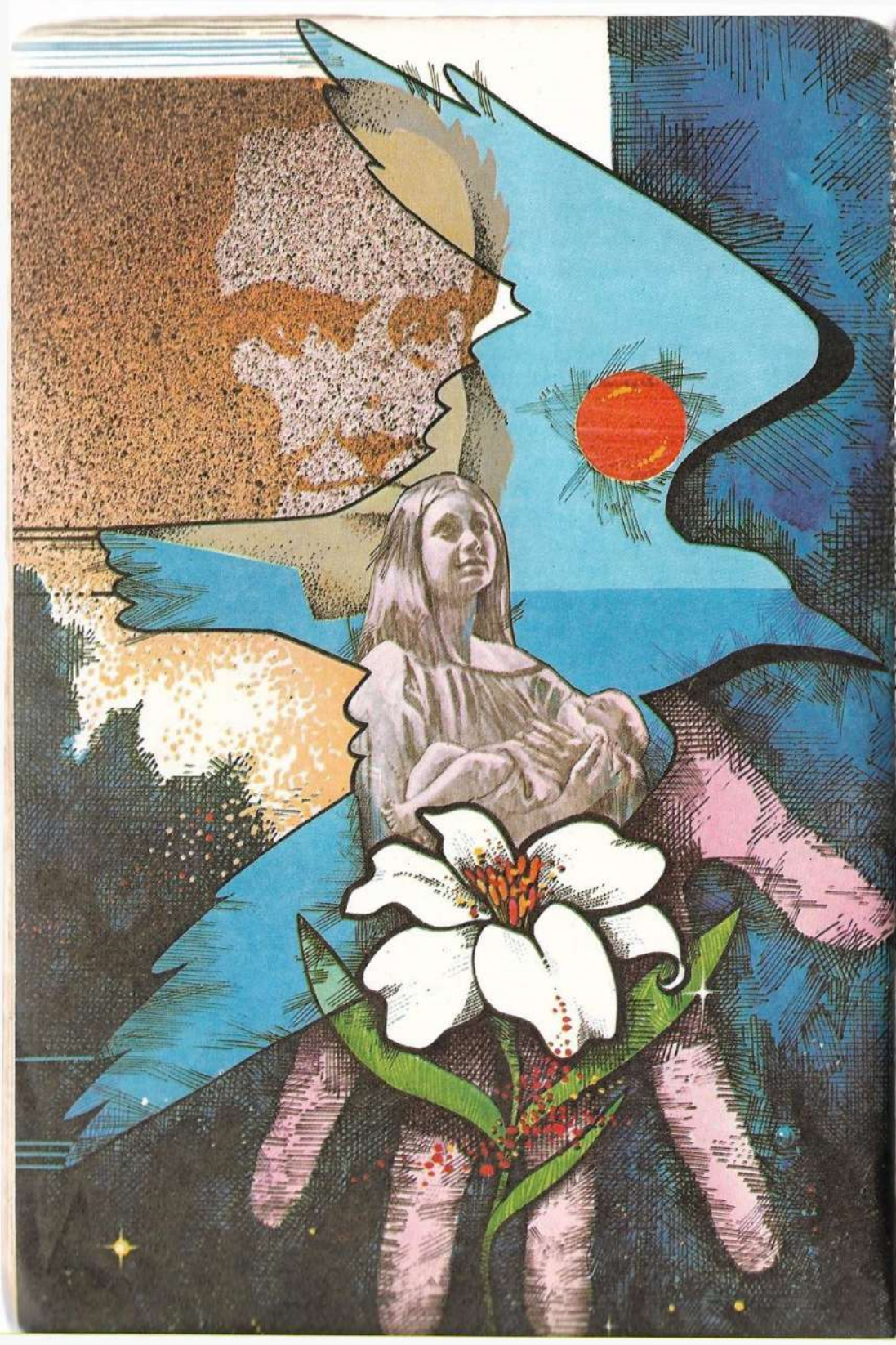
de original na fonte ilibada do cristianismo. Cresceu, emancipou-se e hoje, como filha ingrata, nega sua ascendência espiritual. Rejeita como obsoletos os valores morais que fizeram sua passada grandeza. Mas como o ramo cortado da videira seca, "e o apanham, lançam no fogo e o queimam", assim também a sociedade ocidental está destinada a perecer uma vez seccionada sua ligação com a "videira verdadeira".

Desta crise moral, um dos sintomas mais flagrantes é a ausência generalizada de caráter. Como poderia ser diferente se caráter é uma das dádivas do cristianismo ao homem? Querer preservar as boas coisas que o cristianismo nos legou enquanto repudiamos com cinismo suas exigências morais é o mesmo

que pretender conservar viva uma árvore arrancada de seu solo nativo. Visa este livro fazer uma contribuição modesta à tarefa ingente da reconstrução do caráter sobre bases duradouras. Acreditamos na eficácia e urgência de uma campanha de rearmamento moral. Não cometemos, porém, o erro tantas vezes repetido de divorciar o rearmamento moral da regeneração espiritual.

Dedicando este livro à mocidade brasileira o fazemos na esperança sincera de que sua leitura inspire muitos jovens patricios a empreenderem a mais empolgante de todas as aventuras: a aventura da reconstrução moral do homem, assentando uma a uma as colunas de seu caráter sobre uma base digna da eternidade.

O AUTOR



Verdadeira Grandeza

22/01/03
↓
Era em 1848. O capitão de fragata Marques Lisboa, futuro Almirante Tamandaré, achava-se a bordo do D. Afonso, um dos primeiros vapores da esquadra brasileira, que acabava de ser construído nos estaleiros de Liverpool. Terminadas as experiências com as máquinas, a bela fragata fez-se ao largo no Canal Inglês. Na costa de Lancashire, os vigias assinalaram um barco preso das chamas. Marques Lisboa manda aumentar a velocidade e aproxima-se do navio sinistrado. Era o vapor americano, *Ocean Monarch*, que viajava de Liverpool para Boston, conduzindo 396 emigrantes.

Era praticamente impossível aproximar barcos do navio sinistra-

do por causa do perigo de incêndio que o calor e as fagulhas representavam. A única esperança de salvamento para os passageiros e marujos do "*Ocean Monarch*" seria alguém se atirar à água e, nadando, levar um cabo até ao navio devorado pelo incêndio. Um marinheiro, conhecido pelo apelido de Jerônimo, com o maior desprendimento, lançou-se ao mar e, rápido, nadou até o barco que sossobrava, ligando a corda que levava às correntes do navio. Estabeleceu-se assim um vaivém que permitiu a cento e cinquenta e seis pessoas safarem-se da morte certa.

Conta ainda Gustavo Barroso que, quando o embaixador brasileiro em Londres enviou, em nome do im-

perador, cem libras esterlinas para serem distribuídas entre os membros da tripulação que tão dignamente se tinha conduzido, Marques Lisboa mandou formá-la na cobertura do navio. Leu o ofício vindo de Londres, mas, por sua conta, apelou a tripulação que cedessem o dinheiro às vítimas do incêndio e do naufrágio. A grandeza de alma é contagiante, e a tripulação, comovida, cedeu de boa vontade o dinheiro aos marinheiros e passageiros do "Ocean Monarch", que tudo tinham perdido.¹

Este gesto de denodo e altruísmo honra ao bravo comandante e seus comandados. Espontaneamente tiramos o chapéu diante deste ato de nobreza que lembra ao homem sua origem divina.

Do mesmo Marques Lisboa, quando já chefe de divisão naval, narra o almirante Henrique Boiteux o seguinte episódio:

"Na noite de 7 de setembro de 1852, tendo saído de casa em busca de remédios para sua esposa, gravemente enferma, desabou tremenda trovoadas do noroeste, que fez garrar navios e naufragar pequenas embarcações. Ao passar pela praia de Santa Luzia, ouviu gritos que partiam do mar, implorando socorro. Sem consultar mais do que seu coração, o arrojado chefe e denodado marinheiro lançou-se à água e, afrontando as desabaladas ondas açotadas por forte ventania, foi em busca de dois pretos,

tripulantes de uma canoa que havia naufragado. Conseguiu, depois de luta tenaz, trazê-los à praia do Flamengo. Não estava ainda concluída sua missão; em críticas condições se achavam as equipagens de uma barca inglesa e de um brique nacional, cujas embarcações haviam virado. Meteu-se Marques Lisboa em um bote e os salvou".²

Eis exemplos de grandeza moral que deveriam ser colocados diante da mocidade até que lhe ficassem indelevelmente gravados no panteão da memória. Pois nestes exemplos é que se inspiram os futuros heróis, os formadores de uma nacionalidade sadia.

Não refulge a verdadeira grandeza apenas nos campos de batalha. Disto a vida de Marques Lisboa bem atesta. Aparece resplendente em mil e um quadros da vida de todos os dias. No gesto delicado de um cavalheiro que acompanha uma tímida criança através de uma rua apinhada de tráfego. Na dedicação de uma enfermeira ao lado do leito de um doente. No sacrifício anônimo de uma mãe que lava roupa para que o filho possa estudar medicina. Na abnegação de uma professora que gasta sua mocidade numa sala de aulas para que a nova geração seja mais feliz. No desassombro da sentinela que permanece no posto do dever quando outros debandam.

Não é a verdadeira grandeza também pouco medida pelo cargo ou posi-

ção que tantos ambicionam. Se grandeza há nisto, está em reconhecer o cargo ou posição como oportunidade de serviço e não de mando. Grande não é necessariamente aquele que tem a seu serviço subalternos sem conta, mas aquele que ao maior número serve. Napoleão, exilado na ilha de Sta. Helena, reconhece afinal a futilidade das conquistas baseadas na força. Para o grande Corso, desiludido com a fragilidade dos impérios amalgamados com o sangue dos vencidos, não há figura maior na História que a de Jesus Cristo. E Cristo nunca empunhara uma espada, nunca comandara um exército. Entretanto, os que de bom grado ainda hoje dariam por Ele sua vida, contam-se aos milhões.

Por que a diferença? Napoleão era possuído da ambição do mando; Cristo, do ideal do serviço. "O Filho do homem", disse, "não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos".³

A ocasião deste pronunciamento foi o pedido dos filhos de Zebedeu, Tiago e João, para que no Seu reino lhes fossem concedidos lugares, um à Sua direita, outro à Sua esquerda. Três anos de convívio com Aquele que dera o exemplo mais castiço de humildade e esquecimento próprio não bastaram para desarraigar do coração dos discípulos o conceito falso de que a grandeza está ligada à posição.

Desconcertado com a obtusidade espiritual de Seus amigos mais achegados, Jesus mais uma vez acentua a essência da verdadeira grandeza: "Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo".⁴ Tal asserção explodia no seio da sociedade judaica e pagã qual uma bomba. Arrazava com a ambição egoísta. Obrigava os homens a uma revisão drástica de sua escala de valores. Era tão revolucionária em seu significado que ainda hoje não foi inteiramente assimilada, mesmo pelos que a aceitam. Seu simples enunciado coloca Jesus à parte de todos os filósofos, e O distingue como Deus. A primazia do serviço sobre a posição, se reconhecida universalmente, introduziria uma nova era nas relações humanas.

Reconhecê-la, porém, exige um sacrifício cujo preço bem poucos querem pagar — relegar o eu a uma posição secundária e dar ao próximo o primeiro lugar. De novo estamos a braços com o problema do ego, de quem João Wesley dizia com razão ser seu pior inimigo. Forçoso é admitir que o problema da regeneração moral e espiritual do indivíduo revolteia em torno deste ponto capital — o eu. Como poderia ser diferente? Se a perversão da personalidade humana teve sua causa no deslocamento do eu, sua regeneração deve principiar re-

conduzindo-o ao lugar que lhe pertence no esquema universal.

(Nada há na moral cristã que exija o esmagamento do eu. Aniquilamento e dissolução da personalidade são doutrinas budistas em que o passivismo oriental é levado à sua conclusão última. O eu deve ser regenerado e não recalçado. A individualidade humana é o maior cabedal do Universo de Deus. Seu valor supera o das estrelas de primeira grandeza. Somos autorizados a crê-lo por Aquele que veio para dar Sua vida mesmo que fosse para a redenção de uma única alma. Logo algo tão precioso como um ser que leva a imagem e inscrição do Criador deve ser preservado, se possível for, com toda sua beleza individual para a eternidade.

Desta beleza original nos falam os rasgos de bravura e magnanimidade que iluminam as páginas da História tantas vezes deslustradas pelo egoísmo brutal. Haja vista a grandeza de coração do Duque de Caxias, o Pacificador, na batalha de Lomas Valentinas, na Guerra do Paraguai. Trata-se de um pequeno gesto de nobreza, mas destes que por serem espontâneos e não premeditados, melhor retratam a alma de um homem.

Na manhã última da refrega, trazem-lhe uma caneca de café. Antes de levá-la aos lábios, pergunta se os soldados já o receberam. Responderam-lhe que não; não houvera tempo para isso. Acode-lhe à

mente a sorte de seus comandados expostos à intempérie e ao fogo inimigo. Recusa-o: "Obrigado! só tomo café depois que meus soldados puderem tomar".

É impossível mencionar este episódio tocante sem rememorar seu paralelo bíblico. Encontrava-se Davi na caverna de Adulão, acossado pelo rei Saul. O lugar era deserto e a canícula castigava as estepes ínvias do sul de Judá. Neste sítio agreste, a agonia da sede traz ao bardo aguerrido a doce lembrança de sua vila natal, dos dias bonancosos em que com seus companheiros de folguedo tirava água da cisterna junto à porta de Belém. Um misto de saudade e desespero lhe arranca do peito a exclamação: "Quem me dará a beber da água do poço de Belém, que está junto à porta?"

Um desejo do rei era ordem. Três valorosos soldados rompem pelo arraial dos filisteus, atingem a porta de Belém, com risco de vida, tiram água da vetusta cisterna e a trazem a Davi. Rezam neste ponto as Escrituras com simplicidade lapidar: "Porém, Davi não a quis beber, mas a derramou perante o Senhor. E disse: Nunca meu Deus permita que faça tal! Beberia eu o sangue destes varões com as suas vidas?"

Não admira que alguém possuído de tanta nobreza conquistasse um lugar permanente no coração de seu povo. Essa consideração

paternal pela segurança e bem-estar de seus subordinados é uma insignia de grandeza. Contrasta com a frieza calculada com que muitos tiranos sacrificaram seu povo e seus soldados para satisfazer uma ambição desmedida.

Outra característica de um grande coração é a capacidade de aceitar críticas adversas sem exasperar-se. É bem mais fácil melindrar-se com supostas ofensas do que reconhecer razão a um adversário. Um orgulho sutil tende a cegar-nos quanto aos próprios erros e exagerá-los em outros. Conta a propósito Miguel Rizzo a seguinte anedota de D. Pedro II:

"Com o pseudônimo de Timandro, um escritor, no *Libelo do Povo*, atacou violentamente a D. Pedro II, não lhe poupando nem os antepassados. A própria família da Imperatriz foi asperamente criticada. O escritor, que assim atacava a família imperial, era especialista em assuntos financeiros e revelava em suas críticas notável competência na apreciação das condições econômicas do país. Era Sales Torres Homem. Um dia, com a maior surpresa do mundo, recebeu ele do monarca, violentamente criticado, o convite para ser Ministro da Fazenda. No seu encontro com o Imperador, proferiu Torres Homem esta frase expressiva: "Senhor, para os grandes crimes, as grandes expiações. Esmagado pela generosidade de V. Majestade, forçado a retratar-

me dos erros de uma mocidade petulante, a expiação do meu orgulho não podia ser maior".

Com magnanimidade olímpica o imperador altanava-se acima das ofensas para descobrir no crítico atilado qualidades dignas de serem aproveitadas para o engrandecimento da nação. Coração menos generoso teria sobreposto suscetibilidades mesquinhas acima dos interesses pátrios.

Como cultivar essa grandeza de alma que possui uma qualidade divina e, portanto, digna da imortalidade?

A flor do altruísmo não medra no charco da mesquizez. É preciso que o solo do coração seja repetidas vezes rasgado pela charua da negação própria, adubado com o sol do desprendimento e regado todos os dias com a chuva das boas ações para que a generosidade atinja sua plena floração. Para que o altruísmo se torne um hábito, uma segunda natureza, é preciso partir dos atos inspirados nos exemplos verdadeiramente dignos. O velho eu reluta a princípio e sempre. Aqueles gestos que são espontâneos ao santo, foram penosos ao noviço. Antes de atingir o dia em que podia amar a todos com naturalidade, Francisco de Assis forçava-se a beijar a mão dos leprosos.

Em seu livro, *A Formação do Hábito*, o grande psicólogo William

James recomenda a prática de um pequeno sacrifício cada dia como meio de acumular as reservas de energia moral de que precisa o homem num mundo de crise. Belo conselho, cuja sabedoria tem sido tantas vezes atestada. Não vai lon-

ge bastante, porém. Mais do que de energia moral o homem precisa de um novo coração. Não basta reformá-lo e estimulá-lo com o óleo canforado da filosofia moral. É preciso regenerá-lo e isto é obra do Espírito de Deus.



Heroísmo

“N ão havia aulas na universidade aquela manhã. Todo o corpo estudantino estava à beira do lago observando a tragédia que se desenrolava na água. Durante a noite, a cidade de Evanston tinha sido varrida por um temporal vindo do lago. Muitas casas foram danificadas. Fora no lago, um vapor procurando abrir caminho através da noite, chocara-se contra um recife, e a vida de todos a bordo estava em perigo. O mar estava agitado; grandes vagas rolavam até à praia. Ondas encapeladas lavavam o convés do navio encalhado, e os que estavam na praia não viam como socorrê-lo. A distância era grande demais para se atirar uma corda; botes salva-vidas não podiam atre-

ver-se em tal mar. Nadar através das águas revoltas era proeza que até então ninguém tentara. De bordo, os passageiros acenavam desesperados, pedindo socorro.

“Entre os espectadores do drama havia um estudante da universidade, atlético e de olhar inteligente. Abordando um velho com ares inconfundíveis de marinheiro, disse-lhe:

“ — Não se pode fazer nada para salvar aquela gente? O navio não tinha botes nem salva-vidas?

“ — Você pensa que teríamos ficado à sua espera, se algo pudessem ser feito? Botes? Desceram-nos ao mar e levou meio minuto para serem esmigalhados. Salva-vidas? Os que não estavam podres expe-

rimentaram em algumas mulheres, mas nenhuma atingiu a terra.

"O marinheiro cuspiu e foi-se, mas o moço o deteve.

" — Que tal uma corda?

" — Quem vai atirar a corda tão longe? Você?

"De novo o marinheiro fez menção de retirar-se e de novo o moço o segurou.

" — Há corda bastante para alcançar o navio — se se pudesse levá-la até eles?

"O velho resmungou.

" — Você é um tipo inquiridor. Certo que há bastante corda, mas você vai criar asas e voar com ela até ao navio?

"O jovem cravou as unhas no ombro do velho.

" — Não, não vou criar asas, mas vou descobrir um jeito de levar a corda até ao navio. É muito melhor fazer isto do que ficar por aqui escarrando suco de tabaco. Se sabe onde está a corda, velho, vá buscá-la.

"Aturdido com a resolução expressa na voz do moço, o velho marinheiro moveu-se em direção ao posto de salvamento.

"Entrementes o rapaz estava removendo o casaco e o colete, tirando os sapatos, preparando-se claramente para enfrentar o mar. Os amigos o cercaram.

" — Edu, você é um louco! Você não pode atravessar o mar, ainda mais puxando uma corda. Não vai

ajudar a ninguém e ainda perderá a vida!

"A resposta de Edu foi breve e incisiva:

" — Talvez; mas vale a pena tentar. É responsabilidade de alguém.

"Quando a corda chegou, atou uma ponta em volta da cintura. — Vou arriscar, disse, vocês cuidem da corda. Quando der o sinal, puxem!

"Com isto, atirou-se ao mar e começou sua luta com as ondas tempestuosas. A notícia se espalhou entre o povo, na praia. Os olhos estavam todos postos no jovem nadador. Gritos alternados de esperança e desespero contavam a história da batalha. Foi uma luta titânica entre um mar que puxava para baixo e um rapaz que não queria ficar embaixo. Arrostando o impossível, aproximou-se o bastante do navio para que de lá lhe atirassem um cabo.

"Na praia uma ovação estrondosa, quando viram a figura molhada escalar o costado do navio. Mas ficou apenas um momento. Não havia tempo a perder, porque o navio estava sendo demolido rapidamente. Viram-no atar um passageiro, acenar a mão e pular de novo no mar.

"Mãos voluntárias puxaram-no até à praia. Rodearam-no com braços ao depor seu fardo sobre a areia, mas afastou-os com um gesto e, de novo, pulou na água.

"De novo venceu — de novo vol-

tou com mais um. Uma terceira vez, uma quarta, e de novo voltou. Dezessete vezes, aquela manhã, atirou-se ao mar e cada vez voltou — com mais um.

"Quando regressou pela décima sétima vez, o que fora salvo e seu salvador tombaram juntos sobre a areia. Estava exausto. Mãos rápidas ergueram a ambos e, dentro em pouco, estavam no hospital.

"Durante horas permaneceu inconsciente; depois, paulatinamente, voltou a si com a mesma tenacidade com que voltara do mar. Vagarosamente seus olhos se abriram e seu olhar relanceou o pequeno quarto branco até descansar sobre a enfermeira solícita. Houve um murmúrio:

" — Enfermeira ... ó enfermeira!

" — Sim, o que há?

" — Enfermeira ... fiz eu ... o melhor que podia?

"Um nó fechou-lhe a garganta, acostumada embora ao modo dos doentes. Ainda assim respondeu valorosamente:

" — Sim, você fez o melhor que podia — descanse agora e logo estará bom de novo.

"Dias de febre seguiram-se e, ao debater-se ele em seu delírio, seus lábios deixavam escapar a preocupação que lhe torturava a mente.

" — Receio que não fiz ... o melhor que podia. Enfermeira ... fiz o melhor que podia? Receio que não ... Tantos lá no navio ... só dezessete ... Alguém mais foi ...

Ó enfermeira ... Enfermeira! ... Receio não ter feito o melhor que podia!

"O melhor que podia? Quando todo o continente vibrava com o louvor de Eduardo Spencer, o jovem universitário que naquele dia tempestuoso ousara mais do que todos; que supremamente dera o melhor ..."

Este retalho da vida real, contado com dramático efeito por O. G. Herbrecht em seu livro Enfrentando o Norte, expressa com propriedade o heroísmo galante que estua no peito de muito moço. Todo jovem alguma vez em sua vida ambicionou ser um herói. Que rapaz sacudido não terá passado pela experiência de estar lendo absorto as aventuras de um Marcílio Dias e, subitamente, num transporte da imaginação, não era mais Marcílio Dias que se recusava a arriar a bandeira nacional, mas ele? Não era mais um Joaquim José da Silva Xavier a sonhar em Vila Rica com a independência do Brasil, mas ele? Sim, todo moço é um herói potencial.

Se suas virtualidades, porém, se transformarão um dia em vigorosa realidade depende de um conjunto de fatores. Quais são os elementos que entram no estofo dos heróis? Destacaremos os seguintes:

1. Iniciativa. O herói não precisa ser empurrado. De relance, apanha a situação e age. Não age com a precipitação atamancada do inex-

periente. Pesa as dificuldades da situação, mas não se perde em reflexões inames. Com ele, o raciocínio é o estopim que deflagra a bomba da ação calculada. Está habituado a traduzir o pensamento em ação. Enquanto os tímidos fazem do pensamento um substituto inepto da atividade criadora e salvadora, o herói vê na emergência um convite à ação pronta e resoluta.

Quantos sonhos dourados nunca se concretizaram por falta de iniciativa! Quantas resoluções nobres não morreram num peito juvenil à míngua de uma vontade férrea que as executasse! Quantos gestos heróicos se esboçaram na imaginação ardorosa de muito moço sem que o mundo deles auferisse o menor proveito! Como os heróis truanescos de Cervantes, partem muitos à conquista de castelos imaginários, enquanto as tarefas da vida real jazem por fazer.

A falta de iniciativa é uma doença da personalidade. Sua origem remonta muitas vezes a uma infância superprotegida. Pais solícitos e ignorantes, embora bem-intencionados, rodeiam a criança de um círculo impenetrável de segurança, dentro do qual se estiolam as qualidades positivas do caráter. Resolvendo os seus problemas todos, os pais privam os filhos da maior alegria, qual seja a de enfrentar e resolver situações novas por conta própria. Freia-se a iniciativa e o impulso criador. Formam-se adoles-

centes tímidos, cuja imaginação nunca foi disciplinada e excitada pelos riscos da vida real.

2. Destemor. São de Raymond B. Fosdick as palavras:

{ "A única vida digna de ser vivida é a vida aventureira. A característica predominante desta vida é o destemor. Quem vive no plano da aventura não teme o que os outros pensam dele. Como Colombo, ousa não somente firmar sua crença, mas vivê-la em face de opiniões contrárias. E não condiciona seus passos e seus objetivos aos passos e objetivos do vizinho; não teme sonhar sonhos que não tenham sentido prático; pensa por si, lê seus próprios livros, cultiva seus próprios entretenimentos; governa-se pela sua própria consciência".

O perigo que a outros acovarda, incita o destemido. Não que tenha superado o instinto de conservação própria, mas porque entrevê no perigo a promessa de uma aventura no domínio do desconhecido. Sabe por experiência que o perigo é matéria de interpretação individual. Aquilo que ao tímido se afigura ameaçador, é para ele um repto amigo, um repto que mobiliza o melhor de suas energias.

Caminhos batidos são para homens batidos. O destemido sente a fascinação dos "mares nunca dantes navegados" e dos sertões nunca dantes desbravados. Quem trocaria o arrebatamento emotivo

de Vasco da Gama, ao dobrar o Cabo das Tormentas, por ele batizado Cabo da Boa Esperança, pela segurança rotineira de um funcionário palatino? Não foi apenas a atração hipnotizante das riquezas fabulosas do El Dorado que impeliu os bandeirantes paulistas a arrastar todos os riscos da penetração do nosso hinterland. Reduzir todos os movimentos heróicos à compulsão de forças meramente econômicas é ignorar as qualidades espirituais do homem. Marx, e sua interpretação materialista da História, choca-se frontalmente com o bom-senso universal. Entre admitir que razões econômicas tenham pesado consideravelmente em muitas conjunturas históricas e concluir que constituem a razão preponderante e única, há muita distância. Em que pese a ambição do ouro e da esmeralda com alguns ou com todos os bandeirantes, acima e soberano estava o amor da aventura, a fascinação dos grandes espaços desconhecidos.

Não foi, certamente, a ambição de riquezas, que levou o intrépido explorador inglês, Robert F. Scott a enfrentar os perigos sem conta de uma expedição ao Pólo Sul. Não foi também a sede de glória. Algo mais nobre o sustentou na áspera luta contra o gelo e a solidão da Antártida. Vede-o de volta do pólo, onde os noruegueses em heróica competição tinham chegado poucos dias antes, assentado em

sua cabana de gelo, escrevendo minuciosamente todos os dados da expedição no livro de notas. Fora, expostos à neve, dois de seus companheiros jazem mortos. Dentro da cabana, com ele, outros dois dormem enregelados. Seu próprio sangue está gelando nas veias, e ele sabe que não poderá escrever muito mais. Quais são suas últimas palavras? Uma nota de amargurada desilusão? Não de Robert F. Scott. Naquele último momento, vem-lhe à memória um verso do *Ulisses* de Tennyson, que aprendera na juventude, e com ele encerra seu relato épico:

"Lutar, procurar, talvez achar —
Mas Não Ceder".

Scott, Amundson, Byrd, Rondon, todos eles possuíam a fibra de que são feitos os heróis: Iniciativa, destemor, o espírito de aventura.

3. Recursos físicos e espirituais.

Dos recursos espirituais, tratam outras seções deste livro. Cumpre-nos aqui realçar a importância dos recursos físicos. É difícil imaginar um herói de faces macilentas, ombros caídos e peito encovado. A mais indômita força de vontade baqueia quando não apoiada por um físico sadio. O corpo é a alavanca do espírito. Ou melhor, o corpo e o espírito são dois aspectos do mesmo ser, o homem integral. A qualidade dos pensamentos e da vontade está em estrita dependência da qualidade dos humores e tecidos.

dos, como bem acentua Alexis Carrel.

A qualidade dos humores e tecidos depende, por sua vez, de fatores hereditários e ambientais. Sobre os primeiros, o indivíduo não pode influir a não ser com referência às gerações futuras, pelas práticas eugênicas. Dentro dos limites impostos por questões econômicas, pode o indivíduo atuar sobre os fatores ambientais. Pode e deve compreender a importância da alimentação sadia, da higiene corporal, dos exercícios físicos, da temperança, dos hábitos de pureza, etc. Num sentido mais real do que muitos pensam, somos até certo ponto responsáveis pela saúde que desfrutamos.

Temos, neste sentido, muito a aprender com o atleta. As celebridades que brilham nas Olimpíadas o fazem à custa de severa disciplina pessoal. Seus hábitos alimentares são regrados. Abstem-se do tabaco que lhes corta o fôlego, e do álcool, que lhes mina a resistência à fadiga. Equilibram o exercício intenso com o descanso apropriado. Sabem que as noites prejudicam o seu rendimento. Estão prontos a pagar o preço, para conquistar um físico cem por cento em forma para as conquistas máximas. As proezas do campeonato são precedidas por largos meses e anos de uma vida sóbria, cientificamente regulada.

Desmond Doss, como simples enfermeiro padoleiro em Okinawa,

não teria realizado a façanha de transportar a salvo setenta e cinco soldados feridos e espalhados num outeiro, sob o fogo mortífero de morteiros inimigos, não fosse o físico esplêndido e a fé ardente. Ada Rogato não teria visto seu nome e o do Brasil projetados no cenário internacional, pelas façanhas aviatórias que a levaram de um extremo a outro das Américas num desprezioso teco-teco sem rádio, sem instrumental para vôo cego e sem tanque adicional de gasolina, não fosse sua admirável resistência física aliada ao arrojo de uma amazona.

O herói é antes de tudo um forte.

4. Desprendimento. O esquecimento de si mesmo é outra característica do verdadeiro heroísmo. Para o herói a vida e o bem-estar do próximo se lhe afiguram mais importantes do que sua vida e seu bem-estar. Galantemente derrama o seu sangue para que outros possam viver. Quanta gratidão não deve a humanidade a um James Carroll que em Cuba se expõe, voluntariamente, à inoculação do vírus da febre amarela, para que a etiologia dessa terrível enfermidade fosse desvendada aos médicos! Carroll tinha 46 anos, mulher e filhos, mas corajosamente se deixou picar por mosquitos fartos com o sangue de doentes de febre amarela, e no mesmo dia escreveu ao Dr. Walter Reed, que orientava as experiências:

"Se há qualquer coisa de certo na teoria do mosquito, devo apanhar uma boa dose de febre amarela".

De fato, contraiu a temida doença e foi transportado para o isolamento, onde ficou entre a vida e a morte, dias e dias ... Quase que jocosamente referia-se, mais tarde a este episódio palpitante como sendo os dias mais extraordinários de sua vida. Costumava dizer:

"Fui o primeiro homem a contrair febre amarela depois da picada experimental do mosquito!"

Desprendimento idêntico revelaram os pioneiros da aplicação dos raios X à terapêutica. Desconhecidos eram então os efeitos funestos das radiações não dosadas ao organismo humano. Nos dias anteriores aos aventais de chumbo e às luvas, uma legião de médicos abnegados pagou com a leucemia e o câncer seu tributo ao progresso da medicina. Desceram impávidos a sepulcros prematuros porque "não amaram suas vidas até à morte".

Eram férias de Natal num pequeno colégio ao Norte de Filadélfia. Poucos estudantes ficaram no internato, indo a maioria desfrutar as festas no aconchego do lar. No rigor do inverno, uma camada espessa de gelo cobria o rio Perkiomen e convidava à patinação. Um grupo feliz de estudantes dedicava-se a seu esporte favorito, quando um dos rapazes rompeu o gelo e

afundou na água traiçoeira. Foi, afinal, salvo, mas o salvamento custou a vida do herói. A consternação foi geral. Professores e alunos voltaram desconsolados ao Colégio para render sua última homenagem ao bravo. Os chefes de todos os departamentos e organizações em que ele participara falaram no funeral, prestando um merecido tributo ao caráter e hombridade do extinto. Ninguém, porém, melhor do que o regente da orquestra soube caracterizar a figura do estimado rapaz.

"Era membro da orquestra do Colégio", disse, "um violinista perito. Em qualquer ocasião poderia ter tido um lugar com os primeiros violinos, mas sempre recusou, preferindo ficar com os segundos violinos porque, como expressava, os primeiros só podem fazer o melhor se os segundos sustentarem a nota. Assim, contentou-se em tocar o segundo violino, para que os primeiros tivessem melhor oportunidade. E este espírito o caracterizou através de sua carreira colegial ..."

Eis alguém cujo nome mereceria ser inscrito no livro de ouro dos heróis, dos quais disse alguém com acerto: "Nunca terçaram armas, mas alcançaram a vitória suprema". Pelo seu desprendimento, demonstram pertencer à mesma estirpe de João Batista, aquele profeta austero que viera pregar o Reino às multidões que acorriam ao

Jordão, e que, vendo o Rei, exclamou:

"Eis, o Cordeiro de Deus ... É necessário que Ele creça e que eu diminua".²

Nada de exaltação própria. João Batista, a exemplo de seu Mestre, viera não para ser servido, mas para servir. Na contemplação profética da obra redentora do Messias, em meio do silêncio e das asperezas do deserto inóspito, aprendera a glória do desprendimento, do esquecimento de si mesmo. E, no conceito do próprio Cristo, não houve ninguém "nascido de mulher" maior do que João Batista.

5. **Senso do dever.** Quando um oficial romano foi advertido por seu guia de que se insistisse em fazer certa viagem correria risco de vida, respondeu: "É imperativo que eu vá; não é imperativo que eu viva". Instintivamente, arrancamos o chapéu diante de alguém possuído de tão profundo senso do dever. Num época em que é popular reclamar os direitos e flautear os deveres, o senso de responsabilidade é tanto mais admirável.

São de Emanuel Kant, o filósofo de Königsberg, as palavras: "O céu estrelado acima, e a lei moral dentro de mim, ... são as duas coisas que me enchem a alma de admiração e reverência sempre novas e sempre crescentes". Para o velho professor que fazia diariamente sua caminhada até a universidade

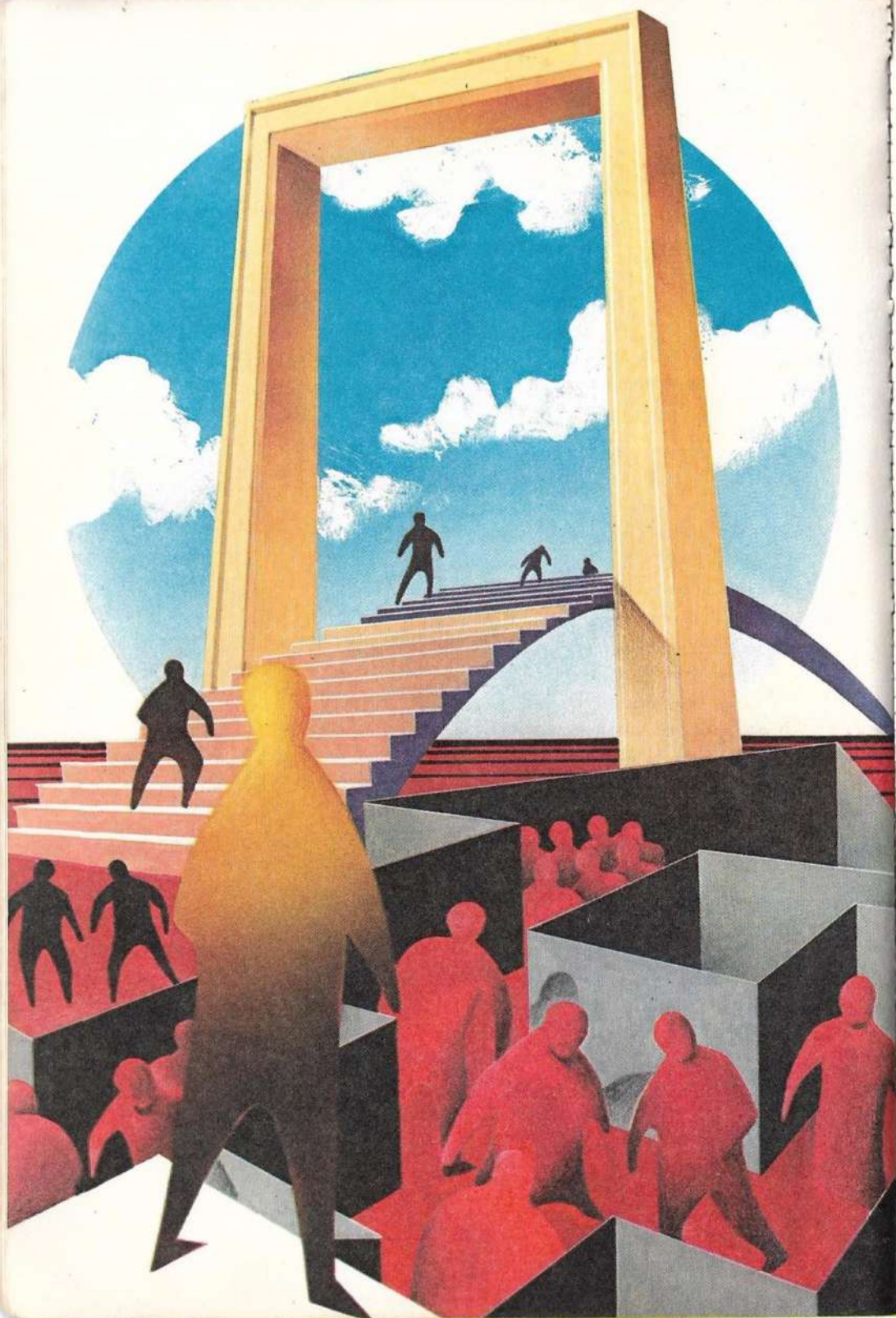
com pontualidade tal que por ela os habitantes do lugar aferiam seus relógios, o imperativo categórico não era uma inferência de sua metafísica abstrusa, mas uma realidade viva e palpitante. Disciplinado na escola do cumprimento rijo do dever, Kant não podia deixar de reconhecer que o homem é um agente espiritual livre num Universo em que imperam não só imutáveis leis físicas mas leis morais soberanas.

Que teria sustentado Osvaldo Cruz na vitoriosa campanha contra a febre amarela no Rio de Janeiro em 1907, quando os obstáculos eram desanimadores e a incompreensão geral, a não ser um aprimorado senso do dever? Certa feita a carruagem em que se encontrava o bravo higienista foi assediada pela turba irada, aos gritos: "Mata! Mata!" Algumas pedras atingiram mesmo o veículo que, afinal, conseguiu safar-se. Deprimido por essa manifestação hostil, Osvaldo Cruz dirigiu-se incontinenti ao gabinete do presidente Rodrigues Alves, a fim de pedir sua demissão em caráter irrevogável. O presidente esclarecido assegurou-lhe apoio incondicional, e Osvaldo Cruz permaneceu no posto do dever, levando a batalha contra a febre amarela até a vitória.

O mesmo senso de responsabilidade levou Clementino Fraga a embarcar, com grave risco pessoal, no vapor inglês "Araguaya", surto

no porto de Salvador, a fim de debelar uma epidemia de cólera morbo que grassava a bordo. Foi esta virtude que inspirou heróis e mártires a fazerem o sacrifício supremo.

Sem ela, nenhuma vida é verdadeiramente grande. Com ela, muitos homens, de outro modo obscuros, grangearam o reconhecimento da posteridade.



Resolução e Resoluções

A história humana gira em torno de grandes crises e resoluções. Em mais de uma batalha, o equilíbrio de forças foi rompido porque alguém agiu com resolução.

Entre as quinze batalhas decisivas da História, Sir Edward S. Creasy coloca a de Maratona em primeiro lugar. O pequeno exército grego estava sob o comando de dez estrategos cada um dos quais exercia a chefia durante uma semana. Ante as hostes persas, numericamente muito superiores, os gregos se achavam intimidados. Submetida à votação a conveniência de atacar ou não os persas acampados na vasta planície junto à praia de Maratona, cinco generais votaram a favor e cinco contra. O im-

passé foi afinal resolvido pelo voto de Minerva do arconte Calímaco, mas não ficou estipulado o dia do ataque. Depois de uma semana de indecisões, cabendo, por rodízio, o comando a Milcíades, toma este a resolução que mudou o curso da História — ele levaria os gregos ao ataque. Descem os hoplitas em precipitada carreira sobre os dois flancos do inimigo, sem dar tempo a que a cavalaria persa pudessem esboçar uma reação. Apertamento de encontro ao mar, e, depois de uma refrega de várias horas em que cada grego se comporta como um herói, levam a melhor e salvam a Grécia e a civilização européia. Visitando-se a praia de Maratona, pode-se admirar a colina-tú-

mulo, erigida há tantos séculos, e que marca o lugar onde cento e noventa e dois soldados gregos pagaram o preço supremo pela liberdade de sua terra.

Dois séculos mais tarde Alexandre inverte os papéis e invade com suas falanges aguerridas a Ásia Menor. Depois da batalha de Grânico, em 334 A.C., Alexandre visita Górdio, no coração da península. No templo havia um nó intrincado, e rezava a tradição local que quem o desatasse seria o senhor da Ásia. Alexandre, com resolução característica, corta o nó com sua espada, dando a entender que imporia sua soberania no Oriente pela força das armas, se preciso fosse.

O historiador, Carlos Julio Beloch, analisando os fatores do êxito militar sem precedentes de Alexandre, atribui-o a sua personalidade, "a sua audácia cavalheiresca, e a sua atividade incansável".¹

Em sua apreciação da personalidade invulgar de Alexandre, observava G. F. Herzberg que Alexandre herdara do pai "a atividade infatigável, que a cada nova conquista fazia aumentar a energia e a extensão de seus planos, mas possuía mais frio raciocínio, grande clareza na concepção dos seus empreendimentos, boa visão das coisas ... e a energia na execução das suas resoluções, energia essa que os inimigos de Filipe muito admiravam e temiam".²

Com resolução que raiava a au-

dácia, foi que Júlio César igualmente alcançou alguns de seus mais brilhantes triunfos. Quando por influência de Pompeu, seu Colega de triunvirato, o senado votou destituí-lo do comando das legiões da Gália, César marcha sobre a Itália, resolvido a atacar antes que seus inimigos se organizassem. Ao atravessar o Rubicão, que separa a Gália Cisalpina da Itália propriamente dita, César teria exclamado: *Alia jacta est*. "A sorte está lançada". Sua firmeza de propósito desencorajou seus adversários. Pompeu abandonou a Roma e prepara a desforra na Grécia. Vencido na batalha de Farsália, refugia-se no Egito.

Dias depois, desembarca César em Alexandria, depõe Ptolomeu Dionisos, responsável pelo assassinio de Pompeu, e instala no trono dos faraós a Cleópatra. Marcha para o Ponto contra Farnaces, que se sublevara. Consegue a pacificação de modo tão fulminante que pôde despachar para o Senado a lacônica mensagem: "Vim, vi, venci".

Que o temperamento resoluto foi um fator preponderante na vida de Júlio César é reconhecido pelos historiadores. O inglês James Anthony Froude, tece a seguinte apreciação sobre seu caráter:

"César não exulta sobre seus triunfos nem estadeia a honestidade de seus motivos. Sobre si mesmo e suas proezas não há uma só palavra de complacência ou admiração própria. Em seus escritos,

como em sua vida, César é sempre o mesmo — direto, retilíneo, imperturbável salvo por uma temura ocasional, descrevendo com simplicidade inconsciente como a obra que lhe foi imposta foi executada".³

"Era precipitado, mas com a precipitação calculada, a qual o evento nunca deixava de justificar. Seus maiores sucessos eram devidos à rapidez de seus movimentos, que o levavam até o inimigo antes que este ouvisse de sua aproximação... Nenhum obstáculo o detinha quando se propunha um objetivo definido".⁴

Cristóvão Colombo encontrava-se a bordo da nau Santa Maria. Fazia dois meses que as caravelas levantaram âncora do porto de Palos. A tripulação ameaçava amotinar-se caso Colombo insistisse em prosseguir em sua temerária aventura. Nenhum sinal de terra para o oeste. Estariam errados seus cálculos? Percebe-se a tensão no ar. Ouvem-se rumores assassinos. Não teria sido tudo o sonho de um visionário, obcecado com a esfericidade da Terra? Um gesto de indecisão do almirante, e o futuro da expedição estaria comprometido. Nesse momento angustioso, revela-se a vontade resoluta de Martin Alonso, o verdadeiro chefe da expedição. Em seu navio e no de seu irmão reinava absoluta disciplina.

A ameaça de motim atinge a efervescência, a bordo da Santa Maria, no dia 6 de outubro, quando

a frota ultrapassava o limite de setecentas e cinquenta léguas de velejar rumo ao oeste. Colombo, que nunca pilotara um navio, nem possuía natural capacidade de comando, intimidado, sugere a Martin Alonso a conveniência de retroceder. A resposta não se fez esperar:

" — Senhor, nós viemos aqui para servir a Deus e à rainha. Não voltaremos atrás sem achar a terra. Antes morrer!"

À sugestão de que a tripulação poderia recusar seguir, Alonso responde com resolução inabalável e otimismo contagiante:

"Uma frota que partiu com uma missão de grandes reis, como os nossos, não voltará sem trazer boas notícias".

"E assim, diz Francisco Vallejo, por causa de Martin Alonso, prosseguiram a viagem".⁵

É lamentável que em Martin Alonso a ambição da glória deslustrasse, após o descobrimento, suas peregrinas qualidades de comandante.

Uma resolução forte faz com que convicções vagas se cristalizem em volta de um núcleo de ação. As energias latentes da alma se galvanizam nestes momentos decisivos.

Há dias em que o ar está úmido e o céu nublado. O tempo apresenta-se indeciso. Ameaça chover, mas não chove. A irresolução dos elementos como que nos contagia. Se, nesta conjuntura, surgir um fazedor de chuva artificial, que conhe-

ce seu ofício, pode ocorrer aquilo que o vulgo chamaria um milagre. Bastaria um pequeno avião espalhar uma fumaça de iodeto de prata. Alguns gramas do sal forneceriam trilhões de cristaisinhos, em volta dos quais se condensaria o vapor de água formando as gotículas da chuva. O cientista não faz a chuva propriamente. A energia necessária para elevar milhões de toneladas de água a centenas de metros de altura foi fornecida pelo Sol. As correntes aéreas que causam a saturação da atmosfera também independem de seu engenho. Em obediência às leis naturais, lança ele mão do único recurso que lhe resta — prover os núcleos de condensação, provocando assim a queda da chuva.

Os grandes acontecimentos históricos ocorrem quando às circunstâncias propícias, fruto de longa e silenciosa gestação, alia-se a vontade resoluta de uma grande personalidade. Vasta razão tinha Carlyle ao fazer depender a marcha da civilização de um pugilo de heróis. São eles que, pela intuição genial de que uma nova época é chegada, combinada a uma rara determinação, rompem com as cadeias da tradição que tolhem o progresso e inauguram um dia melhor. O que a faísca elétrica é para a mistura explosiva que enche o cilindro de um motor, é uma resolução oportuna numa conjuntura histórica. Os fatores econômicos, políticos ou

culturais desempenham seu papel; podem mesmo tornar-se "explosivos". Mas o que desencadeia a reação é a decisão insopitável de um homem de vontade.

Uma resolução faz com que as forças dispersas e, portanto, ineficientes, da vontade, concentrem-se, e concentradas, vençam os obstáculos. Muitos homens de talento morreram na obscuridade, porque lhes faltou esta qualidade moral que guindaria seus nomes à altura daqueles que moldaram a História. A timidez irresoluta faz abortar muito projeto digno de melhor sorte.

Em fins do século passado, Henrique Fawcett, então estudante de direito, estava caçando com seu pai, quando um disparo acidental de espingarda lhe vazou ambos os olhos. Por algum tempo lhe pareceu que seus sonhos tinham ruído como um castelo de cartas. Mas, recobrando o ânimo, disse ao pai, que se condenava pelo desastre: "Não se preocupe, papai, a cegueira não interferirá em meu sucesso na vida. Apegar-me-ei a meus velhos propósitos tanto quanto possível".

E Henrique Fawcett fez justamente isto. Pescava, patinava, andava a pé e a cavalo. Coursou a Universidade de Cambridge e, finalmente, entrou no Parlamento, onde se tornou líder notável. Foi, mais tarde, nomeado Diretor dos Correios da Inglaterra e, neste posto, originou o sistema de *Colis postaux* e a Cai-

xa Econômica Postal, para mencionar apenas algumas das inovações que introduziu.

Na vida do indivíduo, uma resolução apropriada põe termo a indecisões que, prolongadas, minam o caráter e esbanjam energias. A mente humana pode trabalhar a qualquer velocidade, contanto que seja numa só direção. Dividida, ela se esgota. Não é o excesso de trabalho que provoca a extenuação nervosa, como os médicos sabem.

Afirma o Dr. Austin F. Riggs: "O trabalho árduo e mesmo abundante, quer seja físico, quer mental, nunca, em si mesmo, produziu um simples caso de esgotamento nervoso". É de igual opinião o Dr. Paulo Dubois: "Em todos os meus casos nervosos, nunca encontrei um único que pudesse ser atribuído ao excesso de trabalho". Uma das causas do esgotamento nervoso é, sem dúvida, a indecisão. A oposição, por exemplo, entre o senso do dever e a irresolução em cumpri-lo, acaba por criar uma tensão intolerável.

Não seria mais patética a situação do atleta que estivesse com os músculos retesados, pronto para a corrida, mas tivesse de esperar indefinidamente o disparo da partida. Ficaria mais extenuado do que se percorresse seus cem metros em obediência ao impulso de correr para alcançar a vitória.

Fowell Buxton, o incansável campeão da causa da emancipação

dos escravos no império britânico, costumava dizer:

"Quanto mais vivo, tanto mais certo fico de que a grande diferença entre os homens, entre os fracos e os poderosos, os grandes e os insignificantes é energia, determinação invencível — um propósito uma vez fixado e então a morte ou a vitória! Esta qualidade fará tudo que puder ser feito neste mundo, e sem ela nenhum talento, circunstância ou oportunidade fará de uma criatura de duas pernas um homem".

Resoluções

Como resolução entendemos uma qualidade de caráter que se evidencia na disposição de agir com presteza e coragem numa dada contingência. Sua dinâmica é uma força de vontade inquebrantável, que se traduz em ação pronta e vigorosa.

Tantas são, porém, as resoluções que jamais passam do ideal para o real, que muitos são inclinados a desprezar sua utilidade. Preferem não mais tomar resoluções, particularmente de Ano Novo, porque a experiência passada foi negativa. Assim agindo, no entanto, perdem esplêndida oportunidade de imprimir orientação mais firme a sua vida moral.

Por que falham tantas resoluções?

1. Falham, em primeiro lugar, quando não resultam em ação

pronta. O conteúdo energético de uma resolução gasta-se rapidamente. O jovem, que resolve abandonar a bebida, mas não já, está *ipso facto* condenando sua decisão ao limbo do fracasso. Quanto maior intervalo entre a resolução e sua execução, tanto menor a probabilidade de êxito. É que semanas depois nada mais resta da energia latente na resolução original. Se esta energia não nos deu a vitória hoje, no auge de sua intensidade, é vão esperar que no-la conceda em data futura. O estudante, que decide alcançar melhores notas nos exames próximos, precisa, se quer ser bem sucedido, alterar seus hábitos de estudo ainda hoje.

2. Falham, quando secretamente acariciamos o desejo contrário. Podemos enganar a nós mesmos com a sinceridade de nossos propósitos, mas não enganamos os protagonistas do drama que se desenrola em nosso íntimo. De dois desejos rivais prevalece aquele que melhor reflete nossos pendores instintivos, e particularmente aquele que obedece à lei do menor esforço.

Agostinho, o mais fino analista da alma humana entre os pais da Igreja, deixou em suas *Confissões* esta observação perspicaz sobre a inação da vontade dividida contra si mesma:

"A mente comanda o corpo, e ele obedece instantaneamente; a

mente comanda a si própria, e é resistida ... A mente comanda a mente, a si própria, a querer, e não o faz". À pergunta que ele mesmo formula: "Por que esta monstruosidade?" responde Agostinho: "Ela não quer inteiramente: portanto, não comanda inteiramente".⁷

"Todo o reino dividido contra si mesmo", disse Jesus Cristo, "é devastado; e toda a cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá".⁸ Na luta contra os vícios que ameaçam a personalidade, a vontade precisa apresentar uma frente única. Dividida contra si mesma, não pode a vontade subsistir; muito menos assegurar o triunfo de uma resolução oportuna. Decidida a excelência do objetivo, cumpre-nos lançar em seu encalço todo entusiasmo e inteireza de propósito de que somos capazes. Não há resolução demasiado difícil que não possa ser executada por uma vontade íntegra. "Uma coisa faço", dizia o impertérito apóstolo Paulo. Seu êxito colossal, na proclamação do evangelho, justifica o que acabamos de dizer.

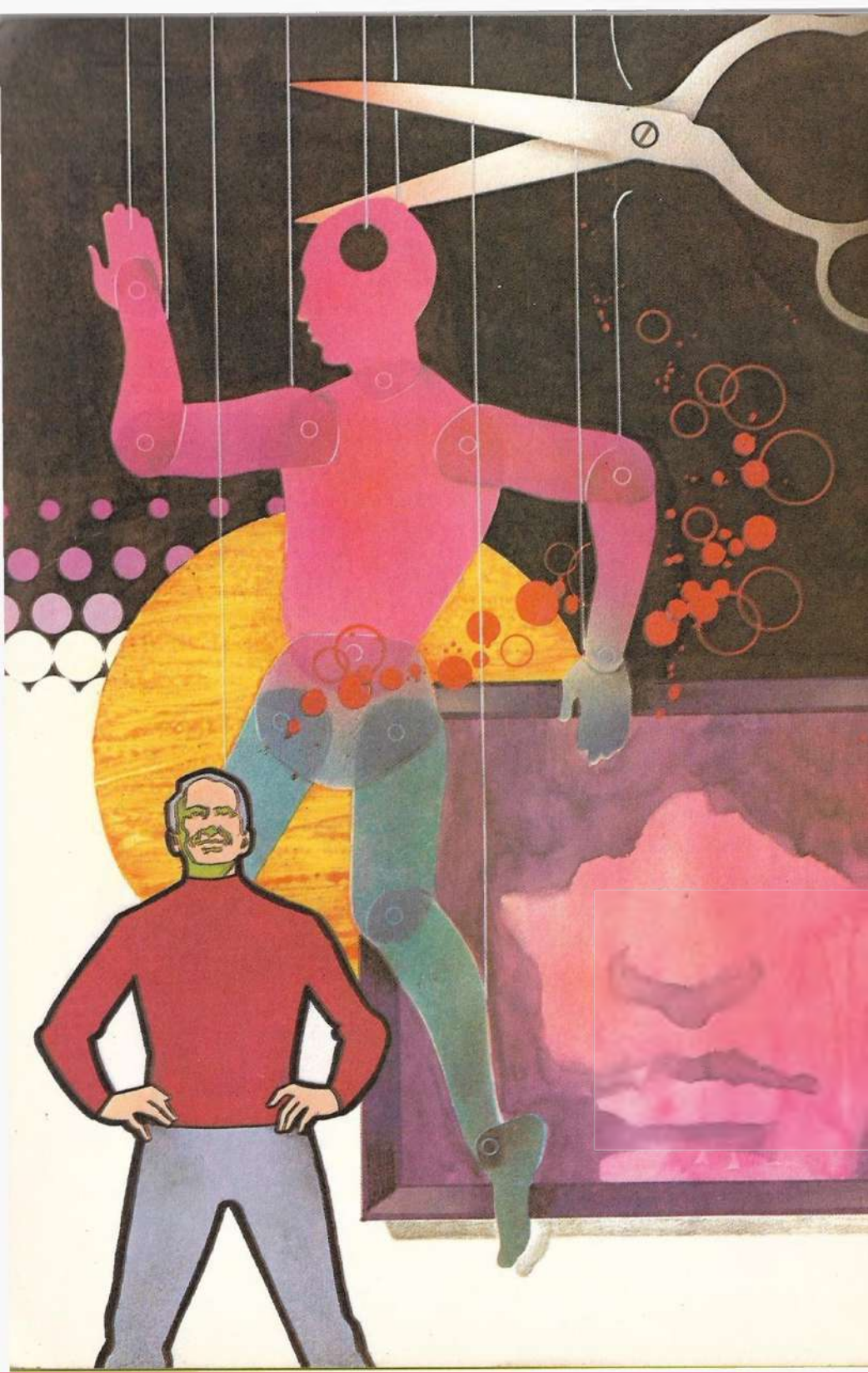
3. Falham muitas resoluções porque são tomadas com excessiva confiança própria, sem levar em consideração o auxílio divino. Com recursos infinitos a sua disposição, persistem muitos numa luta desigual contra óbices superiores. É evidência de sabedoria reconhecer a finidade de suas aptidões, e prova

de humildade depender da onipotência de Deus. São do mesmo Paulo as palavras: "Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece".⁹ Esta dependência salutar enrijece a têmpera do homem e o capacita para as realizações mais extraordinárias.

Ecos de uma alma genuinamente cristã são as seguintes resoluções de John Vincent, vazadas em termos despretensiosos, mas dignas de figurar não são emolduradas na parede de nosso escritório, mas

no recesso sagrado de nossa consciência:

"Procurarei neste dia viver uma vida simples, sincera e serena; repelindo prontamente todo pensamento de descontentamento, ansiedade, desânimo, impureza e egoísmo; cultivando alegria, magnanimidade, caridade e o hábito do santo silêncio; exercitando economia na despesa, cuidado na convers  o, diligência no serviço, fidelidade em toda incumbência, e uma confiança infantil em Deus".



A Conquista de Si Mesmo

Certo monarca, visitando o rei de Esparta, quis saber o segredo da resistência férrea dos soldados espartanos. Foi-lhe dito residir o segredo numa sopa preta que era parte da ração de cada soldado. Insistiu o monarca em prová-la, mas qual não foi sua decepção ao levá-la à boca. Era intragável. "Não se impressione", explicou-lhe o anfitrião com ironia, "o tempero desta sopa consiste em rígida disciplina pessoal". Assim o era, na verdade. O monarca, afeito a uma vida fácil, rodeado do luxo da corte, não podia apreciá-la.

Sem esta rígida disciplina pessoal, inculcada desde a infância, nunca teriam os soldados de Esparta escrito a imortal página das

Termópilas. Quando outros teriam preferido uma retirada "honrosa", ou uma fuga justificável sob todos os pontos, aqueles heróis, educados na escola do domínio-próprio, julgaram mais digno manter sua posição até o último homem.

"Domínio-próprio é coragem em outra forma", dizia antigo sábio. É de Pitágoras a frase: "Nenhum homem é livre que não se pode dominar". Aquele que é escravo de suas paixões e instintos nega, ipso facto, sua liberdade. Não é livre nem de fato, nem de direito. Submetendo-se ao domínio da natureza inferior, abdica sua realeza e sua filiação divina.

Ninguém, melhor do que Sansão, ilustra a simples verdade, de

"que aquele que é dominado por suas paixões é homem fraco". Sansão tem sido considerado o Hércules da Bíblia. A mitologia grega fala de Hércules e seus doze trabalhos. Mantendo-se no plano do histórico e não do lendário, não atribui a Bíblia doze trabalhos a Sansão, mas fala de suas sete proezas:

1. O estrangulamento do leão a mão desarmada.
2. O massacre de trinta homens em Asquelão.
3. A queima dos campos dos filisteus com auxílio de trezentas raposas.
4. O segundo massacre dos filisteus.
5. A matança de mil homens com uma queixada de jumento.
6. A remoção dos portões de Gaza.
7. A derrubada do templo de Dagom.¹

Entre a sexta e a sétima proezas, vem a trágica história de sua traição por Dalila. Foi uma terrível tragédia, para um homem como Sansão, ser subitamente reduzido a escravo de seus piores inimigos, preso com cadeias de bronze e forçado a "moer no cárcere" como um animal de carga. A queda final foi realmente súbita, mas os passos que levaram até ela foram graduais e abrangem toda uma vida. É a história, tantas vezes repetida, de alguém que jamais alcançou domínio-próprio e, por isso, não pôde reter permanente domínio sobre

seus inimigos. Lembra-nos Alexandre, que conquistou o mundo civilizado em dez anos, mas jamais se conquistou a si mesmo. Morreu em Babilônia, aos trinta e dois anos, vítima da bebida, quando sonhava amalgamar o mundo grego e asiático numa civilização pan-helênica.

Sansão nunca se sujeitou à disciplina própria; e por isto teve de ser disciplinado pelas circunstâncias. Com razão, dizem as Escrituras que melhor é o "que governa seu espírito do que o que toma uma cidade".² Foi Sansão um escravo de suas paixões e, como escravo, morreu. Cada qual lavra os termos de sua própria sentença. Nada há de arbitrário neste Universo de Deus. A liberdade não é um direito inalienável, mas um merecimento. Aqueles que a desprezam, perdem-na inexoravelmente.

Comentando a vida malbaratada de Sansão, disse conhecida escritora:

"Fisicamente falando, Sansão foi o homem mais forte da Terra; mas, no domínio de si mesmo, na integridade e firmeza, foi um dos mais fracos. Muitos tomam erradamente as paixões fortes como caráter forte; mas a verdade é que aquele que é dominado por sua paixão é homem fraco. A verdadeira grandeza do homem é medida pela força dos sentimentos que ele domina, e não pelos sentimentos que o dominam".³

Sansão acabou caindo nas mãos

do inimigo, porque jamais caiu em si mesmo. Dominou o leão no caminho de Timnata, mas nunca dominou o próprio eu. Gostava de propor enigmas, mas só tarde resolveu o enigma de sua vida. Fixou os olhos no brilho ofuscante de uma falsa Dalila, e acabou cego. Buscou uma liberdade falsa, e terminou escravo. Não quis trilhar a senda da retidão, e findou dando voltas e mais voltas empurrando a moenda do cárcere. Incendiou, com o auxílio das raposas, as searas de seus inimigos, mas permitiu que as raposinhas dos vícios destruíssem sua própria vinha. Carregou os portões de Gaza sobre os ombros, mas foi esmagado sob os pecados de Gaza. Brincava de deixar-se amarrar, e amarrado ficou. Gostava de folia, e seu penúltimo ato foi servir de palhaço perante seus algozes. Felizmente, arrependeu-se na undécima hora e procurou redimir uma vida fracassada com um último arroubo de esforço e fé. Venceu, mas quão mais gloriosa teria sido sua carreira tivesse aceito a direttriz divina para sua vida. J

A conquista do próprio eu — eis o aceno da mais excitante aventura. À vista dela, a conquista do Everest tomba na insignificância. Sua realização exige as melhores energias da juventude. É tarefa não para um ou dois anos, mas para toda a vida. E, diferente da circunavegação da Terra por Magalhães, ou do voo solitário de Lindberg atra-

vés do Atlântico Norte, quando apenas ao primeiro cabe a glória, na conquista do eu todos os vencedores levam o prêmio. O fato de alguém ter atingido a meta, não diminui as dificuldades para as demais. De fato, "nenhum conflito é tão severo como o daquele que luta para dominar o eu", dizia o santo Tomás Kempis. E Kempis sabia do que estava falando. Se não credes, lede sua *Imitação de Cristo*.

Por estranho que pareça, não nos é dado escolher neste assunto. Ou nos dominamos pela aplicação dos controles interiores, ou seremos dominados pelas circunstâncias. Mas neste caso, o efeito será desastroso sobre nosso caráter e nossa liberdade. Esta é a essência da filosofia prática que nos legou L. O. Calhoun no seguinte excerto:

"Um automóvel a toda velocidade pode ser detido por uma barreira na estrada, mas o estrago será total. Não há maneira de controlar a operação de um automóvel sem arruiná-lo, a não ser usando os controles nele instalados. O volante e os freios são partes do carro. Quando giramos o volante ou aplicamos os freios, intimamos o carro a guiar ou parar a si mesmo. Homens e mulheres podem ser guiados do exterior, mas tal controle é destrutivo. O prisioneiro é dominado pela carabina do guarda, mas perde sua liberdade.

"O domínio-próprio é sempre melhor . . . Nem mesmo Deus po-

de controlar-nos de fora e deixar-nos na posse de nossa liberdade. O mais poderoso conquistador é aquele que conquista a si mesmo".

Domínio-próprio não é nenhuma abstração. Envolve o domínio do apetite, do gênio, da indolência, da língua, de todos os pendores, enfim, inatos ou adquiridos. Significa a subordinação da natureza inferior à superior, dos instintos à razão, dos impulsos cegos à luz da moral. Exige o reconhecimento de uma hierarquia de valores, em que os interesses eternos se sobrepõem aos temporais, os espirituais aos materiais, os da sociedade aos do indivíduo.

No homem que alcançou elevado grau de disciplina própria realiza-se a síntese maravilhosa da vontade e da lei. Sua conduta, no dizer de Kant, torna-se um padrão universal. Não é restringida pela lei, porque com ela se identificou. O indivíduo não faz isto ou aquilo, não porque não pode, mas porque não quer. Sua vontade deixa de ser caprichosa ou impulsiva para ser razoável, um reflexo da razão divina. Com isto em mente é que o apóstolo Paulo afirmou "que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os fornicários, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros".⁴

O domínio-próprio é uma conquista diária, em que as pequenas vitórias de hoje preparam as vitórias maiores de amanhã. Pequenas renúncias do apetite, pequenos sacrifícios do comodismo são os degraus da escada íngreme que leva ao domínio do próprio eu. É uma marcha ascensional que não admite pausas acomodáticas sob pena de retrocesso. Toda explosão de ira, toda condescendência com os excessos da mesa, toda tolerância com a preguiça ou a maledicência, diminuem o autodomínio.

Alexis Carrel traça um programa prático que muito auxiliaria aqueles que estão na trilha da conquista do próprio eu:

"Quando executamos tarefas desagradáveis, acabamos vencendo a preguiça e o comodismo, e com isto aumentamos as reservas de energia que se armazenam nos acumuladores de nossa vontade. A prática diária da disciplina, e o hábito de nos submetemos a ela, quer nos grandes, quer nos pequenos afazeres, acabam imprimindo uma orientação completamente nova a nossa conduta... Todo homem que, dia a dia, se entrega à prática de pequenos atos que exigem esforço, que é sistematicamente heróico ou asceta em assuntos de pequena importância, mais cedo ou mais tarde, ao ser açoitado pelas tormentas da adversidade, sentir-se-á amparado por energias internas poderosas".⁵

Levantar pontualmente do leito, mesmo nas manhãs em que há geada nos gramados; tomar o seu chuveiro frio e tonificante, praticar sua ginástica diária ou caminhar com passo vigoroso ao local de trabalho, quando seria mais cômodo tomar o automóvel; pôr uma "faca à garganta" como freio ao apetite desordenado, para usar a linguagem pitoresca do autor de Provérbios; sair de sua comodidade para atender ao apelo de um necessitado, como fez o bom samaritano da parábola; permanecer leal ao lado do direito e da justiça ainda que isto custe o emprego ou a posição; eis a disciplina diária a que se submete voluntariamente aquele que almeja maior grau de autodomínio como seguro para o dia da adversidade.

Do Almirante Tamandaré, já em sua velhice, narra Artur Azevedo o seguinte episódio revelador da simplicidade espartana de seus costumes, fiadora de um caráter heróico enrijecido pela disciplina:

"Contam que, certa noite, achando-se Marques Lisboa de visita em casa de uma família conhecida, num arrabalde longínquo, desabou aguaceiro tal que inundou ruas e interrompeu a circulação dos carros, de modo que não o deixavam sair e foi obrigado a pemoitar onde estava. Mas, na ocasião de se recolher, vendo que lhe preparavam uma grande cama com dois colchões, não sei quantos travesseiros

e grande luxo de fronhas, colchas e lençóis, o velho marinheiro protestou:

" — Não! Não se incomodem! Eu não me utilizo de nada disso! Não há por aí uma tábua?

" — Uma tábua?

" — Sim, basta-me uma tábua.

"Trouxeram-lhe a tábua de engomar.

" — Esta serve?

" — Serve, contanto que lhe tirem essa baeta e esse lençol que a envolvem. Eu só durmo no pau.

"E, quando lhe quiseram dar uma almofada para a cabeça:

" — Nada! Nada! Tragam-me um caixãozinho, um jogo de dicionários ou uma pedra, que foi o travesseiro de César na véspera de Farsália! Isto é muito mole!"*

Não admira, pois, que Marques Lisboa, como o general Baden Powell, organizador dos escoteiros, conservasse sua agilidade física e mental até uma idade em que outros habitualmente são vencidos pelo reumatismo e a senilidade. É que a vontade, como os músculos, é temperada pelo exercício, exercício esse que consiste na renúncia do comodismo enervante, na frugalidade sistemática, na negação própria por amor de outros.

O valor das práticas ascéticas não jaz, como erradamente se supõe, em sua eficácia como método de grangear méritos para a salvação, mas em ser uma disciplina da vontade. Depois de se referir à tem-

perança voluntária dos atletas que competem no estádio e que ambicionam tão-somente alcançar uma "coroa corruptível" de louro, Paulo encarece a importância para o atleta cristão de subjugar o seu corpo e o reduzir à servidão.⁷ Não há dúvida alguma de que o corpo é sede de paixões carnis "que combatem contra a alma", contra a natureza superior.⁸ Alcançar sobre aquelas domínio absoluto é o alvo que se propõe o atleta cristão, que não reconhece em sua pessoa outro senhor senão Cristo.

Não há em página alguma das Escrituras a menor sugestão de que as renúncias praticadas em nome de um ideal de pureza, e na dependência da graça divina, constituem causas de recalques e frustrações capazes de gerar perturbações neuroticas eventualmente. O conceito freudiano de *laissez-faire* na vida moral, de que é mais salutar dar vasa aos instintos sem inibição alguma, não pode ser condenado com suficiente severidade, pois substitui a autodisciplina pela autodegradação. É o corolário hedonista de um postulado médico que quer ver no patológico o princípio explicativo da normalidade. O pansexualismo de Freud está hoje descreditado, e muitos psiquiatras começam a compreender a importância da disciplina moral para a saúde física e mental. São do Dr. Henry C. Link as palavras: "Nenhuma descoberta da psicologia mo-

derna é, em minha opinião, tão importante como a prova científica da necessidade de sacrifício próprio ou disciplina para a integração pessoal e a felicidade".⁹

Ninguém alcançará domínio permanente sobre os impulsos da natureza inferior sem rígida disciplina mental. Somos por índole dispersivos. Com muitos, os pensamentos não conhecem outra regra que não a da associação livre de idéias. Perdem-se em seus devaneios e a imaginação corre à rédea solta. Sua mente é versátil e resiste a qualquer esforço de coordenação. Desconhecem o poder da concentração que estabelece a ordem em meio do caos. Projetando-se o poder do pensamento em direções diversas simultaneamente, extenua-se sem nada realizar. É comum observar-se pessoas inteligentes, vítimas de uma mente fértil mas indisciplinada.

Não nos preocupa, porém, no momento, aquele poder de concentração mental dos homens de gênio que do fundo de suas lucubrações arrancam as jóias do pensamento que enriquecem a existência humana durante séculos. No entanto, diga-se de passagem, o fulgor do gênio deve-se muito menos à inspiração que à perspiração, ao esforço de uma vontade férrea posta a serviço do pensamento. Antes nos interessa a força do pensamento posto a serviço da moral. Porque é prepósteros falar sobre o

domínio dos impulsos do corpo quando os impulsos da imaginação permanecem indomáveis. Dar asas à imaginação inflamada e desejar ao mesmo tempo preservar a integridade moral é um contra-senso.

É preciso fazer da imaginação nossa aliada na empresa árdua do autodomínio. Urge, pois, neste empreendimento em que a pureza é o alvo, levar "cativo todo o entendimento à obediência de Cristo".¹⁰ A própria imaginação tem de ser jungida ao carro triunfal de Cristo. Aquele cuja vida foi a exemplificação máxima de pureza e do domínio-próprio deve encher literalmente nosso pensamento, banindo tudo aquilo que contamina e degrada. Sua presença santificadora expulsará dos recessos da memória e da imaginação a sensualidade e o desejo impuro como outrora expulsou os vendilhões do templo. À febre da volúpia opor-se-á o entusiasmo sagrado por tudo aquilo que é honesto, justo, puro, amável e de boa fama. Empolgada a imaginação com as possibilidades esplendorosas de uma vida de vitória sobre as paixões da natureza inferior, não mais se contentará com o vôo rasteiro da lubricidade. Como a águia da lenda, que certo dia, sentindo a atração irresistível das alturas, levantou vôo do terreiro sujo onde fora criada para encontrar seu ambiente próprio nas montanhas altas, assim o jovem que vislumbra a glória que reside numa vida

devotada a Cristo e Seus ideais não se satisfará com nada menos.

Enfermidades da Vontade

Ramon y Cajal, em sua obra *Regras e Conselhos sobre a Investigação Científica*, dedica um capítulo às enfermidades da vontade. Com discernimento aguçado pela experiência, classifica os estudantes que nunca chegam a produzir obra alguma de valor em seis grupos: os diletantes ou contemplativos, ou eruditos ou bibliófilos, os organófilos, os megalófilos, os descentrados e os teorizantes. Os primeiros são aqueles que se perdem na admiração das maravilhas da Natureza a ponto de desviar-se da tarefa original, que era decifrar seus segredos. Os bibliófilos gastam sua energia lendo sempre a última monografia que deve orientar sua pesquisa, mas nunca chegam a começá-la. Os organófilos enamoram-se da aparelhagem, do instrumental com que vão pesquisar a Natureza e ficam nisto. Esperam os megalófilos começar com uma descoberta sensacional que lhes assegurará imediato reconhecimento no círculo dos cientistas, mas, enquanto esperam pelo grandioso, negligenciam as oportunidades de realizar estudos de escopo mais modesto. Os descentrados nada realizam porque erraram a vocação. E, finalmente, os teorizantes, Ramon y Cajal os taxa de preguiçosos, porque em sua opinião custa menor esfor-

ço forjar uma teoria do que descobrir fatos. Observa ainda com fina ironia que os fatos nos granjeiam amigos, ao passo que as teorias, inimigos.

O denominador comum em todos os tipos acima descritos é a ausência de uma vontade inquebrantável de iniciar a tarefa e, uma vez iniciada, levá-la a cabo. Por vontade, entendemos não uma faculdade mental independente, que opera segundo leis próprias, mas aquela conjunto de hábitos de trabalho e motivação que fazem com que a mente inicie sua atividade criativa, e mantenha essa atividade por um tempo razoável.

Merecem atenção particular três enfermidades da vontade: a volubilidade, o desânimo e o capricho.

O volúvel é, antes de mais nada, inconstante. Quer, mas não quer com persistência, nem singularidade de propósito. Como a borboleta, revolteia em torno deste e daquele objeto, sem se fixar em nenhum. Entusiasma-se com facilidade com qualquer empresa, mas seu entusiasmo é como o fogo fátuo. Inicia mil e um projetos, mas não leva nenhum a bom termo, ou porque calcula mal as dificuldades, ou lhe falta constância. É um bonifrate que se deixa arrastar ao talante das circunstâncias e nada realiza.

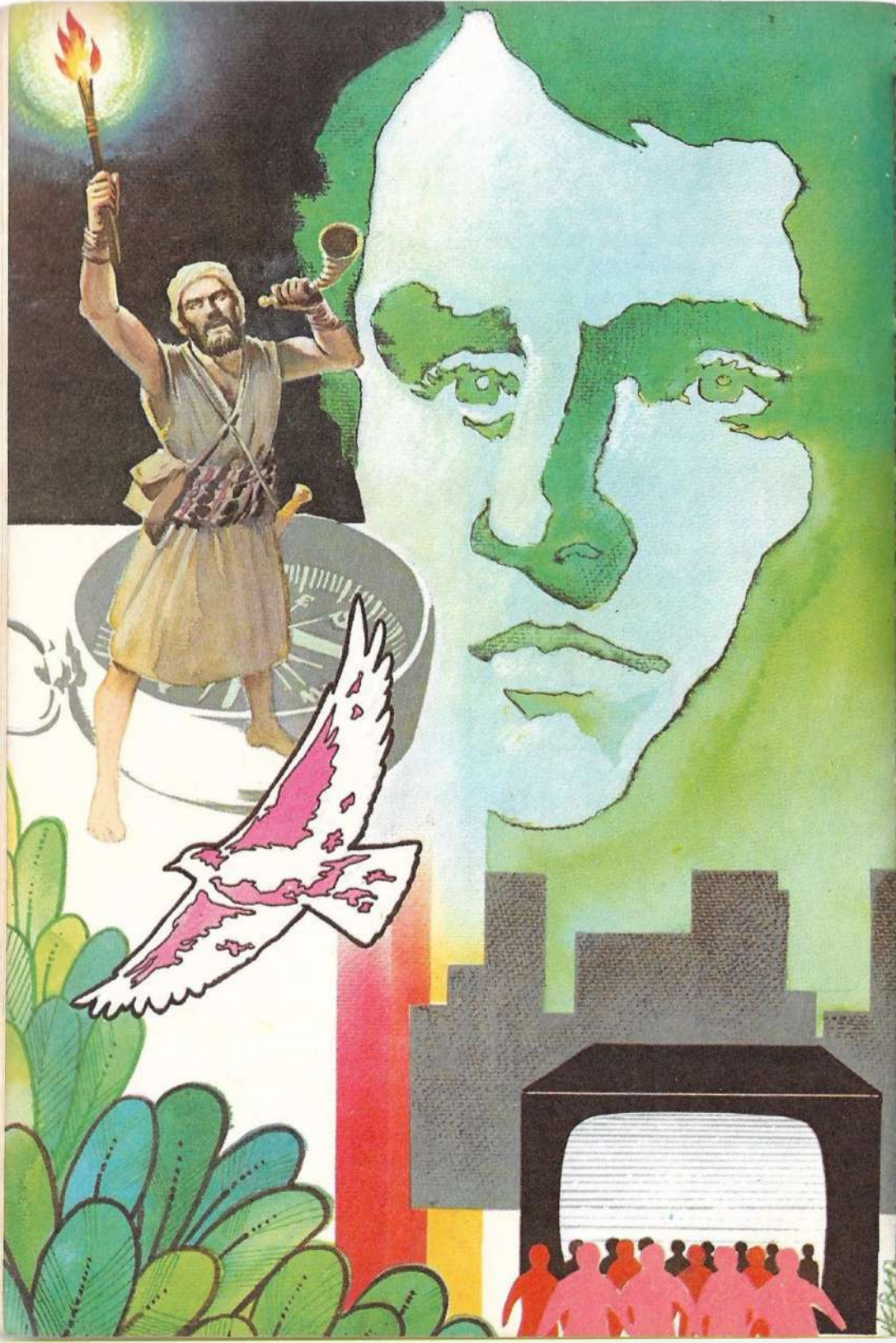
Outros encetam o trabalho com ardor, impelidos por um desejo único, e triunfariam se a tarefa exigis-

se um esforço breve. São os desanimados, incapazes de um empenho prolongado. Agem como se sua reserva de energia fosse extremamente limitada. E provavelmente o é. Os menores óbices se lhes afiguram formidáveis. Se iniciam a leitura de um livro recomendado por um amigo, devoram as primeiras páginas com entusiasmo. Depois, arrefece-lhes o ânimo, especialmente se a obra é de envergadura, e acabam pondo de lado como além de suas forças. Se chegam a matricular-se numa faculdade, podem mesmo brilhar durante os primeiros meses; mas, aumentando as asperezas da jornada acadêmica, cedo fatigam-se e desistem. Uma série de insucessos confirma-os no desânimo habitual.

A antítese da volubilidade é o capricho ou a voluntariedade. É o traço típico daqueles que, surdos aos ditames que não os de sua vontade imperiosa, teimam numa determinada escolha, ainda que a razão os desaconselhe. Casando-se o capricho com um objetivo adequado, o produto pode ser magnífico, porque o voluntarioso não se deixa distrair do seu intuito original, nem lhe falta a necessária constância. O lamentável é que tantas vezes pessoas talentosas embarcam, por um capricho da vontade, em empresas para as quais não estão absolutamente talhadas. Há desperdício de energia preciosa, que bem mereceria melhor destino. "Qualquer tolo",

disse alguém com acerto, "aprende à custa de sua própria experiência. Sábio, porém, é aquele que aprende à custa da experiência alheia".

Dar a devida consideração à voz da experiência na escolha de uma carreira ou profissão, é prova de sabedoria.



Audácia e Individualidade

O outeiro de Moré engolfava rapidamente o vale de Jizreel em sua sombra noturna. Os exércitos dos midianitas, cento e trinta e cinco mil fortes, dormiam sossegadamente, confiados na proteção de sentinelas postados ao redor do acampamento. Por sete verões consecutivos, essas tribos beduínas, bronzeadas pelo sol do deserto, tinham feito suas incursões anuais no país de Israel, deixando um trilho de devastação e morte onde quer que os cascos de seus camelos pisassem. Escorchados, tinham os israelitas abandonado seus lares nas colinas de Efraim e no vale fértil do Jordão para buscar refúgio nas cavernas e esconderijos das montanhas. De novo,

as hordas da Arábia, quais gafanhotos insaciáveis, planejavam pilhar a terra prometida. Mas naquela noite prenúncios sinistros pairavam sobre o arraial dos invasores.

"Ouça! Que escuta?" cochichou Gideão a seu pagem de armas, ao entrarem furtivamente no acampamento midianita, protegidos pela sombra da noite. Com os ouvidos colados a uma tenda, surpreendem uma conversação. Um soldado contava a outro o sonho premonitório:

— Eis que um pão de cevada torrado veio rolando sobre o arraial de Midiã, chegou a uma tenda, bateu nela de sorte que ela caiu; e virou-a para baixo, de sorte que ficou estendida por terra.

— E você sabe, replicou seu com-

panheiro, isto não é outra coisa senão a espada de Gideão ... nas mãos dele entregou Deus a Midiã e a todo o arraial.

Mal pôde Gideão conter um frémito de emoção. De seus lábios subiu silenciosamente aos Céus uma prece agradecida. Voltando ao arraial de Israel, convoca os trezentos bravos, os únicos que restavam dos trinta e dois mil convocados originais. Procura instilar-lhes mais coragem:

"Jeová vos entregou nas mãos o arraial de Midiã".

Seguem-se preparativos rápidos. Todos são simplesmente munidos de trombetas e cântaros vazios, dentro dos quais escondem tochas acesas. Divididos em três companhias, cercam, despercebido, o acampamento dos midianitas. Logo depois da meia-noite um brado estrondoso ecoa de trezentos peitos:

"A espada de Jeová e de Gideão!"

Alarmados, os adoradores do crescente despertam para se ver sitiados por um exército de tochas ardentes. Tochas por toda parte. Tochas ao norte, ao sul, e nas escarpas. Aos primeiros momentos de hesitação, segue-se um pânico geral. Desesperando da própria vida, ninguém cuida da vida de outros. Em meio da confusão, desfecha-se um morticínio indiscriminado. Homens são espezinhados por camelos, cavalos e seus companheiros. Onda após onda de guerreiros vencidos e desmoralizados rola pelo

vale de Jizreel, em direção às margens do Jordão. Atrás ficam ricos despojos misturados com o sangue de seus possuidores. Um reforço de tropas efraimitas toma Bete-Bara, ao sul, para cortar a retirada do inimigo. Na tentativa de vadear o Jordão, as tribos desbaratadas de Midiã são ainda mais dizimadas.

O sol quente de agosto inunda de luz aquelas paragens. Gideão e sua companhia tinham brilhantemente cumprido o seu dever. Tinha infligido aos salteadores do deserto a derrota mais desconcertante. Sentiam-se agora estafados. Parecia tão-somente razoável que tomassem tempo para descansar, enquanto tropas que acabavam de chegar completariam a tarefa de capturar Zebá e Zalmuna, os reis de Midiã.

Por que preocupar-se com os quinze mil que restavam do inimigo, quando cento e vinte mil junca-vam o campo de batalha? Não estava a terra de Israel liberta de todo perigo? Não tinham eles alcançado seu objetivo, e trazido a Israel um grande livramento em nome do Senhor?

Nada disso pensavam Gideão e seus homens. Não ficariam satisfeitos com menos que uma vitória total. Esquecendo-se da fadiga, fome, e a distração de uma grande vitória praticamente ganha, "veio Gideão ao Jordão, que passou juntamente com os trezentos homens que estavam com ele, desfalecidos.

mas perseguindo". Ribanceira abaixo, através da corrente, ribanceira acima, através de florestas e charnecas, "desfalecidos, mas perseguindo". Afrontados pelos habitantes de Sucote e Penuel, detidos pela caudal do Jaboque, esfalfados pelas montanhas de Gileade, "mas perseguindo".¹

Gideão e seus trezentos homens estavam escrevendo aquele dia algumas das páginas mais arrojadas da história sacra. Bem a par dos pormenores da crônica bíblica estava Paulo quando incluiu a Gideão em sua galeria dos heróis da fé, e acrescentou que pela fé eles "de fracos tornaram-se fortes, fizeram-se poderosos na guerra, puseram em fuga os exércitos estrangeiros".² Desfalecidos, extenuados, famintos, mas prontos a dar a última gota de energia a fim de que a causa que tinham esposado não falhasse. }

No diagnóstico sumário que faz do heroísmo na passagem acima, Paulo atribui a energia propulsora do heroísmo à fé. Vale a pena explorar o alcance deste conceito luminoso. Não somente a fé dá direção ao impulso heróico, mas sobretudo, alimenta-o com sua energia transbordante. A fé orienta, dá sentido à vida. Sem fé o indivíduo é cego em relação à realidade última. Vive, mas num nível infra-humano. Desorientadas as forças latentes do seu ser, anulam-se em oposição mútua.

A física nos oferece aqui uma analogia particularmente útil. Uma barra de ferro comum apresenta-se magneticamente neutra, sem orientação alguma num campo magnético, porque os magnetos elementares de que é composta se acham desorganizados. Se pela aplicação de repetidas marteladas a fizermos vibrar enquanto se acha sob a influência de um campo magnético, os magnetos elementares se orientam, e a barra toma-se imantada. Comporta-se agora como uma agulha magnética, com seus pólos e com a capacidade de orientar-se num campo magnético.

De modo análogo, o homem sem fé é um agregado de aspirações e impulsos contraditórios. Sua energia vital dissipa-se em conflitos interiores, não lhe sobrando recursos para os empreendimentos heróicos e criadores. Potencialmente, a energia mental e física de um ser humano é assombrosa. Mas o atrito interno causado por sentimentos e desejos desordenados, provoca desgaste, calor e, não poucas vezes, explosões nervosas aniquiladoras. Polarizados por uma fé robusta, santificados pelo idealismo cristão, estes mesmos sentimentos e desejos, aspirações e impulsos, tomam-se uma potência invencível. A fé implanta harmonia no coração dilacerado pela dúvida, estabelece uma hierarquia de valores, libera energia para os empreendimentos heróicos. O homem passa a viver

a "vida abundante" da qual falam os evangelhos.

Não é, pois, figura de retórica afirmar-se que a fé é a força propulsora do heroísmo. Libertado das contradições interiores que enervam, da tirania do egoísmo que tudo avassala, do peso e embaraço do pecado que tolhe e prende, pode o homem alçar vôo para as alturas gloriosas da vida heroicamente vivida.

Como disse Sherwood Eddy com rara felicidade: "Fé não é tentar crer em algo a despeito das evidências. Fé é ousar fazer algo a despeito das consequências". Há a fé contemplativa; e não se lhe nega a importância. Mediante ela, vislumbres inestimáveis das realidades eternas foram colhidos para a bênção de multidões. E há a fé dinâmica, que, no conceito acima, torna-se sinônimo de audácia. É a fé dos descobridores e inventores, dos heróis e missionários. É a fé dos que não só esperam grandes coisas de Deus, mas empreendem corajosamente grandes coisas para Deus.

7ª Audácia é, pois, a fé operante no domínio do imprevisível. Não deve ser confundida com a temeridade que se relaciona com a audácia, como o charlatão com o médico. A temeridade é o cavaleiro errante do egoísmo presumido, que avança em território desconhecido de olhos vendados, fazendo alarde. Uma fé dinâmica impeliu os exércitos de Israel a avançar mar a dentro por or-

dem divina. Que os egípcios se aventurassem a perseguir aos escravos de antanho em terreno há pouco coberto pelo elemento aquoso só se pode atribuir à crassa temeridade.

Alexis Carrel coloca a audácia ao lado do senso moral, da inteligência, da resistência às enfermidades como um dos apanágios do homem integral. É notável como o sábio francês que realizou em sua vida a magnífica síntese da ciência e da moral encarece em sua obra, "O Homem, Esse Desconhecido", a importância desse traço cada vez mais raro no homem moderno — a audácia. Com razão, pergunta ele: "Aplica-se a educação dada nas escolas e universidades, que consiste sobretudo no cultivo da memória, dos músculos e de certos hábitos mundanos, verdadeiramente aos homens modernos que devem ser providos de equilíbrio mental, de solidez nervosa, de juízo, de coragem moral, e de resistência à fadiga?"³ Noutro lugar ele faz a seguinte apreciação pessimista de nossa decantada civilização:

"Percebemos que, a despeito das imensas esperanças que a humanidade tinha depositado na civilização moderna, esta civilização não foi capaz de desenvolver homens bastante inteligentes e audaciosos para dirigi-la sobre a rota perigosa pela qual descambou. Os seres humanos não cresceram simultaneamente com as instituições geradas por

seu cérebro. São sobretudo a fraqueza intelectual e moral dos chefes e sua ignorância que põem em perigo nossa civilização".⁴

A que atribuir a ausência generalizada de coragem moral que marca nossa geração? Alexis Carrel é de opinião que a causa reside numa alimentação excessivamente rica ou excessivamente pobre, no alcoolismo, na sífilis, no comodismo oriundo de uma prosperidade sem precedentes, num modo de vida agitado e irregular, destituído de disciplina moral, dominado pelo egoísmo, a irresponsabilidade e a dispersão. Poucos pensadores sérios estariam inclinados a discordar do ilustre sábio. A geração moderna cresce como plantas de estufa ao abrigo das intempéries e das lutas que enrijecem a fibra física e moral. A elevação constante do padrão de vida, de um lado tão louvável, de outro pode ser o prelúdio da degenerescência. Outras civilizações experimentaram o mesmo ciclo de luta, prosperidade e decadência. Haja vista a tenacidade com que Catão combatia a adoção, pelos romanos, dos vícios dos povos subjugados. Com a intuição do gênio percebia que o abandono da primitiva austeridade de sua raça, que fora a escola em que se aprimoraram as virtudes marciais de seus antepassados, só podia acarretar o entubamento das futuras gerações e o colapso final do poderio romano. Escapará nossa civili-

zação a esta lei inexorável? Os sintomas de degeneração aí estão para opor seu desmentido cabal.

Nem a sociedade, nem os indivíduos, poderão infringir impunemente as leis do universo moral. Hoje, como sempre, é verdadeiro o princípio: "Deus não se deixa esgarçar; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção".⁵ Nunca será possível semear hábitos de indolência e luxúria e colher um caráter com a tempera do aço. Nunca uma sementeira de hábitos de frouxidão moral, de apetite insopitável, de comodismo enervante produziu uma messe de heroísmo e grandeza espiritual. A lei de que cada semente produzirá fruto segundo sua espécie é tão irrevogável como a lei da gravitação universal. Insurgir-se contra ela é insurgir-se contra o inevitável.

Se é verdade, como afirma Alexis Carrel, que a civilização contemporânea, com seu excesso de refinamento, tende a dissolver as qualidades heróicas do homem, então os que aspiram a preservar sua integridade física e moral precisam subtrair-se às forças de dissolução que operam a seu redor. Destas forças a mais sutil é aquela que leva o indivíduo a perder sua identidade imergindo no anonimato da turba. Num século de arregimentação, coletivização, sindicalização, a importância do indivíduo decresce na

proporção que os agrupamentos econômicos crescem e assumem a dominância. Como um simples dente da complexa engrenagem, que são as gigantescas indústrias do século XX, o operário sucumbe sob o senso de sua insignificância; sua individualidade se amesquinha e perde-se na voragem da massa anônima.

Analisando os fatores da delinquência juvenil que, com razão, preocupa as famílias e os governos, o Dr. Robert Lindner, psiquiatra de Baltimore, aponta a perda de individualidade como uma das causas principais. Em seu estudo estimulante, ele deplora "o abandono daquela solidão que era ao mesmo tempo a marca da adolescência e a fonte de seus mais profundos desesperos e de seus êxtases cheios de dúvida". "E frequentemente", prossegue o Dr. Lindner, "esta solidão era criadora. E dela por vezes surgiam os sonhos, as esperanças e as aspirações ascendentes que carregavam a vida daí em diante de significado, e contribuíam para nos dar poetas, artistas e cientistas ... Mas a juventude de hoje trocou a solidão pelo estouro da boiada, pelo agrupamento predatório, pelas grandes coletividades que enterram, se não destroem a individualidade. Nestas associações sem consciência, os jovens se arrebanham como o gado. A taxa de noviciado que pagam é o abandono do eu e a imersão no reba-

nho ... Esta inovação não trás lucro à sociedade. Porque é na solidão que as obras da mão, coração e mente são sempre concebidas. Na turba, rebanho ou quadrilha, é a mente da massa que opera — uma mente sem finura, sem compaixão, sem civilização".⁴

Conjunturas econômicas e políticas da atualidade tendem, como já vimos, a dissolver e anular a individualidade do ser humano, reduzindo-o a um peão inexpressivo no tabuleiro em que se joga o destino da raça. Mas com a perda da individualidade, perde-se o que há de mais precioso no Universo e na nação. A civilização ocidental deve seu esplendor à concepção cristã, e seu eclipse ocorrerá precisamente quando efetivar o repúdio de alguns de seus postulados básicos. Ora, um destes postulados é o valor do indivíduo. Jesus Cristo teria, segundo as Escrituras, sacrificado de bom grado Sua vida pela redenção de um único homem, a única ovelha da parábola. O valor, pois, de um ser humano, é infinito. Tudo que tende a degradar e embrutecer o indivíduo constitui um insulto ao Criador, a cuja imagem o homem foi feito, e uma ameaça ao futuro da nação. É prova de inteligência e patriotismo valorizar o indivíduo pela higiene, pela educação e pela religião.

Nunca um povo se tornou mais forte pelo esmagamento da individualidade de seus filhos. A maior

riqueza de uma nação jaz não no seu subsolo, embora dadivoso, nem na sua agricultura, nem na sua indústria, mas na inteligência e no caráter de seus cidadãos. E a inteligência e o caráter florescem onde é respeitado o valor de cada parcela social, onde os processos governamentais e educativos tendem à formação de personalidades fortes e equilibradas. A uniformidade estéril das massas nunca foi substituto digno da originalidade criadora de indivíduos bem formados, que põem sua inteligência e recursos a serviço da coletividade.

Salvaguardar a individualidade de cada moço e de cada moça seria o objetivo precípuo de qualquer sistema educacional, numa sociedade em que tudo tende à despersonalização do homem. Infelizmente, a própria escola moderna é responsável, por motivos econômicos e igualitários, na hedionda tarefa de padronizar a nova geração segundo modelos estereotipados. Atenção individual! Impossível em escolas superlotadas onde os alunos são tratados com a mesma indiferença que se dispensa a objetos que desfilam numa esteira de produção em massa. Conceda-se que nas escolas primárias se fizesse caso omisso das diferenças individuais, ainda pouco acentuadas. Não se poderia admitir o mesmo no nível secundário do ensino, em que a individualização é maior. Calcar todos os alunos no mesmo mol-

de educacional é privá-los de sua individualidade e predispo-los para se deixar absorver naquilo que convimos chamar o anonimato da turba. Seria tarefa mais difícil aos educadores, mas compensaria centuplicadamente, aproveitar os pensadores e talentos originais dos estudantes, incentivar sua manifestação, orientar seu desabrochamento, na certeza de que a sociedade só teria a ganhar com isto. Na variedade multicolor e não na monotonia insípida é que está a promessa de um porvir glorioso.

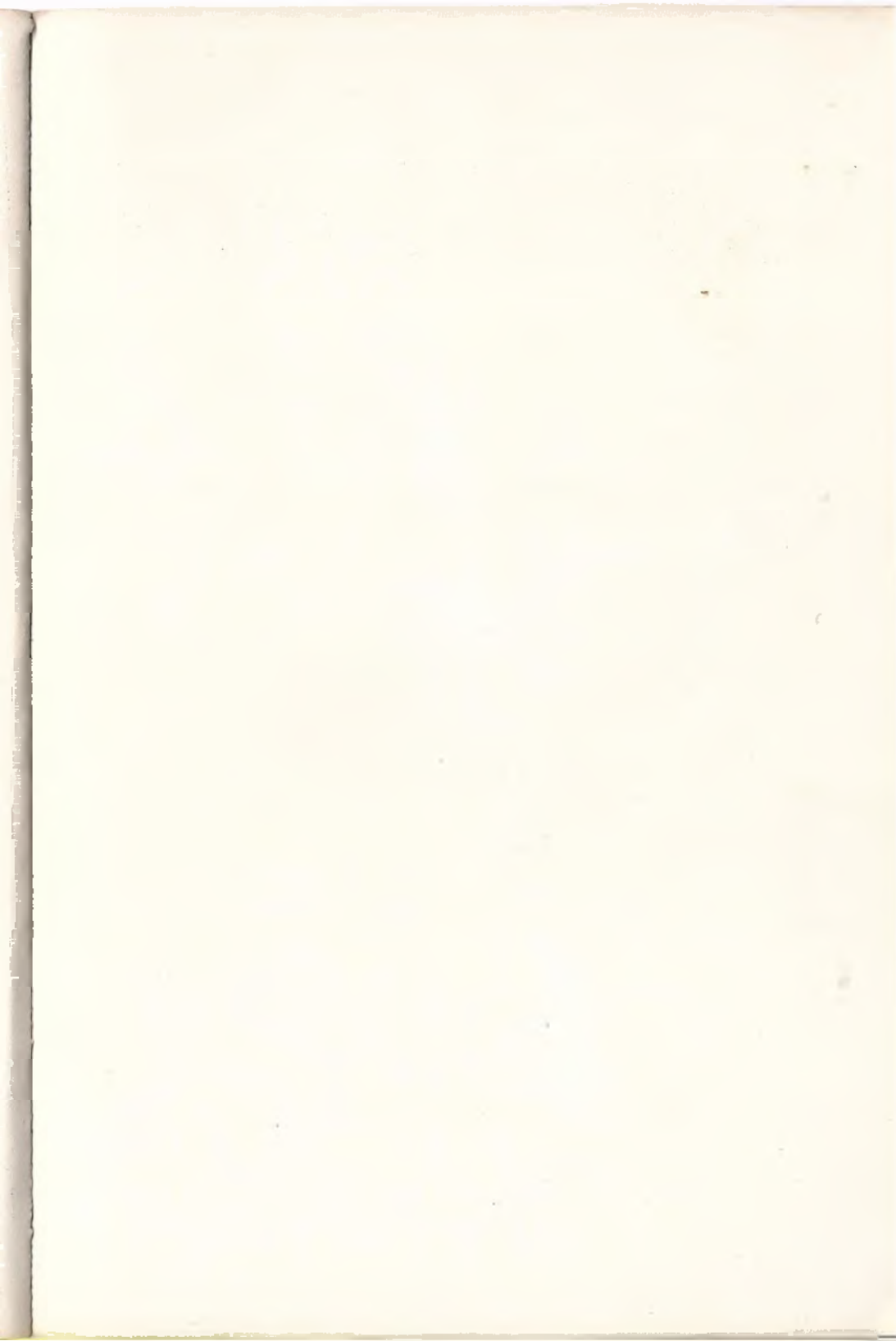
Quando tudo conspira em nossa civilização para roubar ao ser humano o que ele possui de mais específico, sua individualidade, toca a cada um de nós armar-nos contra essa espoliação fatal do caráter. É preciso que cada um dedique alguns minutos, cada dia, ao isolamento e ao exame próprio. Quando as solicitações para o convívio social são diuturnas, é imperativo opor-lhes o corretivo salutar de alguns momentos de reflexão a sós, de refrigerante comunhão com Deus, comunhão esta que equivale ao respirar da alma. A leitura de um bom livro, nessas ocasiões, provar-se-á igualmente estimulante. Isolar-se não significa necessariamente fechar-se em um quarto. O escritor Thoreau isolou-se certa vez por três anos em meio da Natureza agreste dos Adirondacks, e no contato com as belezas do grande ar livre, não maculado pela civilização,

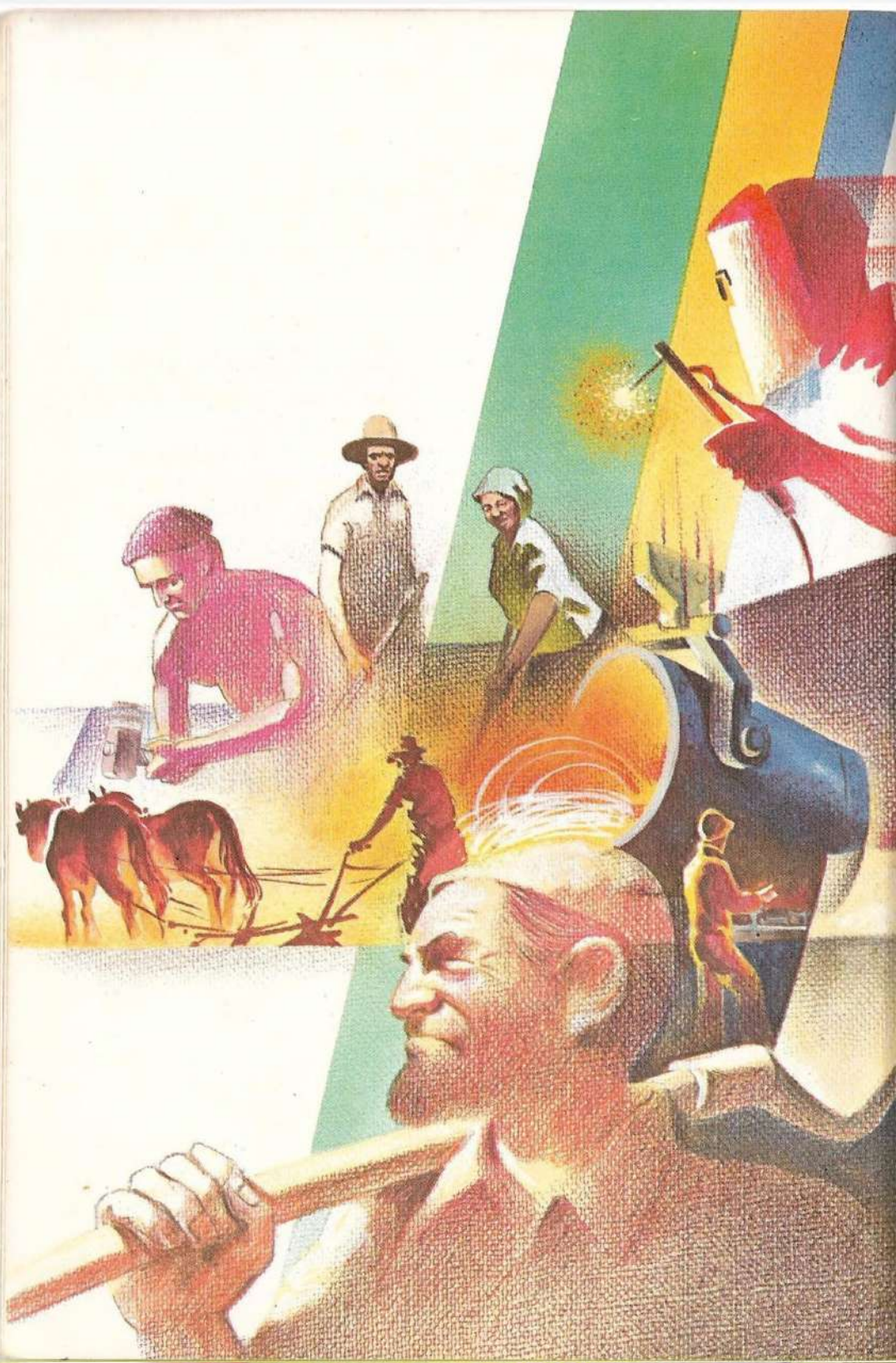
sua alma recuperou o equilíbrio interior. Bem faríamos em, nos feriados e fins-de-semana, trocar os espetáculos esportivos e teatrais que emocionam mas não recreiam, pelo espetáculo sempre novo do mar que rola suas ondas espumosas contra a praia alvacentas e que nos fala, em rudes acentos, de um Criador onipotente e amoroso. Outros encontrarão maior satisfação nas longas caminhadas pelas matas e pradarias, ou escalando uma montanha altaneira pelo simples e inefável prazer de desfrutar lá de cima um horizonte mais dilatado.

É possível preservar a individualidade sem descambar no egoísmo. O egoísmo é um estado patológico da alma em que o ego cresce desmesuradamente como o câncer e acaba destruindo o próprio indivíduo. É possível conservar a individualidade sem que ela degenere em introversão. O introverso volta a atenção para si mesmo e, como o Narciso da mito-

logia, idolatra o próprio eu. Enquanto o introverso está sob a hipnose do próprio eu, e perdeu contato com a realidade exterior, o indivíduo equilibrado vive na sociedade, para o bem da sociedade, mas sem perder sua identidade em meio da turba. É co-operador sem ser servil. Apóia as boas causas com toda a energia de sua personalidade vigorosa, embora tenha coragem para divergir da opinião popular, se sua consciência o exigir.

Esta coragem moral, cuja ausência é tão sentida em nossos dias, medra nos caracteres temperados na disciplina do isolamento e da morigeração, do domínio-próprio e da responsabilidade. Estiola, porém, sempre que os processos de arregimentação conseguem quebrar a resistência do indivíduo para tomá-lo componente anônimo da multidão amorfa, destituída de consciência. Cultivar a coragem moral equivale a forjar os heróis de amanhã.





O Trabalho

Rui Barbosa, de quem a nação brasileira se ufana com justificado orgulho, legou-nos, através de seu exemplo e de sua pena, o seguinte conceito de patriotismo: "O patriotismo consiste praticamente no trabalho". Com estas palavras incisivas quis ele gravar na consciência nacional o sentido prático e concreto do amor pátrio.

Não é patriota o funcionário público que lesa o país com um serviço displicente. Não é patriota o cidadão que, envergando a farda do Exército nacional, é negligente no cumprimento do dever. Não é patriota o estudante que procura, à socapa, substituir o esforço mental assíduo e per-

severante por métodos fraudulentos. Pelo contrário, o mais humilde brasileiro, que no seu recanto obscuro e desprivilegiado ganha honestamente o pão para si e para a família, com o suor de seu rosto, dá mostras do mais são patriotismo.

O poderoso organismo da nação, tal qual o corpo humano, não pode dispensar a cooperação de nenhuma célula, por insignificante que pareça. Cada cidadão, pela sua indústria ou displicência, contribui para enriquecer ou depauperar o organismo nacional. Enriquecem-no aqueles que, no manejo da enxada, da máquina ou da pena, trabalham com o propósito resolutivo de ser-

vir à comunidade, e que ao trabalho devotam toda a energia, levando de vencida a inércia própria. Enriquece o país o lavrador industrioso que, das entranhas férteis da terra, arranca o alimento que nutrirá um povo. Enriquece a nação o operário destro que, nas fábricas e oficinas, converte a matéria-prima em tecidos, calçados ou máquinas que tornarão mais confortável a existência humana. Enriquece a pátria o engenheiro, o médico, o professor, todo aquele, enfim, que focaliza a luz de sua inteligência na resolução dos problemas atinentes ao bem-estar econômico, social e religioso de seus semelhantes.

São parasitos os que exploram a sociedade para benefício próprio, os que vivem à custa do Estado sem nada produzir, os que vegetam em lastimosa ociosidade. Tais indivíduos são como células cancerosas que roubam a vitalidade do organismo.

"O imperativo do trabalho", dizia o grande educador Teodoro Parker, "está gravado no corpo do homem, no músculo vigoroso do braço, e no delicado mecanismo da mão". "O homem nasce para o trabalho", dizia Jó.¹ Eximir-se ao dever do trabalho é privar-se da disciplina que forja os caracteres nobres, a única que proporciona satisfação duradoura.

São de Charles Wagner, o autor da bela obra "Valor", as palavras: "Esqueceram-se de que só há vida onde se encontram dificuldades a vencer, e de que o pão aproveitável é somente aquele que se adquire com esforço próprio ... O homem vale na proporção do esforço que se impõe: Quem nada faz, nada vale".²

O tédio, é a penalidade que pagam aqueles que, sob a sombra de fortunas herdadas ou de sincuras rendosas, subtraindo-se ao dever do trabalho, subtraem-se à vida. Em vão procuram esses aristocratas do ócio derivativo para o ennuí que os atormenta, devotando-se aos prazeres extravagantes da mesa ou dos salões. Nem sedativos, nem soporíficos, lhes podem proporcionar o sono reparador, que é o privilégio intransferível dos que conhecem o esforço e a fadiga. Nunca experimentam o enlévo de criar com o labor de suas mãos, ou a atividade de seu cérebro, uma obra de arte. Privando-se do trabalho, privam-se das experiências mais gratas da existência.

Quando perguntaram ao naturalista Buffon como conquistara a glória, respondeu: "Passando quarenta anos de minha vida inclinado sobre a minha mesa de escrever". Ninguém é lembrado pela posteridade, que não tenha modificado a face da Terra ou o curso da História pelo trabalho

incansável e orientado por um elevado ideal. A explicação mais razoável que já encontrei para o fator "êxito" estava contida na ironia inconsciente de um cartaz que anunciava o horário de trabalho numa loja da Quinta Avenida, em Nova Iorque. No referido cartaz, lia-se:

"Nesta loja ninguém trabalha mais de 40 horas por semana, exceto os diretores e gerentes".

Aí é que está. Ninguém chega muito longe trabalhando apenas 40 horas por semana. Aliás, a maioria das pessoas eminentes que conheço, passam a vida a tentar trabalhar quarenta horas por dia...

Aos estudantes e outros trabalhadores intelectuais que se queixam do baixo rendimento de seus esforços, deixou Ramon y Cajal, naquela preciosidade que são suas **Regras e Conselhos sobre a Investigação Científica**, o seguinte conselho, substanciado por uma vida dedicada à pesquisa científica e às letras:

"Está o segredo no método do trabalho: em aproveitar para o labor todo o tempo útil; em não entregar-se ao descanso diário sem haver consagrado duas ou três horas pelo menos à tarefa; em estancar prudentemente esta dispersão intelectual e esse malbaratar de tempo, exigidos pelo trato social, em sustar, enfim, quanto possível, a palestra

engenhosa do café ou da tertúlia, desperdiçadora de forças nervosas (quando não causadora de desgostos) e que nos distancia com vaidades pueris e preocupações fúteis, da tarefa principal".³

Batista da Costa, que partilha com Antônio Parreiras a glória de ser um dos dois mais fiéis pintores da paisagem brasileira, e que, como diretor, honrou a Escola Nacional de Belas Artes, não foi um apaniguado da sorte e do talento inato. Se alcançou renome e glória no domínio da pintura foi graças a sua coragem e capacidade de trabalho, como atesta o seguinte auto-retrato, que equivale à profissão de fé de alguém que lutou sem esmorecer por um ideal:

"Devo minha carreira artística a um ato de independente rebeldia: Fugindo à noitinha da casa de meus parentes na roça, quando órfão de pai e mãe; dormindo em plena mata; apresentando-me depois de diversas fases de minha vida, entre os oito e doze anos, ao diretor do Asilo dos Meninos Desvalidos, em pessoa, pedindo a minha admissão nessa casa, onde me eduquei; matriculando-me na Academia de Belas Artes, por ordem do Barão de Mamoré, quando Ministro do Império; encaminhando-me na vida sem conselhos de ninguém, mas com coragem e altivez; trazia para o desempenho do car-

go, para suprir todas as lacunas que pudessem existir, a minha capacidade de trabalho, meu bom-senso, que nunca me abandonou, o amor à minha profissão, e, sobretudo, a idéia fixa de fazer alguma coisa pela arte do nosso Brasil".⁴

Eis um brasileiro que soube dar ao patriotismo um sentido prático, a exemplo de Rui. À mesma tradição pertenceu um Irineu Evangelista de Souza, que começando como um simples caixeiro da firma Carruthers, chegou a ser o maior "homem de empresa" do Império, sendo agraciado com o título de Barão de Mauá, pelo qual é mais conhecido. Da mesma escola foi um Vital Brasil, Mineiro da Campanha, que custeou seus estudos como tipógrafo e condutor de bondes, e que mais tarde, como médico no Instituto Butantã, deu ao mundo o soro antiofídico.

Séculos de escravidão contribuíram para desmerecer a dignidade do trabalho braçal em nossa terra. "Trabalho é para escravo" é o rifão que ainda se ouve com frequência. O futuro, porém, é dos povos dinâmicos, afeitos ao trabalho. Cabe, pois, à mocidade brasileira, o dever de perfilar ao lado daqueles que com seus braços e com sua inteligência constroem o futuro da nação. Todo trabalho honrado dignifica o homem. Não há motivo para alguém depreciar o esforço alheio se é sincero e honesto. "Se

o trabalho não me honra, hei de honrar o trabalho", foram as palavras com que Epaminondas, o futuro herói de Leuctras e Mantinéia, respondeu a seus inimigos políticos que o tinham elegido para chefe da limpeza pública em Atenas. Movido por este espírito, converteu uma tarefa tida por desprezível em verdadeira obra de engenharia sanitária. Abriu um precedente honroso pelo qual os pósteros poderiam moldar seus esforços.

Num organismo vivo não podem os órgãos todos desempenhar a mesma função, mas todos são essenciais. Os pulmões, o estômago e o coração têm suas funções específicas, mas têm-na também os olhos, o cérebro e as mãos. Da contribuição fiel de cada órgão depende o bem-estar do todo. No organismo social opera o mesmo princípio. A paralisia voluntária de um membro qualquer redundaria em prejuízo para o organismo todo. Não julgue, pois, alguém que seu trabalho é demasiado insignificante para pesar no balanço geral. Muita máquina já parou pela ruptura de uma engrenagem pequenina, sim, mas que desempenhava papel vital no conjunto.

Uma suntuosa orquestra sinfônica ensaiava sob a regência de hábil maestro. Primeiros e segundos violinos, baixos e contrabaixos, cornetas e clarinetas, flautas e trombones faziam vibrar o espaço com sua harmonia. Subitamente o maestro

estaca e, atirando ao ar a batuta, exclama indignado: "Onde está o pícolo?" É que, num canto, o pícolo tinha cessado de emitir som. Julgava o picoloísta que seu débil instrumento em nada influiria sobre o efeito da orquestra. Puro engano. Aos ouvidos treinados do maestro, o pícolo, embora pequeno, traía a harmonia do conjunto.

Um sentimento de insignificância poderá querer também entorpecer nosso trabalho. Não o consintamos, porém. Como o óbulo da viúva, esse trabalho, embora sem mérito aos olhos humanos, poderá ser de grande valor aos olhos de Deus, a quem somos todos responsáveis em última instância. Segundo a parábola do Mestre, não seremos julgados no tribunal divino pelo número de talentos a nós confiados, mas pela fidelidade na aplicação destes. O menor talento, dedicado prazenteiramente ao serviço de Deus e da humanidade, produzirá retornos maiores do que o do talento invejado pelo seu valor, mas que foi enterrado egoisticamente pelo indolente.

Uma das tragédias mais pungentes é a do talento que se perde pela falta de uso. E deixa de ser usado pela carência de esforço de uma vontade resoluta. Conta Archer Wallace que o grande violinista, Paganini, deixou seu maravilhoso violino a sua cidade natal de Gênova, mas sob a condição de que nunca fosse tocado. Essa restrição foi

infeliz, porque é uma peculiaridade da madeira que, enquanto é usada e manipulada, gasta-se muito pouco; mas, abandonada, começa a apodrecer. O violino de som ave-ludado, encontra-se carcomido em sua linda caixa de vidro e é inútil, exceto como uma relíquia. Retirado do uso, começou a deteriorar. Que ilustração gráfica dos talentos não empregados! Através do uso, aperfeiçoam-se e tornam-se uma fonte de bênção para a sociedade. Enterrados pelo egoísmo ou pela inércia, tornam-se um débito para o possuidor.

Nenhum trabalho é enfadonho se feito em nome de um ideal. À falta de um objetivo digno, degenera-se em rotina maçante. É bem conhecida a alegoria dos três operários que burilavam pedras que iriam ornar famosa catedral.

Interrogou certo visitante ao primeiro:

— Que fazes aqui, amigo?

— Ganho o meu pão de cada dia.

E na sua voz havia um quê de impertinente.

Aproximou-se do segundo e perguntou-lhe:

— Qual é seu trabalho, amigo?

Levantando os olhos inexpressivos, respondeu:

— Minha tarefa é lavar pedras, nada mais.

O terceiro, cantarolava satisfeito, enquanto vibrava o buril, que rápido desbastava um bloco de grani-

to. Interrogado sobre seu trabalho, respondeu animado:

— Estou trabalhando numa grande catedral.

E um brilho de contentamento iluminou seu rosto inteligente.

— Eis um homem feliz, que trabalha com um objetivo. O futuro lhe sorri promissor. E note — comentou o visitante — o futuro não está em emprego algum, mas no homem.

Sim, há um futuro para todo moço que alia ao trabalho diligente uma visão esclarecida. O mecânico, que ao tornear uma válvula compreende que esta poderá figurar no motor de um transatlântico, certamente imprimirá a seu trabalho maior esmero. Não somente isto. Trabalhará com maior entusiasmo, porque divisa o alcance de sua tarefa. Nas paredes de uma fábrica de aviões, costumava-se ler: "Lembre-se de que um descuido seu poderá custar a um bravo homem sua vida". Um memento tal elevava o moral dos operários da fábrica, fazendo-os cômicos da importância de suas tarefas respectivas.

Walter Pitkin, professor da Universidade de Colúmbia, e autor do livro *A Vida Começa aos Quarenta*, intitulou o caráter para ele mais inesquecível de "Inimigo dos Bons". Para Walter Pitkin, inimigo dos bons era seu velho professor de grego. Deu-lhe este epíteto pouco airoso porque amava os melhores. Era inimigo dos alunos que se conten-

tavam com coisas feitas a meio, inimigo dos que se satisfaziam com trabalhos medíocres que não representavam o máximo de sua capacidade. Ao contrário, era amigo dos que amavam a perfeição, dos que lutavam para superar a si mesmos. O velho helenista era apaixonado da perfeição. Aqui uso as palavras de Walter Pitkin: "Ver em ação um homem que é implacável Inimigo dos Bons porque só ama aos Melhores, é ver o mundo sob uma luz surpreendente e nova. Há algo que se acende em nós quando chegamos a entender que é possível detestar conhecimento a meias, habilidade a meias, ideais que, desprovidos de entusiasmo, são ideais a meias".

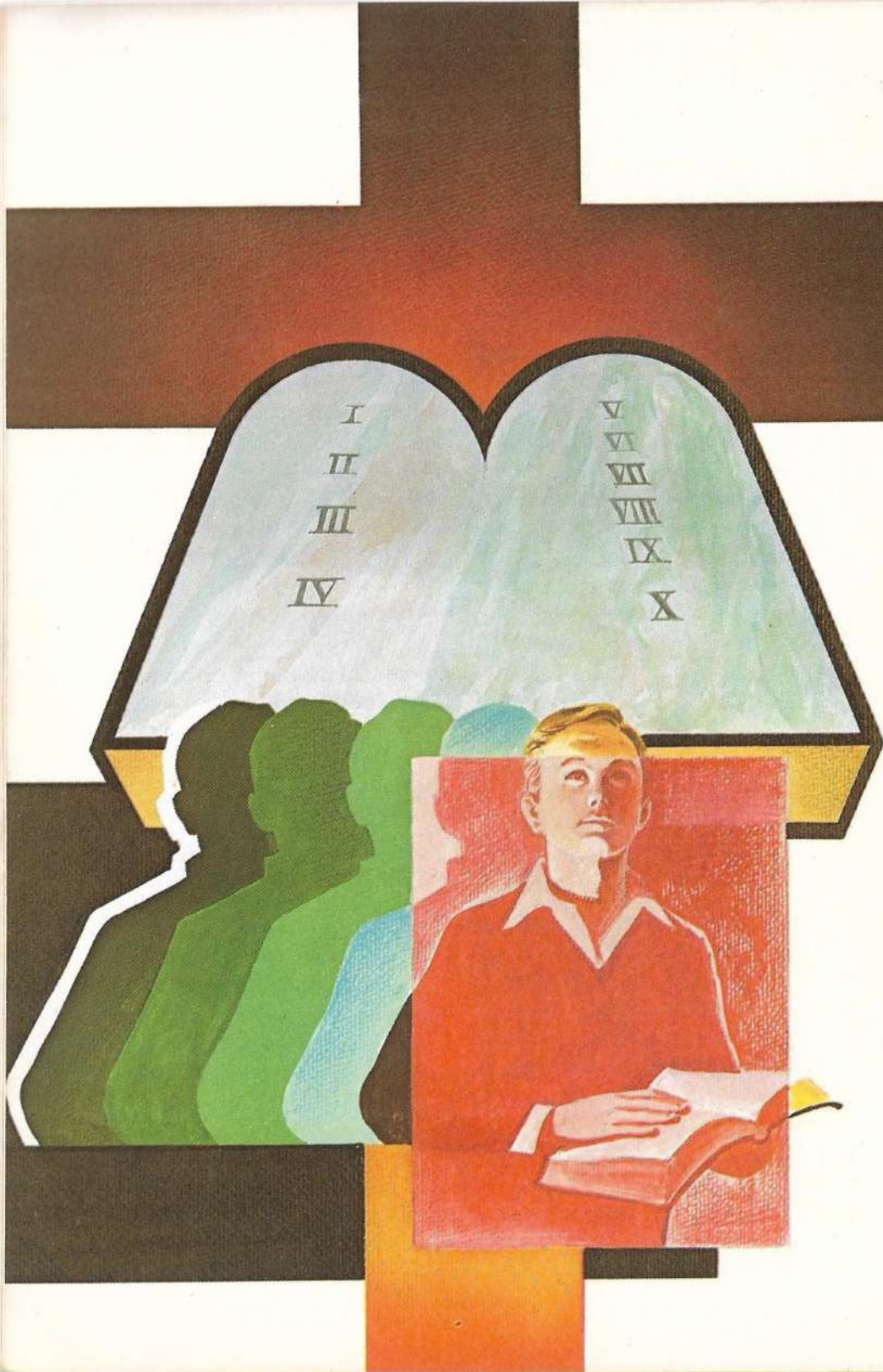
Precisamos romper com a noção falsa de que não podemos ser perfeitos em nada. O ideal posto diante dos homens pelo maior educador de todos os tempos, Jesus Cristo, é a perfeição: "Sede vós perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus".⁵

Na "Oração aos Moços", espécie de testamento espiritual de Rui Barbosa, composto por ocasião de seu jubileu jurídico, encontra-se a seguinte jóia do pensamento, que tomamos emprestado para fecho deste capítulo:

"Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se da alma pelo contato

com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua sobre si mesmos e sobre o mundo onde labutamos ... Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor. Oração pelos atos, ela emparelha com a oração pelo culto ... Não é trabalho digno de tal nome

o do mau, porque a malícia do trabalhador o contamina. Não é oração aceitável a do ocioso; porque a ociosidade a dessagra. Mas, quando o trabalho se junta à oração, e a oração com o trabalho, a segunda criação do homem, a criação do homem pelo homem, semelha às vezes, em maravilhas, a criação do homem pelo Criador".



Sê Perfeito em Tudo Que Fizeres

Decorrente de profunda depressão econômica, o desemprego alastrava-se pelo país. Joel Prince terminara seu curso de arquitetura, e descobria agora que o mundo não precisava de arquitetos. O desemprego era geral, mas Joel não se deixaria desanimar. Conseguiu, enfim, numa pedreira o trabalho de cortar pedras, e resolveu pôr no seu novo ofício o mesmo esmero que caracterizara seus projetos de engenheiro. Sua meticulosidade, porém, acabou irritando o capataz. Certo dia recebeu um bilhete, dizendo que seus préstimos não eram mais necessários na pedreira, com a observação: "Compareça ao escritório da firma Johnson & Johnson às 10 horas da manhã". Assim fez.

Ao lhe pedirem explicação quanto a seu método de trabalho, apresentou o moto que o diretor do Colégio lhe dera: "Com a medida com que medirdes a outros vos hão de medir a vós", e acrescentou:

— Sinto prazer em saber que as pedras que corto são bem cortadas.

Sorrindo, o presidente da firma disse a seu filho:

— Não é, Donaldo, acho que não podemos mais usar este homem na pedreira; mas tenho a certeza de que lhe podemos arrumar um lugar no escritório, se isto lhe interessar.

Anos mais tarde, um templo maravilhoso se ergueu naquela cidade, e na pedra angular se lia:

"Pelos cidadãos desta grande cidade e por seus colegas de trabalho, um tributo a Joel Prince, o Arquiteto".

Aqueles que aspiram à perfeição, que não poupam esforço para fazer um trabalho de modo cabal, gradualmente ascenderão ao cume em suas profissões. Na competição severa do mundo hodierno, para a frente, sempre para a frente irão os competentes e esmerados; fora, sempre fora irão os ineficientes e relaxados.

O que deve ser feito, merece ser bem feito. Ninguém confiaria sua vida a um cirurgião negligente no modo como faz a sutura de artérias e veias. Seria taxado de inepto o construtor que calculasse a olho a espessura de colunas e vigas-mestras de um arranha-céu. De tal modo complexa é a vida moderna que cada um de nós depende do esmero e perfeição de mil e um operários responsáveis pela construção de seu rádio, seu automóvel, seu bisturi, sua calculadora eletrônica, seu avião.

O slogan: "Sê perfeito em tudo que fizeres", é um corolário lógico da regra áurea: "Tudo que vós quereis que os homens vos façam fazei-lho também vós". Nossa negligência pode custar a vida a um nosso semelhante. Isto é verdade tanto no caso dos fabricantes de pára-que-das como de drogas medicinais, e em escala maior ou menor no ca-

so de todas as outras profissões.

Tomemos o exemplo do comboio que descarrilou com 8 vagões, ocasionando grande número de mortos e feridos; tudo porque uma roda motora da máquina Diesel se partira. O operário que permitiu aquela roda defeituosa sair de suas mãos, realmente foi responsável pelo desastre. Talvez estivesse com pressa ou aborrecido com o patrão. Mas não há desculpa para um trabalho desleixado. Quem o tolera, atenta contra sua formação moral e põe em risco vidas alheias.

Uma história de G. C. Ronalds, que apareceu num jornal, há anos, ilustra muito bem o ponto, e vale a pena transcrevê-la:

"O homem parecia fora de lugar na oficina, porque era velho e coxo, mas seus olhos conservavam o brilho de um menino de escola; era sempre atencioso, e um sorriso esboçava-se habitualmente em seu semblante ao debruçar-se sobre o torno em que trabalhava.

"Um dia ouviu Jerônimo B. queixando-se da monotonia de seu trabalho. Era sempre a mesma coisa — colocar um pedaço de bronze no torno, deixá-lo girar e removê-lo. Declarou que isto não era trabalho para um homem! Uns riam, outros encolhiam os ombros, mas todos eram compreensivos.

"Então o velho José tomou um desenho e um pedaço de bronze que acabava de sair do torno. Era

parte da válvula do motor de um navio.

— Jerônimo, perguntou, você gostaria de aprender a ver através de um pedaço de bronze?

— Certamente, José. Continue! Vejamos!

"O velho fitou o relógio da oficina. Faltavam poucos minutos do intervalo de meia hora.

— Venha aqui, Jerônimo! Veja isto — onde a luz bate no bronze polido. Olhe com firmeza. Nem pisque. Pode agora ver o que eu vejo? Vejo a mancha de luz crescer mais e mais. Agora assume outra forma. É uma janela no farol, e a luz é o sol matutino que dardeja contra o vidro.

"Agora vejo o mar tempestuoso atirando-se contra uns recifes. Um cargueiro, o *Cassandra*, está preso nas rochas anfratuosas, e está sendo despedaçado. Diversos homens se agarram à grade da proa. Uma montanha de água desaba sobre eles. Foram-se. O navio está se partindo em dois. Agora a cauda escoregou das rochas e afundou nas águas revoltas.

"O velho José voltou-se para fitar Jerônimo.

— Você sabe, rapaz, continuou, a razão por que vejo tanto, olhando através daquele pedaço de bronze? É que eu estive naquele naufrágio. Somente quatro homens escaparam comigo. Sessenta e um outros morreram horrivelmente lá, lutando por suas vidas — tudo por causa

de um pedaço de latão como este!

"Você vê, o motor parou. Não pôde resistir à tensão quando a hélice saiu da água e disparou. Alguma coisa tinha que ceder. Era uma válvula. Eu a conhecia. Nunca assentara bem. O homem que fez aquela válvula nunca enxergou além do simples pedaço de latão o propósito a que serviria. Ele estivera torneando apenas um pedaço de metal, ao passo que devia estar fazendo uma válvula para um navio numa tormenta.

"Agora olhe de novo este pedaço de latão. Você sabe o que vejo agora? Vejo corpos varridos sobre a areia — maridos mortos, filhos mortos. Tudo porque algum operário em algum lugar — não foi aqui mesmo? — usava um torno como o seu, Jerônimo! — tudo porque algum operário em algum lugar não podia enxergar através de um pedaço de bronze, não podia apreciar a importância de uma coisa pequena como uma válvula".

O imperativo da perfeição decorre não só do respeito devido à propriedade e vida alheias, como nos exemplos acima. Uma obra de arte requer esmero, embora nunca venha a afetar a integridade física de alguém. A costureira que cose um vestido, o marceneiro que ajusta um móvel, o pintor que debuxa um quadro, todos eles devem reverência ao ideal de perfeição gravado nos umbrais da consciência. Fazer menos que o melhor que lhe é pos-

sível realizar, depõe contra qualquer artista, ainda que despretencioso. Diminui seu senso de dignidade como criatura feita à imagem d'Aquele que é a perfeição absoluta.

"Sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus".¹ Esta afirmação espantosa expressa o ideal de Deus para com Seus filhos. Ele, que é absolutamente perfeito, espera uma perfeição relativa de cada um de nós. Todos os Seus preceitos encerram, porém, uma promessa. Ninguém, que se une a Deus em filial dependência, deixará de receber auxílio para atingir a excelência de caráter almejada. Poderia Aquele que é perfeito propor algo menos que a perfeição como lema a Suas criaturas? Disse com razão A. H. Strong: "Ninguém já traçou uma linha reta ou uma curva perfeita, mas, seria um péssimo arquiteto quem se contentasse com menos do que isto".

O ideal da perfeição é o único que o homem, no foro de sua consciência, julga digno. Contemplando a perfeição espelhada nas obras do Criador, retratada em Sua lei, reconhecida pela razão, não pode o ser humano impunemente ignorar seus reclamos em sua vida e em seus atos. Não é o ideal da perfeição o responsável pelas neuroses a que tantos sucumbem na sociedade contemporânea, mas sim a compulsão de atingir este ideal com recursos próprios. A tensão insuportável entre o real e o ideal, entre

o que é e o que devia ser, só existe para aqueles que, emancipados de Deus, querem transpor o abismo numa ponte de sua própria invenção. Cessa a tensão quando o homem reconhece que foi feito para viver na dependência de seu Criador. É Ele que provê os recursos para a realização do programa que traçou para nossa existência, embora Lhe devamos a colaboração irrestrita de nossa vontade. Em cooperação com Deus, a personalidade humana atinge o máximo de integração e, conseqüentemente, a máxima capacidade de realização. Os elementos dispersos de seu ser são polarizados e orientados em contato com o divino, e tomam-se uma potência irresistível, porquanto harmoniosa.

A perfeição não é incompatível com o conceito de perfectibilidade. Muito ao contrário, aquela pressupõe este. A perfectibilidade é o traço de união que liga a atualidade imperfeita com o futuro perfeito. Afinal de contas, somos criaturas e não deuses. No dizer de Emil Brunner, não somos produtos acabados como as estrelas, mas continuamos na oficina do Criador. Somos passíveis de aperfeiçoamento como vasos nas mãos do oleiro, a menos que tenhamos perdido toda a plasticidade. É certo que nosso caráter ainda apresenta arestas que precisam ser removidas. Não admitir suas imperfeições é próprio do farisaísmo.

Paulo, que avançara mais do que qualquer de nós na estrada do aperfeiçoamento moral, afirma a certa altura não ter alcançado ainda a perfeição nem ser perfeito.² Não estava, porém, desanimado. Antes prosseguia para o alvo, tendo os olhos postos n'Aquele que é o único modelo perfeito — Jesus Cristo.³ Sua salvação eterna, bem o compreendia Paulo, não dependia do grau de perfeição que atingira. Que maravilhosa verdade! Dependia, sim, de sua fé em Cristo como seu Salvador pessoal. Mas ninguém que aceita a Cristo e seus ensinamentos deixará de aspirar à perfeição.

Sempre há esperança para quem reconhece seus erros e deficiências. Não há, porém, esperança para quem se jacta de sua impecabilidade. Não só está irremediavelmente cego e iludido quanto à sua verdadeira condição, mas priva-se de qualquer possibilidade de progresso.

O escultor Thorwaldsen foi visto certa vez chorando em sua oficina de trabalho junto de uma estátua belíssima.

— Por que chora? — perguntou-lhe um amigo — não está satisfeito com o seu trabalho?

— Justamente porque estou satisfeito é que choro. Acho-me em decadência. Já não vejo como aperfeiçoar minha arte.

Satisfação com as consecuições do passado representa estagnação. É estagnação prenuncia retroces-

so. Vida significa crescimento. Na vida espiritual, como na natural, ou crescemos ou regredimos. Condição de progresso, porém, é uma consciência sempre viva da possibilidade e necessidade de aperfeiçoamento contínuo. O profissional cuja imaginação já não concebe uma excelência maior em sua arte, entrou em declínio.

Vem a propósito a lenda de um califa que ampliou seu palácio e, para adorná-lo, queria os melhores tapetes e cortinas. Havia dois tecelões famosos no país, mas os conselheiros não podiam decidir qual deles era o melhor.

— Mande-os chamar e decidirei por mim mesmo, declarou o califa.

Ambos receberam a encomenda de um tapete de certo tamanho e forma para determinado quarto. Tempos depois apareceu o primeiro.

— É isto o melhor que podes fazer?

— Vosso humilde servo não ousaria colocar perante Vossa Excelência nada menos. É o melhor, nem há ninguém na Terra capaz de tecer com maior perfeição.

Veio o segundo.

— É isto o melhor que podes fazer?

O tecelão suspirou.

— Ah, Muito Excelente, se a verdade deve ser dita, confesso que não, porque embora tenha seguido minha profissão por cinquenta anos, com cada tapete tenho adqui-

rido maior habilidade e aprendo como meu trabalho pode ser feito ainda melhor da vez seguinte. Assim, meu próximo tapete será melhor.

— Certamente aqui temos uma estranha situação, disse o califa, porque aquele que confessa que não fez o máximo é, sem dúvida, maior do que o que fez o melhor que podia e se gaba de que ninguém faria mais perfeito. Mas não tem sido provado que a experiência é a melhor mestra?

Pagou e despachou o primeiro, mas contratou o segundo.

Não há perfeição, como não há liberdade, sem leis normativas. Perfeição significa conformidade com um padrão de excelência. Na ausência de normas não é possível aquilatar quer a beleza moral quer a estética. Sem normas pode haver cacofonia, mas não música; mistifório cubista, mas não pintura; literatice, mas não literatura. Já dizia Goethe: "Em vão aspiram à altura da perfeição espíritos que desconhecem limitações; e a lei, somente, pode dar-nos liberdade".⁴

De que vale a liberdade da corda sonora que foi removida do violino? Está livre, mas não vibra, não emite sons capazes de arrebataram o ouvinte. É a liberdade da morte. Colocai-a, porém, no violino. Rete-sai-a com a cravelha. Deslizai sobre ela o arco do mestre. Agora vibra e reflete com fidelidade os sentimentos de quem maneja o arco!

A corda vive, e as restrições são a garantia de sua vida.

Na vida moral, a norma da perfeição é a vontade santa de Deus expressa em Sua lei. Em vão aspiram à perfeição moral aqueles que tripudiam sobre essa lei. A lei restringe, ao mesmo tempo que liberta. Limita a vontade impulsiva, ao mesmo tempo que a sintoniza, para que possa vibrar em harmonia com a vontade divina. É a lei divina, enfim, a salvaguarda da liberdade genuína e o padrão supremo pelo qual a perfeição moral é aferida.

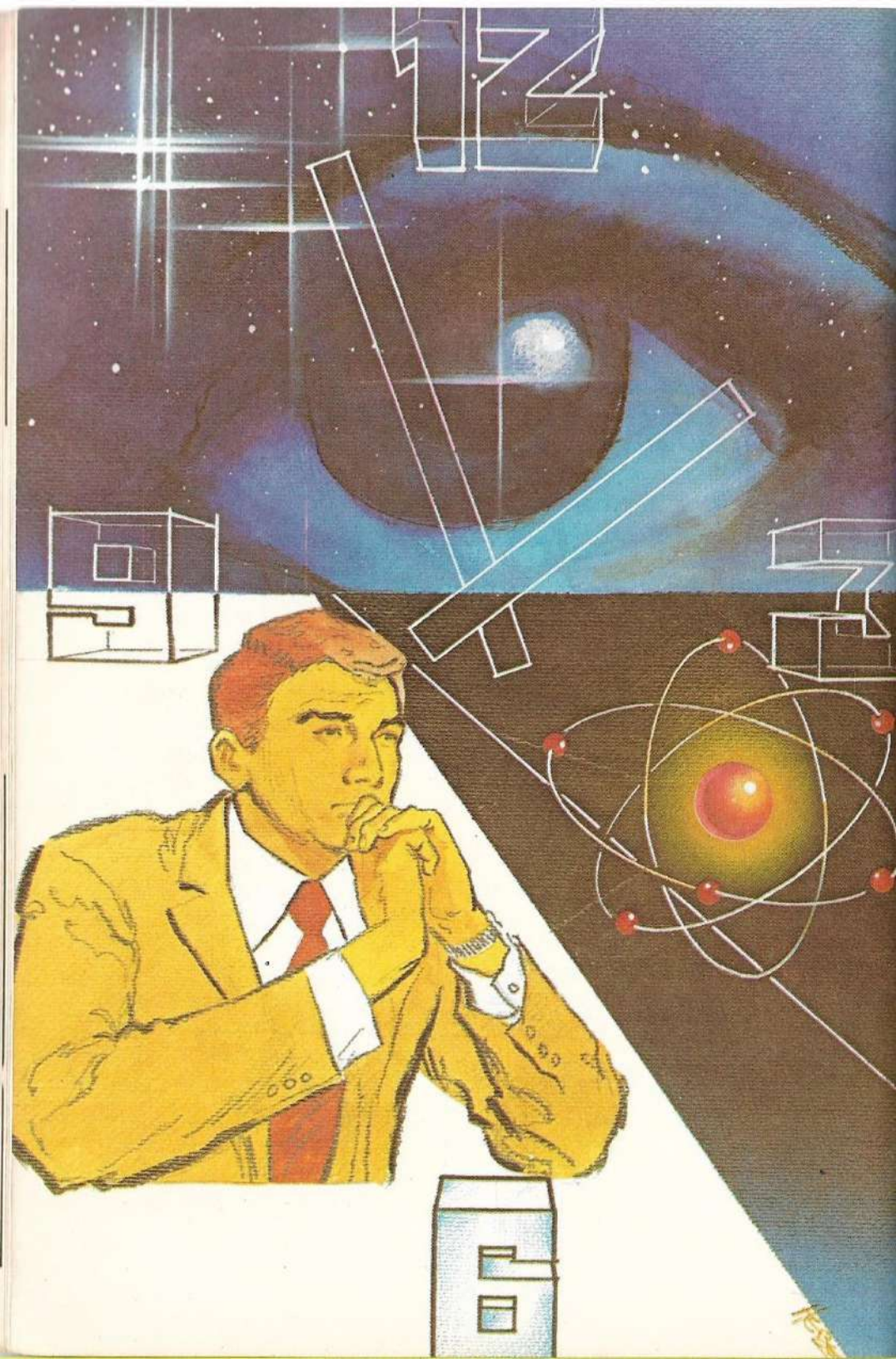
A perfeição inculcada por Cristo no Sermão da Montanha transcende o formalismo religioso dos fariseus, que alardeavam sua piedade aparente para acobertar um coração manchado de rapina e sensualidade. Muitos dentre eles, sob o pretexto de grande religiosidade, devoravam as casas de órfãos e viúvas. Infelizmente, mesmo em nossa sociedade contemporânea, muitos se fazem passar por religiosos, quando no escrutínio divino seriam taxados de vis oportunistas. Precioso à vista dos Céus é, porém, aquele que ama a "verdade no íntimo". O que Deus requer é a pureza dos motivos, santidade interior.

Aqueles que, empenhados no aprimoramento de sua vida moral, se desanimaram ante os reclamos dos Dez Mandamentos, não encontrarão maior conforto nos preceitos lapidares do Sermão da Montanha.

Foi o propósito do Salvador, ao pregar aquele sermão moralista, despertar Seus ouvintes da doce complacência em que viviam para o reconhecimento de sua dependência do socorro divino. A voz que ecoou nas colinas da Galiléia não era menos incisiva do que aquela que trovejou no Sinai. E não podia ser diferente, porque era a voz do mesmo Legislador que, numa e noutra ocasião, enunciava os reclamos

imutáveis de um Deus cujo trono repousa sobre a justiça e a santidade.

Confrontado com o imperativo: "Sede vós pois perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus",⁵ não resta ao homem outro recurso senão confessar sua incapacidade inerente, e colocar-se humildemente nas mãos do Redentor que pode regenerar o coração e nele escrever Sua lei.⁶



A Importância das Coisas Pequenas

Vivemos num universo em que a importância das coisas não pode ser calculada pelo tamanho. O divino Artífice parece ter posto tanto esmero na criação de um sistema planetário como na criação de um átomo infinitesimal. A perfeição e beleza de um floco de neve não é menos maravilhosa que a grandiosidade radiante de uma estrela. E se adotarmos o ponto de vista das Escrituras, concluiremos que um ser humano avulta mais no esquema universal do que uma estrela de primeira grandeza, e que um pequeno gesto de amor é mais significativo do que a explosão de uma nova.

Não teria surgido a era atômica sem uma compreensão cada vez

melhor do infinitamente pequeno. Na última década do século XIX, encontramos J. J. Thompson empenhado em medir a razão da massa para a velocidade do electrón, aquela partícula fundamental de electricidade de massa inconcebivelmente pequena. Quinze anos mais tarde, R. A. Millikan mediria a massa de um electrón aderido a uma gotícula de óleo flutuante entre as placas de um condensador eletrizado. Pura curiosidade académica, diriam alguns. O fato, porém, é que o aperfeiçoamento dos aparelhos de rádio, televisão, radar, calculadoras eletrônicas, dependia de um conhecimento mais acurado do versátil electrón.

Paralelamente ao progresso nes-

te setor, conquistas sucessivas se efetuaram no campo da radioatividade. Primeiro, Becquerel descobria casualmente em seu laboratório, em Paris, que sais de urânio eram capazes de impressionar chapas fotográficas envolvidas em papel opaco a luz. Logo a seguir, o casal Curie procura investigar por que certas amostras de sais de urânio eram muito mais radioativas que outras, e desconfia que o verdadeiro responsável pela radioatividade seria não o urânio, mas um elemento desconhecido presente no minério de pechblenda, vindo da Checoslováquia. Ao cabo de exaustivos trabalhos de análise química num laboratório improvisado num barracão, conseguem extrair de uma tonelada de pechblenda um decigramma do precioso rádio.

Isto em 1902. Era o albor de uma nova era para a humanidade. Até então era aceito como axioma científico a indivisibilidade do átomo. Não era possível haver partícula menor. Eis, porém, que os novos fenômenos postos em evidência pela radioatividade obrigam os cientistas a revisar seus conceitos.

Uma porção de rádio emitia ininterruptamente partículas negativas (identificadas mais tarde como elétrons), partículas positivas (identificadas como núcleos do átomo de Hélio) e energia sob a forma de uma radiação semelhante ao raio X, mas de comprimento de onda

ainda mais curto. O átomo era pois divisível.

Surge então a hipótese de Rutherford, para explicar o comportamento misterioso do átomo. Este seria semelhante a um sistema planetário com um núcleo positivo em volta do qual girariam os elétrons negativos. Como o modelo imaginado por Rutherford apresentasse defeitos, particularmente o de não explicar a estabilidade do átomo, foi sugerido um novo modelo pelo físico dinamarquês Niels Bohr. Neste, os elétrons só se encontrariam em órbitas definidas e só emitiriam ou absorveriam energia em quanta, ao saltarem de uma órbita para outra. Estudos posteriores revelaram ser impossível qualquer representação mecânica do átomo. Aditem hoje os físicos que o átomo é melhor expresso por fórmulas matemáticas extremamente complexas. Fatos como estes é que levaram o físico e astrônomo inglês James Jeans a dizer:

"A melhor maneira de figurar o Universo embora ainda muito imperfeitamente e inapropriadamente, será a de imaginá-lo puro pensamento, pensamento do que — em falta de palavra mais ampla — devemos descrever como um pensador matemático". — *O Universo Misterioso*, p. 184.

Voltemos ao fenômeno da radioatividade. Observaram os físicos que um grama de radium desprende calor à razão de 130 calorias por

hora. Não é muito. Apenas o suficiente para elevar a temperatura de 10 gramas de água de 13 graus centígrados. Mas quando nos lembramos de que essa quantidade de calor pode ser emitida durante 1600 anos com o consumo da metade apenas do grama de radium, então a quantidade de energia potencialmente presente no átomo se nos afigura impressionante. A energia atômica de meio litro de água geraria suficiente calor para aquecer cem milhões de toneladas de água de 0° C a 100° C. Em outras palavras, elevaria de cem graus centígrados a temperatura de água contida numa represa de mil metros de comprimento, por mil metros de largura, e cem metros de profundidade.

A mesma conceituada revista *Science News Letter*, nos assevera que o papelão de um bilhete de estrada de ferro convertido integralmente em energia (de acordo com a equação de Einstein: energia é igual à massa vezes o quadrado da velocidade da luz), movimentaria um trem de passageiros diversas vezes em redor do mundo. Uma xícara de água forneceria a potência de uma usina elétrica de 100 mil kilowatts durante um ano.

Por que esta divagação sobre o átomo e a energia atômica? Para fazer-nos conscientes da importância das coisas pequenas.

"A toda perfeição vi limite", dizia o salmista inspirado, "mas o Teu

mandamento é amplíssimo".¹ Há limite à perfeição das obras humanas, mas não há limite à perfeição das obras divinas. As impressões digitais do Criador se vêem na beleza e perfeição das coisas mínimas, no olho multifacetado de um inseto, e na asa furta-cor de uma borboleta.

William Bentley, com incrível paciência e arte, conseguiu cinco mil fotografias de flocos de neve, todas diferentes, constituindo portentosas variações sobre um só tema: a simetria radial de um hexágono. Sua coleção constitui hoje uma das preciosidades da Universidade de Harvard. Não nos espantam tanto as cinco mil fotografias, como o fato de que jamais conseguiu dois flocos iguais. De que recursos ilimitados dispõe o divino Artífice! Por que prodigalizar tanta beleza a um insignificante floco de neve, cuja existência é tão efêmera?! Nada, porém, é insignificante Àquele cuja perfeição desconhece limites.

A segunda cláusula, do verso acima citado, reza como segue, na tradução de James Moffatt: "Mas a Tua lei é de alcance ilimitado".²

Em matéria de telescópios refletores, o telescópio do Monte Palomar, na Califórnia, com seu espelho de cinco metros de diâmetro, representa praticamente o limite a que o homem pode aspirar com instrumentos desse tipo. Não há planos para telescópios maiores porque são impraticáveis e nada ou quase

nada acrescentariam ao alcance dos atuais, que sondam o espaço até a distância de 2 milhões de anos-luz. O limite de perfectibilidade foi atingido em pouco mais de trezentos anos, desde que Galileu assestou sua tosca luneta e observou pela primeira vez as manchas do Sol e os satélites de Júpiter.

No que diz respeito aos microscópios ópticos, o limite de seu poder de aumento de três mil diâmetros já foi atingido há várias décadas, graças ao alemão Abbe que nele trabalhou em fins do século passado. O poder de aumento do microscópio foi desde então levemente elevado com o uso de luz de menor comprimento de onda, a luz ultravioleta, que por sua vez exigia lentes de quartzo. O ultramicroscópio usado no estudo dos vírus e partículas coloidais, representa uma melhoria da técnica de observação introduzida por Siedentopf e Zsigmondy, e não aperfeiçoamento do próprio microscópio. O passo seguinte foi a invenção do microscópio eletrônico, por volta de 1930, que de um só golpe elevou para cem mil diâmetros o poder de aumento destes instrumentos. A probabilidade de se fotografarem os vírus e as moléculas-gigantes das proteínas, aumentou consideravelmente, mas as demais moléculas, para nada dizer dos átomos, provavelmente nunca serão percebidas diretamente pelo homem. É que seu tamanho é inferior ao comprimento

de onda da radiação usada para observá-los.

Há limite ao alcance dos instrumentos humanos, mas a lei de Deus é de alcance ilimitado. No Sermão da Montanha Jesus Cristo apresenta o alcance de alguns mandamentos iluminados com a luz penetrante de Sua sabedoria. Segundo o divino Mestre, a transgressão do menor dos mandamentos terá consequências eternas.³ Não há pecado insignificante. Todo deslize moral afeta a relação entre o homem e seu Deus e deixa uma nódoa no caráter.

Para que não houvesse dúvida sobre o importe de Suas palavras, Jesus, no Sermão da Montanha, tece considerações sobre alguns mandamentos bem conhecidos.

Haveria preceito mais claro do que o sexto mandamento: "Não matarás"? A verdade, porém, é que a maioria de Seus ouvintes ignorava o escopo destas palavras. Aferriam-se à letra do mandamento, enquanto se conservavam supinamente alheios a seu conteúdo espiritual. Um literalismo tacanho vendava-lhes os olhos, para que não vissem as maravilhas da lei divina. Jesus veio magnificar a lei e torná-la gloriosa.⁴ Seu breve comentário constitui precioso microscópio, através do qual pode o homem discernir uma riqueza de significado não suspeitado antes. Porque "Deus não vê como o homem vê".

O homem vê o fato consumado,

um punhal, morte, derramamento de sangue. Deus discerne os intentos da alma. Abrigar no coração ódio ao próximo já constitui violação do mandamento, porque o ódio contém em si o germe do homicídio. Quantos crimes nunca foram perpetrados porque faltou oportunidade! Aos olhos do supremo Juiz, a intenção malévola, embora não traduzida em ação, é tão grave como o ato em si.

A amplitude do mandamento é indicada justamente pela sua brevidade. Não há qualificações de espécie alguma. Nem mesmo é indicado o objeto do impulso assassino. Este pode ser o próprio indivíduo. Logo, o suicídio, tanto como o homicídio, constitui violação desse mandamento. A vida humana é sagrada: tanto a do próximo, como a minha. Extingui-la é um insulto ao Doador da vida.

Também não há especificação de tempo. A gravidade do pecado independe do tempo: Se lenta, se rapidamente. Logo, todos os hábitos que ameaçam a saúde e a duração da vida, violam o espírito desse mandamento. O corpo é, nas Escrituras, comparado ao templo do Espírito Santo.⁶ Vícios que minam a resistência do corpo às enfermidades, que encurtam a vida ou que de qualquer modo destroem esse templo, atentam contra o preceito: "Não matarás". Nessa categoria merecem ser incluídas as bebidas

alcoólicas, o tabaco e os entorpecentes em geral.

Sem ter matado diretamente a ninguém, alguns há que são culpados da morte de milhares de seres humanos. Violam o espírito da lei, os patrões que se negam a pagar um salário compatível com a subsistência adequada de seus empregados. Violam-no igualmente os fabricantes de produtos alimentícios e farmacêuticos que, para avolumar os lucros, cortam na qualidade dos artigos que entregam ao consumo. Violam-no os fiscais que, mediante uma propina gorda, permitem que carnes ou outros gêneros alimentícios deteriorados sejam vendidos com risco para a saúde da população. Violam-no todos os que assistem indiferentes ao sofrimento alheio, quando está a seu alcance aliviá-lo. "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós".⁶

Muito se fala no poder de penetração dos raios X. Mediante a aplicação de voltagens mais elevadas (alguns milhões de volts), e graças à obtenção de vácuos mais perfeitos (o número de moléculas de ar dentro da ampola fica reduzido a menos de um milionésimo do original), tem-se construído aparelhos que emitem raios capazes não só de atravessar alguns centímetros de carne, mas alguns milímetros de aço. Tumores cancerosos profundos estão sendo bombardeados com essas radiações penetrantes, e

destruídos. Peças de metal estão sendo examinadas quanto a falhas de estrutura, com o auxílio destes aparelhos ultramodernos.

Mas mais penetrante do que qualquer raio X é a Palavra de Deus. Dela afirma o escritor de Hebreus: "A Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração".⁷ Com razão, poderia ser chamada os raios X da alma. Expostos à radiação da mesma, pecados que pareciam triviais e insignificantes, surgem como verdadeiros tumores malignos a carcomer as fibras morais do homem.

Não há pecado banal. Se um floco de neve não é uma banalidade, muito menos um ato deliberado de um ser moral livre. O maior compêndio de moral, as Sagradas Escrituras, impressiona a seus leitores com o fato de que todo pecado é grave. O pecado de Adão não foi banal. A imensidade da tragédia que dele resultou, está aí a atestar sua gravidade. A penalidade não foi fruto do arbítrio caprichoso, mas consequência natural de um ato de revolta do homem que entronizou o eu onde Deus deveria estar entronizado.

Todo pecado é uma declaração arrogante de independência do homem que foi criado para encontrar sua felicidade máxima na depen-

dência do Criador. Mediante o pecado, o ser humano corta a corda que o prende a Deus e começa, ato contínuo, a sossobrar no oceano de sua fútil independência. É dado ao homem experimentar até ao máximo as consequências de sua emancipação.

"A lei do Senhor é perfeita", disse o salmista.⁸ É a transcrição fiel do caráter de Deus. É um todo indivisível. O Decálogo é comparado a uma corrente de dez elos. Quebrado um elo, está quebrado o todo. "Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto", pondera o apóstolo Tiago, "tomou-se culpado de todos".⁹ Obediência parcial significa transgressão total.

Volvamos ao pecado de nossos primeiros pais e analisemos brevemente o alcance de sua decisão de desobedecer aos preceitos do Criador benevolente. Colocando sua vontade acima da vontade de Deus, transgrediram o primeiro mandamento que reza: "Não terás outros deuses diante de mim". Com requintada astúcia, a tentação satânica fora formulada nas palavras: "Se-reis como Deus", e seu efeito foi devastador. Imaginando ser ... absoluto o conhecimento como o supremo bem, Adão e Eva fizeram da sabedoria um ídolo e violaram, portanto, o espírito do segundo mandamento. Em seu diálogo com o tentador, citaram o nome de Deus sem a menor intenção de honrá-

Lo. Tornaram-se, pois, culpados de quebrar o terceiro mandamento que proíbe tomar o nome de Deus em vão.

O quarto mandamento, que institui o sábado como memorial de uma criação acabada, num tempo não indefinidamente remoto, implica no reconhecimento do Criador como supremo nos Céus e na Terra. Em outras palavras, é um lembrete perene de que o homem é uma criatura que deve lealdade incondicional a seu Criador. Ora, os pais da raça puseram em dúvida esta lealdade e não assumiram a atitude própria de criaturas em face do Ser absoluto. Não santificaram a Deus como Senhor em seus corações, e, por conseguinte, como podiam santificar o Sábado?

No que toca ao quinto mandamento, faltaram com a honra que, como filhos, deviam a seu Pai celestial. Com a desobediência, acarretaram de moto próprio sobre si e seus descendentes a morte, e, portanto, violaram o preceito: "Não matarás". Praticaram também adultério, espiritualmente falando, ao serem infiéis para com o seu Deus. Que furtaram o fruto proibido é explícito na narrativa do Gênesis. Pondo em dúvida a ordem do Criador e a realidade da advertência dada, admitiram tacitamente a possibilidade de Deus faltar com a verdade. E assim mais um elo da lei divina foi quebrado. É ainda meridiana-mente claro que o décimo man-

damento que reza: "Não cobiçarás", foi flagrantemente desrespeitado. Ambos cobiçaram aquela sabedoria superior que, segundo supunham, lhes conferiria o status divino.

O pecado de nossos primeiros pais não se reveste daquele halo de inocência que tanta vez lhe é atribuído ingenuamente. A gravidade das conseqüências devia há muito ter dissipado qualquer dúvida a respeito. Se os motivos e intenções pesam tanto no julgamento divino quanto as ações exteriores, então não há pecado trivial. Todo pecado é sintoma de um estado mórbido do coração. Mais do que simples ato de extensão limitada, o pecado indica hoje uma tendência perversa da vontade humana. É o grande intruso cuja intromissão no Universo é inexplicável, porque só se explica o razoável, ao passo que o pecado não é produto da razão, mas do capricho. É de Emil Brunner o conceito paradoxal: "Somente aquele que compreende que o pecado é inexplicável sabe o que ele é".¹⁰

Inexplicável, sim, mas nunca insignificante. Um pecado excluiu Moisés da terra prometida, frustrando as esperanças de uma vida toda.

Mas aquele pecado, tão simples ao observador superficial, examinado no espectroscópio da lei de Deus, revelaria uma complexidade espantosa de cores e nuances, hábitos e paixões. Num sentido mais pro-

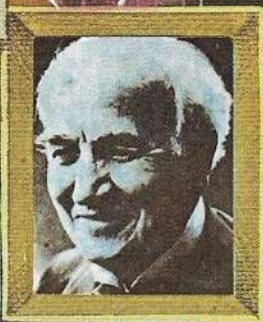
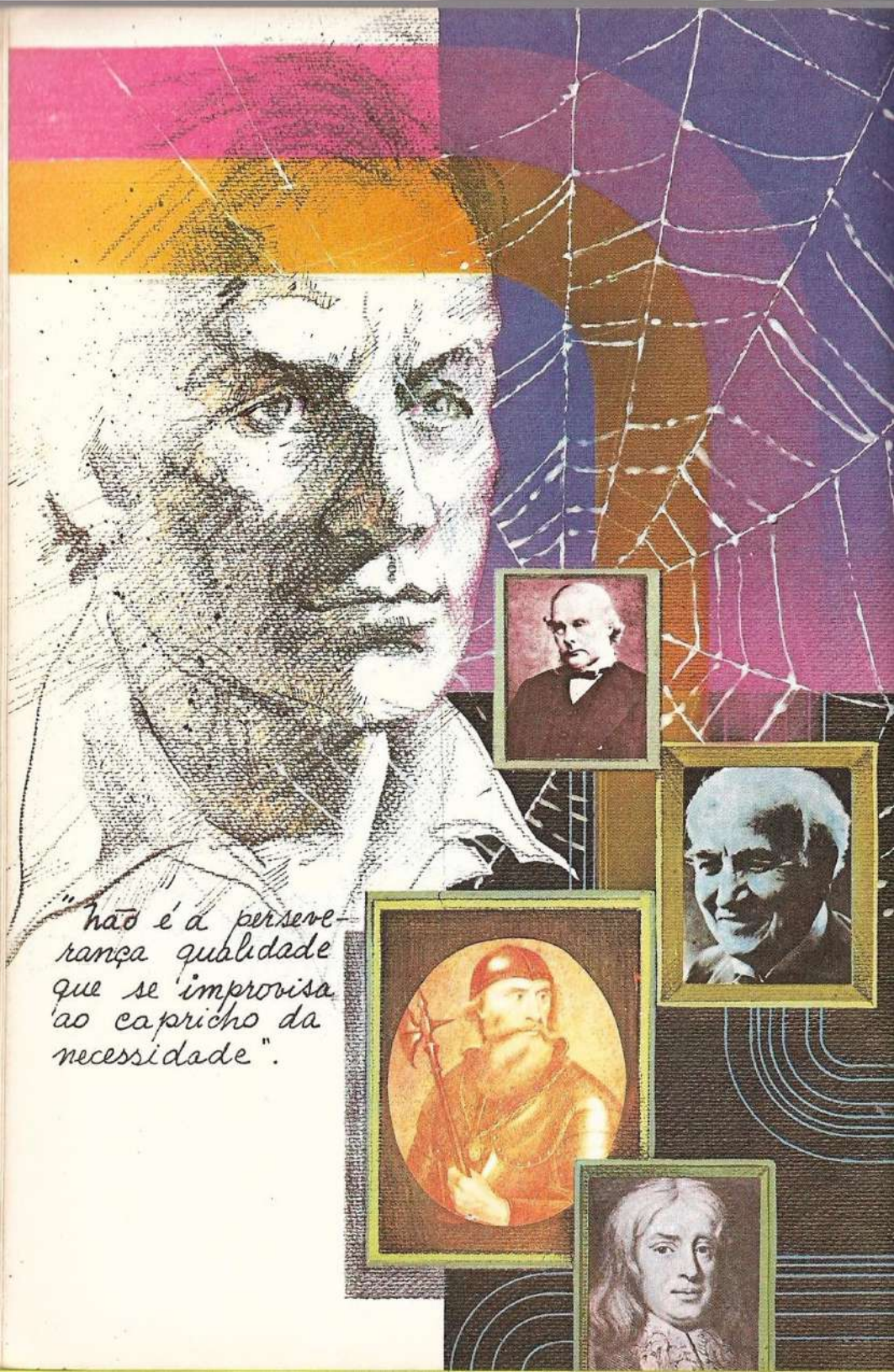
fundo, cada pecado é um reflexo do homem todo.

No outono de 1940, a Inglaterra sofreu um dos maiores reveses da última guerra. O couraçado Royal Oak, ancorado na base naval de Scapa Flow, nas ilhas Orkney, fora torpedeado e afundado com 900 homens a bordo. A consternação foi geral, pois era crença que a base de Scapa Flow era absolutamente inacessível ao inimigo. Churchill foi obrigado a comparecer à Câmara dos Comuns para tranquilizar a opinião pública. Em seu discurso admitiu que, embora o canal de acesso à base fosse todo fechado com redes anti-submarinas, fora deixada uma entrada desprotegida. O mar aí era tão raso que se tinha como

certo que nenhum submarino tentaria passar. Foi exatamente por aí que um submarino inimigo se esgueirou, com meticulosa audácia, e torpedeou, com tiro certo, o Royal Oak.

O sofisma de que pequenos pecados não afetam o caráter é absolutamente falso. Faz dormir a consciência enquanto pela entrada desprotegida do coração o inimigo introduz seus dardos traiçoeiros.

"Trivialidades são trivialidades apenas aos triviais. Desperta para a significância do insignificante! Porque estás num mundo que pertence não somente ao Deus do infinito, mas também ao Deus do infinitesimal".¹¹



"há é a perseve-
rança qualidade
que se improvisa
ao capricho da
necessidade".

Tempo e Juventude

O Marechal Smuts, quando estudante de direito, assistia certa vez a um julgamento no tribunal. Cansado de ouvir a arenga do promotor, foi passar o tempo perflutando alguns volumes numa livraria próxima. Encontrando, ao voltar, o mesmo advogado maçante discorrendo monotonamente, observou a um amigo:

— Certamente está desperdiçando muito tempo.

Impaciente, seu colega retrucou:

— Tempo ... há muito ele esgotou o tempo; agora está invadindo a eternidade.

Muitos se conduzem, no desempenho de suas tarefas, como se dispusessem também de uma eternidade. Não lhes raiou ainda a no-

ção da brevidade da vida e da urgência de efetuar com vigor e prontidão o trabalho que lhes é confiado. Esbanjam, como nababos, o tempo precioso, como se dele tivessem uma reserva ilimitada. Tempo é o estofado de que a vida é feita. Malbaratando-o, malbaratam a própria vida.

"Quem mata o tempo, insulta a Providência", escreveu o Dr. Henry Barnes. "Tempo é o ponto em que tocamos a eternidade. É a medida da pulsação da alma. Mate o tempo, e você assassina a oportunidade. Entretanto, a matança mais generalizada é do tempo".

Como a saúde, o tempo só é devidamente avaliado quando não mais o possuímos. No leito de mor-

te, muitos lamentam, demasiado tarde, as oportunidades desperdiçadas. Mas mesmo que vivessem como um Matusalém, de nada lhes valeriam os anos adicionais se persistissem em gastá-los perdulariamente, como até então. Não o número de anos vividos, mas seu uso metódico e inteligente, é que contará no final. Em trinta e poucos anos, Jesus Cristo condensou uma tarefa que afetou o curso da História até nossos dias. Poucas pessoas tiveram, entretanto, tamanho senso de urgência como o divino Mestre. "Minha comida", disse Ele aos discípulos que O exprobravam por não se alimentar adequadamente, "Minha comida é fazer a vontade dAquele que Me enviou, e realizar a Sua obra".¹ A mesma nota de urgência é perceptível noutra ocasião: "Convém que eu faça as obras dAquele que Me enviou enquanto é dia: a noite vem, quando ninguém pode trabalhar".² Havia um trabalho imenso a ser efetuado num tempo limitado. Não se notava, porém, nenhuma azáfama em Sua vida. Seus atos obedeciam à cadência majestosa de um plano previamente traçado.

Sonhando com as possibilidades de um futuro que ainda não chegou, muitos deixam escoar inaproveitado o instante presente, que é o único que nos pertence. Enquanto os visionários vivem num futuro químico, os saudosistas perdem-se nas brumas de um passado do

qual resta apenas a memória. Somente os que convertem o momento presente em obras duradouras, porém, é que terão realmente vivido. Os demais sonharam.

O que importa, pois, é traçar um programa de trabalho e a ele apegar-se com tenacidade. Não um programa rígido, e por isto mesmo impraticável, mas suficientemente flexível para ser permanente. Façamos, a título de ilustração, um orçamento do tempo de que dispõe um estudante nos seis dias úteis da semana. Oito horas são gastas no sono diário que não deve ser sacrificado. Subtraindo quarenta e oito horas do total de cento e quarenta e quatro, restam 96 horas. Uma e meia hora por dia ou nove por semana são gastas nas refeições; isto deixa 87 horas. Pesquisas revelam que colegiais gastam uma média de nove horas por semana em vestir-se, lavar-se, barbear-se, cortar cabelo, engraxar os sapatos, etc. Isto deixa 78 horas. Os hábitos devocionais tomam meia hora por dia. Deduzindo este tempo, ainda temos 74 horas e meia. Como o estudante gasta em média 28 horas por semana assistindo às aulas, e 18 na preparação das matérias, restam ainda 28 horas que não se gastam automaticamente. Concedam-se ainda duas horas diárias para recreações variadas. Uma pequena subtração mostra-nos que ainda ficam 16 horas por semana ou oitocentas e trinta e duas horas por

ano que podem ser empregadas no enriquecimento da cultura e do caráter.

Aí está um orçamento liberal que não exclui nenhuma atividade básica. Se nos surpreende, à primeira vista, é justamente porque, como regra, mal avaliamos as horas desperdiçadas, sem proveito, em tertúlias ou no bar. É assombroso o que alguns têm realizado nas pausas de um dia atarefado. Enquanto aguardavam o ônibus ou viajavam no trem suburbano, pessoas há que ampliaram sua cultura com bons livros ou mesmo compuseram o único trabalho literário que a vida lhes permitiu. Alguns têm adotado o hábito invejável de levar consigo uma edição de bolso de obras clássicas ou científicas, e no momento azado lêem e meditam, enquanto outros fumam e conversam. A diferença entre o êxito e o fracasso na vida está, bastas vezes, no uso que fazemos dos minutos que outros soem desperdiciar perdulariamente.

Nada dissemos até agora sobre o valor relativo das horas do dia. Estudamos com Rui, Ramon y Cajal e outras autoridades de igual quilate quando afirmamos que as horas da manhã são mais propícias ao trabalho intelectual. Desperdiçá-las na cama, na esperança de reavê-las à noite, é inverter a ordem natural e racional. Não padece dúvida que as horas que se seguem ao sono reparador da noite coincidem com

a mente refeita e tranqüila, e por isso mesmo capaz de maiores esforços. Além disso, as manhãs estão, menos do que as noites, sujeitas às interrupções impostas pela vida social.

Segundo Payot, "Vitor Hugo se levantava muito cedo e escrevia durante cinco horas. O resto do tempo, divertia-se e passeava. Nunca acendia noite a dentro a lâmpada do trabalho. Não obstante, sua obra foi imensa".

Não aos estimulantes, mas a seu hábito de madrugador, é que Rui atribui a produção intelectual que abismava seus amigos e inimigos. Vem a propósito o seguinte excerto de sua Oração aos Moços:

"Muitas lendas se têm inventado, por aí, sobre excessos de minha vida laboriosa. Deram, nos meus progressos intelectuais, larga parte ao uso em abuso do café e ao estímulo dos pés mergulhados nágua fria. Contos de imaginadores. Refratário sou ao café. Nunca recorri a ele como a estimulante cerebral. Nem uma só vez em minha vida busquei num pedilúvio o espantallo do sono.

"Ao que devo sim, o melhor dos frutos do meu trabalho, a relativa exuberância de sua fertilidade, a parte mais produtiva e durável da sua safra, é às minhas madrugadas".

Aí está alguém que fala com a autoridade de que o reveste o produto de sua prodigiosa atividade. Pelo

mesmo diapasão afinava o inventor Edison, que com ironia replicava aos que atribuíam suas invenções assombrosas ao gênio: "Gênio ... o gênio é 99% de perspiração e 1% de inspiração". E Edison sabia por experiência o que era passar vinte e quatro horas consecutivas ou mais no laboratório, absorto em alguma pesquisa. Um e outro souberam como extrair de cada minuto do dia o máximo de realizações.

Divide-se a vida em períodos de atividade e repouso. Para aproveitá-la ao máximo, devemos cultivar o hábito da concentração e do relaxamento. Jaz aí o segredo da eficiência. Porque não relaxam nos períodos de repouso, nem se concentram nos períodos de atividade, é que muitos padecem de atonia permanente e perdem a alegria de viver. Levando para a cama as preocupações do trabalho, predispõem-se para aquela astenia dispersiva do amanhã. Um senso de frustração e inércia no fim do dia os deixa amargurados e rouba-lhes a paz do sono. Estabelece-se assim um círculo vicioso que não conseguem romper.

Neste assunto de concentração e relaxamento tem o gato importante lição a nos ensinar. Quem não teria observado a completa ausência de tensão nos músculos do felino que ressona gostoso no borralho! Sua musculatura flácida derrama-se languidamente como líquido que procura seu nível natural. Não há nós

em seus nervos, nem repuxos em sua mente. É a imagem da indolência langorosa. Puro engano, porém. Essa massa inerte é capaz, num instante, de transformar-se num feixe de nervos e músculos que vibram de emoção. Pode tanto descrever um salto gracioso para apanhar um pássaro, como retesar o colo peludo para afugentar o inimigo. Seus movimentos são rápidos e precisos. Do relaxamento máximo passa com naturalidade ao máximo de concentração. Ou melhor: o relaxamento perfeito é que tornou possível a concentração agil. Porque o descanso foi completo, o tono muscular e mental é elevado. É preciso que a tensão desapareça, para que a recuperação seja efetiva.

A aplicação é óbvia. Aquele que quer manter um elevado nível de eficiência física e mental, deve fazer uso inteligente das horas de descanso e de trabalho. Ao folgar ou dormir, fazê-lo com abandono. Ao trabalhar ou estudar, concentrar-se com energia. Há um fenômeno que na psicologia se chama limiar de acuidade sensorial. Um som não é percebido a menos que sua intensidade ultrapasse um mínimo. Um estímulo luminoso não fará impressão enquanto não exceder um limite inferior de intensidade. E assim com todos os sentidos. Do mesmo modo, há um limite inferior de concentração abaixo do qual a atividade mental é inteiramente ineficien-

te. A imaginação difusa e improdutiva não se converte em pensamento orientado e criador sem concentração consciente.

É proverbial a capacidade de concentração de alguns pensadores, que a posteridade chamou de gigantes, quando provavelmente sua inteligência inata não era superior à média. De Arquimedes, conta-se que, no cerco de Siracusa, o general Marcelo recomendara a seus soldados, no assalto final, que poupassem ao grande matemático que com seu engenho tanto contribuíra para retardar a vitória romana. Um soldado, encontrando um desconhecido a fazer cálculos na areia, perguntou-lhe se era Arquimedes. Como não respondesse, absorto como estava em suas lucubrações, atravessou-o com a espada o soldado afoito. Dois séculos mais tarde, Cícero, quando governador da Sicília, mandou erigir, como reparação à memória do geômetra ilustre, um monumento em que foi esculpida a gravura de um cilindro circunscrevendo um cone, objeto de um teorema, cuja solução Arquimedes considerava seu título mais glorioso.

A capacidade de concentração não é, porém, exclusiva dos gênios. Mínima na infância, desenvolve-se com a idade e o exercício. H. G. Wells, numa de suas novelas, imaginou uma máquina capaz de fazer retroceder a roda do tempo, de modo idêntico ao que numa máquina

cinematográfica, pelo simples aperto de um botão, faz-se a película correr em ordem inversa. Se não nos é dado deter a marcha inexorável do tempo, podemos ao menos dele extrair maior rendimento pelo hábito da concentração. *Age quod agis.*

O que a manhã é para o dia, a juventude é para a vida. É o período mais produtivo, pelo frescor e elasticidade das faculdades físicas e mentais. Tarefas que parecem penosas ao adulto achacado pelas vicissitudes da existência, são um esporte para o jovem. Seus olhos não perderam ainda o brilho de um otimismo sadio, e em seu coração forte pulsa ainda o entusiasmo pelos empreendimentos nobres. As dificuldades da jornada interpretadas, com razão, como um desafio a seus recursos inventivos e a sua energia exuberante. Manda, pois, a sabedoria que na juventude se lancem os alicerces sólidos de um futuro feliz. Quer nos bancos acadêmicos, quer na lide dos escritórios ou no labor honrado das oficinas e fábricas, cumpre ao jovem empenhar-se com o ardor próprio de sua idade. Esbanjar estes anos-chave da vida, na esperança de recuperar mais tarde o tempo perdido, é o mesmo que atirar fora o capital, no presente, e ainda querer desfrutar os juros no futuro.

A mocidade, uma vez esbanjada, está esbanjada irremediavelmente. Não só não se pode fazer voltarem

os anos na ampulheta do tempo, mas a deterioração do corpo e da mente é irreversível. A qualidade do sangue e dos tecidos, arruinada pela negligência ou pelo abuso, não é coisa que se recupere por um expediente da vontade. A inteligência, achincalhada pela indolência ou pelo vício no período de sua maior plasticidade, é como uma máquina negligenciada, que foi corroída pela ferrugem.

Conforta-nos, porém, o pensamento de que a juventude, enquanto em nossas mãos, pode ser prolongada. Porque a mocidade é medida não tanto pelas folhas do calendário, como pela elasticidade do espírito. Os seguintes conceitos do Dr. Frank Crane, acenam-nos com a possibilidade de acrescentar alguns anos à mocidade:

"Juventude não é um período da vida; é um estado mental. Não é questão de faces coradas, lábios vermelhos e juntas flexíveis; é a tempera da vontade, uma qualidade da imaginação, uma força das emoções. É a frescura da plena primavera da vida.

"Juventude significa a predominância da coragem sobre a timidez no caráter, do amor da aventura sobre o amor da indolência. Por vezes, existe mais num homem de cinquenta do que num de vinte. Ninguém fica velho por ter vivido um certo número de anos. Só se envelhece quando se abandonam os ideais.

"Os anos enrugam a pele, mas somente o abandono do entusiasmo enrugam a alma. Uma pessoa é tão jovem como sua fé, tão velha como seu cepticismo; tão jovem como sua confiança em si mesma, tão velha como seu temor; tão jovem como sua esperança, tão velha como seu desalento".

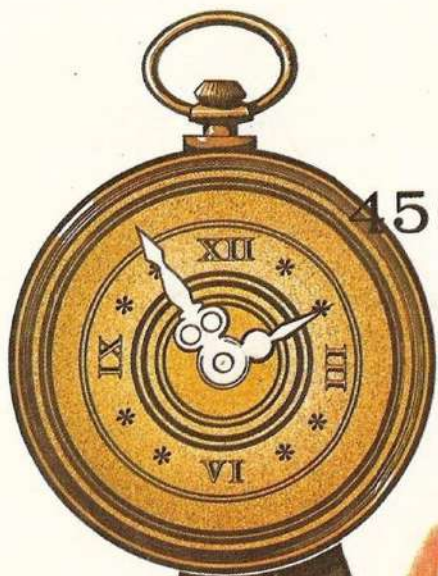
Nesta era de medicina psicossomática, quando o progresso da ciência demonstrou, além de qualquer dúvida, a influência recíproca da mente sobre o corpo, e do corpo sobre a mente, os conceitos do Dr. Crane ganham realismo. Sendo, evidentemente, mais fácil atuar sobre o tono mental do que sobre o vigor físico, o que importa é conservar o frescor do espírito por um idealismo sadio, por uma fé robusta, pela disposição de aprender sempre. Renovado o entusiasmo pela vida, as próprias células e humores do organismo registrarão um rejuvenescimento promissor, ou pelo menos ficarão retardados os processos degenerativos. É sabido como os grandes pesares e desapontamentos encanecem o indivíduo da noite para o dia. Inversamente, sob o impulso de um novo amor, de uma fé renovada, muitas vezes se tem reacendido a chama de uma vitalidade decadente.

Farta razão tinha Henrique Ford ao afirmar: "Qualquer um que pára de aprender é velho, quer isto aconteça aos vinte ou aos oitenta. E qual-

quer um que continua a aprender não só permanece jovem, mas se torna cada vez mais valioso". Na disposição de aprender sempre, reside o segredo da juventude. O cérebro parece ser indiferente à passagem do tempo, mas não à falta de uso. O estudo, longe de o cansar, tonifica-o e prolonga-lhe a utilidade.

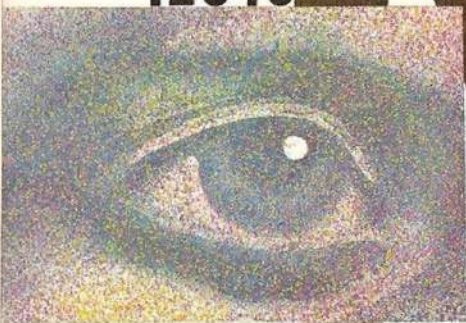
Se o pensamento criador é o tônico natural do cérebro, a preocupação é seu maior tóxico. A men-

te, que é desviada de sua função própria de digerir problemas para digerir a si mesma, sob o acicate da dúvida e da ansiedade, está condenada à ruína. Curvada sobre si mesma, como o escorpião da lenda, inocula em seu âmago o vírus da desintegração. Urge libertá-la, por uma firme fé em Deus, do peso da ansiedade que a acabrunha e deprime. Nada como a fé religiosa para dar o apoio necessário às grandes construções do espírito.



456789
789

1234
12345



12345



6789



Perseverança

Conta-se que Roberto Bruce, renomado herói da independência da Escócia, depois de vários recontros com as forças inglesas, em que suas tropas foram desbaratadas, viu-se na contingência de fugir para a floresta, onde passou a pernoitar em cavernas ou cabanas abandonadas. Nessa luta penosa, certo dia, cansado, foi repousar num celeiro. Havia sido acossado por forte tempestade e se achava molhado e faminto. Depois de alguns momentos de reflexão, sua vista foi fixar-se num caibro, onde uma aranha tecia calmamente sua teia.

Roberto ficou absorto no trabalho da operária, observando os ingentes esforços que fazia para estender o fio de um caibro a outro. Por

seis vezes tentou vencer a distância, mas falhou. O coração do rei encheu-se de piedade ao ver as repetidas derrotas do animalzinho, lembrando-se da triste sorte que ele mesmo experimentara. A aranha, porém, não dava mostra de desânimo. Mais uma vez, postou-se no caibro e prosseguiu fiando. Terminada a tarefa, prepara-se para estender o fio ao caibro mais próximo. Bruce estava intensamente interessado em ver o resultado de mais essa tentativa.

Lançado o "cabo", este alcança o caibro oposto, enquanto a aranha se desloca para lá a fim de o firmar. Seu êxito insuflou novo ânimo ao monarca.

— Se uma pequena aranha pode

vencer a adversidade, eu, um rei, não devo desistir tão facilmente, disse, de si para si.

Bruce saiu do esconderijo, reuniu soldados e, com redobrada coragem, inspirava novo ânimo a todos. Tendo por estímulo a perseverança da aranha, venceu o inimigo na sétima batalha!

Trata-se da batalha de Bannockburn, contra Eduardo II, o conflito mais famoso na história da Escócia, cujo resultado foi salvaguardar a independência do país por mais trezentos anos.

Lendário ou não, esse incidente acentua a importância de uma qualidade decisiva do caráter — a perseverança. Sem ela, muitos nomes ilustres nunca teriam sido inscritos nos anais da História.

Perseverança é a capacidade de esforço sustentado. Quando a escalada é íngreme e outros desanimam, o perseverante, com os olhos fixos no alvo, saca reservas de energia de um tesouro oculto. Esse tesouro é uma vontade férrea, adestrada na escola do "trabalho e do sofrimento". Não é a perseverança qualidade que se improvisa ao capricho da necessidade. Arroubos de coragem e de força, em face de uma situação ameaçadora, são exibidos frequentemente por indivíduos conhecidamente tímidos e fracos. É que a Natureza dotou a todos nós de um mecanismo de defesa ou escape, quando confrontados com uma emergência que

ameaça nossa integridade física. O gatilho desse mecanismo são as glândulas supra-renais, capazes de, numa emergência, lançar na corrente sangüínea doses anormais de adrenalina. Vai, esse hormônio, segundo os fisiologistas, acelerar os batimentos do coração e o ritmo respiratório, ao mesmo tempo que contrai as artérias abdominais, paralisando quase por completo a digestão. Além disso, a adrenalina aumenta o tono dos músculos do esqueleto e faz com que o fígado verta mais rapidamente no sangue sua reserva de glicogênio, e simultaneamente segregue uma substância que favorece a coagulação do sangue em contato com o ar. São assim mobilizados os recursos do organismo para a defesa ou a fuga. Pouco importa, numa emergência, que a digestão fique paralisada, o coração e os pulmões sobrecarregados, contanto que o indivíduo sobreviva!

As situações que requerem perseverança são, porém, outras. Não são o perigo fugaz ou o obstáculo efêmero. São o esforço de anos na prossecução de um ideal; a oposição sistemática de homens e circunstâncias incontrolláveis. São os longos anos de fatigantes estudos que provam a fibra do acadêmico. São as experiências intermináveis, ligadas ao progresso da Ciência.

Quem não recorda com admiração a perseverança de José do Patrocínio na luta de 30 anos pela abo-

lição da escravatura no território nacional? a persistência de Vital Brasil ao vencer uns após outros os óbices que, na sua mocidade pobre, opunham-se a que completasse os estudos médicos? a tenacidade de Carlos Chagas ao pesquisar, no Instituto de Manguinhos, o micróbio responsável pela "moléstia de Chagas" e seu transmissor, o "barbeiro"? São homens que se consagraram na opinião pública como modelos da perseverança a serviço de um ideal.

Muito deve a humanidade à perseverança obstinada de um Edison, que realizou centenas de experiências visando o aperfeiçoamento da lâmpada elétrica. Fibras sem conta foram submetidas à prova em seu laboratório de Menlo Park até conseguir uma que permanecesse incandescente mil horas. Clássico é também o exemplo de perseverança de um Ehrlich, que decidido a destruir o espiroqueta da sífilis experimentou 606 compostos de arsênico até achar o Salvarsan. Não menos admirável foi a persistência de Mme. Curie ao trabalhar trinta meses num barracão imprestável, a fim de extrair de uma tonelada de pechblenda um decigrama de rádio. Littré gastou treze anos trabalhando doze horas por dia, com colaboradores, para preparar seu abalizado dicionário da língua francesa.

Seria ocioso multiplicar exemplos. Todos apontam numa direção só: a vitória pertence ao perseve-

rante. É de Ortega y Gasset a observação, fruto de experiência própria, de que na pesquisa científica a sorte favorece aos que trabalham. Esta inferência ajusta-se ao conceito bíblico: "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará". Tantas vezes interpretado como uma sentença aterradora, este verso encerra na realidade uma promessa. O esforço perseverante não ficará sem recompensa. Na própria estrutura do universo moral está incorporada a lei de que "digno é o obreiro de seu salário"; ou em outras palavras, o trabalhador persistente colherá o fruto de seus labores.

Quando os japoneses atacaram a esquadra russa em Porto Artur, haviam já esgotado suas munições. Tivessem os russos resistido cinco minutos mais, a vitória lhes pertenceria, e o desfecho daquela guerra teria sido outro. Em Itororó, como em Alamein, e em outras batalhas decisivas da História, a vitória sorriu para o exército que demonstrou maior perseverança. Não menos certo é que, nas batalhas da vida moral, a perseverança também desempenha papel decisivo. Em vez de sucumbir ao desânimo e desistir dos louros da vitória, por que não tentar mais uma vez com vontade inquebrantável e saborear o prazer do triunfo?

Se a pesquisa perseverante tem sido o "abre-te sésamo" da arca da Ciência, também o é do labora-

tório em que se realizam as grandes experiências da vida espiritual. Cristo pede que submetamos Seus ensinamentos à prova de nossa experiência: "Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se Eu falo de Mim mesmo".² Noutro contexto Ele diz: "Aquele que perseverar até ao fim será salvo".³ É justo concluir destas asserções do divino Mestre que, aquele que com perseverança persiste em fazer a vontade de Deus, não deixará de adquirir um conhecimento experimental de sua autoridade suprema.

A condição do êxito, em qualquer empreendimento, é a perseverança. Muitos iniciaram a experiência de traduzir para sua vida cotidiana os ensinamentos de Cristo. Porque os percalços são muitos e os resultados nem sempre imediatos, não persistem. As dificuldades, porém, aí estão de propósito para selecionar os que aspiram seriamente à excelência moral dos simples oportunistas.

Não se abrem os tesouros da verdade religiosa a indagadores superficiais como Pilatos que, no pretório, em Jerusalém, inquiriu de Cristo: "Que é a verdade?"⁴ mas não se deteve para ouvir a resposta. Com Pilatos pesavam mais as preocupações políticas do momento do que a verdade que liberta. Como tantos outros, foi vítima de uma inversão de valores: antepôs o temporal ao eterno, e perdeu ambos.

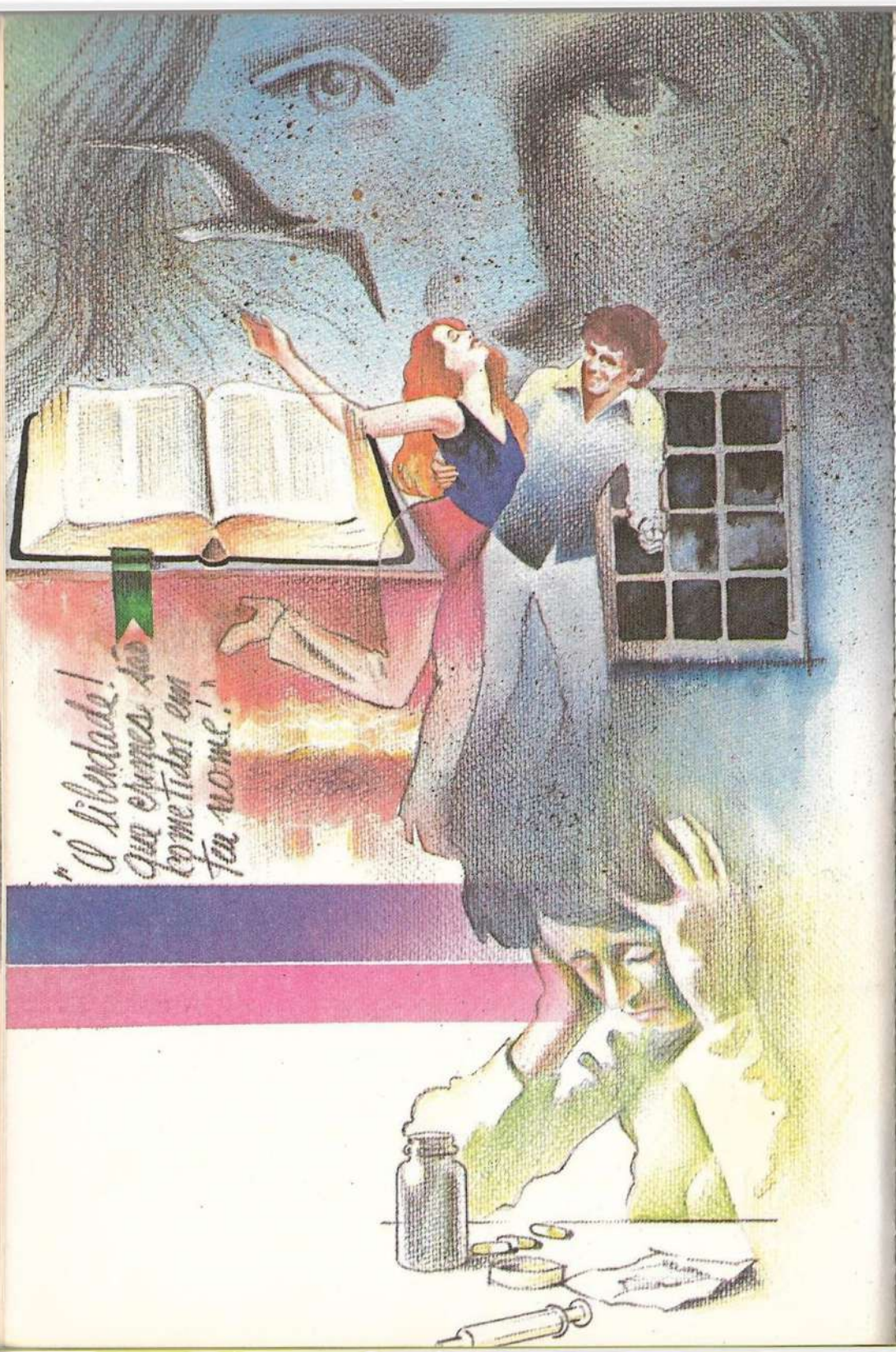
Os tesouros da verdade permanecem também ocultos aos procrastinadores como Félix, que ouvindo Paulo tratar "da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro",⁵ despachou o apóstolo sob pretexto de ouvi-lo noutra oportunidade. Falta-lhe a paixão da verdade que sustenta o investigador mesmo quando a pesquisa parece ingrata e os resultados parcos. Por que deveria a verdade científica ter cultores mais persistentes e mais dispostos ao sacrifício do que a inconfundível verdade religiosa?

"Aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra e incorrupção"⁶ a vida eterna não lhes será negada. É um princípio universal que o homem sempre recebe aquilo que deseja com todas as veras de sua alma. Desapontamento certo, porém, é o que aguarda aqueles que vagamente aspiram a isto ou indolentemente desejam aquilo. Porque não buscam com entusiasmo, também não experimentam o êxtase da descoberta. Quais borboletas que adejam voluptuosamente de flor em flor, sua vontade frívola também é atraída ora a este ora àquele interesse, sem nunca se apaixonar por nenhum. Consideram mesmo insígnia de superioridade manter um alheamento filosófico com referência aos problemas espirituais que empolgam e absorvem inteligências menos "objetivas". De tais pessoas não se pode seriamente afirmar que "com

perseverança . . . procuram glória, e honra e imortalidade".

Porque não procuram de coração, não lhes pertence a promessa de êxito. Destes investigadores dilettantes diria o filósofo de Tarso "que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade".⁷ E por que não? Porque lhes falta o requisito *sine qua non*

do pesquisador — um amor acendrado à verdade que vai até ao sacrifício. Cessa, nesse terreno, a objetividade do cientista. Não é possível nem desejável absoluta objetividade quando está em jogo a vida do investigador. E, afinal de contas, há muitas verdades que precisam ser sentidas antes de serem compreendidas.



"O liberdade!
que crimes são
cometidos em
seu nome!"

Liberdade e Responsabilidade

“Papai”, perguntou um adolescente que almejava escapar das restrições paternas, “quando serei bastante velho para fazer o que me apraz”? “Não sei, filho. Ninguém ainda viveu tanto tempo”, respondeu o pai.

Esta anedota ilustra de modo jocoso a concepção ingênua que muita gente, e não só adolescentes, ainda faz da liberdade. Interpretam-na não como é, na realidade, a ausência de restrições arbitrárias impostas por vontade alheia, mas como a ausência de toda restrição. Liberdade sem limitação não seria liberdade, mas anarquia suicida. “A liberdade precisa ser limitada para ser possuída”, dizia Edmund Burke, o grande historiador inglês.

Liberdade absoluta é tão inconcebível como movimento absoluto. O máximo a que os homens podem aspirar é uma liberdade relativa dentro das leis que visam o bem comum. Ninguém pode escapar às leis que regem o universo físico por um simples ato da vontade. Também pouco pode alguém violar as leis do Universo moral impunemente. É livre o homem cuja vontade se harmoniza com as leis, sem constrangimento exterior. Só se sente coibido aquele que se insurge contra a ordem moral estabelecida. Na impossibilidade de mudar as leis físicas e morais do Universo, resta ao homem de tal modo harmonizar-se com elas que sua vontade seja livre ao obedecer-lhes.

Pearl Buck coloca nos lábios do Padre Andrea, missionário italiano na China, a seguinte resposta, a alguém que apregoava uma falsa liberdade:

"Nenhum homem é livre — não somos livres uns dos outros — nunca podemos ser livres de Deus.

"A coisa não é clamar futilmente por liberdade, mas descobrir alegremente como suportar o fardo de servidão. Mesmo as estrelas no céu não são livres. Também elas precisam obedecer à trajetória da ordem dentro da lei, sob pena de arruinarem o Universo por sua indisciplina. Vistes as estrelas cadentes no céu no verão. Parecem lindas em sua liberdade, uma explosão de luz e esplendor contra o firmamento. Mas seu fim é destruição e trevas. São as estrelas que continuamente percorrem as rotas que lhes foram designadas, que perduram até o fim".

A lei é a salvaguarda da liberdade. Reconhecê-lo é reconhecer um dos princípios básicos da existência. Como o trânsito seria impossível nas ruas coalhadas de veículos das grandes metrópoles hodiernas sem respeito às leis do tráfego, assim a coexistência feliz de milhões de seres humanos só é exequível pela obediência voluntária às leis divinas e humanas. Clamar contra as imposições da ordem social porque cerceiam até certo ponto a liberdade individual seria tão irrazoável como protestar contra a pressão at-

mosférica. Sem ela, a vida extinguir-se-ia.

Lembra-nos isto a alegoria da chama de uma vela, que reclama-va contra os vidros da lanterna que a protegiam. Exigiu que pusessem abaixo aquelas paredes que tolhiam sua liberdade de derramar uma luz macia e líquida na escuridão da noite. Lembraram-lhe que as paredes de vidro constituíam garantia de sua própria existência. Em vão. Foram, a instância sua, removidas as paredes da lanterna. Açoitada pelo vento, a chama estrebuchou por alguns instantes e apagou-se.

Em meio das contestações tão freqüentes hoje, em nosso mundo, alguém teve a idéia original de colocar folhetos nos escritórios de uma grande empresa nacionalizada em Roma, que reproduzem uma advertência severa do discípulo de Sócrates contra os excessos de liberdade e os riscos de tirania que acarretam:

O texto, assinado por Platão, que viveu entre 427 e 348 antes de Cristo, reza:

"Quando um povo, devorado pela sede de liberdade, tem por acaso dirigentes que lhe dão tanto quanto queriam até se embriagarem, acontece então que, se os dirigentes resistem às reclamações cada vez mais exigentes, são chamados de tiranos. ... Em nome da liberdade, não há mais respeito por pessoa. No meio de uma tal licença,

nasce e se desenvolve uma má erva — a tirania”.

O velho filósofo demonstra aqui uma compreensão extraordinária do comportamento coletivo. A liberdade sem limites leva à tirania.

A liberdade é uma experiência progressiva. É mínima para o selvícola e o supersticioso que vivem sob a opressão de temores criados pela imaginação inculta. É irrisória para o ignorante e o iletrado que nunca transpuseram os umbrais daquele mundo maior que os livros lhes descortinam. É insignificante para o egoísta e o avarento trançados em suas propriedades “particulares”, que nunca experimentaram a alegria de compartilhar, e que por conseguinte ignoram que “mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”. É absolutamente desconhecida dos libertinos e devassos, que embora se vangloriem de uma liberdade fictícia, são realmente escravos de suas paixões sensuais.

Cresce a liberdade com os anos, se com a idade vem um desprendimento progressivo das coisas materiais, uma despreocupação maior pela bebida, pela comida, e pelo vestuário, sob o jugo dos quais vergam milhões de homens, mas não “as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros”. Libertam-se das inquietações do dia de amanhã aqueles que aprenderam a confiar na providência amorável de seu Pai celeste. Gozam, enfim, de genuína liberda-

de, aqueles de cujas consciências e de cujos ombros foi removido o fardo opressivo do pecado e da culpa, porque confiaram em Cristo como seu Redentor pessoal. A sensação de alívio que inunda sua alma é tão genuína como a do condenado à morte que recebesse o perdão.

Falar de liberdade alguém que arqueja sob a pior das servidões, que é a servidão do vício e do pecado, é tão ridículo como o cego falar do arco-íris ou o surdo de música melodiosa. “Conhecereis a verdade”, disse Cristo, “e a verdade vos libertará”.¹ Esta verdade redentora é mediada por Sua Palavra. Recebê-la é experimentar a ventura de ser verdadeiramente livre. Rejeitá-la é pospor indefinidamente a emancipação espiritual, de todas a maior.

Certa vez um chefe africano foi aprisionado por um inimigo figadal, e na terra do seu cativeiro, podia locomover-se livremente, exceto por uma pesada cadeia de ferro em cada tomazelo, que lhe impedia mesmo tentar a fuga. Viu-o um viajante europeu e dele se compadeceu, mas não ousou ajudá-lo abertamente porque estava sendo observado. Obteve, contudo, permissão de dar ao cativo um livro. O chefe ficou desapontado quando o recebeu, porque não desejava um livro. Por conseguinte, foi este posto de lado e logo esquecido.

Três anos mais tarde, num momento de ócio, apanhou o livro e

o examinou cuidadosamente. Havia alguma coisa dura no dorso. Puxou-a, e eis que era uma lima, justamente o instrumento que mais ambicionava. Foi para o mato e trabalhou nas correntes até que caíram. Viajando de noite e escondendo-se de dia, pôs-se a caminho de sua terra. Viu-se livre, enfim, mas não pôde olvidar os três anos de cativoiro que sofrera por se recusar estultamente a examinar o livro.

Transcorridos alguns anos mais, chegaram missionários a seu país. Descobriu, para surpresa sua, que o livro que desprezara era a Palavra de Deus, e ao aprender a lê-lo, falou-lhe esta ao coração. Reconheceu agora que embora estivesse livre fisicamente, era realmente um escravo do pecado. Aceitando a mensagem do livro como seu código de vida e a Cristo como Aquele que o podia resgatar, experimentou pela primeira vez uma liberdade verdadeira e completa.

Liberdade fora da lei é tão inútil como a da locomotiva que salta dos trilhos. Deslizando sobre a via férrea que lhe serve de guia, a locomotiva é livre para correr o roteiro que lhe foi traçado. É uma potência capaz de arrastar pesados comboios através dos continentes. Seu âmbito de ação é tão vasto como a rede ferroviária a que pertence. É livre até o momento que salta dos trilhos, quando se transforma subitamente num trambolho inútil. Em vez de arrastar os carros da

composição, precisa agora ser arrastada com guindastes, e sofrer reparos nas oficinas.

Como os trilhos guiam a locomotiva, a lei orienta a conduta humana. Interpretar o código moral como uma restrição arbitrária da liberdade do homem, equivale a condenar os trilhos por cercearem a liberdade de movimentos da composição ferroviária. Fora com a idéia de que o Criador, por um capricho pessoal, privasse o homem de qualquer bem! É mais consentâneo com tudo que sabemos de Seu caráter através das Escrituras atribuir-Lhe uma intenção benévola ao estatuir as leis que regem o universo moral.

Essa intenção não pode ser outra que não a felicidade presente e eterna de todo ser humano.

Naturalmente, esta felicidade não pode ser concebida em termos sensuais. Não se enquadra na fórmula simplista de um máximo de prazer sensorial e um mínimo de desprazer. Há alegrias espirituais que transcendem qualquer arrebatamento dos sentidos, como a luz do Sol a chama de uma vela. A felicidade para que fomos criados consiste na identificação de nossa vontade individual com a vontade santa de Deus. Quanto mais perfeita esta identificação, tanto maior nossa liberdade. Como disse Emil Brunner, "genuína liberdade não é a liberdade de escolher, concebida racionalmente, mas obediência voluntária

a Deus, que nos chama à comunhão com Ele".

"Ó liberdade! que crimes são cometidos em teu nome!" teria profirido Mme. Roland a caminho da guilhotina, nos dias em que Paris conheceu o reinado do Terror. Não só crimes políticos, mas toda sorte de licenciosidade, diríamos nós.

Em contraste com aqueles que invocam a liberdade como justificativa de seus atentados à moral, estão aqueles que a negam, como pretexto para negarem também sua responsabilidade moral. De fato, seria incongruente manter a responsabilidade moral num mundo onde não houvesse liberdade de escolha, o livre arbítrio. Seres autômatos não são responsáveis.

O determinismo, como quase todo erro, contém um elemento de verdade, e este é, que vivemos num Universo regido por leis. Como parte do mundo material, o homem está sujeito às leis físicas e químicas que regem a matéria. Essas leis são inexoráveis e automáticas em sua operação. Assim não fossem, e o Universo se converteria num caos. Com os demais seres vivos, o homem está sujeito às leis biológicas, leis estas que resistem a todas as tentativas de reduzi-las a corolários das leis da física e da química. E, finalmente, o homem, como parte do universo moral, está sujeito às leis morais que emanam de Deus. Nenhuma filosofia materialista satisfaz porque ignora estes

dados insofismáveis da experiência e do bom senso.

Os seres vivos, como animais e plantas, gozam de certo grau de liberdade, ao menos de movimento, porque são capazes de contrapor forças vitais às forças físicas. Assim, plantas crescem verticalmente para cima, não em desobediência à lei da gravidade, mas contrapondo à força da gravidade uma força maior, resultante da atividade vital. Os animais iniciam e modificam o movimento em contraste óbvio com a inércia da matéria bruta.

Maior grau de liberdade do que as plantas e os animais goza o homem porque, além de ser dotado de vida, ele é dotado pelo Criador de vontade e fé. Pela vontade inteligente, o homem modifica a seu talante a face da Terra e o curso da História; o homem, pela fé, "vence o mundo". A liberdade de movimento de plantas e animais comunica encanto à Natureza, para deleite dos homens. A maior liberdade do homem, feito à imagem divina, é o deleite de Deus. Estrelas Deus as tinha em profusão. São essencialmente máquinas que obedecem às leis físico-químicas. Multiplicá-las indefinidamente pouco acrescentaria à riqueza do Universo. Aprouve, pois, ao Criador, introduzir no esquema universal algo inteiramente novo. Criaria seres inteligentes, dotados de personalidade, capazes de manter comunhão com Ele e de aceitar a ordem moral es-

tabelecida, não sob constrangimento, mas livre e espontaneamente. O pensamento divino encontrou sua expressão sublime naquele ser que é apropriadamente chamado a coroa da criação — o homem. Sua existência seria caracterizada não pelo automatismo das máquinas, mas pela espontaneidade.

Estaria, sim, sujeito a leis; estas, porém, seriam persuasivas e não coercitivas. Um "não matarás", "não adulterarás", "não furtarás", deveria ser obedecido, não porque não houvesse outra alternativa, mas porque a razão e a vontade aquiescem em reconhecimento de sua justiça intrínseca. Nunca seria removida a possibilidade de desobediência, porque com ela desapareceria a liberdade de escolha e concomitantemente a responsabilidade. A violação dos princípios da ordem moral teria inevitavelmente consequências, pois de outro modo essa ordem seria uma farsa e não uma realidade. Se a ordem não era arbitrária, mas fundada na natureza mesmo de um Deus santo e cheio de amor, sua rutura só podia ter consequências contrárias à felicidade coletiva, consequências que só muito inadequadamente poderiam ser chamadas penalidades.

O universo físico constitui o palco em que se desenrola um drama moral de interesse cósmico. Naturalmente, os personagens do drama gozam de uma liberdade que não é dada às peças do palco. Sem

a fixidez do palco — o determinismo das leis físico-químicas — não seria viável o drama moral. A liberdade dos atores é, de fato, condicionada pela estabilidade da ordem natural. Não há liberdade no caos. De outro lado, reduzir os atores a meros autômatos seria transformar o drama em representação de fantoches. Mas sabemos todos, intuitivamente, que o homem não é um fantoche, mas um ser responsável, em que pesem as afirmações contrárias de um materialismo dogmático.

Livre para tomar suas decisões, é o homem também responsável por essas decisões. Responde o homem por seus atos perante o tribunal de sua consciência e perante o tribunal divino. O senso de responsabilidade deve ser interpretado não como um encargo penoso, mas como o traço mais caracteristicamente humano. É o penhor de que o homem foi criado livre, num nível diferente do atribuído aos brutos. É o traço de união que o prende ao Criador, o eco da voz celeste que o chama para um destino eterno. Enquanto perdura a noção de responsabilidade, perdura o contato entre Deus que chama e o homem que responde como um filho a seu pai. Esta noção é mais viva nas consciências bem formadas, e pode tornar-se mais nítida à medida que o homem se familiariza com o chamado divino que ecoa nas Escrituras.

Nunca é o homem colocado em situação que o obrigue a violar a ordem moral. Uma contingência tal seria tão inverossímil como a suspensão da força da gravidade, e as consequências, não menos trágicas. Torpedeado o livre arbítrio, estaria comprometida a responsabilidade humana. Teríamos então esta monstruosidade que seria um crime sem responsabilidade. "Antes morrer do que pecar", foi a decisão desabrida de muitos heróis, ante a contingência dolorosa de transigir com o erro ou perder a vida. Não trepidaram os mártires do cristianismo, quando confrontados com a necessidade de optar entre a mentira e a morte. Criam, com todas as veras de sua alma, que sua decisão seria um dia vindicada perante o tribunal do Universo.

São raras as ocasiões em que o homem é confrontado com decisões tão trágicas. Mais insidiosas, porque menos ameaçadoras, são as pequenas tentações que assaltam o homem diariamente. O jovem que não se sente livre para cometer suicídio, avança afoito pela estrada do vício que debilita e acarreta uma morte prematura. O negociante, que teria compunções de consciência se passasse veneno por alimento a seus fregueses, não hesita em vender a caninha que intoxicará paulatinamente seus consumidores. O estudante, que não ousaria praticar um assalto a mão ar-

mada, não tem maiores escrúpulos em lançar mão da cola para passar nos exames, ou do suborno para comprar um diploma. Por que este duplo padrão de moralidade? Por que esta indiferença ante os pequeninos compromissos com a falsidade e a imoralidade, que nos leva mesmo a taxar com desdém de puritanos os que tímbram em respeitar os preceitos da moral em todos os atos da vida? Não seria esta hipocrisia uma consequência da noção tão popularizada de que o que importa é salvar as aparências, ou de que os padrões de conduta são convenções humanas, variáveis no tempo e no espaço, e não a expressão de uma ordem moral eterna? Uma moralidade derivada da razão humana e não da santidade de Deus carece de convicção e de autoridade. Daí o cinismo corrente que passa por evidência de emancipação intelectual.

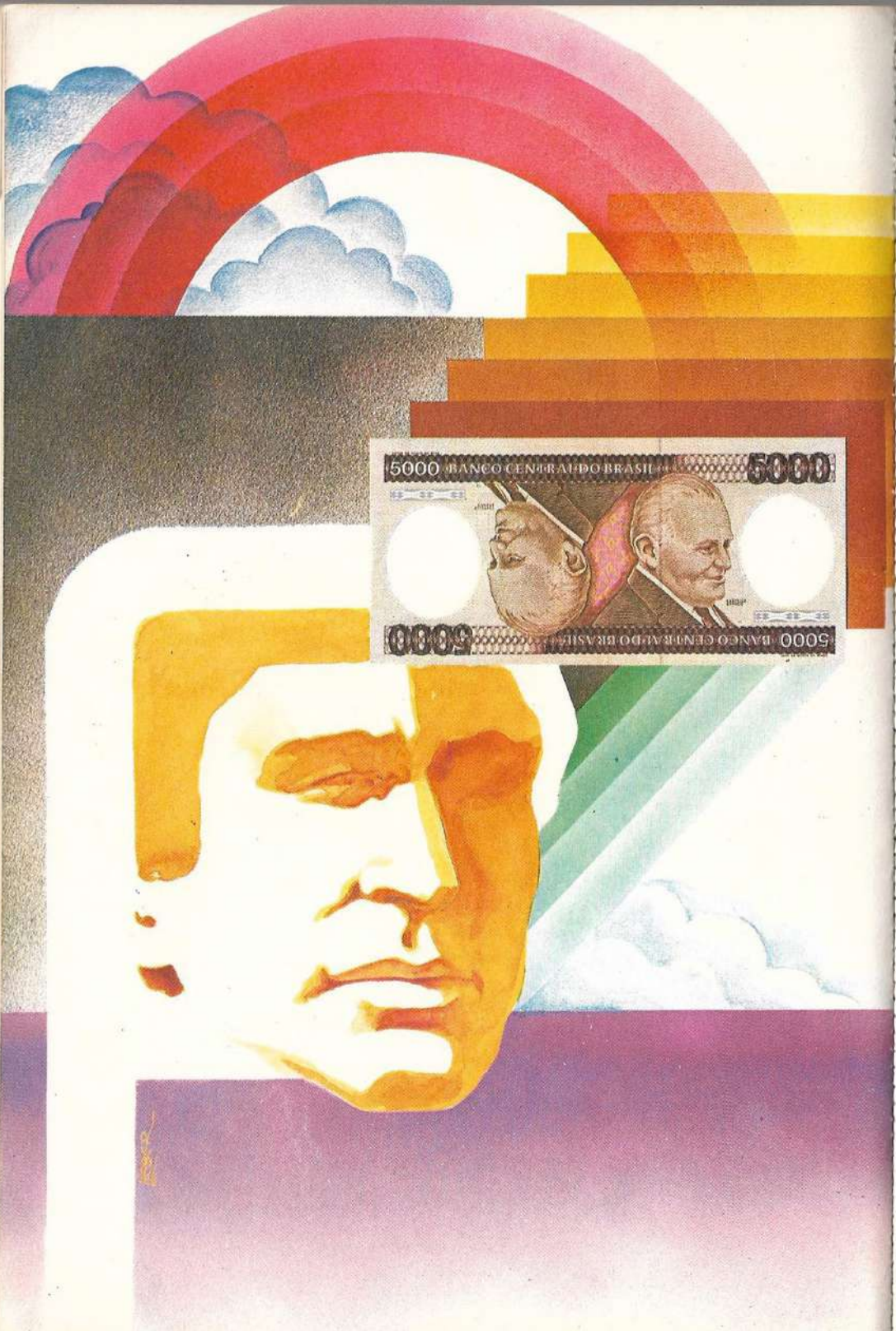
Sob certo aspecto, a liberdade é a própria condição da ordem moral, tão real como a atmosfera que respiramos. Sob outro ponto de vista, a liberdade é uma conquista, o prêmio de um esforço. É este o sentido que lhe dá Jules Payot em sua excelente obra, "L'Éducation de la Volonté":

"A liberdade moral, como a liberdade política, como tudo que tem qualquer valor neste mundo, deve ser conquistada por luta imensa e defendida sem cessar. É a recom-

pensa dos fortes, dos capazes, dos perseverantes. Ninguém é livre se não merece ser livre. A liberdade não é nem direito, nem fato: é uma recompensa, a recompensa mais alta, mais fecunda em felicidade".

Realmente só desfruta genuína liberdade quem aprendeu a subordinar seus desejos e inclinações a ordem moral. Só é livre aquele que

não mais sente a coerção da lei exterior, porque sua vontade identificou-se com a vontade divina expressa na lei moral. Em seu peito cessou a tensão entre duas vontades opostas. É livre e é feliz porque pode declarar com sinceridade: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a Tua lei está dentro do meu coração".²



Honestidade

Do Duque de Caxias, conta Afonso S. Taunay, em seu livro *Homens e Coisas do Império*, um episódio que revela um traço pouco conhecido do caráter desse ilustre brasileiro. Comprando certa vez uma fazenda no Estado do Rio, constatou, no ato de posse, que havia sessenta escravos que não tinham sido arrolados no inventário. Não julgando ser honesto retê-los em sua propriedade, deu a todos eles carta de alforria muito antes do tempo em que se pensou na emancipação geral dos escravos no Brasil.

Numa época em que os valores morais são espezinhados com o cinismo mais deslavado, é preciso reacender no coração da juventude

a chama sagrada da honestidade que aureolava tantos de nossos maiores. É sentimento partilhado por muitos que nosso país atravessa uma crise de caráter particularmente aguda. Casos de desonestidade nos mais altos círculos da administração pública já não estarrecem a nação pela sua frequência. São tantos e tão acintosos os atentados contra o erário público, que quase se diria que a honestidade é a exceção e não a regra. Todos, intuitivamente, pressentem que o futuro do país está comprometido se esse estado de coisas perdurar.

O clima moral em que cresce a nova geração é tal que ganha pé a noção de que o supremo alvo da existência é o êxito pelo qual

se pagará qualquer preço. De fato, como diz Pierre van Passen, o êxito é o novo deus do século vinte, e em seu altar se sacrifica tudo, mesmo a honra. O que importa é avançar, progredir, enriquecer ainda que sobre a ruína de todas as virtudes que fizeram a grandeza de nossa civilização. Não se pergunta aos *nouveaux riches* de hoje como alcançaram a fortuna. Isto é secundário. O êxito é o passaporte que lhes franqueia a entrada a todos os círculos.

Entretanto, os homens que deixaram este mundo mais rico pela sua presença não foram um "êxito", segundo a concepção corrente do termo. Sócrates foi condenado, pelo voto da assembléia mais esclarecida da antiguidade, a tomar a cicuta. Jesus Cristo, como paga de Seu amor que se desdobrara em curar as mazelas físicas e espirituais da humanidade, foi vendido por um discípulo por trinta moedas de prata, e crucificado sobre o Calvário! Paulo, depois de um apostolado de trinta anos, sempre em face de oposição e opróbrio, encontrou o martírio em Roma. O Padre Damião, ao dedicar sua vida aos leprosos de Molokai, uma ilhota perdida no Pacífico, morreu na obscuridade.

Não alcançaram êxito segundo os padrões modernos; não fizeram fortuna; não gozaram de popularidade em seus dias. Colocaram a justiça e o amor acima do "êxito", e nós

hoje os chamamos bem-aventurados.

Embora alguém tenha dito com ironia que "a única lição que a História ensina é que o homem nada aprende da História", a maioria dos homens, em seus momentos de reflexão, parece reconhecer com o historiador inglês, Arnaldo Toynbee, que nosso Universo tem um fundamento moral, que bem irá ao justo no fim, e que mal irá ao desonesto no derradeiro acerto de contas, a despeito das aparências ao contrário. Como afirmou a rainha Ana da Áustria certa vez ao astuto Richelieu, primeiro ministro de Luís XIV: "Deus não liquida suas contas cada dia, meu Senhor Cardeal, mas Ele as liquida de uma vez no final".

Mesmo uma sociedade que do cristianismo retém apenas o nome, crê intuitivamente na veracidade do provérbio que afirma: "A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos".¹ Compreender que "com justiça se estabelece o trono"² é "compreender a filosofia da História", observou conhecida escritora.³ De vinte e seis civilizações estudadas por Arnaldo Toynbee em sua obra monumental, apenas cinco sobrevivem, segundo o mesmo autor. Destas cinco, apenas uma dá mostras de possuir ainda alguma vitalidade — a civilização ocidental — cristã. A crise que esta enfrenta no presente, diz o mesmo historiador, é uma crise espiritual. No momento que a civilização ocidental renunciar por completo os

valores espirituais que inspiraram sua passada grandeza, ela também se desintegrará. Na parede de seus palácios, como nos de Babilônia outrora, será escrita a sentença fatal: "Pesado foste na balança, e foste achado em falta".⁴

A exaltação das riquezas materiais em detrimento dos valores do espírito é um sintoma de decadência. Assim foi em Babilônia. Assim foi em Roma. Assim será em nossos dias. A ambição desenfreada após o dinheiro, o luxo, os prazeres atua como um dissolvente do caráter. A ganância, que calca sob os pés todos os escrúpulos da moral cristã e que caracteriza nossa sociedade, é prenúncio da derrocada próxima. Como a bola de neve que começa a rolar do alto de um monte a princípio pequena e morosa; depois acrescida de flocos que se lhe aderem ao longo do trajeto, vencido agora com maior rapidez; e que finalmente se avoluma numa avalanche irresistível e vertiginosa, assim são os vícios que arrastam os povos à ruína. Mortos os valores espirituais de uma civilização, nada resta ao historiador senão compor um réquiem melancólico sobre seus despojos.

Cincinato e Ventúdio representam duas etapas distintas, separadas por quatro séculos, na evolução moral da antiga Roma. O primeiro era um fazendeiro simples e honesto, conhecido pelas suas qualidades de liderança. Estando, certa vez, a pá-

tria em perigo foi chamado para chefiar as tropas que defendiam a cidade sobre o Tibre. Derrotados os inimigos e assegurada a paz, regressou Cincinato a seus pagos para prosseguir no amanho da terra, indiferente às ambições políticas. Cumpria o dever, e nada queria para si senão a oportunidade de trabalhar em paz. Do procurador Ventúdio pouco registra a História; o bastante, porém, para caracterizá-lo como um homem de seu século, ambicioso e sem escrúpulos. De sua administração pública galhofavam seus contemporâneos com o motejo: "Entrou na rica Síria pobre, e saiu da pobre Síria rico". Três séculos mais tarde, a grandeza que era Roma imperial não mais existia . . .

Cincinato legou à posteridade um nome que é pronunciado com respeito — sinônimo de um caráter ilibado; Ventúdio, ao contrário, deixou um nome que o esquecimento poupou do desprezo. Farta razão tinha o autor de Provérbios ao escrever: "Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas".⁵ Quantos não conspurcaram seu nome e o de suas famílias por um procedimento desonesto! Conta-se que Scipião, o Africano, tinha um filho do mesmo nome, que costumava levar em volta do pescoço uma corrente da qual pendia uma imagem de seu famoso pai. Hábito absolutamente inócuo, não fosse o fato da vida do filho

ser totalmente indigna de tão ilustre nome. Tão clamorosa era a discrepância, que o senado romano foi obrigado a proibir ao filho levar o nome e a imagem do pai. Bons tempos esses em que se prezava um nome honrado!

Felizmente, não faltam em nossa História vultos de valor que souberam prezar um nome sem mácula. Temos de Manuel de Araújo Porto Alegre, autor do poema épico "Colombo", também pintor de nomeada, e durante certo período diretor da Academia Imperial de Belas Artes, o seguinte auto-retrato que ilustra o valor que se costumava dar a um bom nome, numa época menos sofisticada que a nossa:

"Nunca provoquei lutas; porém, a amizade me levou a campo muitas vezes e o direito sempre. Nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mácula (grifo nosso). Sofri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo. E de meus pais, de meu soberano, dos homens honestos fui sempre respeitoso e dedicado amigo".⁶

O inigualável Shakespeare colocou na boca de um de seus personagens o dito:

"Se me roubas a bolsa, não levas senão lixo.

Se me roubas o nome, roubas minha maior riqueza".

Sim, um bom nome, penhor de

honradez e integridade, vale mais do que milhões. Sacrificá-lo por um ato desonesto é sacrificar o efêmero pelo eterno.

Embora o êxito não seja o *sum-mum bonum* da existência, e por ele nunca se devam sacrificar os valores morais, não se conclua que não deva ser ambicionado por todo jovem de visão. Como regra, o êxito é o prêmio habitual do trabalho diligente e honesto. A História prova-o inúmeras vezes. A prosperidade, construída sobre o alicerce das transações honestas, é duradoura e resiste com vantagem aos vendavais da adversidade. Edificada sobre a areia movediça do subterfúgio, do engano e da fraude tombará ao menor sopro. Em todo o caso não resistirá o escrutínio infalível do Juiz universal.

Há quase um século, um rapaz de dezesseis anos deixou o lar em busca de fortuna. Todas as suas posses achavam-se num embrulho que levava na mão. Enquanto caminhava, encontrou um vizinho, capitão de um navio do canal:

— Olá, Guilherme, aonde vai?

— Não sei, respondeu ele; meu pai é demasiado pobre para ter-me em casa, ainda, e diz que agora devo cuidar da própria vida.

— Não se preocupe, diz o capitão. Cuide em começar bem, e há de ser bem sucedido.

Guilherme disse a seu amigo que o único trabalho de que entendia um pouco era o fabrico de sabão

e de velas, em que ajudara de quando em quando o pai.

— Bem, disse o idoso vizinho, deixe-me orar com você, e dar-lhe um pequeno conselho, e depois você irá.

Os dois se ajoelharam à beira do caminho. O homem orou fervorosamente por Guilherme, e deu-lhe depois este conselho: "Alguém será em breve o maior fabricante de sabão em Nova Iorque, e esse alguém poderá ser você, da mesma maneira que qualquer outro. Espero que possa ser você. Seja um homem de bem; entregue seu coração a Cristo; dê ao Senhor tudo quanto Lhe pertence de cada dólar que você ganhar; faça um sabão bem feito e de peso justo, e estou certo de que você será um grande homem, próspero e rico".

Quando o rapaz chegou à cidade, foi-lhe difícil encontrar trabalho. Sozinho e longe de casa, lembrou-se das palavras do capitão. Decidiu buscar "primeiro o reino de Deus e Sua justiça". O primeiro dólar que ganhou, trouxe-lhe à memória a parte do Senhor. Achou na Bíblia que é ordenado ao homem dar o dízimo; de modo que disse: "Se o Senhor quer um décimo, eu o darei".

Empregou-se no negócio do sabão, tornando-se em breve sócio da firma. Dentro de alguns anos William Colgate, pois este era seu nome, ficou proprietário único do negócio. Sob o signo da honesti-

dade para com Deus e os homens, a firma continuou a prosperar até que Colgate se tornou um nome familiar em todo o mundo. Um dos últimos atos de sua vida profícua foi fundar e dotar uma universidade que lhe recorda o nome.

Intimamente relacionada com a honestidade nos negócios, embora operando em outro setor, é a honestidade intelectual. Houve tempo em que o plágio era perfeitamente admissível, mesmo ante as consciências esclarecidas. Durante a Idade Média, histórias e crônicas eram, via de regra, compilações copiadas *ipsis verbis* de várias fontes, sem que o autor sentisse qualquer obrigação de dar o devido crédito aos escritores originais. Como no caso da escravatura, só muito lentamente foi a consciência cristã despertada para reconhecer a desonestidade de tais práticas. Com o correr dos séculos, cristalizou-se a noção de direito autoral; e hoje nenhum escritor que se preza ousaria tomar emprestados pensamentos alheios sem citar a fonte. Seria desonesto. Verdade é que conceitos absolutamente originais são raros, e imensa é a dívida intelectual, embora inconsciente, que todos temos para com tudo que uma vez hajamos lido. Fica de pé, porém, que o plágio deliberado e consciente é indigno daqueles que pautam sua conduta pelas normas da moral cristã.

Sem descambar para a casuísti-

ca dos fariseus, com sua moralidade pedante, forçoso é admitir que produzir de caso pensado uma impressão falsa, pronunciar um juramento com reservas mentais, fazer uma promessa sem intenção de cumpri-la, são práticas que merecem todas o rótulo de desonestas.

Desonestas e um descrédito à causa da religião foram também as tortuosidades do probabilismo jesuíta. Nunca foi bíblico que o fim justifica os meios, ou que são inocentes os que se decidem a praticar uma ação má, "desde que consigam persuadir-se de que semelhante ação seja útil". Quando uma ordem religiosa toma o lema: "Tudo para a maior glória de Deus", interpretando-o na prática como se "o mal se pode fazer para que venha o bem", assistimos à mais chocante inversão e perversão dos valores morais.

Os que buscam a verdade científica, sabem que esta só pode ser alcançada por absoluta honestidade intelectual. As leis do universo físico merecem confiança porque emanam da Inteligência divina, que é incondicionalmente coerente. Não há contradições na ordem natural. Haveríamos de supor incongruências na ordem moral? Aquele que criou a Natureza e estabeleceu as leis que a governam é o mesmo que disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida", e que afirmou no pretório de Pilatos: "Para isso vim ao mundo, a fim de dar teste-

munho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz".⁸

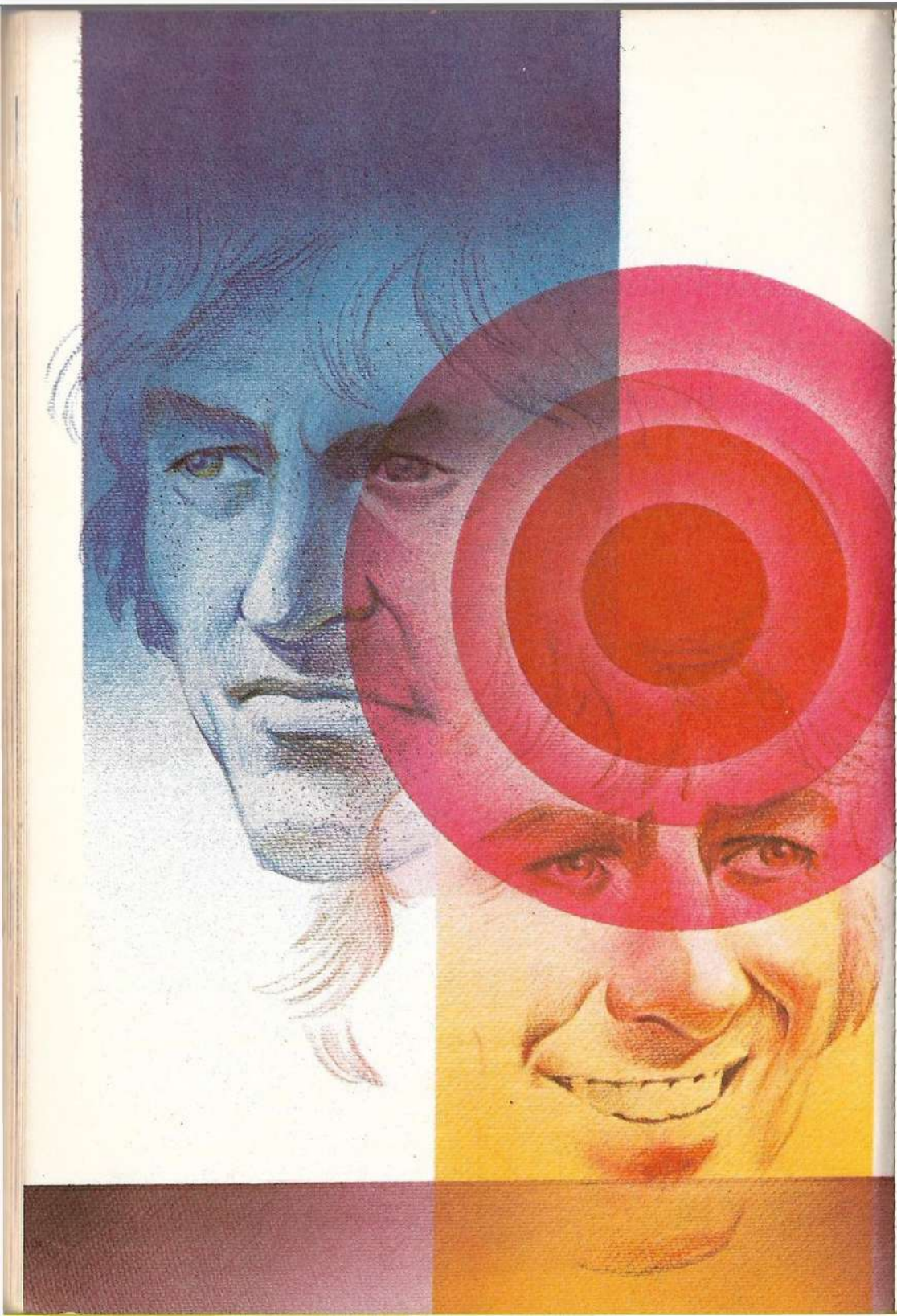
Se a norma da Ciência é submeter as teorias aos fatos, nem todos os cientistas timbraram em demonstrar respeito pelos fatos. Temos o caso de Haeckel, cuja obra "O Enigma do Universo" era lida com grande avidez por eruditos e leigos há meio século. Hoje está praticamente esquecida. Sabeis por quê? Para substanciar uma teoria favorita, quis fazer passar fotografias de um embrião de ovelha por fotografias de embrião humano. Como a vaidade corrompe mesmo aqueles que em seu trabalho dizem guiar-se por estrita objetividade! Sensação mais recente foi causada quando peritos do Museu Britânico demonstraram que o homem de Piltdown, um dos supostos "elos perdidos" da doutrina evolucionista, apresentado ao mundo por Charles Dawson em 1912, era simples embuste. O crânio, a mandíbula e o dente, pois não ia além disso a evidência em que se baseava a existência do homem de Piltdown, bem como a acha de pederneira encontrada no mesmo local, não passavam de uma impostura muito bem arquitetada por Dawson, que aliás não primava pela honestidade mesmo em outros setores.

Ocorrências como esta corroboram a conclusão de que a causa da Ciência nada tem a lucrar com a colaboração de pseudocientistas

que colocam a vaidade acima da verdade. Nada contribuem ao patrimônio dos fatos incontestáveis, e retardam a marcha da Ciência por asserções que carecem de fundamento na realidade. A conquista da verdade, embora retardada, prossegue; porém irresistível e mais cedo do que seus falsos cultores esperam, toda desonestidade é exposta. "Nada podemos contra a verdade", dizia Paulo. Ela está entretecida no

próprio estofo do Universo. É invencível e eterna como seu Autor.

Colocar-se ao lado da verdade é colocar-se ao lado do que é permanente. O erro pode triunfar por um momento. Nada tem, porém, de substancial e duradouro. É uma nota dissonante, fadada ao olvido. Só a verdade permanece para sempre. Os que a ela aderem com amor, tornam-se candidatos à imortalidade.



Homens da Segunda Milha

Desde que Pompeu, no final de sua campanha no Oriente, implantou as insígnias romanas sobre os muros de Jerusalém, em 63 A.C., o povo judeu começou a experimentar o rigor do jugo que Roma lhe impusera, e do qual não se desvencilharia a despeito dos repetidos paroxismos de fanatismo político e religioso. Entre as medidas vexatórias introduzidas pelo dominador romano, contava-se aquela que conferia a um legionário de César em viagem o direito de recrutar um judeu qualquer para carregar-lhe a bagagem até o limite de uma milha. Pode-se imaginar o ódio surdo que estava no peito do israelita humilhado ao ver-se compelido a palmar, ao lado de um gentio arro-

gante, um trecho de estrada poeirenta de sua terra natal, sob os raios dardentes de um sol asiático.

A um auditório composto de israelitas ciosos de suas prerrogativas como filhos de Abraão, herdeiros legítimos do solo de Canaã, capazes de submergir suas divisões tradicionais no ódio comum ao dominador estrangeiro, é que Jesus pronunciou as palavras do Sermão da Montanha, cujo significado repercute até nossos dias: "E se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas".¹

Que solução divinamente simples para o intrincado problema das relações entre duas raças visceralmente hostis! Melhor do que

pelo antagonismo sistemático, preservaria o judeu sua dignidade, em face do romano autoritário, fazendo sempre mais do que sua obrigação legal. Se tão-somente cumprisse azucrinado a obrigação imposta pela lei, estaria admitindo, embora muito mal a seu grado, uma situação de inferioridade. Indo, de moto próprio, além do dever, demonstraria possuir uma liberdade interior que desarmaria o opressor surpreendido.

A aplicação desta regra de conduta transcende os acanhados limites da Palestina, de há dois milênios, para se tornar um princípio permanente e universal. Como disse H. E. Fosdick: "O caminho mais seguro para tirar à necessidade ou ao dever o caráter de escravidão, é habituar-se de boamente a fazer, sempre que seja possível, mais do que é pedido. A primeira milha, por si só, não é mais que faina ingrata. A glória vem com a segunda". Entretanto, multidões nunca experimentam a satisfação e glória da segunda milha, porque se limitam a percorrer, muito a contragosto, a primeira.

Aqueles que só trabalham porque a isso são obrigados, nunca chegam a descobrir o prazer e a bênção do trabalho criativo e espontâneo. O trabalho contém em si a mais genuína recompensa, mas só a usufruem aqueles que levam ao escritório ou à oficina o espírito de iniciativa. Fazendo mais do que o

dever impõe, transmutam a obrigação em privilégio e oportunidade. Em vez de escravos das circunstâncias, tornam-se senhores. A imposição de trabalhar não lhes vem mais do exterior. Alcançam a liberdade superior de trabalhar não porque precisam, mas porque querem. Possuídos do espírito da segunda milha, guindam-se acima da tirania do relógio e são senhores do tempo.

Aqueles que só estudam porque pais e mestres o exigem, desconhecem para sempre o encanto e o enlevo da pesquisa feita por amor à verdade, quando "a mente do homem é posta em comunhão com a mente de Deus, o finito com o Infinito". A mediocridade dos resultados de estudos feitos sob coerção externa deveria convencer os educadores e os educandos da ineficiência de estímulos outros que não o amor à verdade.

Tal é a natureza da atividade mental que ela obedece melhor a motivação interior. Nada de valor é aprendido a não ser por iniciativa própria. Aplicar-se, pois, ao estudo, motivado pelo desejo de aprender e não simplesmente de cumprir uma obrigação, é preparar-se para uma das experiências que maior satisfação proporcionam ao ser humano.

Sobre o espírito da segunda milha, tece Miguel Rizzo o seguinte comentário: "O grande princípio de Jesus divide a conduta humana

em duas partes: a compulsória e a voluntária, isto é, o que fazemos porque somos obrigados a fazê-lo, e o que praticamos a mais, de moto próprio, espontaneamente: a primeira milha e a segunda. O que a doutrina proclama é que, só quando o voluntário sobrepuja o necessário, a vida pode cessar de ser escravidão, atingindo seu pleno sentido de dignidade e valor".

A primeira milha está no plano do dever; a segunda, no plano do amor. O dever é majestoso; o amor é divino. O dever obriga; constrange o amor. O dever enaltece; o amor sublima.

Quando, sob o impulso do amor, o homem assume a iniciativa quer no trabalho, no estudo, ou na obediência a Deus, ele como que sai de um cárcere escuro, onde vivia jungido a regras e imposições como um servo, para a clara luz da liberdade de filho. João da Cruz, pelo espírito da segunda milha, transfigurou o cárcere em que se achava em Toledo, numa antecâmara do Céu. O mesmo fez João Bunyan, quando cumpria uma longa pena, por motivo religioso, no cárcere de Bedford, na Inglaterra, quando escreveu a imortal alegoria de "O Peregrino".

Brilha com raro esplendor, nas páginas da Escritura, a personalidade de Jônatas, filho de Saul. Quando Jônatas com seu pagem de armas, desprezando a topografia do terreno e a superioridade nu-

mérica do inimigo, tomou de assalto Gibeá dos filisteus, demonstrou possuir não a mentalidade de servo, mas a mentalidade de filho. O escravo limita-se a cumprir o dever. O filho vai além do dever. Como filho, não se contentava Jônatas com uma atitude passiva em face do inimigo. Decide levar a guerra ao território dos filisteus e sua audácia é premiada com a vitória. O escravo não toma iniciativa, mas sim o filho. O escravo se limita ao mínimo, mas o filho empenha sua energia ao máximo. Cabe a cada um decidir por si se viverá no plano de escravo ou de filho; no plano do dever ou do amor. Cada um forja, enfim, seu próprio caráter no molde da primeira milha, ou da segunda. De todas as nobrezas, a mais invejável é a nobreza de caráter. E o que é mais encorajador: seu título não é herdado nem se compra a peso de ouro. Não é prêmio tampouco de um roubo de coragem ou um golpe de audácia. Alcançam-na todos cujas vidas se caracterizam não apenas pelo cumprimento estrito do dever, mas que de bom grado vão habitualmente além do dever.

Quando Ana Nery, nos campos de batalha do Paraguai, socorria os soldados feridos, fazia-o no espírito da segunda milha. Aliviar-lhes apenas o sofrimento físico seria tão-somente caminhar a primeira milha; cumprir um dever. Tentar minorar-lhes o sofrimento moral com

um sorriso a toda prova, uma palavra oportuna, um gesto de amor incansável, dando de si mesma para que outras vidas prestes a extinguir-se recebessem o impulso vitalizador de sua simpatia exuberante, era ir além do dever.

Quando o Dr. Napoleão Laureano, pressentindo o desfecho inevitável da moléstia que lhe devorava o organismo ainda jovem, se esquece de si e de seus padecimentos para mobilizar a opinião nacional a favor da luta contra o insidioso câncer, deu provas de um coração que haurira o espírito do divino Mestre. Impulsionava-o, em sua derradeira campanha humanitária, não o simples senso do dever, mas o imperativo do amor.

É o espírito da segunda milha que faz a diferença entre o profissional e o apóstolo. O profissional, quer médico, advogado ou administrador, limita-se a cumprir estritamente suas obrigações. É pontual em comparecer ao expediente, mas não é visto trabalhar além do horário. Timbra em observar a ética profissional, mas é incapaz de um sacrifício para o bem alheio. Contenta-se com a rotina de seu ofício, sem jamais tomar uma iniciativa que prejudique suas conveniências pessoais. Nunca o vemos liderar uma campanha filantrópica, nem fazer uma contribuição original ao progresso da Ciência. Não é dado a extorquir dinheiro dos clientes, e ofende-se com a quebra

da ética convencional. É, enfim, um cumpridor fiel dos deveres, mas nunca se dispõe a ir além da primeira milha. Seu número é legião. A humanidade lhes é grata, mas raramente lhes erige uma estátua.

Em nível nitidamente inferior estão os mercenários, também numerosos em todas as profissões. A esse grupo pertencem aqueles que transformam os consultórios em balcões, a medicina em charlatanismo, a advocacia em chantagem, a polícia em demagogia. Nada tocam sem diminuir-lhe o valor pela sua mesquinhez e apego ao dinheiro. Não dão um passo a não ser a peso de ouro. Com o mercenário, a consideração primária não é o dever, mas o lucro; não a honra, mas a bolsa; não a coletividade, mas o eu megalomaniaco. O mercenário nada vê na profissão senão oportunidade de locupletar-se; daí sua afinidade com as negociatas e subornos. Na sofreguidão de enriquecer-se, calca sob os pés todos os preceitos da ética, e como Judas ou Silvério dos Reis, vende sua alma por algumas míseras moedas de prata. A humanidade sempre lhe votou merecido desprezo.

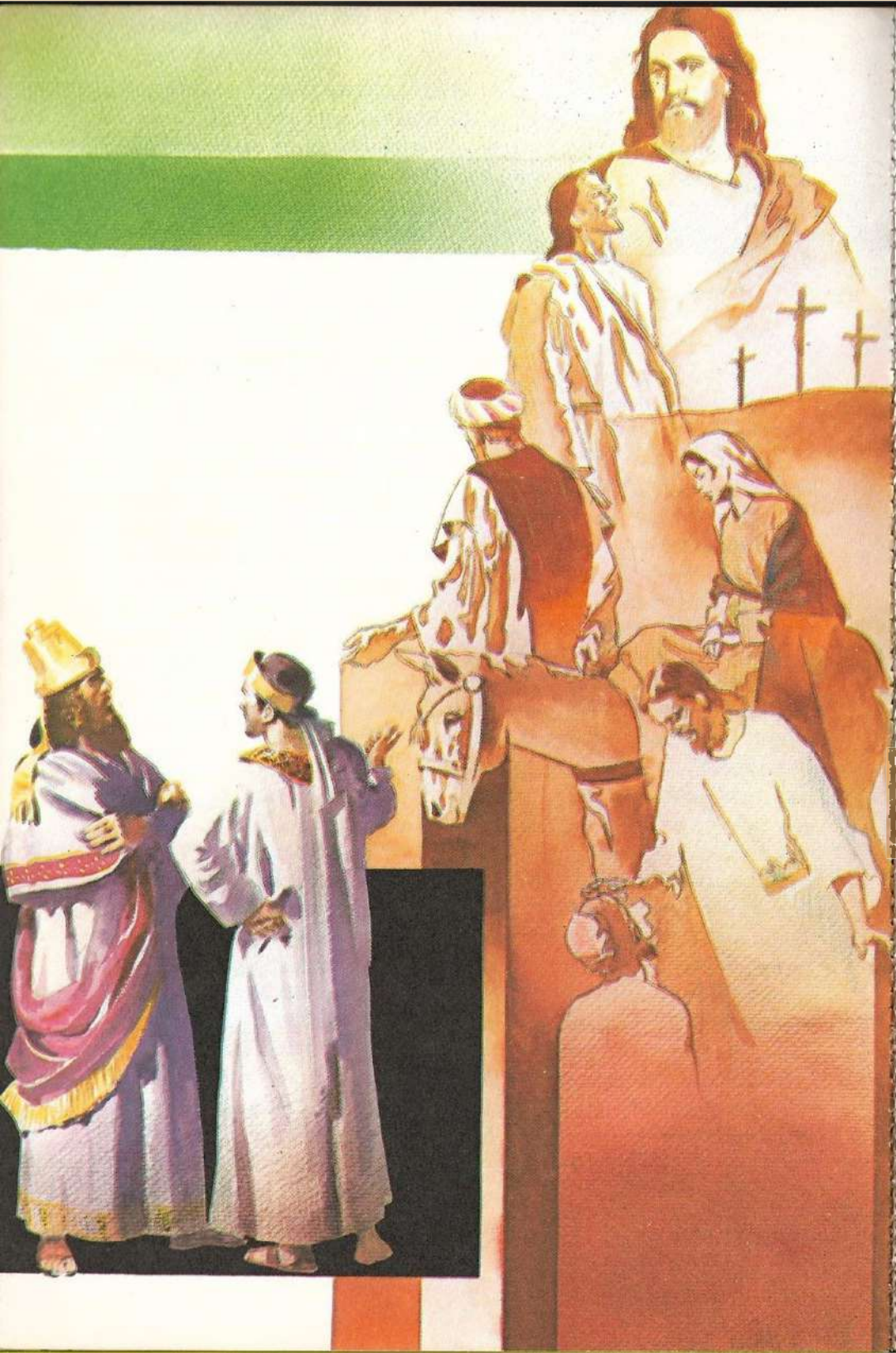
Em contraste marcante com mercenários e profissionais, estão os apóstolos. São homens que não esperam ser mandados, mas vão por iniciativa própria. Não se limitam ao dever, mas habitualmente vão além do dever, mesmo com sacrifício pessoal. A alavanca que os im-

pulsiona tem seu fulcro não nas imposições emanadas do exterior, mas no idealismo que brota de um caráter nobre. Interpretam cargos e posições como oportunidades de serviço mais dilatado a favor do próximo. Pautam suas decisões não por vantagens pessoais, mas pelo bem coletivo. Fazem da imprensa uma tribuna para esclarecer e orientar a opinião pública; da medicina, um sacerdócio abnegado para aliviar o sofrimento físico e moral da humanidade; da advocacia, um látigo impoluto para castigar os desmandos dos poderosos e uma espada para defesa do direito dos mais fracos; do magistério, um instrumento para libertar a nova geração da tirania da ignorância e da superstição e fazer dela um exército de pensadores armados com o amor à verdade. Um Lopes Trovão na imprensa, um Miguel Couto na medicina, um Clóvis Bevilacqua na jurisprudência, um Caetano de Campos no setor da educação, eis alguns brasileiros que honraram suas profissões fazendo delas um apostolado no sentido pleno da palavra. A nação rende-lhes homenagem sincera e espontânea.

Martin Luther King ganhou um lugar inigualável na afeição de seus contemporâneos, porque assumiu a iniciativa de melhorar a situação dos pretos em seu país, por meios não violentos. Como tantos outros

pregadores pretos, poderia ter desfrutado uma vida tranqüila e próspera cuidando de sua paróquia. Não lhe faltava o talento de excelente orador e poderia, sem dúvida, chegar a ocupar os melhores púlpitos de seu tempo. Mas Martin Luther King não podia esquecer a situação desprivilegiada de seus correligionários. Pondo de lado considerações de conforto pessoal, a tranqüilidade de um lar feliz, iniciou uma campanha de educação da opinião pública, com graves riscos para sua pessoa. Nunca exerceu outra pressão que não a pressão do amor e do senso da dignidade inalienável de cada ser humano. Não chegou a ver o fruto pleno de seus sacrifícios, mas pôs em marcha um processo irreversível que acabaria eliminando os efeitos vergonhosos da discriminação racial em seu país.

O progresso maravilhoso do cristianismo no primeiro século e nos subseqüentes, e o entusiasmo que ainda inspira a milhões de crentes, devem-se, entre outras coisas, ao fato de Cristo alicerçar as relações divino-humanas não no dever pessoal, mas no amor filial. É o propósito expresso de Cristo transferir a cada ser humano do nível de servos para o nível de filhos. "Assim que já não és mais servo, mas filho, e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo".²



Humildade

Numa instituição de ensino da Idade Média os estudantes faziam um curso de três anos. No primeiro ano eram chamados sábios; no segundo, filósofos; mas no terceiro eram chamados aprendizes.

Em que classe estais vós?

Um requisito insubstituível de progresso tanto moral como intelectual é a humildade. Aquele que não reconhece quão limitada é sua sabedoria e quão relativa sua bondade é realmente cego.

O grande Laplace gastou uma vida inteira no estudo dos céus, procurando decifrar as leis que regem os movimentos siderais. Sua obra monumental, "Mecânica Celeste", constitui um marco do pensamento humano. Pensaríamos que

um gênio assim teria uma concepção exaltada de suas aquisições científicas. Ouvi-o, porém, no leito da morte: "O que sabemos é pouco; o que não sabemos é imenso".

Isaac Newton, outro gênio de primeira grandeza, que abriu vastos horizontes no domínio da matemática e da física, costumava dizer em seus últimos anos: "Se vi mais longe que outros foi por haver subido aos ombros de gigantes". Em certo lugar ele se compara a uma "criança que apanha conchas brilhantes e seixinhos rolados na praia do mar, enquanto o oceano da verdade se estende inexplorado ante ela".¹

Benjamim Franklin, o primeiro a demonstrar experimentalmente a identidade do raio com a descarga

elétrica de uma garrafa de Leyde, e que, como apóstolo da liberdade, foi aclamado na França em 1776 com a frase altissonante: "Eripuit coelo fulmen, sceptrumque tyrannis", (arrebatoou ao céu o raio, o cetro aos tiranos) deixou em sua renomada autobiografia a seguinte apreciação sobre a humildade:

"Gostaria que os homens sensatos e bem-intencionados não diminuíssem seu poder de fazer o bem por maneiras positivas e arrogantes, que raramente deixam de desgostar, tendem a criar oposições e a derrotar todos os propósitos para os quais a linguagem nos foi dada".²

Pode-se generalizar, sem temor de exagero, que os homens verdadeiramente grandes foram modestos. A presunção, que cega e marca os mediocres, é substituída por um halo de humildade sincera que coroa os gênios e os santos. É que que estes são conscientes das limitações que passam despercebidas aos menos esclarecidos.

Seria curioso investigar quanto a humildade contribuiu para que se tomassem grandes, ou quanto a genialidade influiu para que fossem humildes. A interação entre ambas é fora de dúvida. Para o comum dos mortais a primeira tese, no entanto, tem maior importância prática. Ninguém galgará os degraus mais elevados da escada do saber ou da santidade que não se compeetre de sua ignorância e pecaminosidade inerentes.

William Carey foi com razão chamado o Pai das Missões Modernas. Seus labores pela cristianização da Índia são os de um gigante impulsionado por uma paixão apostólica. A lista de suas realizações em quarenta anos de trabalho missionário é simplesmente assombrosa. Esta inclui: (1) as primeiras traduções completas ou parciais da Bíblia, impressas em quarenta línguas e dialetos da Índia, China e Ásia Central; (2) a primeira obra em prosa e o primeiro jornal no vernáculo de Bengala; (3) a primeira tipografia organizada, fábrica de papel e máquina a vapor vistas na Índia; (4) os primeiros esforços para educar meninas e mulheres na Índia; (5) o primeiro colégio para cristianizar hindus educados; (6) a primeira missão médica; (7) o estabelecimento e manutenção de pelo menos trinta grandes missões separadas; (8) a primeira sociedade para fomento da agricultura na Índia; (9) a primeira caixa econômica; (10) as primeiras traduções dos grandes épicos sânscritos, o Ramayana e o Mahabarata; (11) a primeira tradução da Bíblia para o sânscrito.

Em sua última enfermidade, o jovem missionário escocês, Alexandre Duff, fez-lhe uma visita elogiando sua grande obra. Carey replicou mansamente: "Sr. Duff, o senhor tem estado a falar do Dr. Carey, Dr. Carey; quando eu estiver morto, não diga nada do Dr. Carey — fale apenas do Salvador de William Carey".

Sua sepultura leva a única inscrição que ele permitiu:

William Carey,

Nascido em 17 de agosto de 1761

Falecido em 9 de junho de 1834

Um verme miserável, pobre, desamparado,

Em Teus bondosos braços eu caio.

A humildade de William Carey era a humildade característica dos homens genuinamente grandes. Apesar de seus trabalhos titânicos, ele escreveu certa vez: "A indolência é meu pecado dominante!"³

O rio da humildade se abebera em duas fontes inesgotáveis: a da reverência ante a grandeza do Universo que nos cerca e ante a glória do Deus a quem adoramos, e a do reconhecimento de nossa insignificância individual. A primeira tem sua razão de ser fora de nós; a segunda, em nós mesmos. Não exige excepcional imaginação descobrir a primeira; o acesso à segunda é embargado pelo orgulho inato. O homem natural está fora de si. Quando, porém, "cai em si", faz a grande descoberta que muda o rumo de sua vida. Reconhece que seu "eu" só adquire significado numa vida centralizada em Deus.

O pecado original consistiu em o homem transferir o centro de seu pensamento e de suas afeições de Deus para si mesmo. Logo, a conversão só pode significar a substituição da concepção egocêntrica para

a concepção teocêntrica da vida. Trata-se de uma transferência tão revolucionária como a da concepção geocêntrica do Universo dos escolásticos medievais para a concepção heliocêntrica de Copérnico e Galileu. Dentro de sua alma encontrará o homem forças psíquicas que se opõem a esta transferência com a mesma tenacidade com que forças históricas se opuseram à aceitação do conceito moderno do sistema solar. Alcançada, porém, a conversão, o homem terá um horizonte tão mais amplo a sua frente quanto Galileu ao olhar pela primeira vez através da luneta. Seus pensamentos e ações passam a gravitar em torno de Deus e não do "eu". O grande objetivo da existência volta a ser "servir a Deus e exaltá-Lo".

O ideal tantas vezes inculcado no século XX como único digno do homem emancipado, é frontalmente oposto a este. "Renuncia a Deus e exalta-te a ti mesmo. Nada de humildade piegas. És senhor de teu destino e capitão de tua alma". As conquistas tecnológicas recentes açulam o orgulho natural do homem. As fronteiras do conhecimento se expandem em todas as direções e dão ao recém-chegado a impressão de que não há limite à sabedoria humana. Depois de séculos de escassez e trabalho escravo, parecem ter-se rompido as comportas de uma prosperidade que inunda mesmo as nações até agora

menos privilegiadas. Mais alguns anos de paz, dizem os otimistas, e a Ciência transformará a Terra num paraíso. E dos muros da Babel moderna, qual outro Nabucodonosor, o homem ufana-se do êxito alcançado, e apregoa: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória de minha magnificência?"⁴

Bem fariam os corifeus do materialismo jactancioso em ponderar as palavras do sábio, tantas vezes confirmadas na queda de impérios e nações: "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda".⁵ Com inigualável prudência, recusou-se Sólon a pronunciar veredito sobre a ventura do rei de Sardes, o fabulosamente rico Cresos. Ao lhe perguntar este se não era o homem mais feliz no mundo, teria Sólon respondido: "Não considero nenhum homem feliz até sua morte". Pouco tempo depois desta entrevista, Cresos caía prisioneiro de Ciro, e sua riqueza imensa iria locupletar o tesouro vazio dos medos e persas.

Sob a tremenda desilusão da primeira Guerra Mundial é que Oswald Spengler escreveria sua "Decadência da Civilização Ocidental", em tão marcante contraste com o otimismo ingênuo da era vitoriana. Não, nem as conquistas técnicas da atualidade, nem a onda de bem-estar material que se alastra pelo mundo, justificam o orgulho. A me-

mória dos campos de concentração da última guerra, do bombardeio de populações inermes, da indiferença de uns poucos privilegiados em face da miséria de milhões subalimentados e mal vestidos, dos tratados de paz rasgados como farapos de papel, da escravatura vilificante ainda não repudiada universalmente, da discriminação racial praticada e defendida em países ditos cristãos, seria motivo suficiente para que o gênero humano cultivasse penitente humildade. O homem do século XX não é o superhomem de Nietzsche. É o mesmo de há dois ou seis milênios, a quem o verniz da civilização não alterou a alma visceralmente egoísta. Nobre e admirável às vezes, vil e desconcertante outras, o homem é este feixe de aspirações e contradições que o fadaram a perpétuo desespero.

Ninguém, que lance um olhar introspectivo nos recônditos de seu coração, deixa de surpreender-se com as mazelas morais que aí se escondem. Quanta sensualidade, quanta vilania, quanto egoísmo, quanta inveja, quanta torpeza se aninham nas almas mais nobres! Como já observara Thomas A. Kempis naquele relicário precioso que é a *Imitação de Cristo*, quanto mais se aproxima de Deus tanto melhor reconhece o homem o abismo em que caiu. Blaterar superioridade moral não fica bem ao santo e muito menos ao comum dos mortais. Melhor do que qualquer psicanalista

freudiano, Paulo expõe com realismo contundente os recessos mal-sãos da alma humana. É seu o seguinte diagnóstico revelador:

"Cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia".⁶

Neste quadro inspirado, as cores são carregadas, mas fiéis ao natural. Diante de corrupção tão abismal, queda vencido o orgulho insensato. Esta realidade nada lisonjeira ao coração natural é que inspirou Agostinho a escrever: "Se me perguntásseis qual é a primeira coisa na religião, responderia: A primeira, a segunda e a terceira coisa — sim, tudo — é humildade". Como poderia ser diferente a atitude da criatura diante do Criador, do ser finito diante do Infinito, do homem mortal diante do Eterno, do pecador diante de um Deus santo?

No final de sua autobiografia, conta Franklin como pretendia escrever um tratado sobre as virtudes e como conseguira incorporá-las à sua vida. São doze as virtudes de seu esquema original: Temperança, silêncio, ordem, resolução, frugalidade, diligência, sinceridade, justiça, moderação, limpeza, tranquilidade e castidade. A instâncias de

um amigo "Quaker", acrescentou em décimo terceiro lugar a humildade. Com um breve comentário sobre esta, no qual se nota um laivo de humor, ele encerra sua autobiografia:

"Na realidade não há, talvez, entre nossas paixões naturais, nenhuma tão difícil de dominar como o orgulho. Disfarce-a, lute com ela, submeta-a, afogue-a, mortifique-a à vontade, ainda está viva, e repondrá de tempos em tempos; vê-la-á, talvez, frequentemente nesta história, pois, ainda que pudesse conceber tê-la vencido, provavelmente orgulhar-me-ia de minha humildade".

O orgulho independente levou o filho pródigo a abandonar a casa paterna. Numa aventura ditada pela soberba, quis experimentar o êxtase da emancipação. Foi tão longe da órbita de seu lar quanto os recursos permitiram. Glorizou-se em sua liberdade recém-adquirida, de todo inconsciente de que suas riquezas eram herdadas e não adquiridas. Na sua decantada independência era dependente. Afinal, como o relógio que pára, cessada a corda, o pródigo chegou ao limite dos recursos que recebera graciosamente. Agitou-se por algum tempo ainda em inúteis tentativas de autosuficiência. Estava falido, mas doía-lhe reconhecê-lo. Não agrada ao orgulho natural admitir bancarrota.

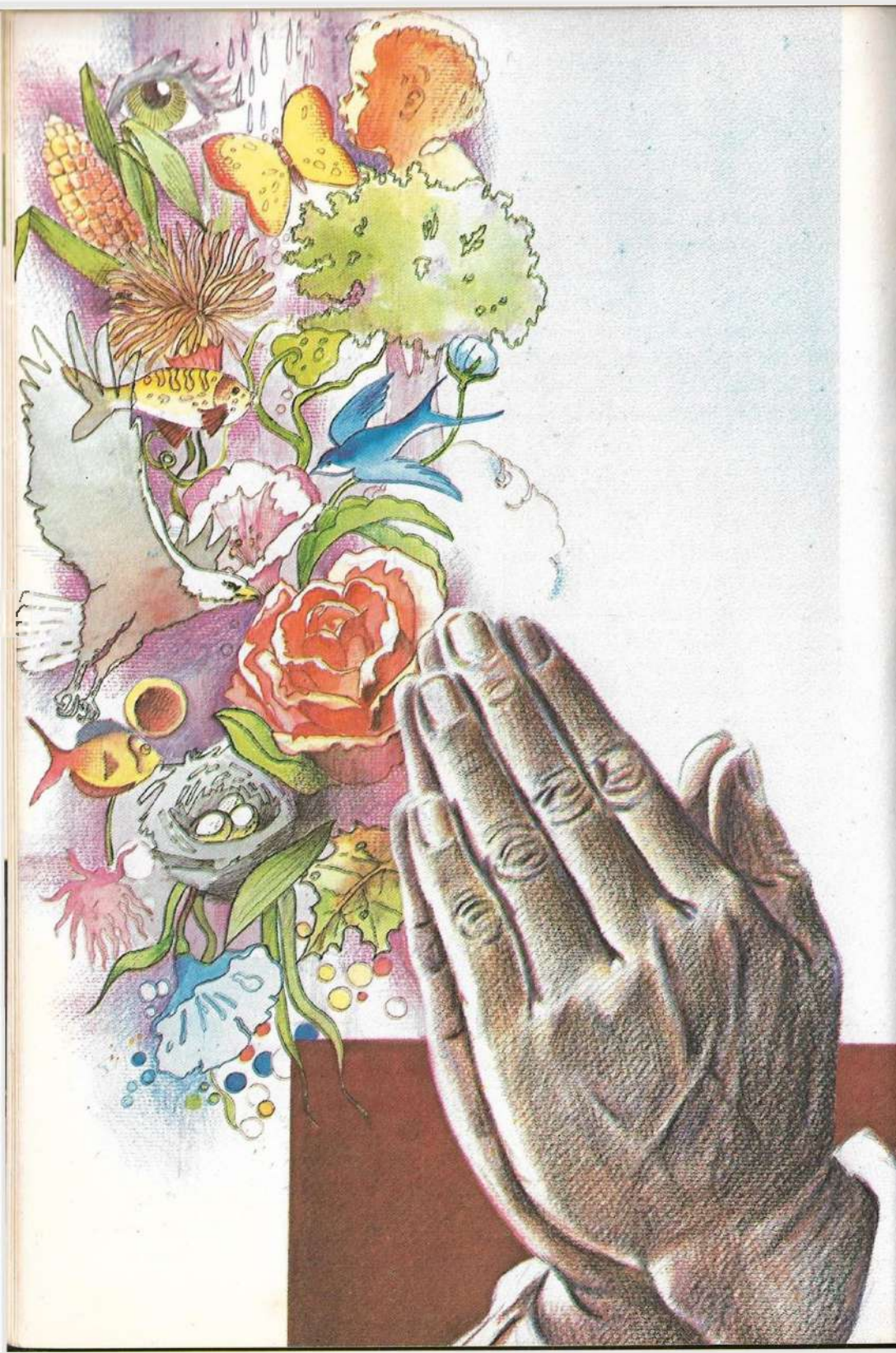
Finalmente, em sua extremidade reconheceu, como tantos outros

desde então, que o homem "de si mesmo nada é e nada tem". Foi a descoberta mais importante de sua vida. Acordou da hipnose produzida pelo falso conceito de independência. Esfregando os olhos, deu-se conta do atoleiro em que afundava por escolha própria. Caiu em si, pois estivera há muito afastado da realidade. Serena humildade, qual ar de um prado numa manhã de primavera, enche-lhe a alma. Resolve voltar. E voltou.

A negação própria, tantas vezes inculcada por Jesus,⁷ nada tem em comum com a extinção do desejo apregoado pelos budistas. Imaginando que a morte do desejo é a única forma de escapar à roda inexorável de encarnações, com sua seqüela de sofrimentos sem fim, Buda recomendava a seus discípulos a renúncia do desejo de vida, de felicidade, do desejo, enfim, de tudo que nos prende a este mundo. A única salvação que preconiza é a desistência de toda salvação. Destruída assim a raiz da dor, o ho-

mem entraria no Nirvana, que não é outra coisa que não a extinção da existência individual. O que apregoa é uma renúncia inteiramente negativa, que vai ao arrepio das aspirações mais profundas do ser humano. Quão mais razoável é a concepção cristã da salvação. O homem é convidado a renunciar a tudo que tem para dar o primeiro lugar a seu Criador. Para o cristão, negar-se a si mesmo significa depor o eu do trono e entronizar a Cristo. Significa ter um só Senhor, uma só lealdade.

Com referência a esta transação disse conhecida escritora: "Exigirá um sacrifício o entregar-se a Deus; é, porém, um sacrifício pelo mais elevado, do terreno pelo espiritual, do perecível pelo eterno".⁸ Poderá parecer humilhante ao coração voluntarioso praticar esta renúncia. O eu rebela-se ante este imperativo cristão. Parece-lhe suicídio. Mas é o suicídio que precede a gloriosa ressurreição para uma nova vida — a vida centralizada em Deus.



Cortesia e Gratidão

No salão de vendas de uma grande firma de caminhões, entrou certo dia um fazendeiro, modestamente trajado. Não apareceu nenhum vendedor para cumprimentá-lo, e ele passou alguns minutos examinando um veículo exposto no salão. Dois jovens vendedores, cheios de importância, viram-no, mas não fizeram esforço algum para cativar seu interesse. Simplesmente o ignoraram. O visitante saiu e, descendo a rua, entrou na loja de um concorrente.

Aqui, o fazendeiro encontrou uma atmosfera diferente. Foi cumprimentado cortesmente por um representante da firma, recebeu as explicações que desejava, e em meia hora tinha comprado cinco cami-

nhões. Pagou com um cheque-certificado e, na saída, observou: "Estarei de volta dentro de um mês, e quero comprar oitenta destes caminhões. Pode sua firma fornecê-los?" O vendedor, surpreso, engoliu, ao responder afirmativamente. A outra firma poderia ter recebido a encomenda se os dois empregados tivessem mostrado mais interesse e um pouco de cortesia.

Nesta mesma linha de idéias, merece ser citada a opinião de um psicólogo: "Bons ouvintes fazem, em geral, mais vendas do que bons faladores". É que o bom ouvinte, pela sua cortesia, ganha mais facilmente a boa vontade de seu interlocutor. Afinal de contas, estamos todos, de um modo ou de outro,

empenhados em vender nossas idéias, e não somente artigos.

"Metade dos males deste mundo", disse conhecida escritora, "seriam sanados pelo cultivo de uma cortesia uniforme". Evidentemente, a cortesia em questão pouco tem em comum com regras de etiqueta convencionais. Embora, diga-se de passagem, mesmo a observação formal de boas maneiras prescritas pela sociedade vá longe, no sentido de criar boa vontade e facilitar as relações sociais. A cortesia é para a engrenagem social o que é o lubrificante para uma máquina. Previne as fricções inúteis que tanto dificultam o trato de uns com os outros. Que o óleo da cortesia, pois, corra generosamente, para que a passagem do homem na cena desta vida seja mais feliz.

Não há dúvida que a cortesia genuína só pode ser o fruto de um coração autenticamente bom, onde o amor ao próximo é um princípio profundamente arraigado. O reconhecimento de que todo indivíduo, como filho de Deus, tem seu valor próprio, uma dignidade inalienável, independentemente da posição que ocupe na escala social, convida à prática da cortesia. Pessoas verdadeiramente magnânimas são, como regra, cortesões mesmo para com os mais humildes. Conta-se que, por distração, certa vez um soldado deixou de fazer continência ao general Eisenhower, que passava. Vivamente embaraçado e re-

ceoso das consequências, o soldado procurou uma entrevista com o general, para pedir-lhe desculpas. Batendo-lhe amavelmente no ombro, Eisenhower disse, sorrindo: "Você está desculpado, meu rapaz, mas veja que você não se esqueça de fazer continência ao sargento". Isto nos lembra de um rifão corrente nas Ilhas Gilbert: "Mansa é a voz de um chefe". Sir Arthur Grimble, que passara anos nas ilhas como governador, deixou o seguinte comentário a este dito popular: "Gentileza e cortesia deviam andar de mãos dadas com o poder".

Gafes enormes têm sido cometidas por pessoas desabitadas à prática uniforme da cortesia no trato diário com seus semelhantes, pouco importa se com conhecidos ou com estranhos. Conta-se que a rainha Vitória, da Inglaterra, quando hospedada no castelo Windsor, não longe de Londres, costumava fazer passeios a pé, incógnita, pela campanha. Certa vez, num de seus passeios, a soberana foi surpreendida por uma chuva inesperada. Bateu à porta da primeira casa de campo para pedir emprestado um guarda-chuva. Uma senhora de maneiras rudes veio à porta, ouviu o pedido e resmungando desapareceu. Voltou instantes depois com um velho guarda-chuva. "Tenho outro melhor", explicou ela, "mas como não espero ver este guarda-chuva de volta, a senhora pode levá-lo". A rainha agradeceu ama-

velmente e prosseguiu seu passeio. No dia seguinte um "gentleman" trajado em libré parou em frente da casa. A senhora veio abrir a porta e ficou surpreendida de receber de volta seu guarda-chuva e uma bolsa com algumas libras esterlinas. "É um presente da parte de sua majestade, a rainha Vitória". A pobre mulher caiu das nuvens, mas era demasiado tarde para corrigir a má impressão que deixara. O único preventivo para evitar tais gafes teria sido a prática de uma cortesia uniforme.

"A caridade não tem bandeira", diz o provérbio, e tampouco a cortesia. Não conhece barreiras de raça, cor ou posição social. É a manifestação espontânea de um caráter habituado a tratar a todos com distinção e lhanura. A cortesia dignifica tanto o que a estende como o que a recebe. No pólo oposto se encontra a bajulação hipócrita, que pode desfazer-se em medidas, que em nada correspondem aos sentimentos íntimos. Praticada com segundas intenções, a bajulação visa obter algum favor da pessoa cortejada. E é, com justa razão, ressentida como uma forma refinada de hipocrisia.

Em contraste com a bajulação, a cortesia nunca é o produto de um cálculo. É, ao contrário, o fruto espontâneo daquela virtude suprema que é o amor ao próximo. Onde há amor, a cortesia brota tão naturalmente como uma flor exala

seu perfume. Não é o resultado do estudo de regras de etiqueta, embora regras de etiqueta tenham seu lugar. Nem tão pouco se resume em maneiras refinadas, embora delas faça uso. Mas ao passo que o refinamento das maneiras possa ser um verniz exterior, a cortesia expressa algo mais, esta qualidade indefinível, que não tem outro nome que não o amor.

Noite chuvosa de inverno. Um velho em mangas de camisa vendia jornais. Ao lhe pedirem a licença, não a pôde mostrar, e foi interrogado pela polícia. E pelo que ele contou, puderam os circunstantes avaliar a imensa bondade de seu coração.

Ao passar por uma das ruas da cidade, encontrara um pequeno jornaleiro, que, vencido pelo cansaço, dormia — apesar do frio — na soleira de uma porta. Tirando o paletó, cobriu com ele a criança, pegou os jornais que se achavam espalhados pelo chão e foi vendê-los, proporcionando assim ao garoto alguns instantes de sono e de repouso.

Eis a cortesia genuína em roupa de trabalho!

Nesta época em que a estabilidade da família está tão seriamente ameaçada, o cultivo de uma cortesia uniforme muito faria para fortalecer os laços que unem os membros de um lar. Pedimos vênia para citar aqui as palavras inspiradas de

uma conhecida escritora cheia de sensibilidade e discernimento:

"O verdadeiro amor é um princípio elevado e santo, inteiramente diferente em caráter daquele amor que é suscitado pelo impulso, e que subitamente morre quando posto à prova. É pela fidelidade ao dever no lar paterno que a juventude se deve preparar para formar um dia seu lar. Pratiquem aqui a abnegação, e manifestem bondade, cortesia, e simpatia cristãs. Deste modo o amor será acalentado no coração, e aquele que sair de um tal lar para tornar-se o chefe de sua própria família saberá como promover a felicidade daquela a quem escolheu como companheira na vida. O casamento, em vez de ser o fim do amor, será apenas o princípio". — Patriarcas e Profetas, p. 176, (inglês).

Intimamente ligado com a cortesia se encontra o sentimento de gratidão. São como irmãs gêmeas, que raramente são vistas à parte. Como a cortesia, a gratidão não é consciente de si mesma. Não assume ares de importância. Como o incenso perfuma uma catedral, assim a gratidão perfuma o templo da alma. Não só perfuma, mas enobrece cada sentimento. Como evoca H. H. Rowley, a gratidão é um sentimento essencialmente religioso e que cria o clima em que medra a vida espiritual. Do reconhecimento por bênçãos recebidas, o coração humano se eleva espon-

taneamente ao louvor e adoração. Quantos, porém, assumem, contrariamente a toda lógica, que a Providência lhes deve todos os favores, sem que por tanto se sintam no mínimo constrangidos a agradecer a Deus!

A gratidão é o reconhecimento de favores recebidos de Deus como o doador de toda boa dádiva, bem como de nossos pais e amigos. Contudo, quantas vezes permitimos que este sentimento tão nobre pereça por falta de expressão! Uma palavra de gratidão custa tão pouco, mas quanto calor comunica às relações humanas! De outro lado, quantos benfeitores da humanidade desceram a um túmulo frio sem o conforto da gratidão daqueles para cuja felicidade tanto contribuíram.

Uma exceção notável a esta regra teve lugar em 1912. Na primavera daquele ano o grande navio "Titanic", do qual seus proprietários declaravam não poder ir ao fundo, chocou-se contra um iceberg, em sua viagem inaugural entre Southampton e Nova Iorque. A vida de 2.200 pessoas dependia do telegrafista que operava um instrumento que vinha de ser inventado por Guglielmo Marconi. Com fidelidade ele permaneceu no posto batendo mensagens de SOS, na esperança de que outros navios, que faziam a mesma rota no Atlântico Norte, escutassem o sinal em seus receptores de telegrafo sem fio. Infelizmen-

te um sinal que poderia ter salvo as 1.500 vítimas do naufrágio do "Titanic" não foi captado, porque um vapor que passava bem próximo, quase à vista, tinha fechado o receptor para a noite. Mas graças à invenção de Marconi, o "Carpathia" captou a mensagem de socorro e manobrou através da bruma para salvar 712 pessoas.

Em Nova Iorque, um jovem telegrafista ficou preso a seu aparelho durante 72 horas, sem interrupção, mantendo o único contato entre a cidade e o navio de socorro. Quando o "Carpathia" atracou no porto de Nova Iorque com sua preciosa carga a bordo, soube-se que Marconi estava na cidade. Num gesto espontâneo, todos os sobreviventes dirigiram-se ao hotel onde Marconi estava hospedado para expressar-lhe seu reconhecimento.

Os sobreviventes do "Titanic" tinham sobejas razões para agradecer a Marconi pela invenção do telégrafo sem fio. Temos nós menos razão de expressar a Deus nosso reconhecimento por bênçãos sem número recebidas de Suas mãos? Laços de solidariedade nos prendem à família humana como um todo. Somos os beneficiários do trabalho e do sacrifício daqueles que nos precederam neste planeta. Ao sacrifício de sábios, médicos e inventores em todos os campos da atividade humana devemos o nível nunca dantes igualado de conforto material e de longevidade que

nossa geração desfruta. Quão fácil, porém, é olvidar a dívida de gratidão que devemos a todos que pelos seus labores e renúncias criaram um mundo melhor!

Se outros se esquecem, não assim o apóstolo Paulo. Ele se considerava devedor para com todos os homens, civilizados ou bárbaros, sábios ou ignorantes (Romanos 1: 14). Tendo sido o objeto imerecido do amor divino, São Paulo reconhecia que sua dívida para com Deus não poderia jamais ser saldada, a menos que partilhasse com outros as bênçãos recebidas. Pela sua atividade incansável em anunciar a outros o evangelho, ele dava expansão a seu sentimento de gratidão, e assim sintonizava sua vida com este movimento de fluxo e de refluxo, de amor e gratidão, que pulsa no coração do Universo, e que deve pulsar em nossas vidas. É evidente, dos escritos de São Paulo, que sua aspiração mais ardente era revelar de tal modo a seus ouvintes a grandeza do amor divino que de milhares de corações reconhecidos ascendesse aos Céus um hino de gratidão constante. Pelo efeito contagiante do amor, este cântico de gratidão, sustentado por poucas vozes a princípio, devia, passo a passo, avolumar-se num coro universal.

Mencionamos alhures, neste livro, o heroísmo do jovem Eduardo Spencer, estudante na Universidade Northwestern, perto de Chicago,

que numa manhã fria de inverno, ao risco de sua própria vida, salvou dezessete pessoas de um barco que afundava não longe da praia. Pois bem, quando, anos mais tarde, o conferencista, Dr. Torrey, contava esta história em Los Angeles, alguém observou que Eduardo Spencer estava no auditório. Torrey convidou-o a subir à plataforma, e um senhor de cabelos grisalhos veio para frente. Quando seu interlocutor lhe perguntou se se recordava de algo relacionado com o gesto de altruísmo praticado em sua juventude, ele respondeu com evidente emoção: "Somente isto, Dr. Torrey. Das dezessete pessoas que salvei naquela ocasião nenhuma jamais se deu o trabalho de vir me agradecer". O silêncio penoso que baixou sobre o auditório traía o sentimento de culpa que invadiu muitas consciências. É que a gratidão é sentida como uma virtude tão espontânea que seu olvido nos parece inexcusável.

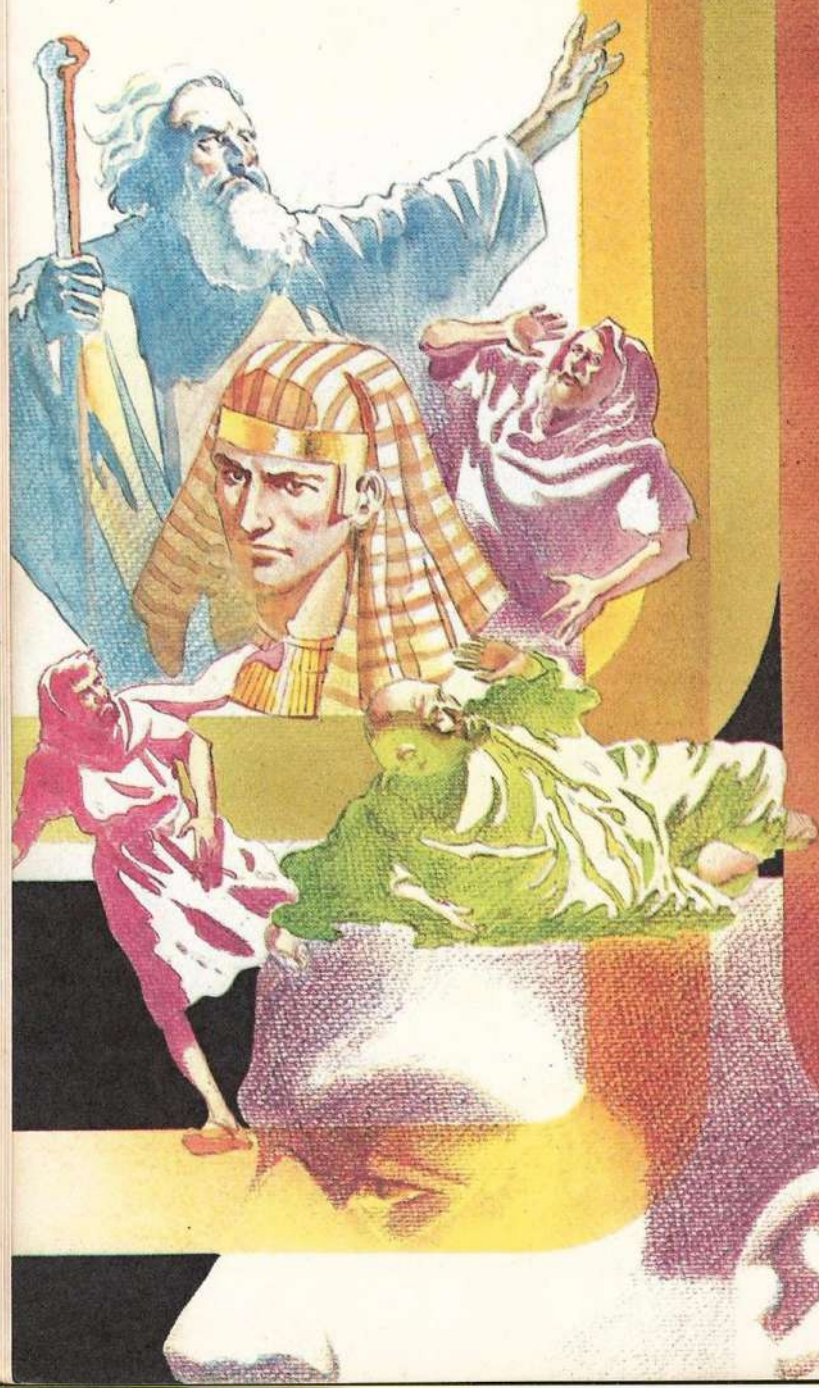
A experiência de Eduardo não é, infelizmente, um caso isolado. Quantos pais não curtiram em sua velhice a dor infligida pela ingratidão de filhos pelos quais tantas renúncias praticaram! Uma carta de apreciação sincera, uma visita cheia de afeto, seria o suficiente para iluminar a vida de muita mãe alquebrada sob o peso do esquecimento e da ingratidão. Mesmo o divino Mestre apreciava ouvir uma palavra de reconhecimento da parte daque-

les que tinham sido o alvo de Sua graça plena de compaixão. Narra o evangelho de São Lucas a história da cura miraculosa dos dez leprosos. Ao obedecerem à ordem de Jesus de se apresentar aos sacerdotes que deviam constatar oficialmente a cura efetuada, os dez se viram purificados. Mas, dos dez, um apenas "vendo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta voz, e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-Lhe; e este era samaritano", justamente aquele de cujos sentimentos nobres o público mais duvidava. Desapontado, Jesus lhe perguntou: "Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?" (S. Lucas 17:11-19). "Onde estão os nove?" é a pergunta probante que é dirigida a cada geração. E porque se demonstrou agradecido pela saúde física que lhe fora restaurada, o homem purificado da lepra recebeu a bênção infinitamente maior da salvação.

Uma lei da psicologia humana diz que a expressão de um sentimento intensifica a emoção que lhe deu origem. Inversamente, a repressão repetida de um bom sentimento, de um impulso generoso, tende a estancar a fonte emotiva que o gerou. Deixemos, pois, que o sentimento generoso da gratidão tenha livre curso. Ele repercute favoravelmente tanto sobre aquele que o expressa, como sobre a pessoa que é o objeto de nosso reconhecimento.

O que acabamos de dizer não só se aplica ao trato cotidiano, quer no mundo social ou no de negócios, mas é ainda mais pertinente naquele microcosmo que é a família. Neste mundo à parte, a delicada planta do amor só viceja numa atmosfera perfumada de cortesia e reconhecimento. Não há mal-entendido que não possa ser resolvido por um diálogo cordial. Nada como admitir um erro ou confessar uma dívida de gratidão. Nada facilita tanto o funcionamento harmonioso da engrenagem da família como o óleo

da cortesia e das pequeninas atenções misturado com o bálsamo da gratidão, bálsamo que torna suportáveis os maiores sacrifícios para o bem comum. Na realidade, os sacrifícios são alegremente consentidos, se os beneficiários demonstram, por iniciativa própria, um mínimo de reconhecimento. Não só os cônjuges aceitam de bom grado as maiores renúncias se há reconhecimento genuíno de parte a parte, mas os filhos são encorajados a abraçar o ideal de nobreza refletido em seus maiores.



Desvios

Nada mais desagradável ao automobilista que desliza velozmente ao longo de uma bela estrada pavimentada do que deparar de chofre à sua frente uma tabuleta com uma flexa indicando: DESVIO. O primeiro impulso, particularmente se a estrada à frente é convidativa, é ignorar o aviso e prosseguir em linha reta. Desprezar a advertência, porém, significa convidar o desastre: encalhar o carro num atoleiro ou precipitá-lo dentro de um rio. Foi o que ocorreu a um motorista ousado, certa feita. Com o bom senso embotado talvez pelo álcool, disparou o carro em flagrante desrespeito ao aviso de DESVIO, que lhe pareceu descabido, visto a estrada estar aparentemente em ordem. O re-

sultado foi encontrar a morte no fundo de um rio, pois não havia mais ponte naquele local.

Na senda da vida também há desvios, com a diferença, porém, de que não há letreiros tão visíveis como os que se encontram nas rodovias. A sabedoria consiste em reconhecê-los, não obstante, pois "há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte".¹

Há duas sortes de desvios: uns ~~colocados por Deus mesmo, outros criados por nós. Nada temos a rec~~
colocados por Deus mesmo, outros criados por nós. Nada temos a rec
ear quanto aos primeiros. Aquele que vê desde o princípio, bem sa
be quantas vezes Seus filhos preci
sam ser desviados de uma senda
que não é boa, cujo fim é o lodaçal

do pecado ou o despenhadeiro da derrota.

Tomemos o caso de José, o filho predileto do patriarca Jacó. É certo que aos 17 anos, José, apoiado por seu pai solícito, tinha traçado um atraente plano de vida em Canaã. Provavelmente, aos vinte casar-se-ia com uma prima encantadora, de tez morena, a exemplo de seu pai e de seu avô. Constituiria seu lar; tomar-se-ia um fazendeiro próspero e respeitado; seria um sheik, enfim, cujo conselho seria procurado por grandes e pequenos, um leal servidor do Deus de Abraão e Isaque.

Mas o Senhor tinha em vista uma missão muito mais relevante para José. Para que dela bem se desincumbisse, era preciso educá-lo adequadamente. Era preciso removê-lo do ambiente protegido do lar e submetê-lo a circunstâncias que enrijecem a fibra de um homem. Corria em tantas outras ocasiões, Deus converteria a ira dos homens, neste caso a inveja de seus irmãos, em instrumento para execução de Seu propósito de qualificar a José para se tornar o "salvador do mundo". Os treze longos anos de provas que se seguiram, constituíram um penoso desvio, aparentemente cruel e sem justificativa. Não foram, porém, inúteis. O tempo de preparo geralmente é proporcional à importância da tarefa a ser executada.

Desce ao fundo de uma cisterna, ali lançado pelos irmãos mancomu-

nados para tornar irrealizáveis os sonhos de sua juventude. Desce depois ao Egito com uma caravana de midianitas. É vendido como escravo a Potifar. Desce ainda a uma triste prisão, sob acusações falsas. E porque desceu ao fundo do sofrimento humano, subiu depois ao posto de primeiro ministro do Egito, tornando-se um tipo daquele que desceu até o inferno para então ser exaltado soberanamente, recebendo "um nome que é acima de todo o nome". E porque sofreu vitoriosamente, José foi qualificado para simpatizar-se com milhões de sofredores. Embora de origem humilde, não se embriagou com o poder, nem empunhou o cetro de um tirano.

Desvio ainda mais longo foi aquele que ocorreu na vida de Moisés. Aos quarenta anos, julgava-se preparado para a grande tarefa de Libertador do seu povo da escravidão no Egito. Não possuía ele toda a ciência dos egípcios? Não fora educado na arte militar da maior potência do mundo de então? Per que esperar mais?

Se treze anos foram necessários para qualificar um primeiro ministro, quarenta anos não seriam demais para capacitar Moisés para a tarefa hercúlea de libertar uma nação de escravos que gemia sob a opressão dos faraós e organizá-la numa teocracia modelar. Para essa incumbência colossal, a sabedoria adquirida na corte egípcia era insu-

ficiente. A providência divina removeu, pois, Moisés do Egito para o deserto, como antes removera José de Canaã para o Egito. Num longo desvio que o levou até as tendas do midianita Jetro e de lá ao sopé do Sinai, Moisés teve seu caráter retemperado na forja das aflições, até que sua índole violenta fosse disciplinada e ele se tornasse o homem mais "manso da Terra".

Outro homem que conheceu o significado de desvios determinados por Deus foi o apóstolo Paulo. Educado como fora aos pés de Gamaliel, o maior mestre do judaísmo, era de se imaginar que uma vez convertido ao cristianismo logo se dedicasse à missão de pregar as boas-novas de um Salvador morto, ressuscitado e prestes a voltar. Mas não: Paulo, o fariseu, com seus preconceitos rabínicos, não estava qualificado para empreender de chofre o grande trabalho de sua vida. Ele o reconhece e se retira durante três anos para a Arábia² a fim de estudar a missão de Cristo à luz dos ensinamentos do Velho Testamento. Do resultado profícuo deste retiro dá testemunho seu apostolado eficaz, que o leva a semear igrejas desde Antioquia até Corinto.

Num segundo desvio, Paulo passa dois anos numa prisão em Cesaréia e, logo depois, visto ter apelado a César, é transferido para Roma onde passa alguns anos detido em sua casa, algemado a um soldado da Guarda Pretoriana. Mas

esses desvios que aparentam um terrível desperdício de tempo no ministério tão frutífero de Paulo, foram, na realidade, uma grande bênção para a Igreja Cristã. Sem eles não teríamos algumas das maravilhosas cartas que, depois dos evangelhos, representam a maior riqueza da igreja. Paulo teve sua ação limitada no espaço, para que sua influência fosse ilimitada no tempo. Benditos desvios que deram ao incansável apóstolo oportunidade de perpetuar em escritos imorredouros sua luminosa compreensão do plano da Redenção!

Cuidado, porém, com os desvios de escolha própria! Em tais casos, o desvio representa um caminho mais longo que tornamos para contornar as dificuldades do caminho mais curto. Voltar as costas a uma dificuldade não a resolve, porém.

A razão assaz frequente porque alguns se desviam da linha reta que Deus traçou para sua vida é o temor. Foi o caso de Elias, que fugiu diante de Jezabel. Parece incrível que um profeta da fibra de Elias, que sozinho enfrentara a crise religiosa gerada pelo culto de Baal no seio da nação israelita, fosse fugir diante da ameaça da rainha Jezabel. Mas Elias, no dizer de Tiago, era homem sujeito às mesmas fraquezas que o comum dos mortais e, num momento de pânico, temeu pela própria vida. Como resultado, embrenhou-se por um longo desvio que o levou até o monte Ho-

rebe, onde Deus procurou insuflar-lhe novo ânimo.

"Que fazes aqui Elias?" foi a pergunta que fez o Senhor ao profeta deprimido e desencorajado. Foi-lhe dada uma nova visão de suas responsabilidades e foi-lhe apontado o caminho de regresso ao posto do dever. Aquele que ordenou a Elias voltar, estaria com ele para o fortalecer e guardar. Elias não devia terminar seus dias num desvio obscuro. A senda do dever, embora espinhosa, se trilhada impavidamente, o levaria a uma entrada gloriosa no reino dos Céus.

Com Jonas, a razão do desvio foi o orgulho nacionalista. Incumbido de pregar o arrependimento em Nínive, a orgulhosa capital da única nação que podia tolher a expansão do reino de Israel naquela época, o profeta sentiu o sangue ferver-lhe nas veias, e insurgiu-se contra a ordem divina. Pregar o arrependimento, quando no íntimo ele desejava a destruição incontínente dos assírios, era demais para Jonas. Buscaria na fuga escape de uma responsabilidade que lhe era tão penosa. Desceu a Jope, o porto mais próximo. Desceu depois para dentro de um navio que rumava para Tarsis. No meio de uma tempestade que ameaçava fazer soco-brar o barco, desceu ainda ao porão do navio, indiferente ao perigo que a todos alarmava. Desceu finalmente ao fundo do mar, porque só pode descer aquele que se afasta

da diretriz divina para sua vida.

A relutância de Jonas em cumprir o dever de ir a Nínive era também causada pela antecipação da perda de prestígio que sofreria caso a profecia da subversão de Nínive não se realizasse. Preocupava-o mais o prestígio pessoal do que a salvação de seus semelhantes. O mesmo orgulho tem arrastado a outros por longos desvios, que não só acarretam atraso no programa divino como desapontamento para eles próprios.

O apego ao pecado é provavelmente a razão mais comum por que jovens abandonam a estrada retilínea que conduz à glória e se embarafustam por desvios cujo fim "são os caminhos da morte".

Joaquim subira ao trono de Judá aos dezoito anos.³ Nuvens pesadas toldavam o futuro de sua pátria. A independência política de Jerusalém estava em jogo ante a ameaça crescente dos caldeus. A hora exigia um rei que se colocasse sem reservas ao lado de Deus e do direito. Por que não Joaquim? De absoluta fidelidade aos princípios da lei de Deus dependia a segurança nacional. O momento era grave, mas não irremediável. Joaquim era moço, mas não demasiado moço para erguer-se qual outro Davi diante de um novo Golias. Nem todos os exércitos de Babilônia poderiam jugular uma nação que tivesse Deus a seu favor.

Muito dependia de Joaquim. Da-

ria ele o exemplo de uma genuína reconsagração ao Deus de seus pais? Romperia ele com a idolatria pagã que asfixiava a alma da nação? Não, infelizmente não. Dele é dito sentenciosamente que "fez o que parecia mal aos olhos do Senhor".⁴ O apego ao pecado era demasiado forte em sua vida. Preferia contornar a única decisão que poderia salvar sua terra, embrenhando-se pelo desvio fácil da contemporização com os pecados e erros tão populares em seus dias. Desvio atraente, mas que acabou em desastre três meses depois, quando Jerusalém caiu nas mãos de Nabucodonosor, e Joaquim e sua mãe foram levados ao exílio para figurar talvez na procissão triunfal do vencedor.

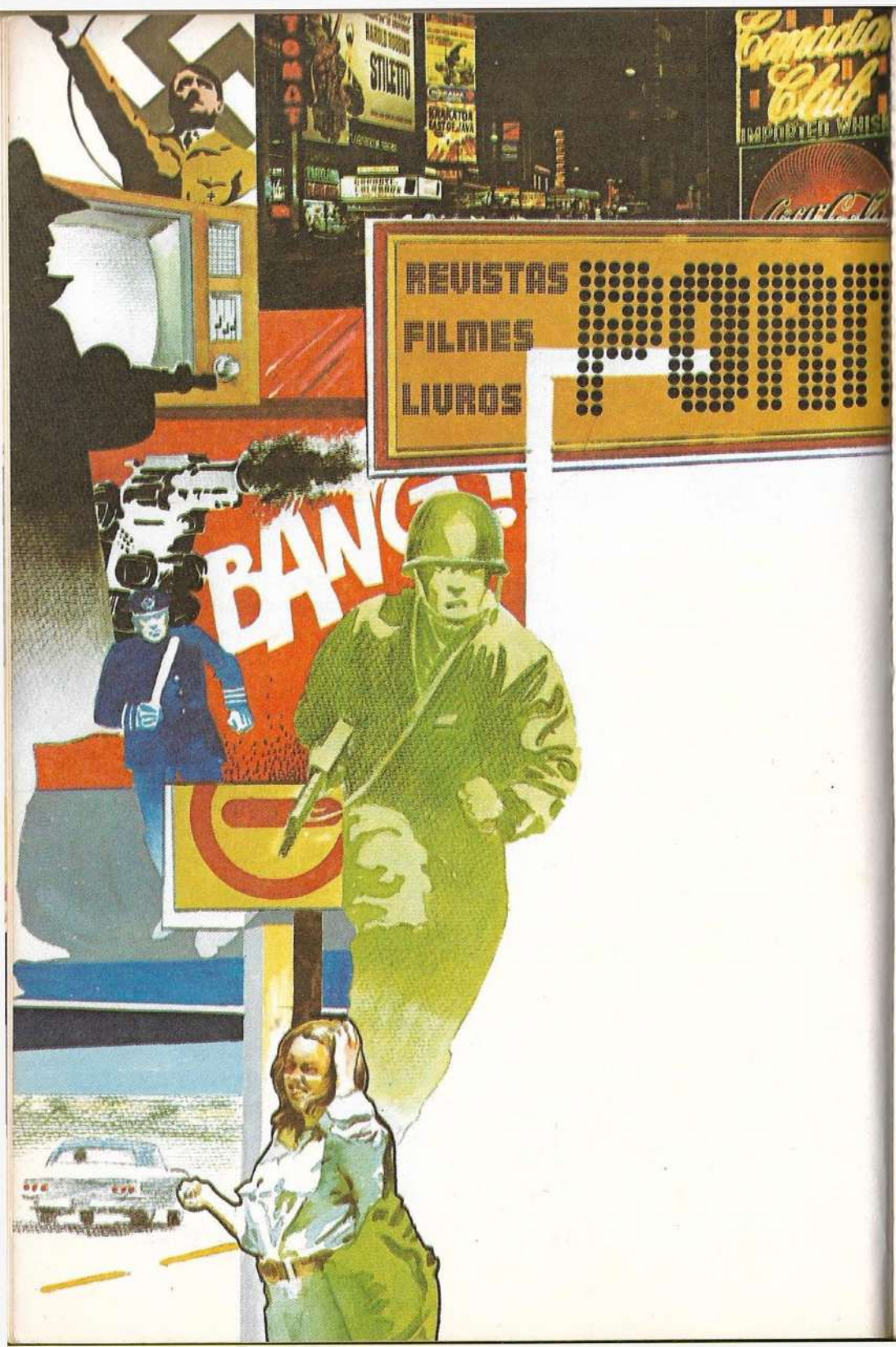
Há um toque de ironia na observação de Jeremias referente à libertação de Joaquim, trinta e sete anos mais tarde,⁵ já no tempo de Evil-Merodaque, novo rei de Babilônia.

Teria agora Joaquim seus cinquenta e cinco anos. Fora-se sua mocidade. Fora-se a oportunidade de tornar-se um herói ao lado de Deus, a fim de salvar da ruína a nação. Agora, velho e alquebrado, só lhe restava lamentar aquele desvio de sua própria escolha no início de uma carreira cujo desfecho poderia ter sido bem outro.

Se estais deambulando por um desvio que vos desqualifica para a tarefa para a qual Deus vos chamou, que vos afasta do plano divino para vossa vida, fazei alto hoje mesmo e orai:

"Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; e vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno".⁶

Mas se é Deus que vos guia ao longo de um caminho escuro e difícil, confiai em Sua sabedoria infinita e terno amor, que certamente vos hão de guiar ao fim almejado.



atalhos
alvaros
jaco
Sansas
Jonas

Derrio
Jose.
Daniel

Deus Aba -
no eralhemer

Atalhos

No fundo do vale do Mercedes, que corta o Parque Nacional do Yosemite, na Califórnia, até o nível do planalto da Serra Nevada, há uma diferença vertical de quinhentos metros. As paredes do vale são íngremes e quase impraticáveis mesmo a alpinistas experimentados. Há, não obstante, caminhos abertos pelos guardas que zelam pelo Parque, os quais desafiam os excursionistas mais ousados a tentar a escalada até o plateau de onde se descortina um panorama espetacular.

Certa vez um grupo de visitantes descia por um desses sendeiros que ziguezagueiam como que incrustados nas paredes do vale. Imaginando-se mais sábios que os demais, alguns deles enveredaram por um

atalho que prometia levá-los mais depressa encosta abaixo. O atalho era convidativo. E que atalho não o é! O sucesso era completo. Até ... até que se viram subitamente à beira de um abismo. Avançar era fatal. Retroceder, impossível. Horas mais tarde, exaustos e humilhados, eram retirados um a um com o auxílio de cordas lançadas de cima por guardas que tinham acorrido para socorrê-los.

A esta altura, permiti-me parafrasear Prov. 16:25 do seguinte modo: "Há atalho que parece direito ao homem, mas o seu fim são os caminhos da morte". Todo atalho parece direito ao homem. Se não parecesse não seria preferido. Mas,

embora pareça direito, muitas vezes seu fim é a morte.

O ser humano tem uma predileção por atalhos. Atalhos revelam a tendência generalizada de escolher o caminho do menor esforço e também o que exige menor fé. Admita-se que a lei do mínimo esforço tem contribuído para o progresso das ciências e das artes. Que estímulo teria o homem para inventar máquinas, não fosse o desejo muito legítimo de poupar o esforço braçal! Os próprios matemáticos não teriam concebido novos métodos de calcular se não fossem impelidos pela necessidade de poupar esforço mental. Desde escadas rolantes até calculadoras eletrônicas, a série toda de inventos que têm tornado a existência humana sobre o planeta menos penosa ilustra a operação da lei do mínimo esforço.

Ná porém, na estrada da vida, atalhos desaconselhados, porque levam ao desastre. A Escritura Sagrada, como mapa divino que é, aponta vários desses atalhos.

Para aviso nosso, temos a história de Jacó, que enveredou pelo atalho da fraude. Quando moço, Jacó certamente ouvira dos lábios de sua mãe Rebeca o relato de seu nascimento e da profecia de que, embora mais jovem, herdaria o direito de primogenitura. Rolavam os anos em monótona procissão sem que nada acontecesse para concretizar aquela profecia tão cara a seu

compra
coração. Em sua impaciência, tentou Jacó primeiro comprar de seu irmão Esaú os privilégios religiosos e civis implícitos na bênção da primogenitura. É o primeiro caso de simonia registrado nos anais bíblicos. O de Simão Mago foi o último. Com requintada diplomacia, segundo o Gênesis, ofereceu Jacó a seu mano um guisado de lentilhas, sob condição de este lhe ceder os direitos da primogenitura quando Esaú se encontrava prostrado pela fome.

Como outras barganhas feitas em condições idênticas, essa também não convenceu a nenhum dos irmãos. Daí recorrer Jacó, aos sessenta anos, a uma fraude deliberada. Enganaria ao próprio pai, já cego pela idade, fazendo-se passar pelo ruivo e cabeludo Esaú. O plano ardiloso surtiu efeito. Um assado habilmente preparado por Rebeca foi aceito como produto de uma caçada de Esaú. Isaque, depois de remover suas dúvidas sobre a identidade do filho, pronuncia a bênção, de caráter irrevogável.

A bênção extorquida pelo engano não trouxe a Jacó a felicidade com que sonhara. De que lhe valeria o título da Primogenitura? Sem as qualidades de caráter necessárias, era um título vazio. Só se tomaria válido no dia em que atingisse a maturidade espiritual exigida. Vinte anos de decepções e amarguras foi quanto lhe custou o atalho da fraude.

O caminho certo teria sido aguardar com paciência a bênção paterna enquanto se qualificava moral e espiritualmente para ela. Aquilo que negligenciara aprender no ambiente favorável do seu lar através de uma juventude desperdiçada, Jacó teria agora de aprender no exílio em Harã. Repetidas vezes prejudicado pela desonestidade do astuto Labão, seu tio e futuro sogro, compenetrando-se Jacó afinal de que o atalho do engano só leva ao labirinto tortuoso do desapontamento, do qual só se sai pela porta do arrependimento.

Quanto jovens não pensam hoje atingir o êxito pelo mesmo atalho ilusório? Pelo atalho da cola se conseguem diplomas, mas nunca conhecimento. Não há substituto para o trabalho honesto e perseverante. O atalho da fraude pode trazer riquezas efêmeras, mas não um tesouro durável no Céu; reputação, mas não caráter. Reputação é o que os homens pensam de nós. Caráter é o valor que os Céus nos atribuem.

Outros se deixam atrair pelo atalho da violência. Foi assim que Moisés quis libertar Israel do cativo no Egito. Educado na escola dos Totmes com sua filosofia do direito divino dos mais fortes, Moisés, aos quarenta anos, indignado com os maus tratos recebidos por seus compatriotas, mata um egípcio e espera promover uma insurreição geral. O fiasco foi, porém,

completo. Nem ele nem o povo israelita estavam preparados para a libertação. Incompreendido pelos seus, odiado pelos egípcios, foi Moisés obrigado a procurar refúgio no deserto do Sinai onde permaneceu longos anos, até compreender que a violência é visceralmente contrária ao método divino de agir.

Disse o meigo Salvador: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra".¹ Os violentos podem alcançar um domínio momentâneo no mundo, mas os "mansos" é que herdarão a Terra no final.

Não, o atalho da violência, com seu desacato à dignidade humana, nunca poderá ser escolhido por alguém que pauta sua vida pelas normas de Jesus. Erros e injustiças, nas estruturas sociais, sempre existiram, não menos nos dias em que Cristo palmilhou esta terra do que nos nossos. Poder-se-ia imaginar maior injustiça do que a escravatura praticada e defendida nas sociedades grega e romana? Um prisioneiro de guerra corria sempre o risco de ser vendido como escravo. A diretriz indicada por Cristo e seus discípulos não foi a do ataque direto às instituições existentes, embora iníquas. A força que, afinal, aboliu a escravatura na Europa ocidental, em poucos séculos foi a força da pregação pacífica do evangelho. Numa sociedade que abraçasse o cristianismo, a escravatura seria eventualmente abolida, tão cer-

to como o sol nascente faz desvanecer a bruma da manhã.

Nada desconcerta tanto os adversários do bem como a não-violência. Foi a tática empregada por Gandhi em sua campanha para libertar a Índia da tutela inglesa. Embora não professasse o cristianismo, Gandhi o conhecia profundamente e o admirava. Só lamentava que os cristãos não punham em prática os ensinamentos de Cristo, sobretudo o preceito de amar seus inimigos. Ele os pôs em prática em sua campanha de desobediência passiva contra as autoridades inglesas. O que a força das armas não teria conseguido, a não-violência conseguiu, e os ingleses capitularam. Nada resiste à persuasão dos não-violentos.

A violência, como um instrumento de coação política, é um fenómeno endêmico em nossa época agitada. Dir-se-ia que a violência converteu-se em um novo esporte. Joga-se hoje a vida alheia como outrora se jogava com uma bola. A violência se manifesta hoje em dia tanto no manejo do volante de um automóvel como no manejo de uma arma de fogo. Que a televisão esteja fortemente implicada em fomentar este clima de violência é a opinião de muitos sociólogos. O número de programas que focalizam e glorificam a violência é notório. Esperar que a mente de crianças e juvenis não se impressione com estas cenas de violência é

querer iludir-se voluntariamente.

No mesmo diapásão vai a epidemia de raptos com intento de trocar vidas humanas por somas exorbitantes. Os países tidos como os mais civilizados não escapam à sanha de terroristas cujo intuito confessado é de dismantelar as estruturas sociais existentes, sem nada propôr para substituí-las. A civilização ocidental está assediada não tanto por inimigos externos como internos. A publicidade que tais atos recebem confere ao crime a aura de proeza admirável que não tarda a ser imitada. A apatia geral é, porém, desconcertante. Nossa sociedade se assemelha a um navio que estivesse a ponto de soço-brar, enquanto os passageiros continuam a festejar até o derradeiro momento.

Na vida espiritual, de todos os atalhos o mais perigoso é o da desobediência. Em certo sentido, toda desobediência é um atalho no caminho traçado por Deus. Ora, não pode haver atalho numa estrada reta. Não há atalho no caminho para o Céu.

Não pensavam assim nossos primeiros pais, quando no Éden imaginaram poder alcançar de atalho um conhecimento superior. Acenava-lhes o inimigo com a ilusão falaz de que seria possível atingir um plano de existência mais feliz tripudiando sobre as diretrizes divinas para sua vida. Pode a criatura ser mais sábia do que o Criador? Não obs-

tante, muitos teimam em querer alcançar a felicidade por meios que desrespeitam as instruções emanadas do Autor da vida. Demonstram tanta insensatez como aquele que quisesse desfrutar de longa vida enquanto transgredir as leis da saúde.

São as leis divinas a melhor salvaguarda da felicidade humana. Na conformidade com estas alcança o homem seu desenvolvimento mais elevado. Criado para refletir o caráter de Deus, o ser humano só é verdadeiramente feliz quando vive em harmonia com a vontade divina expressa em Sua lei. Pela desobediência às leis do seu ser, sofre o homem um processo de desumanização. Toma-se sub-humano. Frustra toda a possibilidade de um progresso efetivo. Afastando-se de Deus pelo atalho da desobediência, afasta-se de sua razão de ser como homem "feito para glorificar a Deus e desfrutá-Lo".

Leva, este atalho, muitos nomes. Um deles é o do adultério ou prostituição. À sua entrada, luzes vermelhas convidam o jovem incauto a gozar privilégios que reconhecidamente só são legítimos dentro do quadro da família. Mas o que nem todos reconhecem é que esses privilégios só são genuínos onde há amor genuíno. Ora, não pode haver amor verdadeiro onde não há responsabilidade. Amor irresponsável é indigno do nome. O rótulo que lhe cabe é paixão animal e, portanto, infra-humana. Onde esta impera,

não há, nem pode haver, genuíno prazer, mas amargura e desapontamento. Dotado pelo Criador para gozar o enlevo de uma união espiritual com a pessoa digna de seu amor, não pode o homem nunca encontrar satisfação profunda e duradoura numa união meramente carnal. O plano divino é sempre o melhor. Acatá-lo é descobrir o segredo de uma existência verdadeiramente feliz.

Outro atalho perigoso na estrada da vida é o do jogo. O jogo visa dar ao homem bens que ele só pode desfrutar como resultado do trabalho honesto. Daí o dinheiro ganhar no jogo ser maldito. É maldito porque cria a ilusão de que vivemos num mundo em que domina o acaso caprichoso, e não leis racionais; de que o homem não colhe o que semeia, mas o que a sorte lhe dá; de que é possível vencer na vida dependendo da chance e não do trabalho perseverante. É maldito porque desqualifica o homem para os deveres sérios; porque diminui o senso de responsabilidade — a quem ser responsável se a vida toda é um jogo? — porque enfraquece a fibra moral — não é o acaso amor al?

Mesmo como passatempo, os jogos de azar não são menos condenáveis. Roubam o tempo que poderia ser empregado numa atividade criadora. Minam a saúde, destruindo a paz de espírito. Afrontam o caráter, narcotizando-o com o

ópio do êxito fictício. Na atmosfera corruptora do cassino, dissolve-se a honestidade, o brio, o bom senso. Abre-se a porta a uma multidão de outros vícios: a bebedeira, a profanidade, a mentira, a prostituição. "Um abismo chama outro abismo", diz o salmista.

Na geometria, a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. Na esfera moral, o caminho reto pode não ser o mais curto. Quase sempre é o mais penoso. Mas é o único digno de ser palmilhado por aqueles que aspiram à vida imortal.

O Dr. Samuel Wilberforce, bispo de Oxford, estava certa vez num trem parado na estação de Brighton, quando alguém, vendo a bagagem com o nome do bispo, exclamou:

— Ah, Wilberforce está viajando neste trem! Gostaria de lhe fazer uma ou duas perguntas que o deixariam embaraçado.

Inesperadamente a cabeça do bispo apontou numa janela.

— Agora é sua oportunidade, disse ele ao desconhecido. Qual é sua pergunta?

Bastante confuso, o indivíduo na plataforma gaguejou: — Bem, vou fazer-lhe uma pergunta, mas penso que não achará fácil respondê-la.

— Qual é? Qual é? insistiu o bispo.

— Diga-me qual é o caminho mais curto para o Céu?

— Ah, sorriu o bispo, isto é muito simples. Você não sabe, realmente? Pois então ouça. Tome a primeira estrada do lado direito e siga em linha reta.

Nessa estrada retilínea, em demanda da glória eterna, é nosso privilégio ouvir a voz de Alguém que nos ama e deseja nosso êxito na jornada da vida, dizer:

"Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda".²



É a Consciência um Guia Seguro?

Um dos mais belos exemplos de verdadeira nobreza, visto em muitos anos, é o do capitão Carlsen, do cargueiro *Flying Enterprise*, o homem que permaneceu em seu navio adernado até que afundou debaixo de seus pés.

O *Flying Enterprise* singrava as águas do Mar do Norte com um carregamento precioso destinado ao porto de Hull. Vinha de Nova Iorque, e faltavam apenas algumas centenas de milhas até o término da viagem, quando a embarcação, sacudida por violenta tempestade, começou a fazer água. Esforços ingentes foram desenvolvidos para conservar o barco flutuando. Chegou-se a ligá-lo por um cabo de aço a outro navio, na esperança de

rebocá-lo até o porto mais próximo.

Mas o cabo partiu-se, e embora o barco indicasse uma inclinação de 45°, o capitão Carlsen recusou-se a abandonar o posto do dever. Somente quando o *Flying Enterprise* soçobrou irremediavelmente é que o capitão se atirou às águas turbulentas do oceano e foi recolhido por um bote salva-vidas.

No porto de desembarque aguardavam-no baterias de câmaras fotográficas, cinematográficas e de televisão e um exército de repórteres ávidos de sensações. O esforço de dar publicidade ao caso assumiu as formas mais dramáticas. Tudo porque um capitão da marinha mercante tinha desassombradamente

insistido em cumprir seu dever até o fim.

Característico do século XX, o século em que tudo se comercializa, até almas e corpos de homens, foi o bombardeio de ofertas remuneradoras feitas ao capitão Carlsen pelo uso de seu nome — trinta mil dólares se introduzisse uma nova cerveja no Canadá, cento e cinquenta mil dólares pelo direito de filmar sua história, etc. Mas ele recusou todas as propostas — um milhão de dólares ao todo — dizendo: "Não endossarei cervejas, relógios, ou qualquer produto comercial, porque não quero ver desmerecida a luta honesta de um marinheiro para salvar o seu navio".

Eis um homem com uma consciência clara do dever, uma consciência tão fiel ao imperativo moral como a bússola o é ao pólo!

Com razão, a consciência tem sido comparada à bússola da vida moral. Mas, como toda bússola, a consciência também tem suas limitações. Sob certas circunstâncias, a bússola torna-se errática no seu comportamento. Isto ocorre quando a agulha é influenciada pela proximidade de massas de ferro ou durante uma tempestade magnética, tempestades estas provocadas por manchas solares que de algum modo afetam o campo magnético da Terra. São as mesmas tempestades que chegam a interromper as comunicações radiotelegráficas em certas ocasiões. Um navio, equipa-

do para estudar o magnetismo terrestre e localizar os pólos magnéticos, foi construído exclusivamente de madeira e cobre. Não se permitiu nem um prego de ferro, a fim de que os dados da expedição fossem absolutamente fidedignos.

Há, sem dúvida, influências que afetam nosso discernimento moral, pois não é outra coisa a consciência. Herdamos a capacidade de discernimento moral como herdamos a capacidade de falar. Mas, porque inata, não significa que é uma capacidade plenamente desenvolvida e infalível. Precisa ser cultivada como qualquer outra capacidade, ou permanece rudimentar e atrofiada. É radicalmente relacionada com a educação recebida desde o berço, com a qualidade do ambiente familiar, com o discernimento moral dos pais, professores e amigos.

Se o indivíduo teve a felicidade de nascer num lar regido por elevados padrões éticos, onde perdura o respeito mútuo, onde a noção do dever é inculcada pela palavra e pelo exemplo, onde a própria atmosfera é permeada de virtude e nobreza, então sua consciência é bem formada. Coube à psicanálise o mérito de ter reconhecido a importância das influências que operaram na infância sobre a formação moral e psíquica do adulto. Muitas neuroses têm suas razões nas frustrações emotivas da criança. E muito desequilíbrio moral reflete falhas

de educação no mesmo período da existência.

O equilíbrio de um transatlântico que sulca o alto mar é garantido pelo lastro que leva no bojo. Sem lastro, o navio, embora flutuasse, adernaria ao menor sopro do vento. Como o lastro assegura a estabilidade do navio, assim a consciência assegura a estabilidade da vida moral. Desprezar a consciência, significa expor-se ao desequilíbrio ético. Este lastro moral é constituído de hábitos, ideais e atitudes adquiridos desde a infância. É a resultante de uma longa série de escolhas corretas entre o bem e o mal. É a soma total das convicções morais acumuladas na memória pela observação da vida e pela doutrina de nossos maiores.

Não se conclua que uma consciência mal formada esteja irreparavelmente plasmada. É verdade que, no adulto, a consciência não retém a mesma plasticidade que a inteligência, por exemplo. Muito mais do que esta, é afetada pelo passado todo; e o passado é parte integrante de nosso ser, quer queiramos, quer não. O passado deixa sua marca não só nas rugas da face, mas também na composição do sangue, na elasticidade dos músculos, e decididamente no estofo de nossa consciência. O discernimento no momento presente é a resultante de todas as escolhas feitas até então. Nem por isso pode a Ciência negar, *a priori*, a possibilidade de

uma conversão no sentido religioso. Os exemplos de consciências deturpadas que foram subitamente iluminadas são numerosos demais para serem ignorados a pretexto de uma falsa objetividade.

Jesus Cristo pressupunha a realidade da consciência. Não teria pregado o Sermão da Montanha, a mais sublime plataforma moral já ouvida, se não contasse com o discernimento de Seus ouvintes. Frequentemente o divino Mestre surpreendia os interlocutores com perguntas como esta: "Por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?"¹ A capacidade de julgar entre o justo e o iníquo foi implantada no coração humano pelo próprio Criador. Embora deturpado pelo convívio com o pecado, um discernimento residual permanece mesmo nas consciências mais obtusas. Esse resíduo pode inflamar-se e tornar-se luminoso em contato com a chama que se irradia dos ensinamentos de Cristo.

De outro lado, mesmo uma boa consciência pode ser contaminada.² Não é algo infalível e imutável. Não é melhor do que o próprio homem. Ela é mareada pela condescendência com o erro, pela transigência com a fraude e a desonestidade. Por uma sucessão de escolhas semiplausíveis, pela tergiversação em face de situações duvidosas, perde a consciência sua acuidade. Introduce-se a dúvida e a hesitação no lusco-fusco das transa-

ções marginais, e, onde ontem haveria a repulsa positiva, hoje se verifica a titubeação tolerante. E assim, gradualmente se apaga a linha demarcatória que deve separar o lícito do ilícito, o justo do injusto. Ofusca-se a clareza do branco e o negrume do preto. Tudo se torna cinzento.

O apóstolo Paulo fala também de uma consciência cauterizada.³ Antes do aparecimento dos antissépticos, os médicos costumavam cauterizar feridas com ferro em brasa. Além de ser doloroso, o cautério deixava cicatrizes horríveis. Hoje, mais raramente, usa-se o cautério do nitrato de prata como desinfetante heróico. Uma consciência cauterizada só pode ser a consciência insensível do indivíduo calejado na prática do crime.

De Mitridates, rei do Ponto, inimigo fidalgo dos romanos, conta-se que para não ser vitimado por algum envenenamento planejado por seus algozes, resolveu imunizar-se pela ingestão de doses progressivamente maiores de vários venenos. É provável que tenha sido bem sucedido; porque os romanos, que lhe moveram várias guerras, enviando contra ele seus melhores generais, com Sila e Pompeu, jamais conseguiram eliminá-lo sumariamente, como fizeram com Viriato, o herói da Lusitânia. Daí o termo mitridatização, que é sinônimo de imunização.

Quanta consciência mitridatizada!

Quanta insensibilidade em face dos maiores crimes! Sem ela não haveria a fera de Buchenwald, campo de concentração onde os homens entravam pela porta e saíam pela chaminé, cremados impiedosamente. E houve mais de um Buchenwald desalmado. Nada há mais assombroso do que o tratamento desumano do homem pelo próprio homem.

O sadismo testemunhado nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial é, infelizmente, praticado hoje até nas ruas das grandes metrópoles. Crimes hediondos são perpetrados enquanto a consciência dorme e os instintos bestiais dominam.

Houve uma época em que os jogos dos gladiadores, em Roma, se transformaram em verdadeiras chacinhas. Neles chegaram a ser trucidadas, segundo o testemunho abalizado do Deão Farrar, cerca de vinte mil pessoas por mês. Essa situação calamitosa perdurou mesmo depois da adoção nominal da fé cristã pelo imperador. A consciência da plebe romana não fora ainda genuinamente despertada de sua modorra pelo toque de clarim do mandamento sublime: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo". Foi então, num dia de grande espetáculo, que um monge sírio, cujo nome iria ficar célebre, saltou para a arena do Coliseu, diante de numerosa assistência, tentando separar dois gladiadores que ali lutavam fe-

rozmente. Foi apedrejado pelo populacho até morrer, mas seu valente protesto impressionou de tal modo o imperador Honório que este mandou suprimir tais jogos. O espetáculo em que o monge se sacrificou foi o último que houve em Roma. O nome desse herói é Telêmaco.

Este recrudescimento da crueldade pagã que presenciamos na sociedade contemporânea, resulta de um abandono generalizado dos princípios da moral cristã. A barbárie dos campos de concentração foi uma consequência natural do neopaganismo da era hitleriana. Constitui um augúrio do que podemos aguardar de uma civilização que não mais se inspira nas fontes ilibadas da moral evangélica. É impossível a consciências formadas na escola do amor ao próximo, conservarem-se insensíveis ao sofrimento alheio, e menos ainda se tornarem cúmplices da crueldade metódica arvorada em instrumento de dominação política.

É digno de nota que o calejamento da consciência é uma experiência progressiva. A ação ignóbil, que ontem nos repelia, por força de repetição, torna-se tolerável e, finalmente, se converte em hábito inveterado. Como disse alguém: "O vício é um monstro tão insinuante, que a princípio tememos, depois apreciamos e finalmente abraçamos". Jaz a única salvaguarda em evitar toda familiaridade com ele.

Transigir com o erro e o pecado, é narcotizar a consciência e permitir que o inimigo penetre na cidade da alma e trame nossa derrota impunemente.

Um saltimbanco de feira costumava exibir uma grande sucuri domesticada. Era um monstro repelente que, a seu mandado, saía da jaula e se enroscava em redor de seu corpo, estendendo finalmente a grande cabeça em direção dos espectadores. O público, maravilhado, aplaudia com entusiasmo. Certa vez, a um dado sinal, a serpente deslizou pelo soalho, indo enrolar-se em torno do corpo do saltimbanco. Ouviram-se os aplausos frenéticos e, finalmente, o ator deu o sinal para a serpente voltar à jaula, mas o bicho pareceu não ouvir. Tornou a falar e ainda o ofídio não atendeu. Sacudiu os ombros, num esforço para levar o réptil a obedecer. Açulada, a sucuri apertou os anéis em volta do saltimbanco, que morreu esmagado perante os olhos da assistência horrorizada.

Não menos traiçoeiro é o vício. Pensamos mantê-lo sob controle indefinidamente. Proporcionar-nos-á prazer enquanto não se tornar perigoso, refletimos, e então o abandonaremos. Assim imaginaram muitas vítimas do tabaco, do álcool e dos entorpecentes. Cometeram, porém, um engano fatal. Em seus cálculos não entrou o efeito cauterizante do vício sobre sua consciência e sua vontade. Insidiosamente,

através de meses e anos, o vício atuou não só sobre seu organismo, minando-lhe a resistência, mas através dele sobre seu caráter. Hoje são apenas uma sombra do que foram. Combalida a vontade, não sentem mais desejo e menos ainda possuem forças para desalojar o intruso que admitiram em seu seio. O vício não é um casaco que se veste e se despe ao bel-prazer, segundo as conveniências do momento. Torna-se uma parte integrante da personalidade, e extirpá-lo é tão doloroso como extirpar um tumor maligno.

Permitam-nos comparar ainda a consciência a uma balança de precisão. De fato, é função da consciência pesar os motivos e atribuir-lhes um valor justo. Ora, as duas qualidades básicas de uma balança são a exatidão e a sensibilidade. Enquanto a exatidão depende dos braços serem de igual comprimento e inflexíveis, a sensibilidade depende da leveza dos braços e do gume dos cutelos que sustentam o travessão. O autor trabalhou certa vez com uma balança de precisão que era sensível ao risco de um lápis numa folha de papel — um decimiligramma bastava para fazer pender um dos pratos. E há balanças sensíveis a um milionésimo de grama, que são manipuladas à distância, dentro de uma caixa em que se produz o vácuo. O calor da mão poderia afetar a pesagem! Sobre-carregar uma balança de precisão

pode arruinar o gume dos cutelos, diminuindo sua sensibilidade, ou vergar os braços do travessão, prejudicando a exatidão.

De igual modo, a consciência educada deve ser exata e sensível. A sensibilidade é afetada desfavoravelmente pelo compromisso repetido com o erro, pela contemporização com aquilo que se sabe ser pecaminoso, pela tergiversação em face de propostas desonestas, quando o certo seria repeli-las com firmeza. A duplicidade e a hipocrisia corroem a sensibilidade como o ácido ao metal. A antítese da consciência sensível é o cinismo que se ri dos valores morais, que zomba dos escrúpulos da honra e da pureza, que vilipendia a nobreza e a virtude.

Consciência exata é aquela que julga com acerto, cujo discernimento é acertado pelo padrão divino de justiça e retidão. Falar de justiça sem um padrão absoluto de moralidade é o mesmo que falar de direito, sem lei que o defina; de ordem, sem autoridade que a garanta. Como o relógio dos observatórios é aferido constantemente pela marcha inerrante das estrelas no firmamento, assim a consciência deve ser aferida pela norma infalível da vontade de Deus, expressa no Decálogo e no Sermão do Monte.

Não há cronômetro, por mais dispendioso, que mantenha tempo exato independentemente, e não há consciência digna de confiança que

dispense ser constantemente sintonizada pela revelação de Deus nas páginas das Escrituras, e por comparação com outras consciências igualmente bem educadas. "O fim do mandamento", disse Paulo, "é a caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida".⁴ Sim, os mandamentos divinos concisamente exarados no Decálogo, e séculos mais tarde explanados por Cristo, quanto ao seu verdadeiro alcance, no Sermão do Monte, constituem o fundamento de toda moralidade, o guia infalível da consciência. Familiarizar-se com eles através de estudo paciente e meditação é o primeiro dever dos que querem nortear suas vidas mediante uma consciência esclarecida.

Se a consciência há de ser uma lâmpada a iluminar nosso caminho através do emaranhado de solicitações opostas que confundem, de tentações que embarçam, de alternativas que nos enchem de perplexidade, maior a razão por que ela deva ser iluminada pela luz que irradia da Palavra de Deus. "Lâmpada para os meus pés é a Tua Palavra, e luz para o meu caminho".⁵ Por que não trocar a candeia bruxuleante da razão desajudada pelo farol luminoso das verdades eternas do Livro dos livros?

Remorso

Não seria completo este estudo sem uma referência ao problema

do remorso. Que é o remorso? Definuiu-o alguém como a consciência ferida e sangrando. Há remorso onde há sentimento de culpa. Como disse humoristicamente Emil Brunner, o remorso "é como um cão trancado na adega por causa do hábito aborrecido de latir, e que continuamente espreita a oportunidade de romper na casa que lhe é fechada; e o fará no momento que a vigilância do dono relaxar".⁶

O remorso é a dor pungente de uma consciência culpada. Porém, como a dor física, o remorso é sintoma de uma condição anormal que exige atenção. Como no fundo mais interessa ao médico remover a causa da enfermidade do que os sintomas que são o toque de alarme do organismo, assim também mais interessa a todos nós remover a culpa do que o remorso, que é apenas um sintoma de anormalidade. Nenhum médico, que preza sua reputação, prescreveria um entorpecente, quando o caso exige cirurgia. Entretanto, milhares procuram aliviar os remordimentos da consciência narcotizando-a com o álcool ou soporíficos piores. Buscam paliativos que agravam o mal, quando à sua mão jaz um recurso simples e infalível.

O próprio fato da consciência ser afligida pelo remorso, é prova de que retém sua sensibilidade, de que nem tudo está perdido. Sentir a condenação da consciência ofendida, é motivo de encorajamento pa-

ra aqueles que aspiram às alturas na vida moral. Se a prática do erro ou do vício não é seguida do sentimento de culpa, é porque a consciência está cauterizada, morta, e não mais exorta o pecador a retragar seus passos. Essa situação, felizmente rara, é de todas a mais lamentável. É a sentença de morte que lavram contra si mesmos aqueles que persistiram através dos anos numa vida de deboche e devassidão. Fecharam sistematicamente os ouvidos à voz da consciência que os convidava a romper com a impureza e a desonra, e agora ela emudeceu para sempre.

Que fazer, pois, com o remorso? O remorso é o protesto da consciência contra a violação daquilo que sabemos ser justo e reto. Educada no respeito à lei divina que rege a conduta humana no interesse do próprio homem, a consciência não pode deixar de ressentir-se ante uma transgressão deliberada da norma de pureza e santidade estatuída por Deus mesmo. Daí o sentimento de culpa que segue ao pecado, como o trovão ao raio. Há culpa onde há o choque de duas vontades: a divina e a humana. Criado para encontrar na conformidade com a vontade divina, sua maior felicidade, o homem sente-se miserável quando deixa de corresponder ao propósito divino para sua existência. Nem poderia ser diferente. O maior castigo do transgressor é justamente a dor de ter ofendido

a seu Pai que o ama. Sente que, em consequência do pecado, produziu-se uma ruptura em suas relações com Deus. É justamente esta relação rompida que o tortura e lhe dá o sentimento de culpa.

Reatar as boas relações com Deus, eis a prescrição para restaurar paz à consciência atormentada pelo remorso. Como fazê-lo? Pela confissão sincera de nossos erros e pecados, e pelo arrependimento genuíno. Se nos afligem as faltas cometidas, é porque estamos no caminho do arrependimento. Arrependimento não é outra coisa senão uma radical mudança de atitude em face do pecado. Aquilo que nos seduziu num instante de cochilo, ou num período mais longo de indiferença, e que nos pareceu tão agradável, causa-nos agora repugnância. Recusamos nosso assentimento aquilo que antes aprovamos. Vemos o pecado como realmente é, despido de todo disfarce e embuço, o torpedeador da felicidade humana. A razão o repudia como uma mentira deslavada, e a vontade nega obediência ao usurpador.

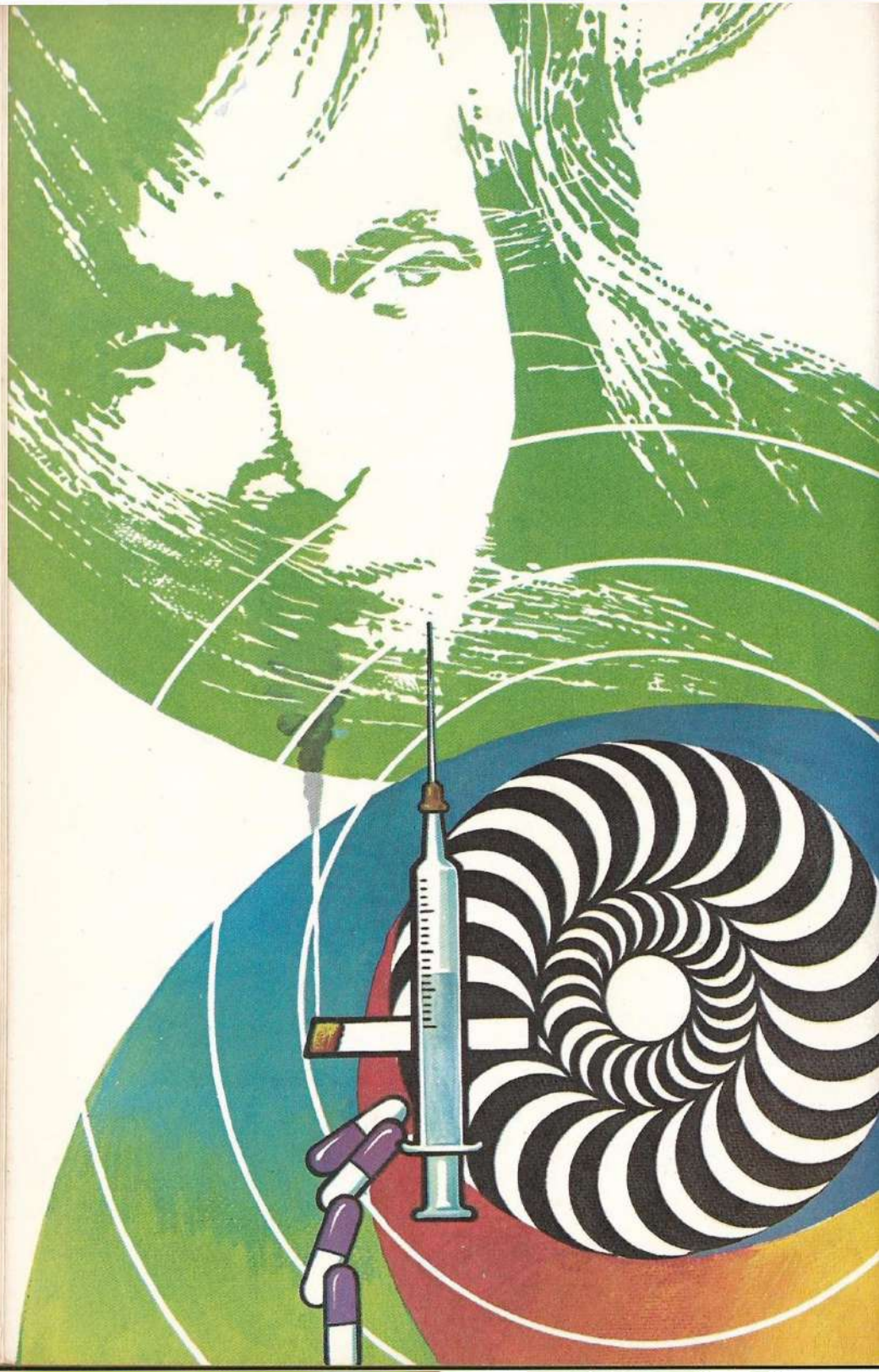
A esta repulsa do pecado, que se opera na mente, segue-se a confissão. "Se confessarmos os nossos pecados", diz o apóstolo João, "Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça".⁷ Confessar é admitir nossa falta a quem ofendemos, de modo contrito e humilde. Seu efeito não é de simples catarse, como pre-

tendem os psicanalistas. A exteriorização dos conflitos íntimos aos ouvidos de um conselheiro, quer seja ele um psiquiatra ou um sacerdote, pode trazer alívio, mas não traz perdão. Perdão, e a conseqüente paz, são uma dádiva de Deus a todos os que a Ele se achegam, abrindo-Lhe o coração numa confissão absolutamente sincera. Como a voz do Mestre repreendeu outrora a tormenta que agitava as águas do Mar da Galiléia, restabelecendo a bonança, assim o perdão divino expulsa o remorso e infunde na alma uma paz inefável. Todos os que o experimentaram, dele se recordam como sendo uma das experiências mais preciosas de seu passado.

Não a trocariam por nada neste mundo.

Libertado do sentimento de culpa que o oprimia como as cadeias ao condenado, o homem sente-se uma nova criatura. Não se conclua que cessam para sempre os conflitos e a possibilidade de errar. O encanto do pecado e a fascinação do vício foram, porém, quebrados.

Lapsos, se houver, serão a exceção, e não a regra. E não mais é preciso sofrer indefinidamente os remordimentos da consciência ofendida. Aos que erram involuntariamente, sempre é acessível o perdão divino, mediante o arrependimento e a confissão.



O Problema das Drogas

Janice acabava de completar quinze anos, quando bebeu pela primeira vez. Nunca tendo provado álcool, aceitou a bebida que se lhe oferecera mais pela curiosidade do que por outra razão. Ao ser assimilado por seu organismo, o álcool parecia comunicar-lhe calor e certa euforia. Janice sentiu-se surpresa e deleitada.

Como era tímida por natureza, o sentimento de liberação de certas inibições sociais, que o álcool proporcionava, era justamente o que Janice pensava estar à procura. Rapidamente desenvolveu uma propensão pelas bebidas alcoólicas, e não hesitava em fazer uso clandestino do estoque que seus pais tinham no bar. As coisas se deterio-

raram rapidamente, e Janice passou a sofrer de tonturas, "dependuras", e um terrível complexo de culpa. Certa noite, depois de uma bebedeira, Janice perdeu o controle do carro de seus pais, que derrapou para fora da estrada e foi atravessar uma cerca. A despeito dessa advertência traumática, Janice persistiu em beber. Suas notas na escola entraram em declínio deplorável. Alarmados com a mudança no comportamento da filha, os pais começaram a indagar a causa.

"Sem hesitação fiz a única coisa lógica"; explicou Janice, "fugi de casa". Deixou seu lar confortável, num subúrbio de Seattle, e viajou de carona, com uma amiga, para a cidade de Las Vegas. Vivendo com

toda liberdade, Janice não tardou a acrescentar pílulas e maconha ao vício de beber. Mas, sem amigos e sem emprego, ela e sua amiga não hesitavam em dormir ao léu, onde achassem um rancho. A polícia acabou por apreendê-la por vagabundagem, e a mandaram de volta à casa dos pais.

Janice não fazia idéia de como seus pais a receberiam depois de sua fuga. Qual não foi sua surpresa ao se ver acolhida com amor e carinho! A reação dos pais, tão diferente do que esperava, parece tê-la enchido de um sentimento de culpa, e nos momentos de depressão voltava a beber. Aos dezoito anos Janice já havia vivido toda uma vida. Sua beleza juvenil desvanecera; com os olhos congestionados e linhas profundas no rosto, parecia bem mais velha do que era. Raramente sorria. A menina de escola com uma simpatia radiante, tinha-se tornado uma alcoólatra deprimida e calejada. Levada à beira do desespero, resolveu tentar o auxílio da sociedade dos Alcoólatras Anônimos. Cheia de apreensão, foi à primeira reunião. "Não tinha idéia do que ia acontecer", ela relembra, "sei tão-somente que não queria mais viver se a vida devesse continuar na mesma cadência". As pessoas que encontrou, demonstraram-se amigas, cheias de compreensão e, com seu auxílio, conseguiu vencer o gosto pelo álcool. Janice voltou da beira do precipí-

cio, e não tem intenção de repetir a experiência.

Esta é apenas uma de milhares de histórias autênticas de adolescentes que descambaram pelo caminho escorregadio das drogas. O que é triste é que poucas histórias terminam deste modo feliz. Para um grande número, o caminho das drogas é um caminho sem retorno, cujo fim é uma vida arruinada, quando não uma morte prematura.

A verdade é que o consumo crescente de drogas constitui um dos problemas mais angustiosos da civilização ocidental. A toxicomania agrava-se de ano para ano. Não só o número de vítimas aumenta, mas a variedade e a quantidade de drogas disponíveis crescem ameaçadoramente. O consumo de drogas provoca problemas de uma dificuldade extraordinária em todos os planos: médico, social, econômico, religioso e moral. Segundo uma publicação moderna, as drogas podem ser classificadas do modo seguinte:

1. Os estupefacientes, que compreendem sobretudo os opiáceos: ópio, morfina, heroína, petidina, metadona, dextromoramida, maconha (*cannabis sativa*), conhecida também como *marijuana* na América do Norte, hachiche, derivado da mesma planta, coca e cocaína.
2. Os embriagantes: álcool, éter, clorofórmio, protóxido de azoto, tolueno, acetona.
3. Os alucinógenos: mescalina,

anfetaminas, ácido lisérgico (L.S.D.), psilocibina.

4. Os delirígenos: difranil, atropina, benactizina.

5. Os hipnóticos: os barbitúricos e os soporíficos diversos.

6. Os psicoanalépticos ou estimulantes: café, chá, cola, mate e cacau.

O uso de drogas remonta ao passado distante. O cânhamo da Índia é descrito numa farmacopéia chinesa de há três mil anos. Os astecas do México já usavam o *olihuiqui*; e para os incas do Peru, o mascar coca era um paliativo tradicional contra a fome. Mas o problema nunca se revestiu da gravidade do presente, quando um número crescente de jovens foge da vida pelo caminho da droga. A vida, que para outras gerações parecia tão bela e tão digna de ser vivida, é sabotada por uma fração alarmante da juventude de hoje. Basta dizer que 75% dos que usam drogas têm menos de 30 anos, e que 40% têm menos de 21.

Como explicar que justamente nos países mais desenvolvidos, de nível econômico mais elevado, onde as lojas estão saturadas de produtos de consumo, é que os jovens se sentem menos felizes e buscam nas drogas um escape do enfado de viver? Não seria este ennuí generalizado um indício da bancarrota de uma civilização que valorizou tanto os bens de consumo e desvalorizou as qualidades morais da

existência? O flagelo da toxicomania atinge particularmente países como o Japão, a Suécia, a Inglaterra, os Estados Unidos, a França — países onde as necessidades econômicas fundamentais são satisfeitas, mas onde os valores do espírito são cada vez mais negligenciados.

Estadistas, médicos e magistrados reconhecem a gravidade do problema que rouba à nação uma porcentagem elevada de seu capital mais precioso que é a mocidade. A enormidade do problema desanima os mais otimistas. Medidas de repressão do tráfico de entorpecentes se demonstram ineficazes. Os que burlam a vigilância das autoridades são legião. A esperança de lucros fabulosos mantém um exército de traficantes desalmados em concorrência permanente com os serviços de controle, enquanto os "formigas" entram no comércio de retalho para financiar seu próprio vício.

A multiplicidade e a facilidade de meios de transporte que cruzam as fronteiras em todas as direções, desafiam a vigilância das autoridades mais bem-intencionadas. O autor destas linhas foi convidado certa vez a voar, durante quatro horas, num pequeno avião que patrulhava o tráfico de drogas ao longo da fronteira entre dois países americanos. O êxito destes vôos é mínimo, comparado com a magnitude do tráfico de entorpecentes. Num pos-

to de alfândega movimentado, o autor teve ocasião de observar os esforços insanos dos guardas aduaneiros para identificar possíveis traficantes. Se um carro era suspeito, levavam-no para uma inspeção detalhada, conhecidos como são todos os truques de camuflagem. Até cães policiais estão sendo treinados para reconhecer pelo faro se há droga oculta em um dado veículo, e onde. Os cães funcionam como ótimos detetives, pois se familiarizam rapidamente com o cheiro peculiar da maconha e outras drogas. O preço da droga, no mercado, sobe ou desce segundo a dificuldade encontrada pelos traficantes para vencer as barreiras montadas pelos agentes encarregados de impedir, na medida do possível, esse comércio de morte. Se as autoridades cruzassem os braços, seria o descalabro total. Deve-se, porém, admitir que as autoridades sozinhas nunca poderão vencer a partida contra o contrabando de drogas. Precisam contar com o apoio de todo cidadão esclarecido.

Aqui, precisamente, reside a dificuldade do problema. Se não houvesse consumidores de drogas dispostos a pagar os preços mais exorbitantes pelo produto maldito, o tráfico cessaria espontaneamente. Isto posto, a esperança maior de debelar a mazela da toxicomania está na educação da juventude. Todos os outros métodos, embora necessários para um país que se respeita,

não são mais que paliativos.

Que dizer aos adolescentes e jovens que experimentam drogas pela primeira vez? Dizer-lhes que o consumo das drogas é o caminho do suicídio lento, mas inevitável?

Sim; é preciso expor-lhes toda a verdade, todos os riscos em que incorrem, todo o perigo de um desmantelamento progressivo da personalidade. É preciso mostrar-lhes que o uso de drogas não resolve problema nenhum, mas que tão-somente agrava os problemas existentes. Que a sensação de euforia passageira, segue-se uma experiência de depressão que poderá levar ao suicídio. Que o "trip" alucinatório pode ser uma viagem sem regresso. Que mesmo a maconha, segundo um livro publicado em 1977, em Londres, pode ter efeitos físicos, mentais e emocionais devastadores. Os autores explicam como um abuso dos reflexos de prazer e dor, estimulados pelo uso de drogas, perturba o funcionamento da capacidade de reflexão mental. Como todas as formas de prazer artificial, induzidos por agentes químicos, causam uma perda da capacidade natural de experimentar prazer. As estatísticas mostram também que embora a maioria dos que experimentam a maconha não vão além no trilho perigoso das drogas, certa porcentagem vai. E dos aficionados da heroína a maior parte confessa ter passado pela es-

cola da maconha, em primeiro lugar.

Tudo isso pode e deve ser dito por pais e mestres responsáveis. Clínicas especializadas devem ser postas à disposição dos jovens, onde buscar conselho competente sobre como escapar ao círculo vicioso das drogas. Em tais clínicas a transição por vezes penosa da dependência de drogas para uma vida normal pode ser feita sob observação médica. A liberação total do vício é lenta e exige o apoio moral de gente qualificada. Inibições que impedem certos juvenis de buscar auxílio de pais e professores, poderiam assim ser contornadas. Neste domínio, um conhecimento científico dos fatos, das consequências funestas de persistir numa dependência progressiva de drogas, vale geralmente mais do que o uso de espantalhos que não impressionam a mocidade sofisticada de hoje.

Qual é o perfil de um toxicomaniaco? Um especialista francês assim os descreve: Eles têm entre 15 e 25 anos. Vêm de todos os meios sociais, e geralmente romperam com a família. Geralmente sofreram de carência afetiva e educacional. Frequentemente são filhos de viúvos ou de divorciados, mas podem, também, ser filhos e filhas de pais enlevados pelo êxito econômico e social, que se desembracam dos filhos, dando-lhes, para desengargo de consciência, todo dinheiro que pedem. Como resul-

tado de algum defeito de personalidade, tomam-se amorais, isto é, recusam não somente toda legalidade civil, mas também a legalidade moral, a lei sagrada intangível. O desejo de transgressão está no centro da toxicomania. Se a morte, como transgressão última, está em jogo, é porque o transgressor diz que "a lei é oca, que a racionalidade não tem sentido, e que o mesmo vale para a lei da vida".

Em face deste perfil, pode-se compreender como é difícil a recuperação de um adolescente envolvido com drogas, se ele vem de um lar sem fundamento moral sólido, onde as alterações são frequentes, onde o consumo do álcool é parte da vida cotidiana. Como convencer um jovem de que a droga é perniciosas, se ele sabe que o álcool é também uma droga? Que autoridade têm os pais para discutir o problema do filho, se eles mesmos estão a braços com o vício do fumo ou do álcool? Não há melhor proteção para um adolescente do que crescer num lar equilibrado, onde dominam o amor e o respeito mútuos, onde cada um é tratado com dignidade, um lar, enfim, onde os pais tomam tempo para conversar com os filhos e evitar o hiato que tende a se abrir entre as gerações. As melhores famílias estão sujeitas a desapontamentos, mas as estatísticas favorecem a expectativa de que famílias onde uma amizade genuína une pais e filhos,

terão menos a sofrer com o problema de drogas.

Um outro aspecto do problema merece nossa atenção. Se tantos jovens, fora e dentro de nossas universidades, experimentam o uso de drogas — e nesta experiência muitos se queimam fatalmente — é porque um grande número está desencantado com a vida. Esse desencanto, por estranho que pareça, ocorre mais frequentemente entre os filhos de famílias abastadas, cujos desejos foram geralmente satisfeitos até a saciedade, que já experimentaram tudo que uma sociedade de consumo tem para lhes oferecer, e que se sentem, ainda jovens, *blasés*, ou, para usar um brasileiro, enfiados. Estão enjoados da vida, porque tudo foi muito fácil, muito ao seu alcance, sem apresentar nenhum desafio a seu esforço pessoal. E porque a vida, no ambiente que conhecem, nada mais tem a oferecer de grandioso e de extraordinário, muitos jovens procuram um novo gênero de sensação no uso de drogas. Para eles o uso de drogas representa a última alternativa. Preferem ingressar num mundo de alucinações, porque o mundo de todos os dias parece tão sem sentido!

Os pobres incas buscavam no hábito de mascar coca uma compensação para a fome que roía em suas entranhas. Mas que dizer da geração contemporânea, melhor nutrida do que nunca, dispondo de re-

ursos para satisfazer os prazeres mais extravagantes?

Para outros, o abuso das drogas é o símbolo do repúdio deliberado de uma ordem social que os revoltava. O materialismo grosseiro, que reina a seu redor, os desgosta. Preferem desligar-se de uma sociedade de consumo, em que o valor do indivíduo é medido pelos bens materiais que possui — uma sociedade destituída de idealismo sadio, onde tudo é programado pelos promotores de venda, até mesmo a festa de Natal. Acariciavam, talvez, o sonho de uma vida cheia de nobreza e graça, de altruísmo e magnanimidade, mas se decepcionaram com uma ordem de coisas em que se amesquinham os valores morais que unicamente poderiam tomar a vida digna de ser vivida. Esta decepção os leva a rejeitar as estruturas políticas e sociais existentes e a buscar uma escapatória nas drogas. É o que os franceses chamam uma *fuite en avant*. É a fuga de uma realidade que os deprime e desilude, mas para a qual não vêem remédio.

Alega-se, não sem razão, que embora muitos jovens experimentem drogas de tempos em tempos, por curiosidade ou para não serem a nota dissonante num círculo de amigos, somente uma minoria fica presa nos grilhões do vício. O consolo desta afirmação é diminuído quando se reconhece que essa minoria representa, não obstante, vá-

rias centenas de milhares de jovens nos vários países do Ocidente. Essa minoria, como dizíamos acima, é composta, como regra, de indivíduos mal-adaptados socialmente, com problemas de personalidade, oriundos frequentemente de famílias divididas, que desconhecera o calor de um lar bem constituído. Há exceções, naturalmente, e as melhores famílias estão sujeitas a desapontamentos. Uma conclusão inescapável é que a toxicomania moderna é um problema de civilização. É um dos concomitantes da desagregação da família na sociedade contemporânea.

Vários fatores têm contribuído para a desagregação da família nos países mais industrializados. Um dos fatores é, evidentemente, a transformação da sociedade rural de nossos antepassados na sociedade urbana de hoje. As grandes aglomerações aceleram a desumanização do homem. A promiscuidade endêmica provoca uma nivelção das massas ao mínimo denominador comum. O indivíduo quase nada conta nas enormes metrópoles de hoje. A vida é mecanizada, automatizada e despersonalizada. Se o homem, como indivíduo, é a primeira vítima dessa industrialização e urbanização sucessivas, a família é a segunda vítima. Experiências feitas em laboratório, com ratos obrigados a viver em grande número em espaços reduzidos, demonstraram que uma densidade

excessiva da população provoca aberrações sexuais de toda espécie entre os ratos. Não seria esta uma explicação razoável para o homossexualismo e outros desvios do comportamento sexual tão generalizados hoje?

Se a aglomeração excessiva se acrescenta a maior mobilidade do homem no final do século XX, as ameaças à integridade da família se multiplicam. O automóvel permitiu o desenvolvimento dos subúrbios, mas aumentou simultaneamente a distância entre a residência e o local de trabalho. Milhões de indivíduos gastam hoje de uma a três horas por dia indo para o escritório ou para a fábrica e voltando em autos ou transportes coletivos. Poucos são os que regressam para casa para o almoço. As exigências econômicas que uma sociedade de consumo impõe, bom grado ou mau grado, a cada família, têm obrigado um número crescente de esposas a trabalhar fora de casa. Em consequência, as crianças acabam passando o dia na escola e só vêem os pais, se os vêem, à noite. Os laços familiares se afrouxam gradualmente, e as crianças são as que mais sofrem. Muitas voltam da escola para encontrar a casa vazia, ninguém para recebê-las, nenhuma palavra de carinho, nenhum encorajamento. Não admira que muitas destas crianças vão passar horas na rua, expostas aos perigos do tráfego e dos vícios que campeiam por

toda a parte. À noite, um jantar feito às pressas é comido não em volta de uma mesa, onde reina a alegria e a boa vontade, mas em frente a um aparelho de televisão... Ninguém mais conversa, com a atenção presa aos programas que se sucedem no pequeno ecran, expostos a uma barragem de publicidade comercial sem tréguas, ou sofrendo os efeitos traumáticos de cenas de violência e de imoralidade.

Os pais, de seu lado, estão exaustos com a faina do dia e pouco ânimo têm para conversar com os filhos, tornar o pulso de suas atividades escolares, demonstrar-lhes o devido carinho, sem o qual a alma infantil só pode estiar-se. Com quem as crianças irão exteriorizar-se? A quem contar seus problemas e ansiedades? O isolamento entre as gerações se agrava, e os adolescentes gradualmente se fecham num mundo à parte, apesar de toda a angústia que isto lhes proporciona. Desamparados moralmente pelos pais, vão buscar conselho e alento entre outros adolescentes igualmente desarvorados, sem parâmetros e sem diretrizes.

O quadro que acabamos de esboçar descreve a situação não só entre os adolescentes da classe média, mas também entre os jovens das classes mais afortunadas. Se aquela sofre por causa da pressão de forças econômicas inelutáveis, estas sofrem por causa de uma vida social intensa, que reclama mais e

mais de seu tempo e de sua atenção. Pais ricos estão dispostos a dar a seus filhos automóveis, cartões de crédito, afiliação em vários clubes, mas lhes negam aquilo de que mais necessitam, e que provavelmente mais apreciariam, isto é, a companhia dos pais, serem tratados como indivíduos com dignidade própria, e não como objetos no grande tabuleiro da existência.

Em vista dos fatos acima expostos, é óbvia a razão pela qual, neste clima de desagregação moral e familiar, o problema da toxicomania assume proporções catastróficas. Não há como diminuir seus estragos sem uma reforma de fundo da sociedade e da família. Quem ousaria ser otimista em face de um problema tão monumental? É imperativo que os governos continuem, sem esmorecimento, no esforço louvável de cercear o tráfico de drogas. Quanto mais difícil o acesso às drogas, tanto pelo custo como pela raridade no mercado, tanto menor a probabilidade de se formarem novos viciados. É imprescindível que os poderes públicos, coadjuvados por particulares, operem clínicas de reabilitação dos drogados. A operação dessas clínicas é cara, e os resultados são desapontadores. A proporção de curas sem recaídas não vai além de 20%. Como regra, a recuperação do drogado exige um tratamento psicoterápico prolongado e dispendioso, sem falar da exiguidade

de médicos qualificados para se ocupar do problema. Por falta de clínicas especializadas, é comum o internamento de drogados em estabelecimentos destinados a pacientes mentais. Esta solução é altamente desaconselhada visto a tendência do drogado de fazer recrutas entre os pacientes, que assim enveredam por sua vez no caminho da toxicomania. Por descuido, todo um hospital pode assim tornar-se um grande mercado para o tráfico de entorpecentes.

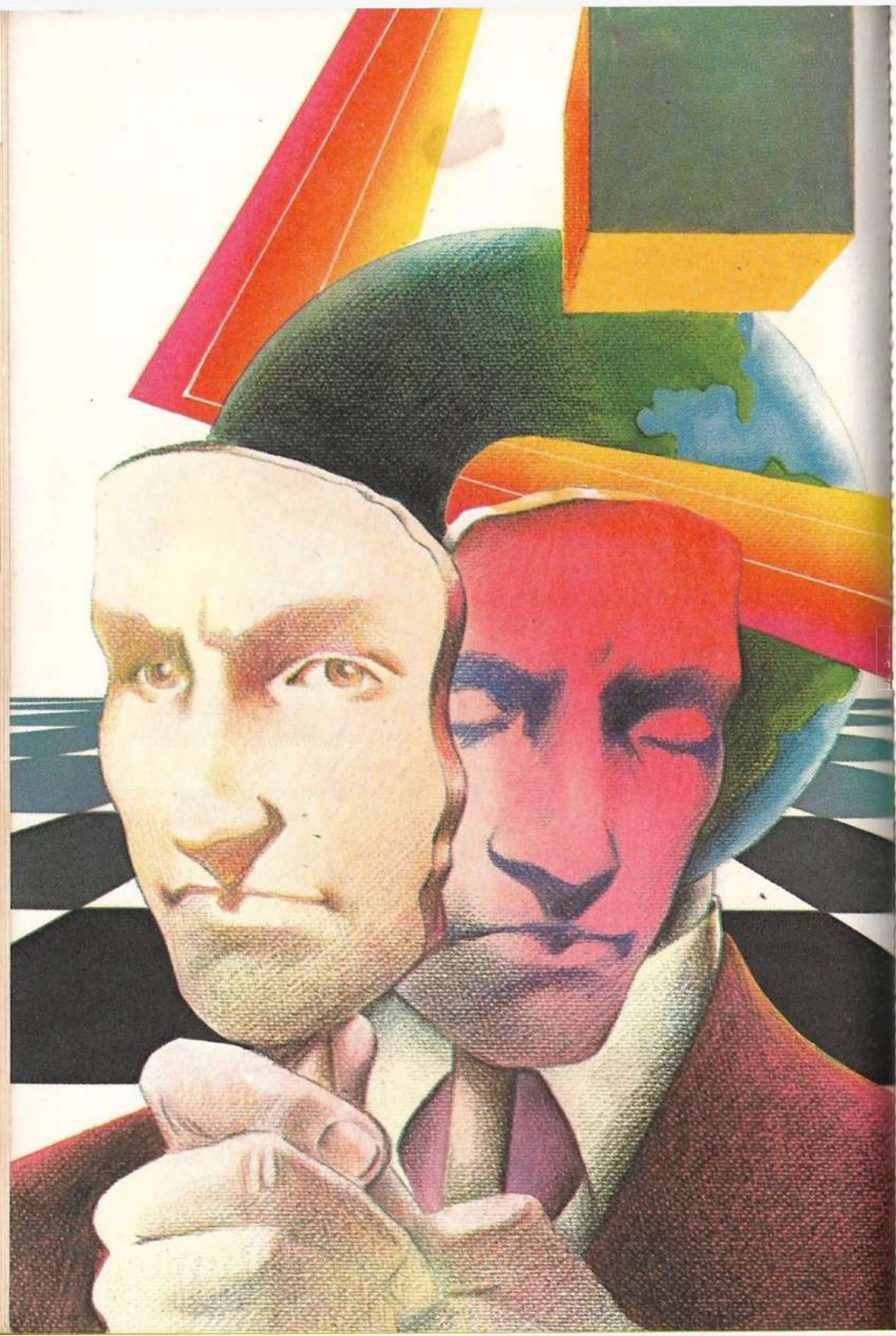
Provavelmente mais eficaz seria a introdução nas escolas secundárias de um curso que esclareça a juventude quanto aos riscos que assumem ao enveredar pelo trilho traiçoeiro das drogas. A lógica médica exigiria que este curso esclarecesse aos jovens, de igual modo, os malefícios do álcool. O número crescente de menores alcoólatras depõe contra nossa decantada civilização.

Nesse esforço de mobilizar a opinião pública quanto ao perigo da toxicomania, o fator espiritual não pode ser ignorado. A única esperança de vencer o problema de modo fundamental seria o reerguimento moral de toda a sociedade, e, sobretudo, a recuperação da família como a célula social básica. Só o cristianismo autêntico poderia operar uma tal transformação. Só ele possui o dinamismo neces-

sário. Só ele pode revalorizar o homem, nele restaurando a imagem de seu Criador. Só ele pode restituir à família seu élan vital.

É nossa esperança que a leitura destas páginas leve todo jovem inteligente a refletir seriamente antes de embarcar numa experiência com drogas. Não há drogas inócuas, nem mesmo a maconha, como acentuam as publicações mais recentes. O que se faz hoje por curiosidade ou desafio, ou num espírito de companheirismo, amanhã se fará por hábito e dependência. Ninguém sabe quem ficará fisgado. Nesse terreno escorregadio, o melhor momento de parar é antes de começar. Depois . . . poderá ser tarde demais.

Se o leitor amigo já se vê entre as malhas do vício, procure o auxílio de seus pais, de um conselheiro qualificado, de um médico de sua confiança. Cerque-se de amigos que lhe dêem mão forte para arrancá-lo do perigo. Proponha-se um plano de ação enérgico para liberar-se quanto antes da dependência de uma droga qualquer. Cedo, na vida, abraça uma causa digna, à qual possa dedicar o melhor de suas forças. Recorra sem hesitação ao poder divino, porque, em última instância, só Deus pode recompor nossas vidas e dar-lhes um sentido eterno.



A Terceira Dimensão do Caráter

Sob circunstâncias normais, cinge muitas vezes a fronte de um cidadão uma auréola de probidade que é apenas superficial. Confrontado, de súbito, com uma crise, uma ameaça à sua segurança pessoal, o homem revela-se como é na realidade. Desarma-se a censura própria. Desaparecem os ademanos adotados por conveniências sociais. Surge o homem na sua simplicidade, despido de artifícios. Na hora da prova vem à tona o substrato do seu ser.

A vida é como um rio. Este desgasta os terrenos ao longo dos quais corre, e o material assim arrastado vai formar um sedimento no fundo do seu leito. Num dia de tempestade, quando as águas se con-

vulsionam, açoitadas pelo vento, vem à superfície o sedimento que pode ser sujo como a lama ou límpido como a areia. Na bonança é impossível julgar o substrato moral do ser humano. Nas crises, porém, este vem à superfície de modo inevitável.

Até o dia em que fugiu da mulher de Potifar, desconhecia-se a profundidade do caráter de José, o filho favorito de Jacó. Em condições normais, José seria conhecido como um mordomo fiel. Podia sê-lo apenas na aparência, para agradar a seu amo. Numa emergência, entretanto, ficou patenteado que seu caráter possuía a terceira dimensão, da profundidade. Uma superfície tem duas dimensões, explica a

geometria. Mas o sólido possui três dimensões. Um caráter sólido tem a terceira dimensão da profundidade. Por mais severa que seja a prova, não transtorna um caráter sólido; quando muito, descobre seu alicerce. No caso de José, ficou patente que o alicerce de seu caráter era constituído de hábitos de pureza de longa data.

Muitos dos que se comportam bem em circunstâncias normais, desmantelam-se numa crise. No dizer pitoresco do profeta Jeremias, aquele que se afadiga correndo com homens, como poderá competir com cavalos? Se o homem se acha seguro apenas numa terra de paz, como subsistirá na enchente do Jordão?² Dissabores e contratempos, se os há na juventude, são para serem enfrentados com galhardia. Vencendo-os sem apouquentar-se, qualifica-se o jovem para as grandes provas que a vida certamente lhe reserva.

Visitava alguém um arsenal de guerra, quando deparou num canto um canhão marcado com tinta vermelha: "Defeituoso". Exame minucioso apenas indicava umas marcas insignificantes no cano, onde se tinham formado bolhas.

— Rejeitá-lo por causa tão insignificante! exclamou o visitante.

— Aquelas marcas, explicou o encarregado, são indício de defeitos mais profundos, e isto significa que o canhão poderá arrebentar quando fizer fogo.

Também podemos arrebentar de baixo de fogo. Falta profunda em nossa estrutura moral poderão evidenciar-se então. Transigir com pequenos deslizos hoje, é convidar o desastre irreparável amanhã.

Numa emergência, o indivíduo busca refúgio naquilo que lhe é mais familiar. Mestres de cavalaria encontram uma situação difícil em caso de incêndio. É que os cavalos, assustados com o fogo, se estão dentro da cavalaria, não querem sair; se estão fora, para ela se atiram, movidos por um instinto irresistível. Para o corcel, a cavalaria é o lugar mais seguro neste mundo, pois lhe é o mais familiar.

Diante de uma emergência, o homem também se refugia no abrigo que lhe é mais familiar. Uns se refugiam na mentira, esquecendo-se de que um cobertor feito de mentiras é estreito demais para cobrir todo um homem, no dizer pitoresco do profeta Isaías.³ Outros se refugiam na fraude, na bebedeira, nos prazeres pecaminosos. Davi, que passara anos fugindo do rei Saul, que o considerava um rival ao trono, pulando de um lugar para outro como uma pulga perseguida, para usar sua própria expressão, encontrava em Deus seu melhor refúgio.⁴ Refugiar-se em Deus não era para o maior poeta de Israel uma figura de retórica. Em todas as emergências de sua vida erigida de perigos, Davi voltava-se tão natural-

mente para Deus como a flor se volta para o Sol.

Fugir para a inatividade é a pior das fugas. Muitos se conduzem como o homem que, fugindo de diante do leão, caísse nas garras de um urso, na linguagem de Amós, o bar-do-pastor de Tecoa.⁵ Um hábito repro-vável deve ser vencido não pela simples negação ociosa, mas substituindo-o pela atividade sadia. "Ven-ce o mal com o bem", é o mé-todo positivo que Paulo recomen-da aos que querem viver a vida vito-riosa.⁶

Na Odisséia, poema em que Ho-mero conta as peripécias de Ulisses ao voltar da guerra de Tróia, há uma passagem deliciosa em que o poe-ta cego descreve o encontro de seu herói com as sereias. Para não se ver arrastado para o fundo do mar, pelo canto nostálgico das sereias que guardavam certo estreito do Egeu, Ulisses se fez amarrar com fortes cordas ao mastro do navio, ao mesmo tempo em que fechava os ouvidos com algodão. Safou-se assim, embora humilhado, através daquela passagem perigosa. Orfeu, que vinha noutra embarcação, lan-çou mão de um recurso bem mais digno de um herói. Empunhando sua lira, extraiu dela música tão me-lodiosa que o canto das sereias foi de todo olvidado.

Ulisses venceu a tentação passi-vamente. Orfeu venceu-a à moda de Camões, que nos Lusíadas es-creveu: "Cesse tudo o que a Musa

antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta".

Paulo recomenda a Timóteo fu-gir das paixões da mocidade para uma vida fecunda na prática da jus-tiça, da fé e do amor.⁷

Hábitos de longa data é que con-dicionam a direção em que fugire-mos numa emergência. Não pode-mos mudar nossas inclinações bá-sicas como mudamos de traje. São parte de nós mesmos, e elas é que decidem a direção para a qual pen-deremos quando assaltados por uma prova. Ora, com exceção de certos impulsos instintivos, como o da conservação própria, o que de-termina nossos pendores funda-mentais são hábitos de longa data. "Somos um feixe de hábitos", di-zem os psicólogos.

Hábitos não se fazem e desfazem num dia. Representam o efeito so-bre nosso sistema nervoso da repe-tição de atos idênticos. Cada ato modifica de certo modo as vias nervosas envolvidas em sua execu-ção. Costuma-se dizer que a resis-tência oferecida pelas sinapses a passagem do impulso nervoso ao longo de certa via neurônica, dimi-nui com o uso. Há uma facilitação progressiva. Cada ato torna a sua repetição mais fácil. Muitos atos tor-nam-se praticamente automáticos, isto é, dispensam a intervenção da consciência, visto o menor estímulo desencadear o influxo nervoso que o determina. No conceito de Gus-tavo Le Bon, educar consiste na au-

tomatização da conduta. É, de fato, vantajoso transferir do consciente para o inconsciente a maior parte de nossas ações habituais, reservando a atenção para os problemas novos que reclamam solução.

Se os hábitos condicionam nossa reação numa dada emergência, eles são por sua vez condicionados pelos atos de cada dia. É-nos facultado, portanto, um meio assaz simples de influir sobre nossos hábitos e, através deles, sobre nossa reação em face de uma prova inesperada. Podemos escolher os atos que moldarão os hábitos, que por sua vez condicionarão nossa conduta praticamente automática diante de uma emergência.

Retomando a figura do rio, diremos que as experiências de cada dia deixam um sedimento invisível em circunstâncias normais, mas que sobem à tona no dia da tempestade. Não admira, por exemplo, que Daniel se conduzisse de maneira tão digna nas provas sucessivas a que foi submetido através de sua longa carreira como estadista na corte de Babilônia. Acostumado a orar com a janela aberta para Jerusalém desde sua juventude, não seria na velhice que quebraria seus hábitos devocionais sob a pressão de inimigos mancomunados para destruir o prestígio que desfrutava junto do rei. Seus hábitos de temperança, cujo alicerce fora lançado na aurora da vida, serviram-lhe como uma âncora inamovível quando

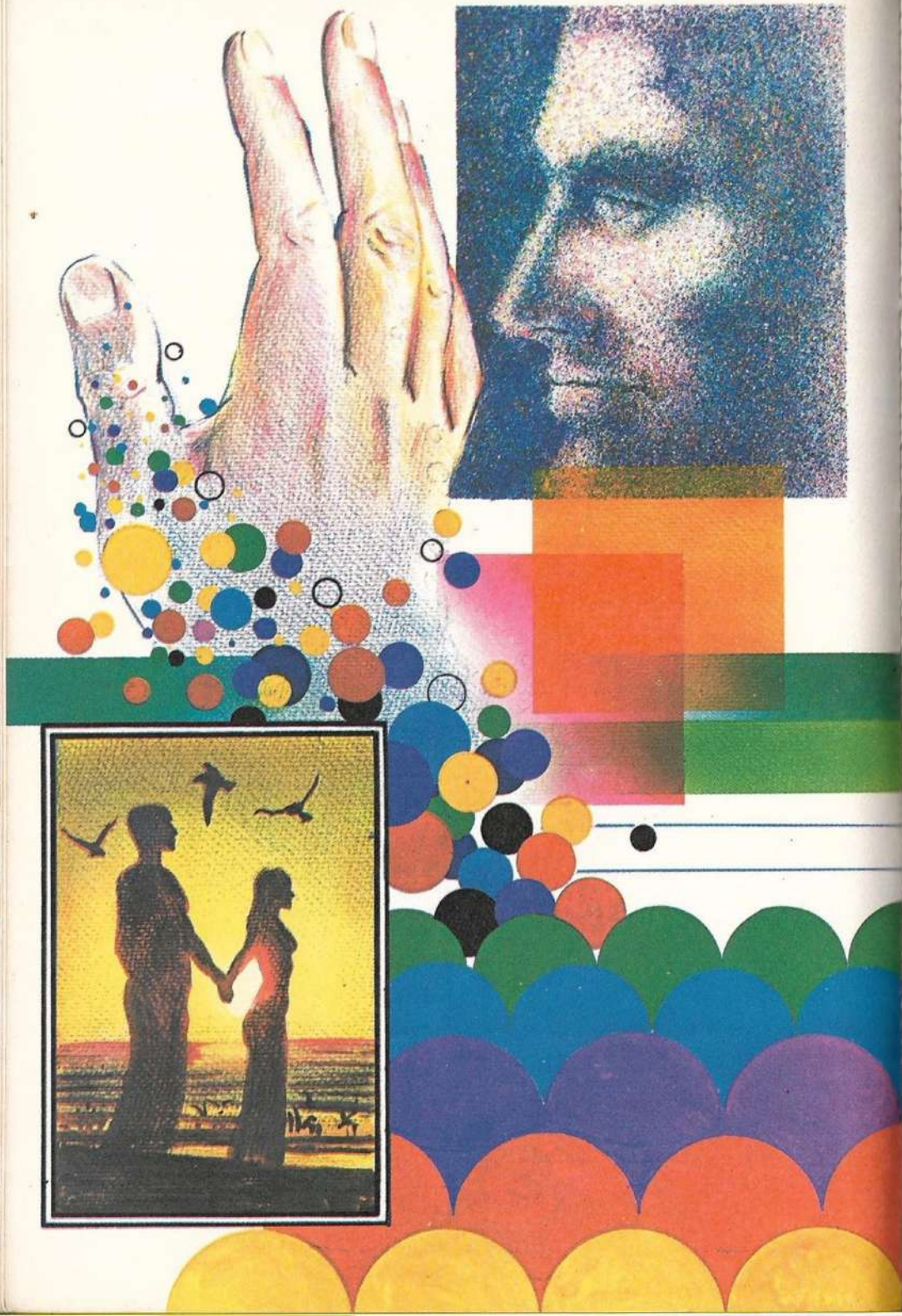
tentado a condescender com as extravagâncias pantagruélicas da mesa real. Nem Daniel, nem seus companheiros de exílio, precisavam decidir à última hora qual seria o curso de ação a tomar em face de um culto idólatra, embora imposto pela autoridade do monarca de Babilônia. Tais decisões tinham sido tomadas com muita antecedência, e consolidadas por longos anos de habitual fidelidade a seu Deus, e não seria o pânico do instante supremo que os faria buscar refúgio numa genuflexão fingida ante um ídolo pagão.

Arqueólogos afeitos a excavações nas ruínas dos vetustos palácios e templos das cidades da Mesopotâmia, descobriram um costume dos antigos construtores, que se tem demonstrado muito útil nas investigações atuais. É que, sob o alicerce dos principais edifícios, costumavam enterrar cilindros ou prismas de pedra recobertos de inscrições cuneiformes, narrando fatos ligados à fundação de tais edifícios. De posse deste segredo, os arqueólogos orientam suas explorações no sentido de desenterrar, logo que possível, estas preciosidades ocultas sob os alicerces, as quais tanta luz têm projetado sobre a civilização do Próximo Oriente.

Que estamos nós colocando a base de nosso caráter? "Escondi a Tua Palavra no meu coração, para eu não pecar contra Ti", diz

o salmista.⁸ Bem fariamos em imitar o seu exemplo. Os ensinamentos impercíveis das Sagradas Escrituras constituem o melhor fundamento de nossa formação moral. São en-

sinos que têm resistido à prova dos séculos e, portanto, capazes de servir de base a caracteres sólidos, caracteres que possuem a terceira dimensão, da profundidade.



Evidências de Maturidade

O harmonioso desenvolvimento das virtualidades de um adolescente estuante de vida é um dos espetáculos que mais empolgam a pais e educadores. O porte desarticulado pelo crescimento desigual do esqueleto, músculos e nervos, no primeiro impulso da adolescência, adquire gradualmente a segurança, coordenação e elegância do moço feito. No semblante, os lineamentos indefinidos e moles da infância evoluem pouco a pouco nos traços nítidos que refletem com maior expressão, as qualidades da inteligência e do caráter. Nos olhos, onde antes brincavam a despreocupação e a fantasia, fulge agora o brilho do pensamento disciplinado e da vontade resoluta.

Se as evidências de maturidade física são acompanhadas com interesse, mais ainda as da maturidade intelectual e emotiva. As escolas de oficiais de certo país avaliam a maturidade dos candidatos que se apresentam à matrícula por uma escala cuidadosamente elaborada.

Tal é seu valor que pedimos vênua para aqui transcrevê-la. Segundo os critérios adotados, o jovem amadurecido, com qualidades de liderança:

1. Possui a requerida dignidade de porte.
2. Aceita boas sugestões de outros.
3. Sua resistência física é excelente.

4. Mantém, sob tensão, domínio-próprio excepcional.
5. Quando as condições permitem, procura conselho competente.
6. Fala e age com segurança.
7. Aceita plena responsabilidade por seu trabalho.
8. Sabe planejar e executar trabalho de valor por iniciativa própria.
9. Adapta-se fácil e rapidamente a mudanças nas condições de trabalho.
10. Usa um juízo calmo no desempenho de seus deveres.
11. Tem a confiança e o respeito dos associados.
12. Tem senso de humor.
13. Dá instruções verbalmente claras e concisas.
14. Sua aparência cria uma impressão distintamente favorável.
15. Inspira e mantém moral elevada sob condições probantes.
16. Demonstra um senso elevado de lealdade a superiores e subordinados.
17. É alerta quanto ao valor de fazer concessões sob condições apropriadas.
18. Abarca rapidamente o essencial de uma situação.
19. Suas opiniões são lógicas e bem consideradas.
20. Subordina interesses pessoais às exigências de seu cargo.
21. Pode-se contar com seu apoio cordial, a despeito de suas opiniões pessoais.
22. Permanece calmo sob provação.

23. É exato em relatar os fatos sobre uma situação.
 24. Sabe tomar uma decisão rápida e acertada quando necessário.
 25. Antecipa problemas de sua responsabilidade.
 26. É lógico ao apresentar suas idéias.
 27. Aceita negativas a seus pedidos cortesmente.
 28. É ciente dos limites de sua autoridade.
 29. Inspira confiança excepcional na exatidão de suas opiniões.
 30. Estuda bastante uma situação antes de agir.
 31. Aceita ordens sem discutir.
 32. Mostra energia persistente no trabalho.
 33. Termina o trabalho que começa.
 34. Possui a habilidade de traduzir conhecimento em ação.
 35. Leva a cabo uma tarefa árdua, apesar de mudanças de plano.
 36. Demonstra habilidade excepcional em dirigir a outros.
 37. Mantém boa disciplina entre os homens que dirige.
 38. Consegue que as pessoas com ele cooperem, e umas com as outras.
 39. Seus hábitos pessoais estão acima de censura.
- As provas de maturidade enumeradas acima podem ser classificadas em intelectuais, morais e emotivas. Vejamos mais de perto as evidências de maturidade intelectual, pela qual a escola assume a maior

responsabilidade, pois é a agência apontada pela sociedade para promovê-la. Infelizmente, a escola tem falhado em grande medida neste aspecto de sua missão, preocupada como sempre com a execução de programas extensos, organizados por técnicos que medem o êxito do trabalho educativo pelo acervo de informações que o professor é capaz de transmitir no menor tempo. Assim orientada, a escola afoga os estudantes com uma plethora de conhecimentos mal digeridos e mal-assimilados. Usa-se e abusa-se da memória com evidente negligência do raciocínio lógico, do senso crítico, da iniciativa e da largueza de vista. Os próprios exames de promoção ou de conclusão de curso, pela sua natureza, premiam a memória que é fácil de medir, e lançam desprezo sobre os demais aspectos da inteligência que não são mensuráveis pelos estalões rotineiros.

Um critério seguro da maturidade mental é a habilidade de concentrar-se num problema. Mínima na infância irrequieta, maior no adolescente ainda dispersivo, a concentração atinge sua intensidade máxima nos gênios como Arquimedes e Newton. A concentração é produto de uma longa e paciente disciplina que a escola poderia encorajar, mas que as mais das vezes desanima pela multiplicidade de matérias e objetivos que se propõe. Quando solicitada em muitas dire-

ções simultaneamente, a atenção dispersa-se e, na melhor das hipóteses, é apenas superficial. Todo intelectual conhece por experiência que o rendimento do seu trabalho decresce na proporção em que a atenção se divide entre interesses múltiplos. O hábito de focalizar a luz da inteligência num só problema não se improvisa. Resulta de um esforço sistemático de excluir as distrações, a ponto de o estudante isolar-se hermeticamente do ambiente, de modo que os sentidos não respondem mais a estímulos quaisquer, mas só àqueles que a vontade selecionou.

Aliada da concentração, é a capacidade de esforço mental persistente. Ao passo que a concentração individualiza o problema, o esforço persistente é que o analisa e resolve. Não basta definir. É preciso explorar e esclarecer. É de Ramon y Cajal a seguinte comparação muito feliz: "À força de horas de exposição, uma luneta astronômica, dirigida para o firmamento, chega a revelar astros tão distantes que o telescópio mais poderoso é incapaz de mostrar; a força de tempo e atenção, o intelecto chega a perceber um raio de luz nas trevas do mais abstruso problema".

Outro indício de maturidade intelectual é a ausência de dogmatismo, e das generalizações indiscriminadas. Ao passo que o adolescente é pródigo no uso dos absolutos, e na sua linguagem enxa-

meiam os **sempre** e os **nunca**, como se as situações jamais admitissem mais de uma alternativa, a mente madura está apta para apreciar os dois lados de um argumento, e a possibilidade de laborar em erro. Daí a parcimônia com que faz afirmações categóricas e se mostra avessa às generalizações afoitas. O receio do dogmatismo não implica, porém, na ausência de convicções claras e definidas em matéria de sua competência. Sem convicções cristalinas, ninguém fará progresso na vida mental ou moral. A capacidade de nos vermos como outros nos vêem, age como um freio em relação a nossa vaidade inata. Aquelle que pode examinar com serenidade suas imperfeições, não se amofinará com as críticas alheias. Admitir alguém com candura a possibilidade de errar, em seu julgamento, eleva-o no julgamento de outros. Nenhuma cegueira evoca menos comisseração do que a daquele que é cego com respeito a suas próprias faltas. No entanto, é a cegueira mais comum.

Entre as evidências de maturidade mental, mencionaremos apenas mais uma: A capacidade de encarar um problema com imparcialidade e isenção de ânimo. O comum é julgar alguém os méritos de uma causa pelo critério do interesse pessoal. Se o afeta favoravelmente, se lisonjeia sua estima própria, se incrementa seu prestígio, então as probabilidades são que a

causa será julgada com simpatia. É quase impossível divorciar a apreciação intelectual de um problema, de seu envolvimento emotivo. Daí serem difíceis os julgamentos imparciais tanto nas cortes de justiça como fora delas. As paixões, as simpatias e os preconceitos irracionais coloreem, quando deturpam os julgamentos. Escreveu J. Payot: "A menor emoção que agite a face da alma, turva a imagem da realidade". Permitir que na apreciação de um conceito de moral ou política o espírito paire sereno acima das emoções tumultuosas do coração, é possuir uma mente de escol, que faz jus ao qualificativo de madura.

Entre os sintomas de imaturidade emocional o Dr. Arthur Bietz aponta os seguintes:

1. Recusa de enfrentar a realidade.
2. Racionalização, ou seja, o hábito de alegar razões, embora tolas, para justificar um comportamento infantil.
3. Falta de coerência na conduta.
4. Ressentimento básico contra a autoridade.
5. O hábito de esquivar-se de tarefas difíceis.
6. Egoísmo, e inveja, que é egoísmo em outro garbo.
7. Acessos de ira em face de frustrações.
8. Dependência doentia de outros.

9. O hábito de fanfarronar.

Sintomas como estes refletem as mais das vezes deficiências sérias no lar. O filho único é sua principal vítima, por ser o alvo único da afeição dos pais. Se algumas crianças sofrem os efeitos desastrosos de não serem queridas no lar, outras se tornam egoístas e dependentes por estarem sempre no centro de todas as atenções. Um desequilíbrio afetivo na relação de pais e filhos, ou um excesso de sentimentalismo, podem lançar as raízes ocultas de futuras neuroses. Amor sem pieguice, orientação sem autoritarismo, proteção sem ansiedade, atenção sem favoritismo, uma justa medida, enfim, na distribuição do afeto e da repressão, eis o alvo que os pais inteligentes devem colimar. Naturalmente, se os progenitores mesmos nunca atingiram a maturidade emotiva, dificilmente poderão criar aquela atmosfera sadia essencial ao equilíbrio emocional da nova geração.

Infelizmente, a verdade é que, se alguns lares se assemelham a estufas, onde as crianças crescem isoladas da realidade pelo excesso de mimos e cuidados, outros se assemelham a geladeiras ou campos de concentração, pela frieza das relações familiares ou pela austeridade que faz estiolar todo impulso generoso nos corações juvenis. Os primeiros engendram o egoísmo, a dependência mórbida, a timidez, o hábito de esquivar-se aos deveres.

Os lares onde a severidade substitui o amor, nutrem, por sua vez, o ressentimento contra a autoridade, a insegurança, a hipocrisia.

A escola pouco ou nada pode fazer para corrigir o caráter afetivo deformado que a criança trouxe do lar. Somente as famílias mais ricas podem assalariar tutores que, com sua fineza de tato e amor a toda prova, tentarão compensar as deficiências da educação doméstica com um otimismo que os resultados raramente justificam. Nas classes muito numerosas das escolas públicas e particulares, onde a criança praticamente se perde no anonimato, que podem os professores fazer? Não poucas vezes suas próprias neuroses agravam as deformações afetivas do aluno que não teve a felicidade de vir de um lar emocionalmente equilibrado.

O moço amadurecido reconhece-se pela sua serenidade em face de circunstâncias adversas, serenidade esta, porém, que não descamba para a passividade e inércia. Não se deixa transtornar pelos reveses; antes, com discernimento, transmuta-os em degraus na escada do êxito. Raramente sofre arroubos de ira, depressão ou desânimo. Não o aniquila a crítica acrimoniosa, embora a deplora. É capaz de ver o lado cômico de uma situação, e encontra no humor um derivativo para a tensão da vida. Faz com facilidade amigos, mas não para usá-los como arrimos de uma afe-

tividade doentia. Em outras palavras: Pode contrair relações sociais baseadas no amor, e não no egoísmo mórbido. É cômico do fato de que a felicidade não consiste em possuir bens ou ocupar posições, mas em fazer a outros felizes. Nor-teia sua conduta pelo lema: "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber".

Este estudo seria incompleto sem uma referência à maturidade de caráter. Especialistas reconhecem os seguintes traços como evidências de um caráter amadurecido:

1. Independência.
2. Senso de responsabilidade.
3. Perseverança.
4. Flexibilidade.
5. Aptidão para sentir com outros.
6. Capacidade de tolerar desconforto e inconveniência.
7. Capacidade de trabalhar por objetivos que não resultam em recompensa ou prazer imediatos.
8. O hábito de realizar mais do que o dever impõe.

O senso de independência ou espírito de iniciativa, tivemos oportunidade de encarecer em outro capítulo. Tampouco é necessário comentar a importância do senso de responsabilidade, que na frase de Emil Brunner é o traço mais caracteristicamente humano. Ser homem é ser responsável, é responder por seus atos diante do tribunal da consciência, e diante de Deus, cujo chamado não podemos igno-

rar. Negar a responsabilidade pessoal é degradar-se ao nível do infra-humano, é quedar-se mudo ante a voz do Criador que o chama.

A perseverança é o hábito do esforço prolongado, que recusa ouvidos às solicitações da fadiga e do desânimo, que não desiste antes de concluída a tarefa. A ela também já consagramos um capítulo.

A rigidez é peculiar aos espíritos adolescentes afeitos à singularidade das soluções e à monotonia das fórmulas. A flexibilidade orna os espíritos conscientes de sua força, e que não interpretam concessões como provas de fraqueza. O pau podre não tem flexibilidade; tem-na porém o aço.

A flexibilidade é prerrogativa dos que estão seguros de si mesmos, e não é incompatível com a autoridade. Autoridade estribada em rigidez legal é autoritarismo que, pensando honrar a lei, nega-lhe o espírito. Quanta ignorância, quanto farisaísmo, quanta anemia moral não se oculta atrás da fachada da inflexibilidade! Os fariseus impertigados, aferrados à letra da lei, exigiam a condenação peremptória da mulher adúltera. Curva-se Jesus Cristo, a pureza personificada, para escrever na areia os pecados dos acusadores, e despede em paz a mulher perdoada. De um lado, estava a rigidez da tradição carcomida pela casuística; do outro, o amor compassivo de Deus.

Ser flexível não significa dobrar-

se ante a pressão de opiniões adversas; tampouco deixar-se levar "em roda por todo o vento de doutrina". Não há virtude na ausência de fibra de um bonifrate, nem na desfaçatez de um maria-vai-com-as-outras. Nunca assumir uma atitude, nunca indignar-se em face de um desmando, nunca ficar de pé por uma convicção justa, ainda que desabem os céus, é covardia e não flexibilidade. Prova de maturidade é a flexibilidade do sábio destituído de presunção, do forte despido de arrogância e do santo isento de beatice.

A aptidão para sentir com outros cresce à medida que o homem se liberta do egoísmo inato. O acanhado horizonte do adolescente, preocupado só com a satisfação imediata de seus apetites e desejos, deve alargar-se até abraçar toda a humanidade num amplexo de simpatia e compreensão. Em muitos, o senso de solidariedade com a raça nunca é plenamente despertado. Sentem-se e comportam-se como unidades independentes, e não como membros de uma comunidade de sangue e interesses. Vivem só para si, como o oásis que se basta em meio do deserto. Mas, na realidade, ninguém começa a viver enquanto não vive para outros. É uma lei da existência que, aquele que acha sua vida nos prazeres dos sentidos, perdê-la-á; acha-a, porém, aquele que a sacrifica no serviço de Deus e do próximo. Es-

quecendo a si mesmo para sentir com o próximo, o homem descobre, para surpresa sua, que tão-somente trocou a palha do egoísmo estéril pelo grão da vida fecunda e feliz.

Se há um ídolo diante do qual se curva um número sempre maior de devotos é o ídolo do conforto. Elevar o padrão de vida é, para as multidões, sinônimo de elevar o padrão de conforto. É, no entanto, a vida mais do que conforto, como o corpo "mais do que o vestido". De que vale, por exemplo, o conforto sem a liberdade? Quantos, pela verdade, não trocaram a própria vida? Há reconhecidamente valores que superam o conforto e a conveniência; e a hombridade de um jovem certamente é indicada pelo lugar que o conforto ocupa em sua estimativa. Quem não coloca o dever acima do conforto não atingiu a estatura moral dos heróis.

Faz alguns anos, a Standard Oil Company convocou seus diretores para uma reunião em Nova Iorque. O negócio a ser discutido era um superintendente para o território do Extremo Oriente. Por horas, estiveram em sessão, estudando a lista de nomes sugeridos como possíveis candidatos. Um a um, foram rejeitados. O homem que procuravam não devia ter mais de trinta anos, devia ter completado um curso universitário, devia saber falar o chinês, devia ser um bom administrador e dar-se bem com os que

trabalhariam sob sua direção.

Finalmente, alguém se levantou e disse: — Senhores, conheço um homem que preenche todas as especificações feitas. Conheço-o pessoalmente. Tem vinte e oito anos; recebeu títulos de três universidades; fala o chinês fluentemente e por três anos tem demonstrado sua habilidade como administrador, organizador e líder. O povo chinês o ama e respeita. Está agora na China, na mesma cidade em que está localizada nossa sede.

— Que salário está recebendo? perguntou o presidente da Mesa, porque a Standard Oil, bem sabeis, pensa em termos de cruzeiros e centavos.

— Dez mil dólares por ano.

— Quê! Somente dez mil dólares por ano? Deve haver alguma coisa errada com o homem.

— Não, nada está errado com o homem. Ele é tudo que eu disse ser, e mais ainda. Alguma coisa está errada com a organização que o emprega. Ele é missionário.

— Procure-o onde estiver na China, disse o diretor ao membro da Mesa que fizera a sugestão, e o entrevistete pessoalmente. Ofereça-lhe quarenta mil dólares por ano. Se ele recusar, ofereça cinquenta; se recusar ainda, ofereça-lhe sessenta mil dólares. Mas consiga-o.

Assim, o homem de Standard viajou para a cidade, no interior da China, onde esse missionário trabalhava. Apresentou a oferta da com-

panhia a seu amigo. Ofereceu quarenta, cinquenta e, afinal, sessenta mil dólares, mas ele ainda recusava sequer considerar a proposta.

— Qual é a dificuldade com a oferta? inquiriu o homem de Nova Iorque.

— Nada há errado na oferta, replicou o missionário. O salário que o senhor propõe é generoso. Mas tenho uma objeção quanto ao trabalho. É pequeno demais. Tenho um pequeno salário e um grande trabalho aqui na Missão; e eu antes gastaria minha vida fazendo um grande trabalho com um pequeno salário, do que fazendo um pequeno trabalho com um grande salário. Trar-me-á satisfação infinitamente maior no grande ajuste final.

Eis aí um homem cujo busto deveria figurar em todas as galerias de honra. Seu é o exemplo luminoso dos que trabalham com um idealismo que prescinde de recompensa ou prazer imediatos. Tais pessoas superaram a ilusão infantil, embora universal, de que o prazer imediato é o único real. Compreenderam que estão reservados ao homem prazeres que o imediatismo egoísta jamais poderá proporcionar. Não trepidam em praticar renúncias no presente, quando o dever os intima, certos de que nenhum sacrifício nobre é praticado em vão. Se outra recompensa não houvera, além da consciência que os aprova, dar-se-iam com isto por satisfeitos.

If ... Poema de Rudyard Kipling
Tradução de Guilherme de Almeida

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo mundo ao redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E, para estes no entanto, achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;
Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires;
De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores;
Se encontrando a Derrota e o Triunfo consegues
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado tomar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exausto, contudo
Resta a Vontade em ti que ainda ordena: "Persiste";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes,
E, entre Reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes;
Se a todos podes ser de alguma utilidade;
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo valor e brilho,
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
E — o que ainda é muito mais — és um Homem, meu filho!



Deus e a Moral

Quem se propõe a árdua tarefa da reconstrução do caráter, com razão indaga a autoridade dos princípios morais que devem nortear sua conduta. Que motivos constituirão suficiente incentivo para que o homem renuncie o mal e pratique o bem, lutando contra as inclinações de sua natureza e contra os costumes que imperam no meio social? Todo esforço de rearmamento moral quedará frustrado sem a convicção íntima de que a ordem moral promana de uma autoridade superior.

Tentativas várias têm sido feitas por diferentes filósofos para fazer derivar a moralidade da utilidade privada, do bem público, da lei civil, da razão e da honra. Nenhum

destes fundamentos se provou suficientemente forte para sustentar a superestrutura de uma ética universalmente aceita. Ora, como disse P. Cantera, se a "utilidade fosse norma de moralidade seriam honestos os mais enormes crimes".¹ Nem o bem público, como quis Stuart Mill, nem a lei civil, como advogou Rousseau, podem ter validade no foro íntimo da consciência individual. A razão pode reconhecer a excelência dos princípios morais uma vez revelados, mas é incapaz, por si só, de descobri-los. Fazer a ordem moral depender das opiniões contraditórias e, por isso mesmo falíveis, dos filósofos, é querer construí-la sobre a areia movediça do raciocínio humano, falível e mutável.

É fácil aos moralistas modernos que hauriram os benefícios da religião cristã, que viveram numa sociedade regenerada pela moral evangélica, pretender deduzir os princípios morais de certos postulados erigidos em dogma pela razão. Longe dessa razão ser autônoma, como ensinava Kant, é ela um produto da educação e do meio. Vivessem esses moralistas nos séculos que precederam a Cristo, suas opiniões não difeririam muito das de Platão, que na sua República recomendou o comunismo de mulheres e o concubinato; das de Aristóteles, que considerou lícita a fornicação e o infanticídio; das de Cícero, que admitiu a vingança e o perjúrio; ou das de Sêneca, que condescendeu com a embriaguez e o suicídio.²

Mesmo supondo que as leis da moral fossem passíveis de serem descobertas pela razão, como as leis da física, que autoridade teriam para constringer a conduta humana? Quem, no sacrário da consciência, renderia homenagem aos princípios da moralidade, se neles não reconhecesse santidade alguma que os coloque acima das leis da Natureza? Se o homem sente no foro da consciência a compulsão da ordem moral, é porque nela discerne a sanção divina. Se autoridade há na lei, esta se deriva do legislador. Logo, o imperativo moral, diante do qual se curvam os homens de bem, aponta para Deus

como o supremo Legislador.

"A base da obrigação moral não é achada nem no indivíduo, nem na sociedade, mas unicamente na Vontade universal ou divina que combina ambos", afirmava com razão Pflleiderer. A existência de um Deus pessoal, cuja própria essência é a santidade e o amor, e cuja vontade benevolente reverbera em Suas leis como a luz do Sol no firmamento, é o fundamento necessário e suficiente da ordem moral. Reconhecê-Lo é sentir-se apoiado pela realidade básica do Universo. Aquele que assenta o alicerce de seu caráter sobre esse fundamento inamovível, pode construir para o tempo e a eternidade, amparado pelo Poder cuja vontade santa é a garantia irrefragável da justiça.

Ora, a existência de Deus é um dado intuitivo que dispensa argumentos elaborados. De fato, a maioria dos homens cujas mentes não foram carcomidas pelo ácido da incredulidade, aceita o fato da existência de Deus como uma verdade primária, independente de argumentos. A Bíblia, em lugar algum, dá-se ao trabalho de provar que Deus existe; em parte porque prova alguma convenceria aquele que ainda não possui essa intuição. "Alguns homens negam o Infinito", dizia Victor Hugo, "alguns também negam o Sol; são os cegos". Os que contemplam o Universo e a vida sem preconceitos filosóficos estão certos da realidade de Deus,

como estão certos do ar que respiram.

Como a verdade primária da existência de Deus é apreendida por mentes diversas, só podemos conjecturar. Para alguns, o imperativo do dever que ressoa em sua consciência é prova suficiente da realidade de uma ordem moral estabelecida e garantida por um Deus justo e benevolente. Para outros, a grandiosidade da Natureza, em suas múltiplas manifestações, desde o espetáculo portentoso das estrelas no firmamento até o delicado colorido das pétalas de uma flor, lhes fala, na eloquência do silêncio, de um Criador onipotente e infinitamente sábio. Muitos percebem o reflexo do amor divino no amor que leva uma mãe a dar a vida pelo filho de seu coração, nesse amor que entemece as relações humanas e lhes empresta um sentido eterno.

Em vão aduzirá a incredulidade seus argumentos para arrancar a fé de quem teve suas orações respondidas ou que experimentou aquele transporte das emoções na presença do Infinito e do Inefável. A incredulidade que debilita nas cátedras de certas universidades, prima pela ausência nos campos de batalha e em todas as ocasiões em que o coração humano se sente angustiado e dependente. Como força negativa e demolidora que é, a incredulidade nunca poderá substituir a fé que fundou leprosários e

erigiu catedrais, que inspirou santos e mártires, apóstolos e reformadores, artistas e sábios.

Invocar a Ciência como inimiga da religião é desconhecer o que venha a ser a Ciência ou a religião. A Ciência pressupõe a inteligibilidade do Universo. Só é inteligível aquilo que é produto do pensamento. Nossa mente não seria a chave adequada para abrir os arcanos da Natureza, se a Natureza e a mente não fossem obra do mesmo Autor. O cientista nada mais faz do que "pensar os pensamentos de Deus após Ele", como já dizia Kepler. Se a ciência do século XIX tendia a conceber o Universo como uma máquina, tendo por objetivo deduzir todas as suas leis dos princípios da mecânica, isto equivalia a idealizar Deus como um Engenheiro. Já a ciência do século XX, desiludida da possibilidade de conceber modelos mecânicos do átomo e do Universo, e forçada a se limitar cada vez mais a representações matemáticas da realidade última, idealiza Deus como o grande Matemático. "Deus geometrizo", ponderava Platão, com mais acerto do que ele mesmo supunha. Se Huxley tinha razão em afirmar que "o objeto da Ciência é a descoberta da ordem racional que permeia o Universo", nada mais natural do que inferir que essa ordem racional pressupõe um Autor racional, que é Deus.

A Ciência é construída sobre os

postulados da inteligibilidade e da uniformidade da Natureza. Em outras palavras, a Ciência parte da suposição de que opera na Natureza a mesma lógica que opera em nossas mentes, e de que as leis da Natureza são as mesmas aqui e em qualquer lugar, hoje e sempre. Ora, estes dois postulados, como quaisquer verdades primárias, não são passíveis de demonstração. Só se demonstram verdades secundárias com recurso, às verdades primárias ou postulados. Pode-se provar que o corolário é uma consequência lógica de uma verdade primária, que está nele contido embrionariamente. Mas o primitivo . . . ora, o primitivo nada tem que o anteceda, não está contido em nada mais fundamental.

Como são aceitos os postulados que jazem à base do edifício da Ciência? Pela fé. Confiamos na sua veracidade intrínseca. Sem essa fé não se poderia dar o primeiro passo na investigação científica. Todo cientista deposita uma confiança implícita na inteligibilidade e uniformidade da Natureza, embora nem sempre disto esteja consciente. Nada altera, porém, o fato de que os homens de ciência exercem com relação a certos postulados básicos uma fé semelhante à que o comum dos homens exerce relativamente à verdade primária da religião — a existência de Deus.

Como observa Knudson, a fé que jaz à base do conhecimento cien-

tífico não é essencialmente diferente da fé religiosa. "Ambas consistem em assumir a realidade objetiva de ideais cuja existência não pode ser demonstrada. O ideal, num caso é cognitivo; e no outro, ético . . . logicamente, a fé em sua forma religiosa tem uma base tão sólida como a fé em sua forma científica".³ Não há, pois, antítese entre a fé e a razão, porque a fé tem que ver com a aceitação das verdades primárias, e a razão com a descoberta das verdades secundárias, ou seja, da ordem racional do Universo. Fé e razão suplementam-se. A fé fornece o ponto de partida para as deduções da ciência, e a razão leva estas deduções até onde o estado do conhecimento permite.

Muitos experimentam a mesma dificuldade que G. J. Romanes, antes de sua conversão ao cristianismo. Para Romanes, se a Ciência demonstrava como uma coisa operava, era razão suficiente para concluir que Deus não a tinha feito. Era a noção ingênua de que Deus só podia estar presente no misterioso e inexplicável. Tais pessoas receiam cada avanço da Ciência como se a demonstração de que toda a Natureza obedece às leis racionais fosse expulsar a Deus do Universo! Neste sentido pueril é que alguns literatos afirmam que Newton expulsou a Deus do firmamento, Darwin expulsou-O da vida, e Freud da consciência. Por que imaginar que a ordem

racional do Universo torna a Deus desnecessário? A inteligibilidade da Natureza, como já tivemos ocasião de afirmar, é em si mesma a melhor prova de que a Natureza é um produto do pensamento, o pensamento de um Deus pessoal.

O materialismo crasso, tão em voga no século passado, está em franco declínio, depois de destruídas suas duas colunas fundamentais: a eternidade e a indestrutibilidade da matéria. O primeiro golpe vibrou-lhe a termodinâmica, com o princípio da entropia. O Universo comporta-se como um relógio cuja corda fosse acabando. Embora todas as formas de energia: elétrica, luminosa, química, etc., possam ser convertidas integralmente em calor, não é possível converter o calor cem por cento em energia de outras formas. Daí chamar-se o calor a forma degradada da energia. De acordo com o princípio de Carnot, demonstrado em cada locomotiva que resfolga em nossas vias férreas e em todo automóvel que dispara por nossas ruas, não há transformação de calor em energia sem queda de temperatura, do mesmo modo que não há transformação da energia potencial da água em energia elétrica sem queda de nível. Como a água corre naturalmente em direção a seu nível mais baixo, o oceano, assim o calor tende a degradar-se atingindo temperaturas cada vez mais baixas, distribuindo-se uniformemente pelo

espaço. Esta degradação do calor é que na física se chama entropia. A entropia do Universo tende para um máximo. O fato de não ter atingido esse máximo, prova que o Universo não é eterno. Se não é eterno é porque teve um princípio. O astrônomo e matemático inglês, James Jeans, afirma que o firmamento estrelado não pode ser muito mais velho do que a própria Terra. Se teve um princípio, deve ter tido um Criador que o originasse, porque tudo que tem um começo deve ter uma causa.

O conceito da indestrutibilidade da matéria sofreu a mesma sorte que o da sua eternidade. Lavoisier deu-lhe enunciado científico com o princípio da conservação da matéria. Químicos e físicos construíram, no século XIX, suas teorias postulando a indestrutibilidade dos átomos, esses grânulos de matéria, quase imponderáveis, que em nossa imaginação sempre figuramos como muito duros e esféricos. E de fato, os químicos não esgotaram ainda todas as possibilidades da teoria atômica, tão fértil como hipótese de trabalho. Nos laboratórios de química, tudo se passa como se os átomos fossem realmente indestrutíveis. Medicamentos e plásticos e toda a caudal de produtos químicos, continuam a ser fabricados sem que os técnicos dêem maior atenção aos novos conceitos sobre a natureza da matéria.

No terreno da física, porém, sinais de algo revolucionário começaram a aparecer desde que o casal Curie concentrou o facho de sua inteligência no estudo do rádio e da radioatividade. Os fenômenos radioativos demonstraram ser o efeito da desintegração de átomos pesados como o rádio e o urânio em partículas menores e energia. Aqui, pela primeira vez, um elemento simples, com massa atômica definida, foi visto transmutar-se em átomos mais leves, notadamente hélio e chumbo. E o que era mais surpreendente, a massa dos átomos resultantes era menor do que a do elemento original. A matéria já não podia ser encarada como uma quantidade fixa que existia inalterada desde a eternidade. Ante os olhos admirados dos cientistas, a matéria desaparecia, em quantidades mínimas é verdade, mas suficientemente mensuráveis para transtornar certos princípios clássicos. O postulado da conservação ou indestrutibilidade da matéria teve de ser abandonado, e o materialismo entrava em crise.

Por que essa digressão com referência ao materialismo? Para consignar aqui que não subsistem razões "científicas" para negar a existência de Deus. O materialismo era, em certo sentido, o mais sistemático adversário do idealismo cristão. Se não cabe à Ciência demonstrar a existência de Deus, também não lhe cabe negá-la. Se, como diz Tris-

tão de Athayde, a fé religiosa não pode superar a Ciência, tampouco pode a Ciência superar a fé. Longe de superá-la, a ciência do século XX tende a corroborá-la. Toma mais aceitável a fé, removendo as objeções de um falso "cientificismo". A conversão recente do Dr. William G. Pollard, diretor do Instituto de Física Nuclear, parte integrante dos laboratórios atômicos de Oakridge, a fé cristã, é prova do que acabamos de afirmar. O Dr. Pollard, que participara da equipe de cientistas que preparou a primeira bomba atômica em 1945, chegou gradualmente à conclusão de que a "Ciência, longe de resolver sozinha os mistérios do Universo, tem de passar a palavra a uma atitude do espírito que, longe de a negar, é a sua natural plenitude: a fé religiosa".

De maior interesse para nós, mais preocupados com a ordem moral do que com a ordem natural, é investigar até que ponto a Ciência atual se coaduna com o princípio de liberdade. Se o homem não é senhor de seus atos, se não dispõe do poder de escolha, também deixa de ser moralmente responsável. A convicção de obrigação moral, comum a todos os homens, é uma verdade primária tanto quanto a convicção da existência de Deus. Como tal, não é passível de demonstração. Ainda mais: as duas convicções acima mencionadas estão essencialmente relacionadas.

Como afirma o Dr. A. H. Strong, a crença na "autoridade universal do direito" só pode ser explicada na base "de que existe um Deus de justiça que revela Sua vontade tanto a consciência individual como no universo moral".⁴

Não cabe à Ciência demonstrar ou negar a verdade intuitiva de que o homem é um ser moralmente livre e responsável. Houve, porém, tempo em que, um rígido determinismo arvorado em Ciência, tornava difícil a posição daqueles que defendiam o livre arbítrio. Se todos os fenômenos da Natureza são explicados como um encadeamento lógico de causas e efeitos, se os antecedentes determinam rigorosamente os conseqüentes, como admitir uma ordem moral não sujeita ao mesmo determinismo? Os argumentos eram inconcludentes, porque a convicção de uma ordem moral era matéria de fé e não de ciência. Ambos os lados permaneciam irredutíveis.

Eis, porém, que o intransigente determinismo da ciência mecanicista do século passado está cedendo lugar a uma concepção menos rígida da Natureza. De acordo com o princípio de indeterminação de Heisenberg, não é possível prever com exatidão a posição e a velocidade de uma partícula atômica simultaneamente. A inexactidão resulta não apenas da imprecisão dos instrumentos de observação, nem do fato de que toda observação altera necessariamente a posição ou

velocidade das partículas observadas. Isto, quando muito excluiria a possibilidade de se constatar o determinismo na escala atômica, mas não provaria sua inexistência. A indeterminação é parte integral da própria Natureza.

Embora a Ciência possa medir a meia vida de um espécime radioativo, isto é, determinar quantos átomos se desintegrarão em média num dado tempo, nada pode dizer porque este átomo, entre os vários trilhões, se desintegra antes que aquele outro. Estas e outras considerações, afirma Jeans, "levaram muitos físicos à suposição de excluir-se o determinismo nos acontecimentos dos quais participem individualmente átomos e elétrons, e que o aparente determinismo das ocorrências em grande escala é apenas de natureza estatística".⁵ É com profundo interesse que ouvimos ainda a seguinte afirmação do ilustre sábio:

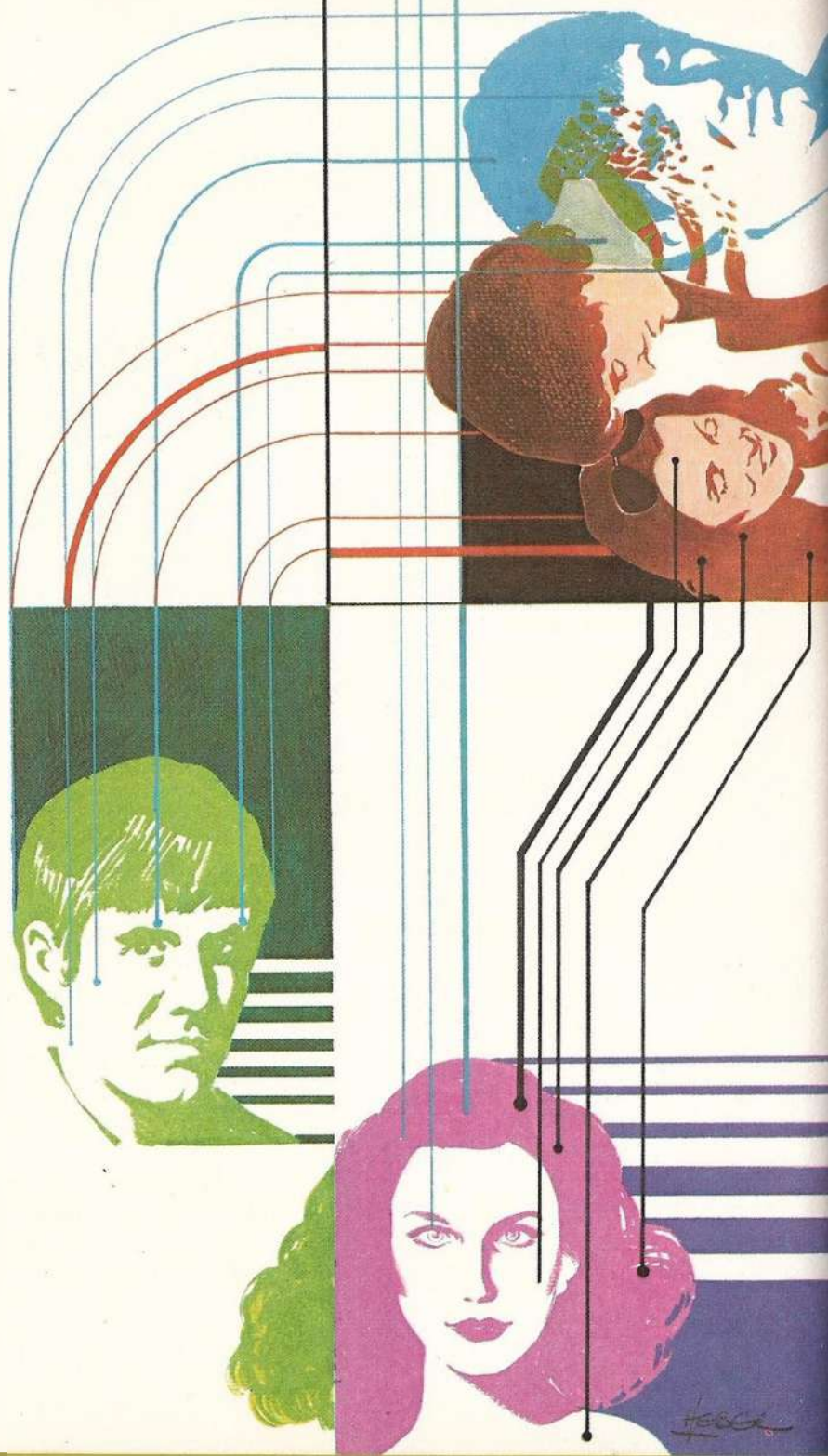
"O conceito de estrita causalidade não encontra lugar no quadro que a nova física nos oferece, quadro mais espaçoso que o antigo, de modelo mecânico, e que melhor comporta a vida e a consciência, mesmo com os atributos que costumamos associar a estas, tais como o livre arbítrio e a capacidade de tornarmos o Universo um pouco diferente pela nossa presença... A Ciência de hoje não mais pode fechar a porta a essa possibilidade;

ela não mais dispõe de irresponsáveis argumentos a contrapor à nossa inata convicção do livre arbítrio".⁶

O simples fato de não mais levantar objeções à convicção universal do livre arbítrio já é um grande serviço que a Ciência de hoje presta à causa da moral. Não seria de sua competência demonstrar a realidade objetiva da ordem moral. Verdades primárias não se demonstram. Aceitam-se, porque sua negação envolveria suicídio intelectual. São verdades impressas sobre a mente não por virtude de demonstração, mas pelo peso esmagador da evidência.

Recapitulando, diríamos que a ordem moral promana de uma autoridade superior, que é Deus. Os princípios que a regem são expressões de Sua vontade santa e benevolente. Conformar-se com eles significa

identificar a vontade própria com a Vontade divina que ordenou e sustenta a ordem moral. Submetendo-se às leis morais, não renuncia o homem a suas prerrogativas como ser dotado do livre arbítrio, porque essas leis são persuasivas e não coercivas. Numa atmosfera de autodeterminação é que cada indivíduo é convidado a render obediência aos preceitos da ordem moral e, ao fazê-lo, seu caráter reflete com perfeição cada vez maior o caráter de seu Criador. Sem liberdade de escolha não haveria atos morais, ordem moral, nem aperfeiçoamento do caráter. Um universo físico, que obedece às leis naturais, constitui o único fundamento apropriado para o homem inteligente e livre nele construir um caráter digno da eternidade.



A Nova Moralidade

Aqueles que rejeitam a autoridade divina do código de ética proposto nas Santas Escrituras, vêem-se a braços com o problema de introduzir uma nova norma de conduta moral que possa ter um valor universal. Infelizmente, os inovadores em matéria de moral, conscientemente ou não, nada mais fazem do que justificar com subtilezas de retórica a imoralidade corrente. Observando a cena social contemporânea que faz tábua rasa das normas cristãs tradicionais em matéria de comportamento, alguns teólogos têm proposto uma moralidade de circunstância.

Segundo essa concepção, a partir de um princípio único, o princípio do amor, cada um decidiria

por si, segundo as circunstâncias, qual seria a coisa própria a fazer. Nenhuma referência mais a um código moral absoluto, como o decálogo de Moisés ou os ensinamentos de Cristo. Normas e padrões morais, aos quais se atribuía outrora uma autoridade divina, são relegados ao esquecimento, e cada um decide por si o que é a coisa própria e amável em cada circunstância. O amor, que na moralidade bíblica era o motivo básico da conduta, torna-se agora não só o motivo, mas o árbitro final em cada decisão.

Tais moralistas demonstram supina ignorância da natureza humana ao imaginarem que o homem, em seu supremo egoísmo, saberá

distinguir entre o amor autêntico e seus substitutos baratos. Poder-se-ia conceber que cristãos genuínos, que experimentaram uma transformação profunda de caráter em contato com o amor de Deus, fossem capazes de pautar sua conduta pelo só princípio do amor desinteressado. E sem amor genuíno, por que não admiti-lo, a observância dos mandamentos de Deus descambaria num legalismo pretencioso. Mas inverter os papéis, e pretender que o homem natural, em seu estado essencialmente egoísta, seja capaz de aplicar o princípio do amor em cada decisão que a vida lhe impõe, é demonstrar um otimismo ingênuo, que a penosa experiência da humanidade está longe de justificar.

Na verdade, a "nova moralidade" de que falam os teólogos da "avant-garde" foi compreendida pelo grande público como uma ética em que o prazer é o princípio fundamental; que viver em pecado não é pecado; que, qualquer relação entre adultos, é admissível. O que a experiência da humanidade põe em evidência é que o ser humano é irremediavelmente egocêntrico, e que nas decisões e escolhas da vida cotidiana ele coloca, como regra, seus interesses, seu prazer, sua ambição acima dos interesses e da felicidade alheia. No jogo de interesses e ambições, em que cada um procura vantagens pessoais antes de mais nada, prevalece em geral o indivíduo que melhor camufla suas pró-

prias intenções, ou que dispõe de maiores triunfos físicos e intelectuais.

Esperar que um jovem de vinte anos, educado no clima liberal de nossas universidades, saiba distinguir, dentro de cada circunstância, qual é a conduta ditada pelo amor autêntico, é esperar um milagre cuja grandeza supera os milagres da religião. Toda argumentação dos advogados da "nova moralidade" se choca contra o fato de que o homem, em seu estado natural, é um pecador e não um santo. Fosse ele, por natureza, genuinamente altruísta, mais preocupado com o bem-estar alheio do que com o próprio, mais inclinado a servir a comunidade do que ser servido, então, e somente nestas condições, a nova moralidade poderia funcionar. Imaginar uma natureza humana tal equivale a imaginar uma utopia que os fatos de cada dia desmentem.

O que a "moralidade de circunstância" propõe, como verdade evidente, é que cada um possui uma consciência perfeita do dever moral, e que, portanto, pode deixar-se guiar por essa consciência infalível. Convenhamos que fazer suas decisões morais guiado exclusivamente pelo princípio do amor é o mesmo que fazê-lo guiado por uma consciência retilínea. Mas quantos, na verdade, atingem este ideal?

Como já observamos alhures, a planta das virtudes morais só cresce num terreno adubado pelos prin-

cípios cristãos. Arrancada desse terreno, está fadada a perecer. Falta-lhe a seiva do amor divino que é a única que pode alimentar as convicções morais mais profundas. Se nossa sociedade ainda retém algo do perfume de certas graças sociais, de certa consideração pelo próximo, é que ainda se beneficia de uma atmosfera cristã herdada do passado. Mas é evidente a todos que esta atmosfera é cada vez mais rarefeita, à medida que nos distanciamos desse passado cristão.

O que a "nova moralidade" pretende, em breve, é que o homem é um ser emancipado e autônomo, liberado de todas as convenções sociais que foram boas em sua época, mas que não correspondem ao estado evoluído do homem de hoje. Em outras palavras, normas morais cuja autoridade onipresente era necessária na infância da raça são hoje obsoletas, e toca a cada um definir o que o amor prescreve em cada circunstância. Querer especificar detalhadamente o que o princípio do amor implica na conduta de cada dia é, assim pretendem, ignorar a maturidade do homem contemporâneo. Afinal de contas, todos admitem que a capacidade de fazer decisões moralmente aceitáveis, em cada circunstância da vida, implica em elevado grau de maturidade.

Aqui, justamente, encontra-se o recife contra o qual o barco da nova moralidade se choca e nau-

fraga. O homem de hoje não é mais maduro moralmente do que, digamos, os coevos de Sócrates ou de Jesus Cristo. Do ponto de vista moral e religioso, a natureza humana é essencialmente a mesma. O progresso inegável do homem no domínio da Ciência e da tecnologia é que provocou o equívoco que consiste em imaginar que o homem do século XX é, sob todos os aspectos, um adulto, comparado ao que era há um ou dois milênios. Nada, porém, indica que o progresso tecnológico, evidente a todos, tenha sido acompanhado de progresso moral correspondente. Se a mensagem dos grandes profetas da Bíblia evoca ainda uma corda ressonante em nosso íntimo, é porque reconhecemos que os percalços morais e espirituais que eles denunciavam não são diferentes dos que nos afligem.

Se a tecnologia grega nos parece rudimentar, acostumados como estamos com as proezas da técnica moderna, o mesmo não se poderá dizer das composições literárias da época áurea da civilização grega. As grandes tragédias escritas por Ésquilo, Sófocles e Eurípedes ainda comovem as platéias de hoje. Que significa isto, senão que a natureza moral e emotiva do homem de hoje não difere essencialmente da de seus antepassados, apesar do fato de que seus conhecimentos científicos sejam incomparavelmente superiores? As mesmas emoções

em face da vida e da morte, o mesmo egoísmo inato, as mesmas paixões estuantes. Se esse facto salta aos olhos de todos, então todo o fundamento da "moralidade de circunstância" ruí sob o peso da realidade humana. O homem de nosso século não está melhor qualificado para dispensar as normas morais herdadas da tradição cristã do que estava a multidão que ouvia estarecida os pronunciamentos morais de Cristo no Sermão da Montanha.

Cristo, que resumiu todos os mandamentos da lei mosaica no duplo imperativo de amar a Deus supremamente e ao próximo como a si mesmo, não deixou, quando necessário, de citar mandamentos específicos. Assim, o divino Mestre comenta, no Sermão da Montanha, três mandamentos: "Não matarás", "Não adulterarás", e "Não jurarás falso" (S. Mateus 5:21, 27 e 33). Longe, porém, de diminuir o escopo de qualquer deles. Ao contrário, mostra a Seus ouvintes que o alcance do mandamento em cada caso vai muito além da letra. Requer a adesão sincera dos motivos e dos sentimentos mais profundos do ser humano. A letra não representa mais do que um primeiro passo na boa direção. Alcançar o ideal proposto é tarefa que só se completará na eternidade.

Na entrevista com o jovem rico, relatada no evangelho de S. Mateus, capítulo 19, à pergunta: "Mestre

que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?", Jesus replica: "Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos". À questão seguinte: "Quais?", Jesus responde: "Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo". Indubitavelmente, Aquele para quem a natureza humana não tinha segredos, sabia que o jovem precisava não só de uma orientação geral, mas também de instrução específica para a conduta de cada dia. É útil saber que, no fundo, o motivo do amor é primordial. Ninguém poderá tratar o próximo decentemente sem ser motivado pelo altruísmo. De outro lado, quantas vezes um mandamento divino específico, "Não adulterarás", não só desfaz uma nuvem de dúvidas e incertezas, mas constitui em si uma motivação poderosa para que o homem escolha o caminho do bem.

Comentando o descalabro moral corrente, alguém disse que a "nova moralidade" colocava o homem numa floresta escura sem nenhum ponto de referência. Para se nortear não poderia contar com nada senão sua consciência. Convenhamos que os mandamentos do decálogo são ainda bastante gerais e que a necessidade de resolver problemas de consciência não fica de modo algum excluída. Não poderia ser diferente, uma vez que o homem

é um ser moral livre e a vida toda uma escola. A liberdade relativa, que Deus confere ao homem, não isenta este de responsabilidade permanente por seus atos. Quão gratos, porém, deveríamos sentir-nos de que na complexidade das relações humanas, com possibilidades inúmeras de cometer erros, não somos obrigados a improvisar soluções corretas a partir de um princípio geral. Deus não nos fornece as respostas para cada problema específico, mas nos proporciona diretrizes de base que nos permitem formular respostas válidas. Estas respostas ganham validade na proporção em que correspondem às diretrizes divinas e simultaneamente refletem nossas decisões como agentes morais livres.

Se nossa confrontação com o universo físico é repleta de dificuldades — haja vista a crise de combustíveis que surpreendeu os mais avisados — quanto mais a confrontação com o universo moral, o universo das relações humanas. Em relação a coisas, temos a liberdade de tratá-las como objetos que servem aos interesses superiores do homem. Coisas podem ser manipuladas, transformadas ou consumidas no serviço do homem. Não são mais do que objetos. Como objetos, são meios ou instrumentos para satisfazer as necessidades do homem. Transformar uma pedra numa obra de arte para a satisfação estética do artista não constitui,

senão muito remotamente, um problema moral.

Já um ser humano nunca pode ser tratado por outro como um simples objeto. Cada ser humano tem sua dignidade própria, seu valor único. Criado à imagem de Deus, cada ser humano tem um valor infinito. É uma pessoa com uma individualidade própria e insubstituível. A maior aberração moral consiste justamente em tratar pessoas como objetos ou meios para a satisfação ou glorificação de outros. Todo ser humano se sente inevitavelmente diminuído se é tratado como objeto e não um fim em si. O universo moral é constituído de tal maneira que não só o objeto é diminuído, mas aquele que trata a outros como objetos é igualmente diminuído e aproxima-se gradualmente do bruto. É precisamente essa inter-relação de pessoas que estão todas sob a obrigação de se tratarem mutuamente como filhos de Deus, que constitui a beleza, e ao mesmo tempo a complexidade, do universo moral.

Longe de podermos dispensar as normas morais desenvolvidas pela sociedade para o bem comum, ou que nos foram legadas pela tradição cristã, precisamos, em nossas relações inter-humanas, de toda a sabedoria distilada do passado. Rejeitar esse acervo moral que representa o capital acumulado de muitas gerações seria estultice tão grande como rejeitar as soluções obti-

das para os problemas de matemática através dos séculos, e querer resolvê-los um a um, por nós mesmos, a partir do primeiro postulado. Convenhamos que no domínio das relações humanas muitas soluções propostas no passado se demonstraram errôneas, e é preciso rejeitá-las. Tal foi o caso da escravatura que era tolerada por moralistas gregos e romanos. Tais foram, também, as várias discriminações de raça, de cor, de sexo e de religião que colocavam multidões de seres humanos em condições de perpétua inferioridade, em violação flagrante do fato de que todos os homens foram criados iguais. São soluções falsas, ditadas pelo egoísmo, que não respeitam o princípio da dignidade de cada ser humano como filho de Deus.

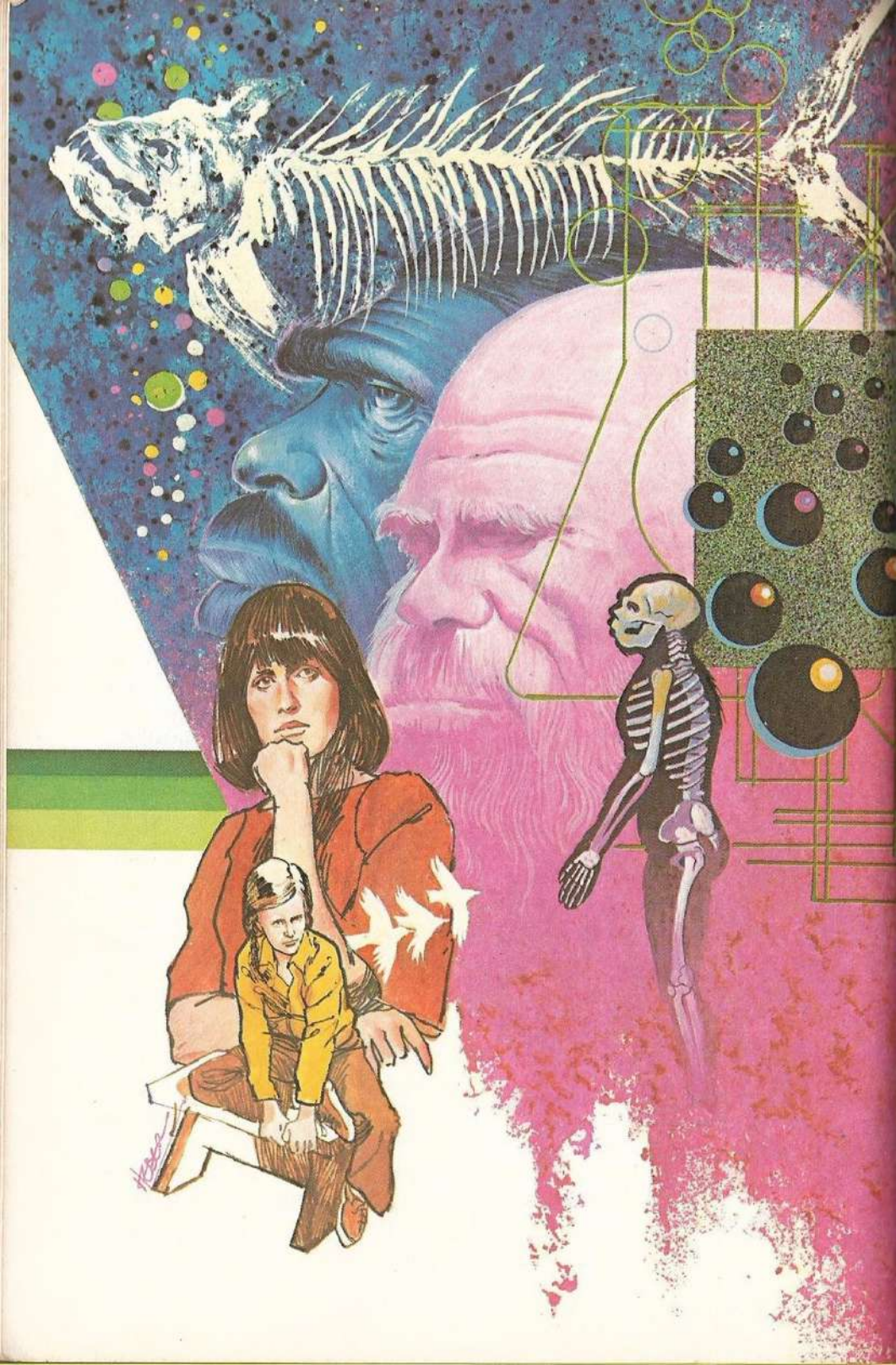
Embora na experiência multissecular das sociedades humanas erros tenham sido cometidos, não significa isto que toda a bagagem de normas morais que herdamos do passado deva ser deitada fora. Estes conceitos devem ser examinados à luz da revelação divina tal qual a encontramos nas páginas das Santas Escrituras. É evidente que nem todas as consequências práticas destes ensinamentos foram ainda extraídas. Se o fossem, todas as injustiças sociais já teriam sido reconhecidas e eliminadas, ao menos em princípio. Traduzir esses ensinamentos na conduta prática de cada dia, eis o dever que incumbe a cada um de nós.

Felizmente, há indícios de que o pêndulo do comportamento social, que atingira extremos imprevisíveis na última década, está voltando para o centro. Diz o diretor do Instituto de Pesquisas e Educação da Família, da Universidade de Siracusa, em entrevista recente: "Há uma tendência altamente moral entre universitários... Um dos interesses primários dos jovens é amor — enamorar-se e casar. É um novo fenômeno. Pela primeira vez na história, mais pessoas se estão casando por amor que por outras razões" (TIME, Novembro de 1977). Um psicólogo da Universidade do Colorado, citado na mesma revista, exprime-se de modo semelhante: "O conceito de promiscuidade está perdendo terreno. Todo mundo fala de 'fidelidade'. É uma revolução contra a solidão".

Os jovens estão reconhecendo que a promiscuidade sexual é a prostituição das emoções mais nobres implantadas no coração humano. Esta constatação era inevitável mais cedo ou mais tarde. Ninguém pode ignorar as leis divinas em matéria de sexualidade e pretender encontrar felicidade genuína. A promiscuidade sexual demonstrou-se, como não poderia deixar de fazê-lo, uma liberação ilusória. O que homens e mulheres descobrem não é uma liberação exaltante mas a solidão mais aterradoradora. Os moralistas da "nova escola" estão sendo desmentidos pelos fatos.

A dar crédito a um grande número de estudos sociológicos recentes, um número crescente de jovens descobre que o amor livre não é o que promete. Inevitavelmente, é o prelúdio da maior desilusão, porque contraria a natureza afetiva do ser humano, que nunca pode ser verdadeiramente feliz vivendo num nível meramente animal. Que o amor autêntico entre

dois seres humanos exige fidelidade mútua é um princípio inscrito nas fibras mais recônditas da alma, e ninguém pode transgredi-lo sem cometer suicídio moral e afetivo. Na verdade, a afetividade e o respeito à dignidade do outro constituem duas virtudes indissolúveis. Aquilo que Deus uniu, não o separe o homem.



O Dogma da Evolução

Ao dogma evolucionista deve-se, em grande medida, a confusão moral em que se debate a presente geração. Imensa diferença vai entre atribuir os lapsos morais a uma reversão aos instintos atávicos, como querem os evolucionistas, e interpretá-los como violação de um código divino. Se o homem, só lenta e paulatinamente, se libertará das taras animais que herdou de seus ancestrais, então a tarefa da regeneração moral da raça parecerá deveras desanimadora. Se o homem não contar, para seu erguimento moral, com nada mais do que sua boa vontade ou o látego das conveniências do clã ou da sociedade, desculpam-se os paroxismos das guerras fratricidas e da

bestialidade recidiva. Que estímulo há para se forjarem caracteres nobres e se praticarem atos heróicos numa filosofia que não reconhece outra lei que não a do jângal, nem outra sanção que não a sobrevivência do mais forte?

Se o evolucionismo fosse geralmente compreendido como uma teoria científica, uma simples hipótese de trabalho, como realmente é, não teríamos maior razão para argumentar contra ela do que teríamos para pôr em dúvida a teoria cinética dos gases. Como teoria científica, o evolucionismo aguardaria simplesmente o veredito dos fatos para ficar de pé ou ser relegada ao museu das teorias superadas pelo avanço do conhecimen-

to. Mas, como disse Ives Delage, o evolucionismo deixou de ser uma teoria científica para se tornar um dogma filosófico. São suas as palavras: "Quicá não poucos evolucionistas se escandalizam com esta minha declaração, mas estou plenamente convencido de que ninguém é ou deixa de ser evolucionista por motivos tomados à história natural, mas segundo suas próprias opiniões filosóficas".¹ E o Dr. L. H. More faz a seguinte confissão: "Nossa fé na idéia da evolução depende de nossa repugnância em aceitar a doutrina antagônica da criação especial".²

Sob este duplo garbo de teoria científica e filosofia da vida é que o evolucionismo se torna insidioso. Outras teorias afetam unicamente a marcha da Ciência. O evolucionismo, porém, afeta a própria concepção da vida. Este simples fato deveria pôr-nos em guarda. Como uma doutrina filosófica, o evolucionismo não pode reclamar maior consideração do que outra qualquer doutrina filosófica. Não é o evolucionismo um dado insofismável da Ciência, embora dela pretenda derivar sua força.

Foi como reação aos exageros da doutrina criacionista de Luís Agassiz, que o evolucionismo adquiriu sua popularidade inicial. A hipótese de múltiplas catástrofes seguidas de repetidas criações, defendida por Agassiz, contrariava as evidências colhidas por Lyell e, parti-

cularmente, por Charles Darwin, em sua celebrada viagem no "Beagle", durante a qual circunavegou a Terra e visitou, entre outras regiões, o Brasil. Daí a acolhida entusiástica que teve seu livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859. Parecia bem mais razoável explicar a origem das espécies por evolução lenta do que por repetidas criações. Enquanto Thomas Huxley, o cão de guarda de Darwin, como ele se intitulava, se encarregava de defender publicamente o evolucionismo, Herbert Spencer fazia dele a base de uma nova filosofia. Deste conúbio desigual de filosofia e ciência, resultaram as consequências mais perniciosas para a marcha do pensamento, porque qualquer dúvida quanto à filosofia era interpretada como um ataque à Ciência.

Muita argumentação acalorada em volta do tema se dissiparia se os contendores se dessem ao trabalho de definir os termos. O que sabemos quanto à criação se deriva da Bíblia e não de Agassiz ou Lyell. Remontar as fontes primárias é uma regra mezinha de toda investigação que merece o nome de científica. O fato, porém, é que poucos evolucionistas se têm abalado a ler por conta própria as simples declarações do Gênesis. Contentam-se em ridicularizá-las como H. H. Newman, que, a despeito de sua grande autoridade, disse tolices como esta: "Se a primeira mulher foi feita da costela removida do pri-

meiro homem, havíamos de esperar que os homens possuíssem uma costela menos que as mulheres. O fato, contudo, é que não existe tal diferença entre os sexos".³ Em seu afã de zombar da doutrina criacionista, Newman parece ter-se esquecido de que a mutilação do corpo dos pais não é transmitida aos descendentes, fato que qualquer estudante com um mínimo conhecimento de genética bem sabe.

Segundo o Dr. Frank Marsh, especialista no assunto, a teoria da criação especial ensina tão-somente que:

"a) Os organismos agora vivos descenderam de seres da mesma espécie que foram criados; b) dentro das espécies criadas, processos de variação podem ocorrer, a ponto de produzir indivíduos que diferem consideravelmente dos pais; contudo, nunca suficientemente diferentes de modo a constituir novas espécies; c) quaisquer mudanças físicas ou mentais que apareceram nos organismos desde a criação, surgiram por causas naturais".⁴

Com a observação de que o termo **espécie** usado no Gênesis não tem necessariamente a mesma conotação da espécie usada nos textos correntes de História Natural, mas pode significar um agrupamento maior, como o gênero ou a família, é evidente o caráter científico da doutrina criacionista. Afinal de contas, o grande fato a ser explicado é a enorme variedade dos

seres vivos — um milhão de espécies de animais somente, a sua perfeita adaptação a diferentes ambientes e suas semelhanças de acordo com áreas geográficas mais ou menos próximas. A doutrina criacionista, corretamente compreendida, melhor que a teoria evolucionista, explica consistentemente os fatos de modo a satisfazer nossa inteligência.

A imparcialidade requer que transcrevamos um sumário do ponto de vista evolucionista, feito por um de seus maiores expoentes, Theodosius Dobzhansky, professor de zoologia da Universidade Colúmbia:

"A teoria da evolução afirma que (1) os seres agora existentes descenderam de seres diferentes que viveram no passado; (2) a variação descontínua observada no presente — as lacunas agora existentes entre grupos de formas — surgiram gradualmente, de modo que, se pudéssemos reunir todos os indivíduos que já habitaram a Terra, uma série de formas mais ou menos contínuas emergiria; (3) e todas estas mudanças surgiram de causas que agora continuam em operação e que, portanto, podem ser estudadas experimentalmente".⁵

Como nota o Dr. Frank L. Marsh, de quem tomamos emprestados muitos dos conceitos aqui exarados, há duas diferenças básicas entre ambas as teorias. A primeira tem que ver com a origem da vida.

Apesar de pretender ser uma teoria das origens, o evolucionismo é estranhamente silente a esse respeito. O enigma da origem da vida, que não pode admitidamente ser explicada em termos físico-químicos, permanece de pé, a desafiar a argúcia dos cientistas. Depois que Pasteur assentou o golpe de graça à teoria da geração espontânea, o problema permanece insolúvel para aqueles que negam ser Deus o autor da vida. Quão mais satisfatória é, neste ponto, a doutrina criacionista, que parte da asserção de que Deus colocou na Terra as primeiras formas de vida. Hipóteses engenhosas têm sido aventadas, muitas delas postulando uma origem extraterrena da vida. As várias missões à Lua, realizadas entre 1969 e 1975, pelo programa espacial americano, não descobriram nenhum elemento novo para confirmar essa hipótese. A vida animal e vegetal está de tal modo entrelaçada com uma multidão de fatores ambientais, tais como temperatura, umidade, pressão, que parece adrede feita para esta Terra.

A segunda diferença fundamental entre o criacionismo e o evolucionismo, relaciona-se com o grau de mudança que as forças naturais podem operar nas formas de vida. Explicar a multiplicidade de formas existentes, é o problema comum a ambas as teorias. O criacionismo reconhece ter havido variações, mesmo suficientemente grandes,

para dar origem a novas espécies, e gêneros, mas sempre dentro dos quadros originais a que o Gênesis chama espécies. Esses quadros originais nunca foram superados, porque barreiras naturais os protegem, a principal das quais é a impossibilidade de cruzamento, ou melhor, de cruzamento com progênie fértil. De outro lado, o evolucionismo postula variações ilimitadas — "uma forma unicelular hoje, um organismo complexo constituído de milhões de células um bilhão de anos mais tarde".

Qual dos dois pontos de vista é apoiado pelos fatos? Com efeito, o mérito ou demérito destas teorias subsiste ou cai com a realidade da variação dentro de limites, como postula o criacionismo, ou da variação ilimitada, como requer a doutrina evolucionista. Não se pode demonstrar a verdade do criacionismo no laboratório. Mas provada que fosse a ocorrência de variações ilimitadas capazes de produzir novas espécies no sentido lato do Gênesis, o criacionismo teria de ser abandonado.

Note-se que o criacionismo não nega que haja variações na Natureza. Ao contrário; tanto quanto o evolucionista, quer ele compreender o mecanismo que produziu tantas variedades a partir de um número limitado de formas vivas, num tempo relativamente curto. O que ele considera irredutível são os quadros originais ou espécies bíblicas

ção em evidência na face da Natureza. Hibridização, seleção natural, segregação geográfica, etc., como fatores que produzem variações, ele prontamente admite. O que não admite é que algum destes fatores, ou todos juntos, tivessem sido capazes de produzir uma espécie elementar.

Que provas aduzem os evolucionistas a favor do aparecimento de novas espécies? Nenhuma. Os exemplos geralmente mencionados nos compêndios de biologia comprovam não a origem de novas espécies, mas simplesmente de novas variedades dentro dos quadros originais. Variações há, e muitas. Novas espécies, nunca. Só a variedade Spencer da ervilha doce, sob observação desde 1700, experimentou tantas mudanças neste curto período que agora temos mais de quinhentas cores, nuances e combinações inteiramente distintas. Mas são variações dentro da espécie. O mesmo é verdade quanto às variações que produziram as duzentas raças de cães, oriundas todas de uns poucos cães selvagens, ou àquelas que produziram dentro da espécie humana as cento e sessenta raças que lhe atribui Griffith Taylor.

Mesmo um dos corifeus do evolucionismo, o Dr. William Bateson, admite: "Variações de muitas qualidades, freqüentemente consideráveis, testemunhamos diariamente, mas não origem de espécies".⁴

Nem mesmo das espécies restritas dos modernos taxinomistas, amigos de divisões e subdivisões sem fim, quanto mais das espécies no sentido lato do Gênesis! Dobzhansky, em seu livro *Genética e Origem das Espécies*, já citado, confessa: "Ninguém é tão audacioso para crer-se na posse do conhecimento do mecanismo real da evolução".⁵ O Dr. B. Goldschmidt, da Universidade da Califórnia, procurou, durante vinte e cinco anos, obter uma nova espécie de traça, selecionando suas variações, mas em vão. Daí concluiu que obter tipos inteiramente novos era impossível. Austin H. Clark, da Smithsonian Institution, declarou em seu livro *A Nova Evolução*, que ao passo que havia abundante evidência no registro dos fósseis de variação dentro dos vários grupos de animais, não havia a menor evidência da descendência de um grupo de outro, ou de um ancestral comum. Os grupos irredutíveis, observados por Clark, correspondem, em linhas gerais, às espécies originais do Gênesis.

A esta altura, o evolucionista provavelmente objetará que a transição de uma espécie para outra é fenômeno extremamente lento, que requer um tempo enorme, e que portanto não se podem esperar provas de laboratório. A verdade, porém, é que as formas de transição entre uma espécie real e outra, simplesmente nunca foram observadas nem no laboratório nem no regis-

tro dos fósseis. As lacunas entre uma espécie e outra, mencionadas por Dobzhansky em sua definição, não surgiram gradualmente, mas sempre existiram. Invocar o fator tempo é expediente inútil, porque se não há em operação processo natural algum capaz de transformar uma espécie em outra, como demonstram as quinhentas gerações de *Drosophila* estudadas por Morgan e seus associados, para citar apenas um exemplo, então nem um milhão de anos seriam capazes de fazê-lo.

Poderíamos encerrar o estudo neste ponto, porque a prova crucial que demonstraria a veracidade da evolução — a transformação de uma espécie em outra, peca pela ausência. Todas as chamadas provas de evolução não passam de provas de variação dentro da espécie. O Sr. Alberto Ingalls, editor do *Scientific American*, referindo-se à controvérsia entre evolucionistas e criaçãoistas, faz a seguinte admissão, bastante franca: "A disputa está praticamente morta. A Ciência não ganhou, porque a Ciência ainda não compreende o método da evolução... Nós cientistas, se sinceros, precisamos admitir que não conseguimos provas da evolução da qualidade que convence os oponentes quase contra sua vontade".

Queremos, não obstante, examinar sumariamente as demais provas citadas a favor da evolução nos textos de biologia, derivadas, umas,

da classificação e morfologia; outras, da presença de órgãos vestigiais, da embriologia, etc. Não passam todas elas de provas circunstanciais, suscetíveis de interpretação outra que não a evolucionista, e lhes falta a força de um flagrante, o flagrante de uma espécie ser observada no ato de transformar-se em outra.

Classificação e Morfologia

É bem verdade que os seres vivos podem ser classificados em ramos, classes, ordens, etc., segundo suas semelhanças morfológicas. E não há dúvida quanto à existência de órgãos homólogos, v. g., que as asas nos pássaros correspondem anatomicamente e funcionalmente aos membros anteriores dos mamíferos. Não se segue, porém, que homologia e semelhança de forma signifiquem necessariamente descendência comum. A evidência derivada destes fatos é essencialmente subjetiva. Por que não poderia o Criador ter adotado um ou vários planos estruturais na criação dos diferentes seres, simples e complexos? Se a presença de uma coluna vertebral, ou um simples notocórdio, fosse conveniente, por que não usá-los tanto nos répteis como nos mamíferos?

Lembremo-nos ainda de que tão objetivo como o fato das semelhanças é o fato das dessemelhanças ou da descontinuidade entre as formas vivas, sem a qual não seria

possível qualquer tentativa de classificação. E a descontinuidade é um fato refratário a qualquer explicação evolucionista. Essa observação é corroborada por A. H. Clark:

"Uma vez que todos os fósseis são determináveis como membros de seus respectivos grupos, pela aplicação de definições daqueles grupos, derivadas inteiramente dos tipos vivos e neles baseadas, e uma vez que nenhuma das definições dos *phyla* ou grupos maiores de animais necessita ser de qualquer modo alterada ou expandida para incluir os fósseis, segue-se naturalmente que, através do registro dos fósseis, estes grupos maiores permaneceram essencialmente invariáveis".⁸

Órgãos Vestigiais

Órgãos vestigiais, tais como o dedo indicador da asa dos pássaros, traços da pélvis e ossos das pernas em algumas baleias, a pélvis rudimentar de certas cobras, o apêndice, a carúncula do olho, são resultado de degeneração e não de evolução, e de qualquer modo não explicam o aparecimento de novas espécies. Não postula o criacionismo que os diferentes seres foram criados com estes ou outros órgãos vestigiais. Certos peixes cegos não foram criados cegos e postos nas cavernas pelo Criador, segundo ensinava Luís Agassiz. Mas ficaram cegos como resultado de alguma mutação, e então só conseguiram

sobreviver nas cavernas, onde a cegueira não representava uma desvantagem na luta pela sobrevivência. Explicam-se de modo análogo os demais exemplos de órgãos vestigiais, se é que realmente são vestigiais. Nesse terreno a Ciência recomenda prudente reserva, porque órgãos considerados outrora vestigiais, como a glândula tireóide, têm hoje uma função perfeitamente definida no ser adulto ou no embrião.

É conveniente sublinhar o fato de que o criacionista não afirma que não tenha havido variação alguma desde que os seres saíram das mãos do Criador. Não foram, outrossim, criados órgãos vestigiais, como se o Criador, ao formar os diferentes tipos, obedecesse a um modelo ideal preservando estruturas homólogas, embora inúteis. Os órgãos vestigiais resultaram de uma ou várias mutações, que não prejudicaram a sobrevivência da espécie.

Embriologia

A teoria da recapitulação, resumida por Haeckel na frase: "A ontogenia repete a filogenia", deveria significar, segundo seus propugnadores, que o indivíduo em seu desenvolvimento embrionário recapitula o desenvolvimento da espécie. Recebida e defendida há quase um século com grande entusiasmo, está hoje bastante desacreditada. A opinião do embriologista Huettnner, um evolucionista, é significativa: "Como lei, este princípio tem sido

posto em dúvida. Submetido a escrutínio cuidadoso, tem sido achado em falta. Há exceções demais.

Contudo, sem dúvida contém alguma verdade de valor ao estudante de embriologia".*

O Dr. Cyril B. Courville levanta sérias objeções ao argumento a favor da evolução tirado do desenvolvimento embrionário, as quais apresentamos aqui resumidamente:

1. O paralelismo no desenvolvimento dos embriões pode ser explicado pela "lógica da necessidade". Esta exige que duas espécies diferentes, ao desenvolver-se a partir de uma só célula para atingir formas adultas semelhantes, sigam curso mais ou menos paralelo.

2. A evolução não explica por quê o paralelismo das formas externas diminui com o desenvolvimento do embrião, ao passo que o dos órgãos internos permanece relativamente "exato".

3. Se recapitulação há, é de apenas um plano básico funcional em vez de muitos, como requereria a hipótese evolucionista. Por que não história o embrião, em seu desenvolvimento, as várias soluções tentadas pela Natureza para resolver os vários problemas funcionais, como postula o evolucionismo, mas apenas um?

4. Na construção de um órgão idêntico, embriões, mesmo de espécies intimamente ligadas, usam células e tecidos de fontes diferentes.

Isto destrói todo significado da homologia.¹⁰

Digno de consideração é o fato de que nenhum evolucionista reconhece no desenvolvimento embrionário das plantas recapitulação da história da espécie. Por que não? Não seria mais razoável concluir que nem animais nem plantas recapitulam a história da raça em seu desenvolvimento do ovo fertilizado ao adulto?

Paleontologia

Paleontologia é a ciência dos fósseis. Fósseis são encontrados nas rochas sedimentárias, mas não nas rochas cristalinas ou metamórficas, que constituem o arcabouço da Terra. Rochas cristalinas podem surgir à superfície da terra em alguns lugares, especialmente nas regiões montanhosas, mas, como regra geral, jazem sob uma camada de rocha sedimentária de espessura que varia desde alguns metros até dois ou três quilômetros.

O argumento que se costuma extrair da paleontologia a favor da evolução é o seguinte: Fósseis mais simples são encontrados em estratos mais antigos, e fósseis mais complexos em estratos mais novos. Este argumento teria algum valor se as rochas sedimentares se superpusessem uniformemente em volta da Terra como as cascas de uma cebola, de modo tal que a ordem da superposição pudesse indicar a idade da rocha. A verdade,

porém, é que não há dois lugares da crosta terrestre em que as rochas se achem colocadas na mesma ordem. Como são então datadas as rochas? Não por sua composição química, nem por sua ordem de superposição, que varia de um lugar para outro, mesmo em regiões próximas. As rochas, como regra, são datadas pelos fósseis que contêm.

Nisso é que reside a falácia do argumento derivado da paleontologia. Se os fósseis são usados para datar as camadas geológicas, não podemos usar as camadas geológicas para datar os fósseis. Pelo menos um evolucionista percebeu o círculo vicioso desse argumento, W. J. Tinkle:

"Já vimos como a idade dos estratos rochosos é estimada pelos fósseis inclusos, mais frequentemente do que por sua posição. Infelizmente, para nós isso torna o registro geológico de muito pouco valor para o presente estudo, porque se os fósseis são usados para determinar a idade das rochas, não podemos inverter os papéis e usar as rochas para determinar a idade dos fósseis. O geólogo evolucionista supõe a verdade da teoria da evolução e baseia seu estudo sobre ela. Conseqüentemente, seus achados não podem ser usados para provar que os animais se desenvolveram de formas mais simples".¹¹

Costumam-se alinhar nas vitrinas de certos museus de História Natu-

ral fósseis de um certo animal, a fim de ilustrar a evolução desde as formas mais simples até as mais complexas. O que nem sempre indicam é que estes fósseis foram colhidos em lugares diferentes, em estratos cuja ordem de superposição não é a mesma da complexidade crescente dos fósseis. Assim, por exemplo, no caso do cavalo, se o *eohippus*, o *mesohippus*, o *miohippus*, o *meryohippus*, etc., até o *equus excelsus* fossem achados nesta ordem em estratos superpostos no mesmo lugar, o argumento a favor da evolução pareceria esmagador. Mas nada disso ocorre. Fósseis considerados mais antigos podem ter sido achados em estratos mais superficiais, e vice-versa. Como admitem Schubert e Dunbar, se as rochas estratificadas conhecidas fossem superpostas a fim de completar a árvore genealógica dos fósseis, atingiriam a espessura de 150 quilômetros, quando a profundidade média observada não passa de um quilômetro! Que esforço da imaginação não fazem certos cientistas no intuito de salvar a teoria da evolução! Quando mineiros em Colorado acharam a pata de um cavalo moderno em sedimento normal mais profundo que aquele em que se achavam os ossos de um *Eohippus*, os estudiosos despacharam o caso como simples exemplo de camadas invertidas.

Do exposto, é evidente que o argumento derivado da paleontologia

carece da força convincente que lhe costumam emprestar. A interpretação criacionista de que os fósseis representam animais que podem ter existido simultaneamente na mesma região é mais consentânea com os fatos.

Distribuição Geográfica

Um dos lugares visitados por Darwin em sua celebrada viagem em volta do mundo no "Beagle", foram as ilhas Galápagos, situadas no Pacífico, cerca de 800 quilômetros ao oeste do Equador. As ilhas recebem seu nome das tartarugas gigantes que as povoam. Darwin observou que cada ilha era habitada por diversas espécies diferentes de tartarugas, e que as espécies de uma ilha se pareciam mais com as espécies de ilhas próximas do que as do continente sul-americano. Pareceu-lhe mais razoável supor que as tartarugas das Galápagos eram descendentes das do continente, e que seu isolamento em ilhas diversas é que permitiu sua diferenciação em espécies e subespécies, do que supor que cada espécie foi criada originalmente pelo Criador e colocada em seu estreito habitat.

O criacionista concorda plenamente com Darwin neste ponto. Com efeito, o Gênesis não afirma que as espécies hoje existentes foram criadas uma a uma e que se multiplicaram sem variação alguma nos nichos ecológicos onde hoje se encontram. Luís Agassiz assim

ensinava, mas o criacionismo cinge-se ao texto bíblico e não à interpretação que Agassiz lhe dava. Ora, o mesmo Gênesis que fala da criação, fala de um dilúvio universal e conseqüente destruição de todas as formas terrestres de vida, exceto as que foram preservadas na arca. Portanto, os animais que hoje povoam o globo são descendentes dos animais preservados pelo Criador, e que do Ararat emigraram para todos os pontos da Terra.

Essa emigração, bem como o surgimento de novas variedades, raças e mesmo espécies, é mais rápida do que muitos evolucionistas estão dispostos a admitir. Haja vista o repovoamento da ilha de Krakatoa, onde toda vida foi extinta por erupção vulcânica, em 1883. Investigações feitas apenas trinta e oito anos depois da erupção, demonstraram a presença de 573 espécies de animais, a maior parte artrópodos, mas ainda assim uma cobra, vinte e seis pássaros, dois morcegos e um rato. A fauna era idêntica à da ilha mais próxima. Em Taiti, cuja fauna Crampton estudou em diferentes ocasiões, ele constatou como certos moluscos se espalharam em poucos anos pelos diferentes vales e como apareceram em vários casos novas variedades. Crampton, que julgava "ter apanhado a evolução em flagrante" no caso dos moluscos, realmente só forneceu ao mundo prova de variação dentro da espécie. Pois os mo-

luscas, a despeito de todas as variações observadas, continuavam sendo moluscos.

Um dos méritos da controvérsia evolucionista foi o de obrigar os criacionistas a reexaminarem as fontes e certificar-se de que não estavam lendo no texto bíblico opiniões preconcebidas. Disso resultou um criacionismo mais forte e mais esclarecido. Uma vez compreendido que a **espécie** do Gênesis não é necessariamente idêntica à espécie do moderno taxinomista, fica removido o principal ponto de discórdia entre evolucionistas e criacionistas, que era a fixidez das **espécies**. Admitidas variações mais ou menos amplas por mutação, hibridização, seleção natural, etc., dentro dos quadros originais postulados no Gênesis, o evolucionismo perde muito de sua força como única explicação científica dos fatos da História Natural.

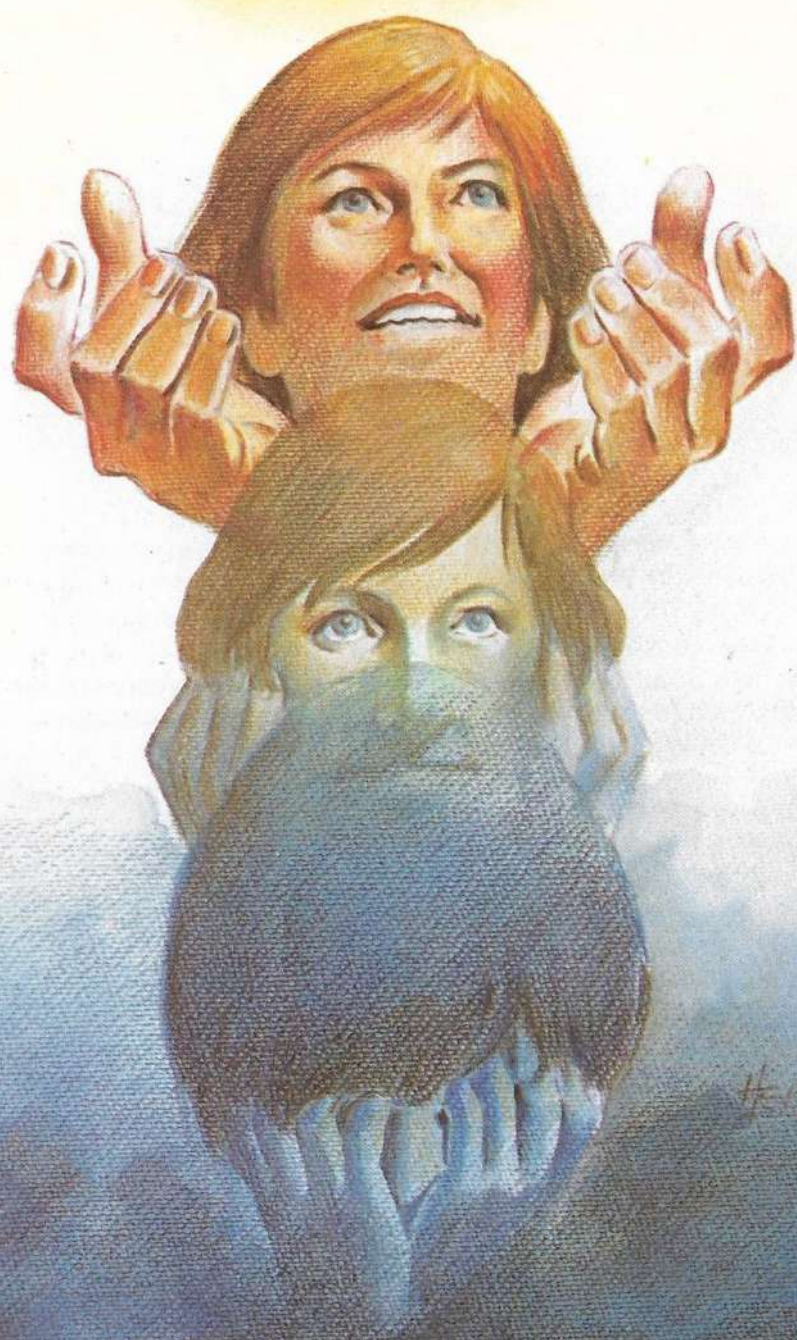
De um ponto de vista mais amplo, resulta ser exigido menos fé do criacionista do que do evolucionista, no que toca explicar a origem da vida, as lacunas intransponíveis que separam o reino animal do vegetal e os grupos maiores de formas animais e vegetais, a origem da inteligência, da consciência, e do consenso universal de que o homem é um ser livre e responsável. Para o criacionista a moral resulta não de uma categoria inferior, o plano biológico, mas promana de um

Criador que, acima da ordem natural e nela apoiada, estatuiu a ordem moral para o homem dotado do livre arbítrio. Deriva, pois, a ordem moral suas leis e sanções do próprio Deus, e é esse fato que lhe confere um caráter universal e permanente. O senso de responsabilidade, dos apanágios do homem o mais nobre e o que mais longamente resiste aos efeitos dissolvedores do vício e da depravação, aponta para o fato de que o homem tem sua origem em Deus, a quem responde por seus atos. Feito do pó da terra e sujeito às contingências da ordem natural, é, no entanto, um ser constituído para a comunhão com seu Criador, que lhe reserva um destino eterno.

Sursum corda, pois! Os percalços com que o homem tem de lutar para seu erguimento moral não brotam de nenhum atavismo animalesco. Não há nenhuma necessidade intrínseca de cair e pecar.

O pendor para o mal melhor se explica pelo estado de revolta em que o homem se encontra com relação a seu Criador. Essa revolta resulta de um falso senso de independência. Emancipado de Deus, o homem inicia sua carreira descendente, que leva a um impasse total.

Quando Deus de novo polariza sua inteligência e suas afeições, abre-se diante do homem um horizonte de possibilidades ilimitadas.



O Poder Expulsivo de uma Nova Afeição

Com a invasão normanda, introduziram-se na Inglaterra muitos costumes franceses cuja sorte pode ser acompanhada através das mudanças do vocabulário popular. Uma das inovações prontamente aceitas foi a de fazer repicar o sino ao cair da noite, como sinal para apagar o fogo nas estufas. Era o toque de recolher para as populações pacatas das aldeias medievais. Ora, no francês, o repicar do sino como sinal para apagar o fogo, era indicado pela singela expressão *couvre-feu*. Os anglo-saxões, com sua articulação pesada, converteram *couvre-feu* em *curfew*, vocábulo ainda hoje registado nos dicionários, mas que se refere a um costume há muito esquecido.

Não era assim na Inglaterra do século XVII, do tempo de Cromwell, que é a data em que o poeta colocou o romântico incidente que aqui resumimos. Um jovem soldado, por alguma ofensa, foi condenado a morte, e a hora da execução foi fixada "ao repicar do *curfew*". Naturalmente, tal sentença seria amarga para qualquer pessoa no vigor da mocidade; mas a esse jovem infeliz a morte era duplamente terrível, pois planejava desposar em breve uma linda donzela, a quem há muito amava. A jovem, que correspondia a seu amor, empregara todos os esforços para impedir sua condenação, pleiteando com os juizes e até com o próprio Cromwell; mas tudo em vão. Em seu desespero

ofereceu suas magras economias ao velho sineiro para que não repicasse o sino, mas este recusou.

Aproximava-se a hora da execução. Os preparativos estavam completos. Os oficiais da lei trouxeram o prisioneiro e esperavam, enquanto o Sol se punha, pelo sinal do campanário distante. Para espanto de todos, o sino não deu o repique de recolher! Apenas uma pessoa, no momento, sabia a razão. A pobre moça, alucinada com a sentença que pesava sobre seu amado, entrara sem ser vista no campanário, subira os degraus do longo caracol até a torre e agarrara o badalo do sino. O velho sineiro estava em seu posto, pronto para o momento fatal. Lançou seu peso sobre a corda e o sino, obediente à sua mão hábil, oscilou de lá para cá na torre. Mas a brava moça não largou o badalo, e nenhum som ecoou no espaço. Repetidas vezes o sineiro puxou a corda, mas com a força do desespero a jovem heroína segurou a língua do sino fatídico. Cada momento que passava, tomava sua posição mais periclitante; cada vaivém do pesado sino, ameaçava atirá-la pela janela do campanário; ela, porém, não iria desistir.

Afinal, o sineiro foi-se embora. Velho e surdo, não percebera que o sino permanecera silente. A donzela intemorata desceu do campanário, ferida e trêmula. Correu da igreja ao lugar da execução. Cromwell mesmo ali estava e, quando ia man-

dar saber por que o sino guardara silêncio, ela o aborda.

"E em seu semblante, cheio de esperança e de alegria, não havia mais ansiedade. A seus pés, contou sua história, mostrou as mãos feridas e sangrando; e sua face tão doce e suplicante, embora pálida e sulcada de dor, tocou-lhe o coração com súbita piedade... 'Vai; teu amado vive!' exclamou Cromwell; 'não haverá repique de curfew esta noite.'"

Seria algum sacrifício demasiado penoso a um rapaz que recebesse de sua eleita tão comovente prova de afeição? A própria vida, alegremente, deporia sobre o altar por ela. Tal é o poder do amor, e só o nega aquele que nunca o experimentou. Sim, o amor transmuta em prazer as maiores renúncias. A mãe não conta as horas de vigília que lhe custa o filho de seu coração, e por amor à pátria muitos deram sua vida com o mais sublime desprendimento.

Na empresa árdua do aperfeiçoamento moral, cumpre-nos aliciar a energia estupenda que reside no amor. Não basta a convicção intelectual de que a virtude é preferível ao vício. A convicção é necessária, mas não suficiente. Carece de força dinâmica para transformar a personalidade. O pensamento em si é demasiado abstrato e fugidio para arrostar, só, a inércia de nossa natureza inferior. Vícios há longo tempo alojados no substrato de nosso

ser só poderão ser expulsos com o poder dinâmico de uma nova afeição.

Embora nos assombre o cérebro por sua capacidade de raciocínio e de memória, a verdade é que os pensamentos por si só não logram afetar profundamente a conduta humana. Se é verdade que o homem do século XX, do ponto de vista dos conhecimentos e da técnica, é um gigante, comparado ao homem de há dois milênios, de outro lado seus gostos e paixões são incorrigivelmente os mesmos que os dos gregos que aplaudiam as tragédias de Eurípedes, ou dos romanos que acorriam ao Coliseu para apreciar a luta dos gladiadores. Se representarmos o progresso científico por um plano inclinado ascendente, o progresso moral teria de ser representado por um plano horizontal. Isto equivale a dizer que o poder do pensamento modificou a face da Terra, abriu canais, nivelou montanhas, mas não logrou modificar visceralmente a natureza humana.

Sócrates e Platão, e séculos mais tarde Zeno e Epicuro, refletiram maduramente sobre os problemas da filosofia moral e formularam todos seu código de ética, mas não conseguiram reformar a sociedade nem tornar o homem menos egoísta. Nutriam todos uma ingênua confiança no poder do pensamento para implantar a virtude nas relações sociais. *Nosce te ipsum*, "conhece-te a ti mesmo", era o con-

ceito favorito de Sócrates. Como outros moralistas, supunha que, se o homem soubesse melhor, conduzir-se-ia mais dignamente. No seu entender, o aperfeiçoamento moral era um problema de educação, de maior conhecimento. Sabemos hoje quão ilusória é a esperança de se introduzir a decência nas relações humanas por um simples programa de esclarecimento. A última guerra demonstrou como as nações supostamente mais civilizadas pouco melhor se comportaram do que os habitantes do jângal.

Somente Cristo introduziu um novo elemento capaz de regenerar o homem e a sociedade — o amor. Somente Ele tocou na raiz-mestra do mal — o egoísmo, o qual só o amor pode suplantar. Fez depender toda ética, "toda a lei e os profetas", do amor a Deus e ao próximo.¹ É que o amor partilha a força das emoções e a pureza do pensamento. De um lado, delta suas raízes no âmago da natureza emotiva de onde haure vitalidade, e de outro, nas asas do pensamento, alcandora-se à presença de Deus, onde a seiva da afetividade é purificada. Soberania incontestada exerce a razão apenas sobre si mesma. Só o amor conquista o homem todo e pode expulsar dos recessos da personalidade os demônios do egoísmo e da sensualidade.

O que prende o homem aos vícios e ao pecado não é nenhuma convicção ditada pela lógica. São

liames afetivos da mesma natureza que o amor. Portanto só um novo amor, mais poderoso e mais sublime, pode romper essas cadeias cuja força é a força dos impulsos básicos da natureza humana. A conversão de que fala a Bíblia, outra coisa não é senão a substituição do velho amor, orientado para o terreno e o animal, por um novo amor, orientado para o Céu. Pessoas que a experimentaram, e contam-se aos milhares, testificam que as coisas que antes amavam agora aborrecem, e que a pureza e a santidade que antes aborreciam constituem agora sua principal aspiração. A conversão, pois, mais do que uma reorientação dos pensamentos, nela incluída, envolve uma reorientação das afeições na direção daquilo que é "santo, justo e bom".

A reforma do caráter, tarefa desesperançada para quem parte apenas de convicções intelectuais, torna-se viável àqueles cujas vidas se tornaram presas de um novo amor. Por ele, vítimas da embriaguez se libertaram do jugo aviltante do álcool. A fascinação do pano verde perdeu seu encanto para jogadores inveterados. Lupanares e prostíbulos não mais exercem atração sobre aqueles que se enamoram do ideal de pureza e castidade. "O amor de Cristo nos constrange", escreve o apóstolo Paulo, e esse amor é bastante forte para suplantar as hostes coligadas do mal.

À paixão desvairada, que arrasta

o indivíduo para o lodaçal do vício, deve-se opor a paixão santa, que ergue o homem para mais perto do Céu. Nada mais perigoso do que criar um vácuo na alma. A casa da qual foi expulso um demônio, disse Cristo, e que se encontra varrida e adomada, não pode permanecer vazia, do contrário será invadida por sete espíritos piores. "E são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros".² Uma afeição deve ser substituída por outra mais pura; um hábito nocivo, por outro que seja edificante.

Corolário do princípio que expendemos nas linhas acima é este outro: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem".³ Nestas singelas palavras, temos a prescrição divina para uma vida vitoriosa. O mal é uma realidade; é, de fato, o problema número um do Universo. Alguns são ingênuos bastante para negá-lo. De que vale, porém, negar a realidade daquilo de que estamos todos penosamente conscientes? Muito mais vital do que especular sobre a origem do mal é não deixar-se vencer por ele. É uma questão de vida ou morte para cada ser humano. A possibilidade de derrota não pode ser excluída. O mal, como operação de um princípio em guerra com o governo de Deus, que se originou na livre escolha de um ser criado e finito, terá necessariamente duração limitada. Dia haverá em que a harmonia primeva será restaura-

da no Universo. Individualmente, porém, podemos ser vencidos. E muitos têm sido vencidos. Acenase, entretanto, a cada um a possibilidade de vitória sobre o mal, e esta pode ser alcançada seguindo a prescrição divina.

Trata-se de um método positivo: "Vence o mal com o bem". A melhor defesa é o ataque. Em vez de aguardar a ofensiva inimiga acaçapado atrás de uma linha Maginot muito vulnerável, aquele que aspira à vitória na mais árdua das peles estará ativamente empenhado na prática do bem. Não há segurança alguma na ociosidade. Uma vida cristã ativa não deixará muita margem à tentação. Esta assalta, de preferência, as mentes desocupadas. O melhor método de vencer o pendor para leituras imorais é aplicar-se com todo entusiasmo à leitura de livros que nos inspirem sentimentos nobres, e que nos incentivem na íngreme escalada rumo à pureza. Mesmo um gênio como Luís Pasteur, quando paralisado numa cadeira de rodas, prestes a sucumbir ao desânimo, recebeu nova inspiração ao ler "O Caráter" de Samuel Smiles. Osvaldo Cruz, no Instituto de Manguinhos, sempre tinha à mão a "Imitação de Cristo". Convivendo através de leituras sadias com os gigantes do pensamento, saímos do miasma sórdido que paira sobre o pantanal da lubricidade, e passamos a respirar o ar estimulante das alturas es-

pirituais. Como tônico da vida moral, diga-se de passagem, nada se compara às Sagradas Letras, fonte divina em que se abeberaram os mais nobres representantes da raça. Nelas sorveu D. Pedro II sabedoria e conforto. Nelas Coelho Neto, que as tinha sempre à cabeceira, encontrou lenitivo para as agruras da vida e inspiração para suas composições poéticas.

Vencer o mal com o bem significa, entre outras coisas, substituir atividades deletérias ao caráter por atividades construtivas. Proibições não vão longe. Inibem os impulsos naturais, mas deixam um excesso de energia que, se não for sabiamente canalizado, acabará rompendo as comportas do convencionalismo. A energia instintiva não precisa ser estoicamente recalcada. Importa tão-somente derivá-la para o canal das boas ações, em vez de permitir que, descontrolada, arruíne seu possuidor. Já mencionamos a paixão da leitura praticada com sofreguidão pelo adolescente. Reprimi-la é tão contraproducente como querer reter água com uma peneira. O que se recomenda, à luz do princípio enunciado, é orientar o gosto pela leitura, de modo a desviá-lo da literatura barata que se vende nas bancas de jornais, e que constitui uma das maiores ameaças à integridade moral da nova geração, e aplicá-lo aos livros de valor comprovado. É possível experimentar o mesmo entusiasmo pela lei-

tura das aventuras de um Hans Staden entre os Tamoios, ou de um Francisco Pizarro no Peru, que pela leitura de aventuras fantásticas, descritas em linguagem estúpida, nas faixas cômicas, e, por que não o dizer, muitas vezes mal-sãs, dos jornais.

Se o problema é o impulso de colecionar, tão arraigado no psiquismo humano como o impulso de obter aprovação social, por que não aplicar o mesmo método? Se o pendor para fazer coleções descambou no hábito de furtar, sempre é possível descobrir no adolescente algum interesse mais forte que suplante o prazer de apropriar-se de objetos alheios. É possível que o interesse exista apenas em estado latente e é precioso despertá-lo com estímulos apropriados. Não basta sugerir uma idéia. É preciso suscitar uma nova afeição que expulse a paixão nociva. Talvez ninguém tenha procurado despertar no jovem delinquente amor pelos selos postais que chegaram a entusiasmar reis e presidentes. Talvez haja maior interesse em colecionar borboletas ou conchas, ou mesmo orquídeas. As possibilidades são tão ilimitadas quanto nossa imaginação. O que importa é vencer o mal com o bem, fazendo uso da energia instintiva orientada pelo discernimento moral.

Mesmo a paixão sexual que atormenta e envenena a vida de tantos jovens, torna-se menos imperiosa

naqueles cujo coração vibra de genuíno amor a Cristo. Sob a influência santificadora de Sua presença na alma, estes pendores tumultuários, que encontram sua única legítima satisfação no matrimônio, tornam-se dóceis e submissos. Como os endemoninhados gadarenos que rompiam as restrições de correntes e cadeias, e se compraziam em estar em lugares ermos, mas que sob o mando do Mestre vieram docilmente assentar-se a Seus pés, assim todas as forças instintivas da natureza inferior se prostram vencidas ante o ideal de pureza que é Cristo.

A inelutável superioridade da fé cristã sobre outras religiões, evidencia-se precisamente no fato de fornecer uma motivação adequada à conduta humana, em vez de somente apontar a senda do dever. Suas normas são elevadas — nada menos que perfeita conformidade com a vontade de um Deus santo. Mas o homem não é deixado a lutar só, contra suas tendências pecaminosas herdadas e adquiridas. O que se lhe pede não é que subcreva estoicamente um código moral que sabe de antemão ser irrealizável. Se o fizesse, incidiria o cristianismo em mero verbalismo e formalidade, e há muito teria sido relegado ao museu das religiões falidas.

Não, o cristianismo não apela apenas ao intelecto. Melhor do que isto, captura o coração e nele acen-

de a chama de um novo amor — o amor a Deus e ao próximo. É do gênio do cristianismo despertar tal amor incandescente e luminoso, porque historicamente está ligado com a cruz de Cristo, a suprema evidência do amor divino que se sacrifica para redimir. Longe de ser um simples credo ao qual os ho-

mens aderem mentalmente, a fé cristã é uma nova força que invade a vida, que a sublima e lhe imprime uma orientação vertical. Não é a força do entusiasmo efêmero que gera o fanatismo, mas o poder do amor divino que, derramado no coração, dele expulsa o pecado e nele implanta o reino de Deus.



Heer

Fé Para um Jovem Moderno

Faz algum tempo, a revista americana "Argosy" concebeu o projeto de consultar 51 dos maiores diários do país, a fim de descobrir qual a notícia que os editores mais gostariam de publicar. Oitenta por cento das respostas expressavam o desejo pela queda da ditadura russa e a abolição da guerra. Os restantes, dividiam-se entre a cura do câncer e a prova científica da imortalidade pessoal. "Esta, afinal de contas, seria provavelmente a maior notícia de todas", comenta o redator da notícia no News-week.

Sim, o homem do século XX, tanto quanto seus antepassados, abriga no íntimo do seu ser o desejo de imortalidade. Sente que não foi criado para perecer, mas para

viver eternamente. Contrariando essa aspiração perfeitamente legítima, perturba-o a convicção de que o pecado o desqualifica para a imortalidade. Tem sede de Deus e, ao mesmo tempo, sente-se indigno da comunhão com Deus. Reconhece um vácuo na profundidade de sua alma que nenhum bem deste mundo pode preencher. Percorra embora toda a escala dos prazeres sensuais, experimente a satisfação de ter contribuído para alargar a fronteira do conhecimento, desfrute o reconhecimento e a admiração de seus coevos, no coração perdura um vazio insaciável. Criado para Deus, não se pode satisfazer com nenhum bem menor.

Como a agulha magnética se agi-

ta e treme quando desviada da direção que lhe é própria, sofre o homem permanente inquietação enquanto não se volta a Deus. "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração até que descanse em Ti", confessou Agostinho, depois de gastar sua mocidade na ronda dos prazeres da carne e na compulsão das obras dos filósofos.

Que impede ao homem voltar-se a Deus e desfrutar a paz que almeja no íntimo? Retêm-no duas forças em certo sentido contraditórias: O apego ao pecado e o senso de culpa. A primeira encontra seu apoio na natureza carnal, a segunda na consciência ferida. Somente o poder neutralizante da graça divina, aliada à vontade humana, pode vencer a atração do pecado. O senso de culpa, só o perdão poderá removê-lo.

Como o filho pródigo da parábola, o homem quer voltar. Mas reconhece não poder apresentar-se a Deus sem uma reparação, um resgate pelo seu pecado. A pergunta que se lhe afigura suprema é bem expressa pelo profeta: "Com que me apresentarei ao Senhor e me inclinarei ante o Deus altíssimo?"¹

As respostas a esta pergunta têm sido tão variadas quão contraditórias são as opiniões humanas. Vazadas em moldes diversos, todas estas respostas têm sido tentativas de lançar uma ponte sobre o abismo que separa o homem de Deus.

Apresenta-se o sacerdote e diz: "Oferece sacrifícios e holocaustos e serás recebido por Deus". Opina o filósofo: "A ignorância é que te separa de Deus. Adquire pois sabedoria". O asceta afirma: "A matéria é a sede de todo mal. Tortura e mortifica teu corpo e Deus te receberá". Apresenta-se o legalista e diz: "Observa a lei e terás aceitação". Pondera o eclesiástico: "Fora da igreja não há salvação. Entra, pois, na igreja e esta te levará a Deus".

O jovem moderno queda dissatisfeito ante estas respostas à pergunta que o agoniza: "Com que me apresentarei ao Senhor?" Dissatisfeito, porque estas respostas são produtos de especulação humana e não geram a certeza que sua mente almeja. E medita:

A saudade que sinto de Deus não pode ser maior do que a que Deus sente por Suas criaturas. Deus é nosso Pai. Se Ele nos ama — e como não nos haveria de amar, se foi Ele quem implantou o amor em nosso coração — deve-nos ter revelado o caminho de volta à casa paterna. Deve haver uma revelação divina que apresente credenciais convincentes de sua origem celestial. Por que não examinar as Escrituras que os cristãos têm na conta de inspiradas? Se a Bíblia não é uma revelação divina, então nada neste mundo merece esse nome.

Se é divina, deve oferecer uma resposta clara à pergunta que mais

me preocupa: "Como reatar minhas relações com Deus?" Deve ser uma resposta que apele à minha inteligência por sua simplicidade e coerência. Deve levar em consideração as limitações de minha natureza humana. Deve conter um apelo universal, pois que Deus não é Pai de uma só raça, mas de toda a humanidade. Se discriminação deve haver na escolha dos eleitos, esta discriminação não pode ser racial, nem de cor, nem de posição social, nem de inteligência. Com Deus não pode haver favoritismo. O único critério que minha razão admitiria, diz o jovem moderno, seria o critério do amor ou da fé, ou de ambos.

Que grata surpresa não é, pois, abrir as páginas das Escrituras e ler uma declaração como esta:

"Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna".² Eis a resposta que satisfaz. Eis a revelação de um Deus que ama com amor universal, sem discriminação alguma; com um amor sacrificial, a ponto de dar o Seu Filho único. Em troca, que espera Deus de suas criaturas? Sob que condição lhes dará a vida eterna? Sob a condição de cremos. Nosso Pai celestial espera tão-somente que confiemos em Seu amor, que recebamos a Seu Filho como penhor da vida eterna. "Sem fé é impossível agradar a Deus".³

Na linguagem das Escrituras, crer significa aceitar e receber. "A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome".⁴ Deus estende a mão através do abismo cavado pelo pecado e nos oferece a salvação; oferece-a a todos gratuitamente. Não pede que nos façamos primeiro merecedores de Sua dádiva. Não espera que primeiro nos tomemos santos. Deus toma a iniciativa na reconciliação. "Pela graça sois salvos".

Quer apenas que estendamos a mão e pela fé recebamos Seu oferecimento de paz e perdão. "Pela graça sois salvos" — "por meio da fé".⁵ Aí está a cooperação divino-humana na salvação. Que plano divinamente simples! Que infinita sabedoria não fazer a salvação depender de coisa alguma da parte do homem, senão da fé!

A reconciliação é uma transação entre duas pessoas alienadas anteriormente. Não há base para tal transação na ausência de fé e confiança. "Tende fé em Deus", costumava pregar Jesus. Não se trata de uma fé irrazoável, um *credo quia absurdum*. A base da confiança é a própria evidência do imensurável amor de Deus. "Vêde quão grande amor nos tem concedido o Pai".⁶

Sim, arrazoa o jovem moderno, mas como me pode Deus receber, sendo eu pecador? Não foi o pecado que originalmente separou o homem de Deus? Terá a miseri-

córdia divina superado Sua justiça? Não posso compreender como Deus pode hoje receber o pecador que ontem expulsou de Sua presença como indigno!

Nisto consiste a maravilha da religião cristã. A solução que oferece a este problema de como reconciliar a justiça de Deus com Sua misericórdia constitui seu título de glória e a melhor credencial de sua origem divina. Unicamente a religião cristã encerra "uma demonstração de Sua justiça [de Deus] neste tempo presente, para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus".⁷

Cancelasse Deus o pecado, pura e simplesmente desacreditaria com isto Sua lei, que é um transcrito de Seu caráter imutável. A culpa e a penalidade do pecado não podiam ser anuladas por um decreto divino. Tremendas realidades, como a culpa da transgressão e a penalidade imposta pela lei ofendida, precisavam ser tratadas adequadamente, ou ficaria abalado o governo moral do Universo. Caberia ao homem confessar sua culpa em sincero arrependimento, e Deus assumiria a penalidade da transgressão na Pessoa de Seu Filho. "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça".⁸

A dificuldade não está com Deus, sempre pronto a perdoar; mas com o homem, por demais orgulhoso

para se confessar culpado. Bernardo Shaw retrata com fidelidade o homem natural, quando declara: "Perdão é o refúgio do mendigo, precisamos pagar nossas dívidas".

A quintessência do pecado se resume precisamente nesta independência orgulhosa, na asserção própria em desafio à soberania divina.

O orgulho cega, mas o perdão redime. Se isto é verdade com o perdão humano, que enobrece tanto ao que perdoa como ao que é perdoado, muito mais com o perdão divino. Conta James Stewart a história comovente de um soldado que foi redimido pelo perdão.

Havia num regimento inglês que servia na Primeira Guerra Mundial, na França, um soldado que, quando menino, fugira de casa, e tinha ido de mal a pior, descendo até às profundezas do pecado, até ser considerado incorrigível. Mas quando um dos oficiais, numa última tentativa, fez do réprobo seu ajudante, uma transformação quase mágica se operou; e, no fim, o soldado deu sua vida, com toda bravura, pelo oficial cuja confiança o transformara. Quando a noite baixou, depois do ataque inimigo, e sua vida se esvaía, vieram-lhe, por algum capricho da memória, as palavras da oração que aprendera na infância, junto dos joelhos de sua mãe, e das quais se esquecera através dos anos em que se atolara no pecado. Agora, respirando com dificuldade, começou a repeti-las. O padioleiro ou-

viu as palavras, como de uma criança cansada no fim do dia:

Findo é o dia, ó Filho de Deus,
Olha com amor este filho Teu.
Ó Luz divina, achega-me ao peito,
E com Tua presença ilumina meu
[leito.

Sobre o rosto do homem, a quem ninguém amava, havia uma luz com a radiância do Céu; e as palavras iam mergulhando no silêncio, mas ainda se ouviu:

Não preciso temer se Tu estás
[perto,
Es meu Salvador bom e certo.
Assim feliz e cantando um hino,
Minha cabeça em Tuas mãos
[reclino.º

Na base de uma confissão humilde, Deus perdoa graciosamente a culpa do pecador, mas não pode cancelar a penalidade do pecado que é a morte. Fazê-lo seria atentar contra a majestade da lei. Transferir a penalidade para uma criatura inocente, seria flagrante injustiça. Que fazer? Deus mesmo assumiria a penalidade da transgressão na pessoa de Seu Filho. "Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores".^{1º} Cristo morreu para que pudessemos viver.

Poderia Deus perdoar o pecado sem a Cruz? Ao que se poderia replicar: Desejaria o homem perdão sem a Cruz? Para milhões, o

pecado apenas adquiriu significado à luz que dimana do Calvário. Os braços abertos, do madeiro que se ergueu no Gólgota, uniram Céus e Terra num amplexo da mais profunda simpatia. Este sacrifício sem igual desvendou ao homem maravilhado a profundidade estupenda do amor e misericórdia divinos. A crucifixão, que deveria significar o triunfo incontestável dos poderes das trevas, transfigurou-a Deus na mais gloriosa revelação de Sua boa vontade de redimir o homem. Contemplando a Cruz, o homem não só compreendeu a hediondez do pecado e a sublimidade do amor, mas desejou como nunca dantes perdão daquele pecado e uma parte naquele amor.

Cristãos que fugiram à perseguição religiosa no Japão, desencadeada em meados do século XVII, pela reação xenófoba dos Shoguns, buscaram, muitos deles, refúgio na colônia portuguesa de Macau, no sul da China. Aí edificaram a igreja de São Paulo. Dessa igreja só resta, depois de três séculos de intempéries e abandono, a fachada, em cujo topo se encontra sobranceira uma cruz. É que a fachada fora construída toda ela de pedra sobre sólido fundamento, sendo assim capaz de resistir aos tremendos furacões do Mar da China. Foi contemplando este espetáculo grandioso da cruz altaneira que Sir John Bowring, primeiro governador da colônia inglesa de Hong-Kong, foi

inspirado a escrever as palavras do famoso hino: "Na cruz de Cristo me glorio, altaneira sobre os destroços do tempo".

**Sim, a cruz de Cristo canto,
Majestosa, triunfal.
Perde o mundo seu encanto
Ao fulgor deste fanal.**

**Altaneira sobre as ruínas
Ergue a cruz seu esplendor.
Corre o tempo, rolam tronos,
Nada quebra seu valor.**

**Dor atroz, suprema angústia
Se juntaram lá na cruz;
Gozo e bênçãos sempiternos
Nela nos comprou Jesus.**

Que um instrumento de tortura como a cruz fosse transmutado num símbolo de fé, é em si o maior milagre da História. É o supremo exemplo de como Deus pode con-

verter a ira do homem para Seu louvor. Como os obstáculos atirados através da corrente de poderoso rio o detêm por um momento apenas, para forçá-lo pouco depois a exibir sua energia acumulada numa pujante cascata, assim a cruz, que atravessou a vereda de Cristo, tornou-se o instrumento para a mais sublime revelação do amor que redime. A cruz solitária do Gólgota é o traço de união entre Terra e Céu, o qual nada pode obliterar, nem mesmo a passagem dos séculos.

Ó jovem moderno, que aspiras à imortalidade, tens na fé cristã uma solução divina para todos os problemas que torturam teu espírito. Comunhão com Deus, o perdão dos pecados, a perspectiva gloriosa de uma vida fecunda em grandes realizações, tudo está a teu alcance. Submete esta fé à prova de tua experiência pessoal e saberás se ela é de Deus. Crê, experimenta e saberás.

6395



Caro Leitor:

Se seu interesse foi despertado para outros assuntos correlatos, queira dirigir-se aos editores através da Casa Publicadora Brasileira, editora dos Adventistas do Sétimo Dia, e teremos prazer em atendê-lo.

A Casa Publicadora Brasileira edita obras sob os mais variados aspectos objetivando, desta maneira, satisfazer a todos os seus leitores, pelo que se coloca à disposição de todos quantos desejarem subsídios adicionais.

Os Editores

Referências:

Verdadeira Grandeza 11

1. Tamandaré, Gustavo Barroso, pp. 96-98.
2. *Idem*, p. 109.
3. S. Mateus 20:28.
4. S. Mateus 20:26 e 27.
5. I Crônicas 11:17.

Heroísmo 19

1. O. G. Herbrecht, *op. cit.*, p. 69.
2. S. João 1:29 e 3:30.

Resolução e Resoluções 29

1. *História Universal*, editada por Walter Goetz, vol. II, p. 250.
2. *Hist. Univ.*, editada por G. Onckem, vol. 2, p. 460.
3. *Caesar*, por James Anthony Froude, p. 545.
4. *Idem*, p. 541.
5. Marius André, *La Veridique Aventure de Christophe Colombe*.
6. Gênesis 49:4.
7. *Confissões*, Livro VIII, p. 21.
8. S. Mateus 12:25.
9. Filipenses 4:13.

A Conquista de Si Mesmo 37

1. Juízes, caps. 14 a 16.
2. Prov. 16:32.
3. P. P., p. 628:2.
4. I Tim. 1:9 e 10.
5. Alexis Carrel, em artigo no *Reader's Digest* de 1940.
6. De Artur Azevedo em *O País*, citado por G. Barroso em *Tamandaré*, p. 60.
7. I Coríntios 9:24-27.
8. I S. Pedro 2:11.
9. Henry C. Link, *My Return to Religion*, p. 33.
10. II Coríntios 10:5.

Audácia e Individualidade 47

1. Juízes 7 e 8.
2. Hebreus 11:34.
3. *O Homem, Esse Desconhecido*, p. 29.
4. *Op. Cit.*, p. 24.
5. Gálatas 6, 7 e 8.
6. *Time*, 6-12-1954.

O Trabalho 57

1. Jó 5:7.
2. *Valor*, pp. 405 e 111.
3. *Op. Cit.*, p. 44.
4. Fernando Jorge, *Vida de Grandes Pintores do Brasil*, p. 51.
5. S. Mateus 5:48.

Sê Perfeito em Tudo Que Fizeres 65

1. S. Mateus 5:48.
2. Filipenses 3:12.
3. Hebreus 12:2.
4. Goethe, *Was Wir Bringen*.
5. S. Mateus 5:48.
6. Hebreus 8:10.

A Importância das Coisas Pequenas 73

1. Salmo 119:96.
2. Salmo 119:96.
3. S. Mateus 5:19.
4. Isaías 42:21.
5. I Coríntios 6:19.
6. S. Mateus 7:12.
7. Hebreus 4:12.
8. Salmo 19:7.
9. S. Tiago 2:10.
10. *Man in Revolt*, p. 132.
11. *Sunday School Times*.

Tempo e Juventude 83

1. S. João 4:34.
2. S. João 9:4.

Perseverança 91

1. Gálatas 6:7.
2. S. João 7:17.
3. S. Mateus 24:13.
4. S. João 18:38.
5. Atos 24:25.
6. Romanos 2:7.
7. I Timóteo 3:7.

Liberdade e Responsabilidade 97

1. S. João 8:32.
2. Salmo 40:8.

Honestidade 107

1. Provérbios 14:34.
2. Provérbios 16:12.
3. Educação, p. 175.
4. Daniel 5:27.
5. Provérbios 32:1.
6. Citado por Pedro Jorge em "Vida de Grandes Pintores", p. 179.
7. Nossa Crença e a de Nossos Pais, p. 540.
8. S. João 14:6 e 18:37.

Homens da Segunda Milha 115

1. S. Mateus 5:41.
2. Gálatas 4:7.

Humildade 121

1. Pequena História do Pensamento Científico, por E. Enriques e G. de Santilhana, p. 360.
2. Autobiografia, p. 22.
3. Pathfinders of the World Missionary Crusade, por Sherwood Eddy, pp. 25-28.
4. Daniel 4:30.
5. Provérbios 16:18.
6. Romanos 1:29-31.
7. S. Lucas 9:23.
8. O Maior Discurso de Cristo, p. 58.

Desvios

1. Provérbios 14:12.
2. Gálatas 1:7.
3. II Reis 24:8.

4. II Reis 24:9.
5. Jeremias 52:31.
6. Salmo 139:23 e 24.

Atalhos 143

1. S. Mateus 5:5.
2. Isaías 30: 21.

É a Consciência um Guia Seguro? 151

1. S. Lucas 12:57.
2. Tito 1:15.
3. I Timóteo 1:5.
4. I Timóteo 1:5.
5. Salmo 119:105.
6. *Man in Revolt*, p. 202.
7. I S. João 1:9.

A Terceira Dimensão do Caráter 171

1. S. Mateus 12:36.
2. Jeremias 12:5.
3. Isaías 28:15 e 20.
4. Salmo 142:5.
5. Amós 5:19.
6. Romanos 12:21.
7. II Timóteo 2:22.
8. Salmo 119:11.

Deus e a Moral 187

1. Jesus Cristo e os Filósofos, p. 73.
2. *Op. Cit.*, p. 89.
3. Knudson, *The Doctrine of God*, p. 82.
4. A. H. Strong, *Systematic Theology*, vol. 1, p. 61.
5. J. Jeans, *O Universo Misterioso*, p. 37.
6. *Op. Cit.*, pp. 39 e 40.

O Dogma da Evolução 205

1. *L'Herédité et les Grands Problèmes de la Biologie Générale*.
2. *The Dogma of Evolution*, p. 304.
3. H. H. Newman, *Outlines of General Zoology*, p. 403.
4. *Evolution, Creation and Science*, p. 24.
5. *Genetics and Origin of Species*, pp. 7 e 8.
6. *Science*, 20 de jan., 1922.
7. *Op. Cit.*, p. 8.
8. *The New Evolution*, pp. 100 e 101, citado em *Evolution, Creation and Science*.
9. Citado em *Evolution, Creation and Science*, p. 203.
10. *Op. Cit.*, pp. 203-208.

11. W. J. Tinkle, *Fundamentals of Zoology*, p. 438, citado em *Evolution, Creation and Science*.

O Poder Expulsivo de uma Nova Afeição 217

1. S. Mateus 22:37.
2. S. Mateus 12:43-45.
3. Romanos 12:21.